UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL

Dilemas da Construção de Identidade

Imigrante:

História Oral de Vida de Chilenos em Campinas

Vanessa Paola Rojas Fernandez

São Paulo

2011

Dilemas da Construção de Identidade

Imigrante:

História Oral de Vida de Chilenos em Campinas

Vanessa Paola Rojas Fernandez

Versão corrigida da dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para a obtenção do título de Mestre.

Área de concentração: História Social

De acordo,

Orientador: Prof. Dr. José Carlos Sebe Bom Meihy

São Paulo

2011

2011 Fernandez, Vanessa Paola Rojas
Dilemas da Construção de Identidade Imigrante: História Oral de Vida de Chilenos em Campinas– São Paulo: FFLCH/USP, 2011. 222 p.
1 – História Oral, História Oral de Vida, Narrativa
2 – Memória, Identidade, Comunidade
3 – Emigração/Imigração Chilena

Aos meus pais e
A todos os emigrantes/imigrantes chilenos,
Que ousaram mudar...

AGRADECIMENTOS

Agradeço imensamente ao meu orientador, Prof. Dr. José Carlos Sebe Bom Meihy, que acreditou na minha capacidade e permitiu o desenvolvimento desta pesquisa, estando presente durante todo o seu desenvolvimento, fazendo cobranças necessárias, indicando leituras, apontando questionamentos e inserindo-me no que considero o mais alto nível em termos de conceituação e discussão de história oral existente no Brasil.

Agradeço a todos os colegas do NEHO, com quem compartilhei dúvidas e experiências ao longo desta trajetória, em especial às amigas que foram feitas aí. Carinho especial por Ana Maria Dietrich, Cássia Milena Nunes, Fabíola Holanda, Marcela Boni Evangelista, Márcia Nunes Maciel, Suzana Lopes Salgado Ribeiro, Vanessa Generoso Paes, Xênia de Castro Barbosa. Destaco aqui a pesquisadora e amiga Suzana, que me acompanha desde a época em que eu era estagiária do NEHO e que esteve sempre pronta para me auxiliar, lendo meus textos e sugerindo idéias.

Agradeço às pesquisadoras Alice Beatriz da Silva Gordo Lang e Samira Adel Osman, que participaram do meu exame de Qualificação e me sugeriram contribuições valiosas, principalmente à Samira, que se mostra sempre disposta em compartilhar seus conhecimentos.

Agradeço especialmente a todos os colaboradores desta pesquisa: Berta, Herminda, Alejandro, Luís, Osvaldo, Marianne e Pedro, que me concederam as memórias sobre suas vidas, que foram gentis e atenciosos comigo e com o meu trabalho e sem os quais esta pesquisa não teria sido realizada. Agradeço também aos seus familiares, que em algum momento da pesquisa estiveram presentes e que apoiaram a realização do trabalho: Andrea, filha de Berta; Marcela, esposa de Alejandro; Ília, Denisse e Pily, esposa e filhas de Luís; Paola, filha de Osvaldo; Karina e Astrid, filhas de Pedro e Marianne (e minhas irmãs), Caio (meu irmão) e Tânia Montgnani, filho e esposa de Pedro. Mireya e Nicoll Escobar também são lembradas porque se dispuseram a colaborar, mas devido a imprevistos não conseguimos realizar a entrevista.

Agradeço com todo o meu amor ao Rodrigo, que foi companheiro e esteve presente em muitos dos momentos deste trabalho!

RESUMO

Esta pesquisa tem como tema central analisar o processo emigratório/imigratório chileno ocorrido nas três últimas décadas do século XX e evidenciar os dilemas da construção de identidade imigrante neste processo por meio da história oral de vida. Para tanto, foram utilizados os procedimentos metodológicos do Núcleo de Estudos em História Oral da Universidade de São Paulo (NEHO/USP), trabalhando com sete histórias de vida de chilenos da cidade de Campinas/SP.

Contextualização histórica e cultural do Chile, contextualização dos chilenos no exterior e conceituação dos termos migratórios foram alguns dos assuntos abordados utilizando a bibliografia selecionada. Razões da emigração, o porquê da escolha do Brasil, quais as formas de adaptação no novo país e a questão do retorno foram alguns dos temas analisados a partir das histórias de vida feitas para a pesquisa. Inserida na problemática principal – os dilemas da construção de identidade imigrante – a constituição de uma “comunidade chilena” foi assunto abordado. A descrição de todo o processo investigador também é parte fundamental da dissertação.

Palavras-chave: Emigração/imigração chilena; memória; identidade; história oral.

ABSTRACT

The aim of this research is to analyze the migratory/immigrate process of Chileans which was occurred on the last three decades of the last century (twentieth one's) and also highlighting the structure of immigrant identity process and their dilemmas throughout some oral history life. For this, we were based on the Oral History Research Office at University of São Paulo (NEHO/USP - Núcleo de Estudos em História Oral da Universidade de São Paulo), a methodological procedures which works with life stories and, in this case, we have worked with seven Chilean persons who live in Campinas city (a small city close to São Paulo). By using a selected bibliography, we tried to contextualize Chile in a cultural and historical way and Chilean people overseas, in terms of migrate concepts. The reasons for migrating, the answer(s) for the choice of Brazil, in which forms they were adapting themselves in the new country, and, the problem of returning to Chile, were the topics analyzed from their oral history life in this research. We have also added into the topic of the dilemmas of immigrant identity process, the creation of a "Chilean community". The whole investigative method description was also the fundamental part of this research.

Key Words: Chilean migrate/immigrate, memory, identity, oral history.

ÍNDICE

LISTA DE FOTOS, MAPAS E QUADRO.....	9
INTRODUÇÃO.....	10
PARTE I: Antecedentes.....	14
Cap.1 – Traçado Histórico: Apontamentos Necessários.....	15
Cap.2 – Chilenos no Exterior: Caminhos e Destinos.....	37
Cap.3 – Conceitualização: Termos Operacionais.....	40
PARTE II: Dimensões.....	44
Cap.1 – História Oral como Alternativa.....	45
Cap.2 – A Pesquisa e seu Campo.....	53
Cap.3 – Histórias de Vida.....	59
(1) Luís Carlos Eleodoro Merino Román.....	61
(2) Berta Rosas Morales.....	71
(3) Alejandro Hormazabal.....	83
(4) Herminda Mercedes Caamaño.....	101
(5) Pedro Francisco Rojas Velden.....	107
(6) Marianne Fernandez Hazeldine.....	112
(7) Osvaldo Oyanedel.....	120
PARTE III: Análise.....	133
Cap.1 – Memórias do Chile.....	134
Cap.2 – O Movimento Emigratório/Imigratório segundo os Protagonistas.....	153
Cap.3 – Dilemas da Construção de Identidade Imigrante.....	193
APONTAMENTOS FINAIS.....	215
BIBLIOGRAFIA.....	217

LISTA DE FOTOS, MAPAS E QUADROS

MAPA 1: O Chile no continente sul-americano.....	15
MAPA 2: As 15 regiões administrativas do Chile.....	16
QUADRO 1: Produção acadêmica sobre o tema no Brasil.....	39
QUADRO 2: Quadro de Entrevistas.....	58
FOTO 1: Foto do colaborador Luís, concedida pela filha do colaborador.....	61
FOTO 2: Foto de Luís durante apresentação em evento, tirada pela autora.....	61
FOTO 3: Foto da colaboradora Berta, concedida pela colaboradora.....	71
FOTO 4: Foto de Berta durante apresentação em evento, tirada pela autora.....	71
FOTO 5: Foto do colaborador Alejandro, concedida pelo colaborador.....	83
FOTO 6: Foto de Alejandro durante apresentação em evento, tirada pela autora.....	83
FOTO 7: Foto da colaboradora Herminda, tirada pela autora.....	101
FOTO 8: Foto do jardim de Herminda, tirada pela autora.....	101
FOTO 9: Foto do colaborador Pedro, tirada pela autora.....	107
FIGURA 1: Cartão de visita de Pedro, concedido pelo colaborador.	107
FOTO 10: Foto da colaboradora Marianne, concedida pela colaboradora.....	112
FOTO 11: Foto de filha de Marianne durante apresentação em evento, concedida pela colaboradora.....	112
FOTO 12: Foto do colaborador Osvaldo, concedida pelo colaborador.....	120
FOTO 13: Foto de empanadas feitas na padaria de Osvaldo, tirada pela autora.....	120
MAPAS 3 e 4: Mapas das localidades provenientes dos colaboradores.....	154

INTRODUÇÃO

História do projeto

Esta pesquisa é resultado de uma experiência migratória que foi – e é ainda – em parte por mim vivenciada. Filha de mãe e pai chilenos, sempre estive em contato com as coisas relacionadas àquele país. Emigrantes no Chile, imigrantes no Brasil, a experiência de meus pais marcou profundamente a minha formação pessoal.

Muitas de minhas melhores lembranças de quando eu era criança são as viagens de fim de ano com minha família ao Chile. Lembro que lá ficávamos durante as férias de verão, na casa de nossos parentes, metade do tempo em Santiago, cidade natal de meu pai, metade do tempo em Linares, cidade natal de minha mãe. Neste curto período, estreitavam-se as relações com meus primos e primas, tios e tias, avôs e avós, relações essas que eu não tinha no Brasil e que, portanto, eram por mim muito estimadas.

A nossa chegada àquele país era plena de expectativas e alegrias. A despedida, triste e dolorosa. Ainda hoje posso sentir a emoção de meu pai e de minha mãe revendo, depois de muito tempo, seus entes queridos, seus amigos e sua terra de origem.

Em minha casa aqui no Brasil, cresci presenciando uma “negociação” entre os costumes dos dois países: embora tenham predominado os costumes brasileiros, muitos costumes chilenos sempre estiveram presentes. As comparações entre o “aqui” e o “lá” ainda hoje são constantes. Inserida nesse meio, eu que nasci no Brasil, mas que fui criada dentro de alguns valores culturais do Chile, vi o interesse por tudo o que fosse relacionado a este país desenvolvendo-se quase que naturalmente em mim.

O gosto pessoal fez com que a história do Chile, particularmente do período contemporâneo, fosse por mim muito apreciada. Meu contato com essa temática foi inevitável: no Chile ou no Brasil, a memória coletiva dos chilenos com os quais estive em contato sempre forneceram alguns episódios que chamavam a minha atenção: “as eleições de 1970” e as “críticas ao governo de Salvador Allende”; o “mercado negro”; o “violento golpe militar que foi deflagrado em 1973”; o “ataque e bombardeio do palácio presidencial *La Moneda*”; o debate em torno da questão do “suicídio” ou “assassinato” do presidente deposto; a “dura repressão”; o famoso “Rio Mapocho de Santiago transbordante de corpos no dia seguinte ao Golpe”; o “Estádio Nacional cheio de pessoas que foram presas pelos militares”; o “toque de recolher”; a

“censura”; o “exílio”; o debate entre “pinochetistas e anti-pinochetistas”, enfim, uma gama de temas realmente fascinantes.

Durante a minha graduação em História, percebi a escassa produção intelectual brasileira sobre esse período da história recente do Chile, o que se tornou, para mim, mais um elemento motivador de estudos.

Em 2006, um pouco antes de me bacharelar, iniciei um estágio no Núcleo de Estudos em História Oral da USP,¹ tendo em vista a possibilidade de pesquisar o assunto por meio da história oral. Como inicialmente eu ainda não tinha um tema bem definido, esse estágio foi um momento importante para o amadurecimento de idéias e conceitos. O estágio teve duração de aproximadamente dois anos e foi nesse período que, aconselhada pelo professor e diretor do NEHO, José Carlos Sebe Bom Meihy, decidi estudar o tema da emigração chilena e sua presença no Brasil nas três últimas décadas do século XX a partir das histórias de vida desses próprios emigrantes/imigrantes. No primeiro semestre de 2008, sob a orientação deste professor, ingressei no Programa de Pós-Graduação em História Social da USP com o projeto “História Oral de Vida de Emigrantes Chilenos: a Experiência de Campinas”, que agora se apresenta concretizado como “Dilemas da Construção de Identidade Imigrante: História Oral de Vida de Chilenos em Campinas”.

Assim, em vez de estudar o período Allende ou o Golpe militar ou o período ditatorial de Pinochet, que são, afinal, os temas que mais chamam a atenção dos historiadores e de outros pesquisadores desse campo, a opção por um tema que é decorrência dos anteriores – a questão emigratória chilena e sua presença no Brasil – e que, embora não seja um assunto central na bibliografia do período, não há dúvidas quanto à sua importância para as ciências humanas e para os dois países envolvidos no processo.

A cidade de Campinas, do interior do Estado de São Paulo, foi selecionada para o desenvolvimento da pesquisa por motivos de ordem pessoal e técnica: cidade em que eu nasci e moro atualmente, é onde já mantenho contatos com vários emigrantes/imigrantes do círculo de amizade de meus pais, elemento facilitador do trabalho, e é também local de uma colônia

¹ Esse estágio era do tipo voluntário e foi coordenado pela pesquisadora Suzana Lopes Salgado Ribeiro. Os estagiários realizavam algumas atividades no NEHO, como catalogação das obras do acervo e auxílio nos eventos acadêmicos por ele promovidos, e participavam do grupo de Formação em História Oral, que se constituiu em reuniões quinzenais para discussões de textos previamente lidos e vagas gratuitas nos cursos de extensão realizados pelo Núcleo.

significativa de chilenos no Brasil, pois residem aí cerca de três mil deles,² contando ainda com uma associação³ e dois grupos folclóricos.⁴

Mais do que uma questão exclusivamente acadêmica, não se pode negar a relação desta pesquisa com as circunstâncias de minha própria vida. Influenciada pela minha própria história, da experiência migratória de meus pais, que não terminou neles, mas que continuou em mim, este estudo é resultado do que Edward Said definiu como “dimensão pessoal”, que é o investimento pessoal em um estudo derivado da consciência do que se é.⁵

Estrutura da dissertação

Esta dissertação está dividida em três partes: na parte I, intitulada “Antecedentes”, são apresentados, como o próprio nome diz, os antecedentes da pesquisa, ou seja, reflexões que foram feitas durante o projeto da pesquisa e que, portanto, não estão atreladas aos resultados dela. São reflexões que considere importantes para o bom entendimento das outras partes do trabalho e da leitura das histórias de vida: (1) contextualização histórica e cultural do Chile, (2) contextualização dos chilenos no exterior, ressaltando-os no Brasil e (3) conceitualização dos termos migratórios utilizados. Na parte II, intitulada “Dimensões”, é apresentado como se deu o desenvolvimento do trabalho, com explicações dos procedimentos de história oral utilizados e com descrição de todo o processo investigador ao longo do mestrado, desde a elaboração do projeto até a análise das entrevistas. São apresentadas também nesta parte as histórias de vida que integram o trabalho, ao total sete, todas na íntegra. E na parte III, intitulada “Análise”, são apresentados os resultados da pesquisa sobre o processo emigratório/imigratório empreendido e a problemática central do trabalho, que é a construção de identidade imigrante, abordando também a constituição de uma “comunidade chilena” na cidade de Campinas.

A escolha do título definitivo desse estudo, “Dilemas da Construção de Identidade Imigrante: História Oral de Vida de Chilenos em Campinas”, deu-se após a análise das narrativas, quando foi possível perceber que, entre o grupo de chilenos entrevistados de Campinas, a construção de identidade imigrante não é um processo único e harmonioso, mas resultado de

² Estimativas fornecidas pelo Consulado *Ad Honore* do Chile em Campinas.

³ Associação de Chilenos Residentes em Campinas e Região Pablo Neruda ou *Asociación de Chilenos Residentes en Campinas y Región Pablo Neruda*.

⁴ O Conjunto Folclórico Pablo Neruda, da mencionada associação, e o *Conjunto Folklórico Raíces de Chile*.

⁵ SAID, Edward. Introdução. IN: *Orientalismo. O Oriente como Invenção do Ocidente*. São Paulo: Cia das Letras, 1990.

negociações feitas por uma diversidade de pessoas com interesses plurais e que tem que se afinar enquanto chilenos no Brasil.

PARTE I

Antecedentes

Capítulo 1

Traçado Histórico: Apontamentos Necessários

Chile: contextualização

O Chile está localizado na América do Sul, prolongando-se no continente antártico e na Polinésia com a Ilha de Pásqua. Limita-se ao norte com o Peru, ao leste com a Argentina e com a Bolívia através da Cordilheira dos Andes, ao sul com o Pólo Sul e a oeste com o Oceano Pacífico (mapa 1). A região norte do país, de Arica a Antofagasta, foi anexada pelo Chile da Bolívia e do Peru num enfrentamento pela posse de um território rico em recursos minerais conhecido como Guerra do Pacífico (1879 – 1883).

Em termos administrativos, o país está dividido em 15 regiões, cada uma a cargo de um intendente, sendo estes designados pelo presidente da República (mapa 2). Há ainda 50 províncias, cada uma administrada por um governador, estes também designados pelo chefe da nação e 341 municipalidades, dirigidas por alcaides que são eleitos pela população. Sua superfície territorial é de aproximadamente 2 milhões de quilômetros quadrados.⁶ Apesar de possuir o melhor IDH da América do Sul – sua colocação em 2010 foi 45º – o país possui ainda grande desigualdade social.

Fonte: Mapa elaborado pela autora a partir de mapa retirado da Internet.

⁶ Informações retiradas do site oficial do governo chileno: www.gobiernodechile.cl.

Fonte: www.sag.gob.cl (site oficial do governo chileno)

Caminhos históricos

Colonizado pelos espanhóis, o primeiro explorador de grande parte do que é hoje o território chileno foi Diego de Almagro, que realizou a travessia da cordilheira dos Andes e chegou ao vale de Copiapó em 21 de março de 1536. Decepcionado por não encontrar as riquezas que tanto esperava, Diego de Almagro retornou e coube a Pedro de Valdivia, que aí chegou em 1540, tomar a posse solene do território em nome da Espanha.

Os indígenas que viviam neste território – mapuches no centro-sul e incas no extremo norte – lutaram contra a dominação espanhola. Também chamados de araucanos, das lutas entre os mapuches e os espanhóis trata o famoso poema épico “*La Araucana*”,⁷ escrito pelo espanhol Alonso de Ercilla y Zúñiga e publicado em duas edições: 1569 e 1574. Dividido em 3 partes, este épico foi composto em oitavas reais e contém 37 cantos, nos quais são narradas as exaltações militares dos espanhóis contra os mapuches na Guerra do Arauco. Apesar das críticas que poderiam ser feitas,⁸ esta obra faz parte da cultura nacional chilena, é leitura obrigatória nos currículos escolares do país e, em geral, orgulha o povo chileno:

Chile tem a honra, graças a dom Alonso de Ercilla y Zuñiga, de ser a única nação posterior à Idade Média cujo nascimento é cantado em um poema épico como aconteceu com a Espanha no “*Poema del Cid*”, com a França em “*La Chanson de Roland*”...⁹

O fim do período colonial chileno é datado pela historiografia em 18 de setembro de 1810, quando foi formada uma junta de governo que se posicionava contra a invasão napoleônica na metrópole Espanha. A partir daí apareceram os primeiros textos constitucionais, as primeiras leis próprias e novas instituições autônomas, iniciando-se também as guerras contra as tropas reais. Em 1814, a autoridade espanhola no território americano foi restaurada, até que, após outras batalhas entre as tropas reais e as tropas separatistas, em 12 de fevereiro de 1818 foi declarada a Independência do Chile sob a liderança de Bernardo O’Higgins. Como os chilenos

⁷ Disponível na Internet em formato PDF.

⁸ Críticas não de um ponto de vista estético ou literário, pois não se pode negar a grandeza da obra, mas de um ponto de vista filosófico e historiográfico, pois tem-se aí um caráter de enaltecimento dos espanhóis e de justificativa de sua “conquista” na América.

⁹ SCARPA, Roque Esteban. Prólogo Breve. IN: ERCILLA Y ZUÑIGA, Alonso. *La Araucana*. Santiago: Editora Andrés Bello, 1982.

consideraram-se independentes desde a formação da junta em 1810, 18 de setembro é a data comemorativa da Independência do país.

Diego de Almagro, Pedro de Valdivia e Bernardo O'Higgins são, resultado do processo de construção do Estado Nacional chileno, considerados heróis nacionais. Foram exaltados por historiadores como Francisco A. Encina, tido como principal historiador chileno do século XX e cuja obra principal, a monumental *Historia de Chile*,¹⁰ de 20 volumes, exerceu assombrosa influência na historiografia chilena.¹¹ Monumentos a estes e a outros heróis nacionais chilenos podem ser encontrados na capital Santiago e em outras cidades do país, os “lugares de memória”,¹² fazendo parte do estoque material de uma história nacional construída pelo Estado e que integra a cultura coletiva de seus conterrâneos.

No início da década de 1930, os partidos oligárquicos Conservador e Liberal, que antes dominavam o cenário político chileno, perderam sua legitimidade como consequência da crise mundial de 1929, enquanto novos partidos foram integrados, iniciando um famoso “período democrático” no Chile.

Durante este período democrático, os chilenos conheceram diferentes governos, de diferentes orientações políticas, cada qual constitucionalmente eleito, o que foi caracterizado como uma “histórica estabilidade política” do país quando comparado a seus vizinhos do continente:

De fato, o que chamava a atenção naquele país, em contraste com o conjunto da América Latina, era precisamente a sua histórica estabilidade política, comparável apenas aos países ocidentais mais consolidados do ponto de vista político. (...) O Chile mostrava, até então, a mais positiva história constitucional e de eleições livres da América Latina, bem como o sistema partidário mais bem estruturado do continente.¹³

Apelidado de “Suíça da América Latina”, o Chile teve sua estabilidade democrática rompida em 1973, quando houve o Golpe Militar que instaurou uma ditadura no país. Antes desta

¹⁰ ENCINA, Francisco Antonio. *História de Chile: desde la Prehistoria a 1891*. Santiago: Nascimento, 1940-1952, 20v.

¹¹ GUTIERREZ, Horácio. *Nicolás Palácio e a Exaltação do Mestiço no Chile*. Anais Eletrônico do VI Encontro da ANPHLAC, Maringá, 2004.

¹² NORA, Pierre. *Entre Memória e História. A Problemática dos Lugares*. Revista Projeto História, São Paulo, dez.1993.

¹³ AGGIO, Alberto. *Democracia e Socialismo. A Experiência Chilena*. São Paulo: Annablume, 2002, pp.16-18.

ruptura, e para entendê-la melhor, deve-se analisar o governo de Salvador Allende e os antecedentes que o colocaram no poder antes do Golpe.

Eleição de Salvador Allende

Ainda no início do período democrático chileno, nos anos 30, houve uma reagrupação dos partidos políticos existentes: os partidos de esquerda se consolidaram, pois o Partido Comunista e o Partido Socialista passaram a ser integrados no sistema político; os tradicionais partidos de direita, Partido Conservador e Partido Liberal, se fundiram em um só, o Partido Nacional; e uma nova força de centro surgiu, com a fundação do partido da Falange Nacional, que seria, posteriormente, a base do Partido da Democracia Cristã, fundado em 1957. Esses quatro partidos (Partido Comunista, Partido Socialista, Partido Nacional e Partido da Democracia Cristã) passaram a dominar o cenário político eleitoral chileno a partir da década de 50.

Devido à sua economia mineradora exportadora, sendo o maior produtor mundial de cobre, o surgimento de uma classe operária organizada no Chile deu-se muito antes do que nos outros países do continente: em 1909 foi criada a primeira central sindical do país, a FOCH, Federação Operária Chilena, e em 1912 foi fundado o Partido Operário Socialista, que mais tarde tornou-se o Partido Comunista do Chile. Esse operariado organizado possibilitou a introdução no país de ideologias provenientes do movimento operário europeu, incluídas aí diversas variantes do anarquismo e do socialismo.

A reunião desses fatores – histórica estabilidade política e institucional, movimento operário organizado e a existência e atuação de fortes partidos de esquerda no sistema político – explica porque a proposta de um governo socialista no Chile, que levou Salvador Allende Gossens à presidência da República em 1970, não era estranha e incabível:

Não foi por acaso que se dava no Chile uma tentativa de governo socialista.¹⁴

As eleições presidenciais chilenas eram realizadas a cada seis anos. Partindo das candidaturas de Salvador Allende, pode-se destacar quatro eleições presidenciais do país: as eleições de 1952, as eleições de 1958, as eleições de 1964 e as eleições de 1970.

¹⁴ SADER, Emir. Chile – Socialismo como Radicalização da Democracia? IN: *Cuba, Chile, Nicarágua. Socialismo na América Latina*. São Paulo: Atual, 1992, p.36.

Nas eleições de 1952, os dois partidos da esquerda chilena (Partido Comunista e Partido Socialista) se uniram e lançaram a candidatura de Allende, obtendo uma pequena votação. Apesar desse pequeno número de votos, o importante neste momento é que as forças que apoiavam-no apareceram pela primeira vez como uma força autônoma unida na cena política. Nestas eleições, venceu para presidente o general Carlos Ibáñez com mais de 47% dos votos, sob o lema “o general da esperança”.

Nas eleições de 1958, o quadro eleitoral que se formou estava bastante fragmentado, com quatro candidaturas demonstrando potencial de vitória. Os resultados foram bem divididos, com a vitória do candidato da direita: 31,6% dos votos para Jorge Alesandri, 28,9% para Salvador Allende, 20,7% para Eduardo Frei e 15,6% para Luís Bossay. As duas grandes surpresas dessa eleição foram o desempenho da esquerda, com a candidatura de Salvador Allende que ficou em segundo lugar, e a emergência da Democracia Cristã como um partido forte, com a candidatura de Eduardo Frei.

No pleito de 1964, a esquerda imaginava como certa sua vitória, com a candidatura de Salvador Allende novamente. Porém, nova surpresa: quem venceu foi o candidato da Democracia Cristã, Eduardo Frei, com um programa original fundado em proposições de transformação da sociedade. Os resultados foram: Eduardo Frei atingiu 55,4%, Salvador Allende 39% e Julio Durán 5%. Essa eleição esteve basicamente polarizada entre a esquerda e o centro, pois a direita não participou com um candidato.

Por fim, nas eleições de 1970, Salvador Allende, em sua quarta tentativa, saiu eleito presidente pela coalizão esquerdista denominada Unidade Popular (*Unidad Popular* – UP). O quadro político eleitoral de então estava tripartido, com três candidatos fortes, o que foi decisivo para a sua vitória: ele obteve 36,2% contra 34,9% de Jorge Alesandri do Partido Nacional e 27,8% de Radomiro Tomic da Democracia Cristã.

O resultado das eleições de 1970, a vitória de Salvador Allende pela Unidade Popular, significou o que muitos chamaram de “inauguração de uma experiência única no mundo” ou “situação inédita na história”, pois pela primeira vez um presidente declaradamente marxista chegou ao poder através de eleições gerais e livres, através de um processo democrático. O sociólogo Emir Sader assim escreveu sobre a perplexidade que este fato poderia provocar naquele momento:

Socialismo na América Latina? Em pleno ano de 1970? Quando a ditadura militar brasileira se consolidava e emergia como modelo político e de crescimento econômico para seus vizinhos? Quando a Argentina seguia mergulhada num regime militar há 4 anos? Quando a Bolívia, entre idas e vindas, via se imporem sempre novos governantes militares? Quando os Estados Unidos eram governados por Richard Nixon e por Henry Kissinger? E quando Cuba estava isolada e as guerrilhas em refluxo na América Latina? Foi nesse momento que o Chile iniciou uma experiência de governo inédita na América Latina.¹⁵

O governo da Unidade Popular

Deve-se ter cautela, porém, para não confundir o início do governo da Unidade Popular no Chile com o início de um governo socialista. O que chama a atenção neste caso, o que é “inédito na história”, é a eleição de um governo com essa proposta, a proposta de um governo socialista a ser institucionalizado, a proposta de um governo socialista a ser implantado através de uma transição pacífica e não através de uma revolução. Intelectuais e políticos da época criaram a expressão “experiência chilena” ou “via chilena” para designar essa intenção de realizar a transição ao socialismo em democracia.¹⁶ A experiência era inédita não apenas na América Latina, mas em toda a história da esquerda mundial, que nunca havia presenciado o sucesso de uma tentativa similar. Em seu discurso de posse, proferido no Estádio Nacional do Chile em 05 de novembro de 1970, Salvador Allende observou:

Sem precedentes no mundo, Chile acaba de dar uma prova extraordinária de desenvolvimento político, fazendo possível que um movimento anticapitalista assumo o poder pelo livre exercício dos direitos cidadãos.¹⁷

Como a eleição de Salvador Allende não se processou por maioria absoluta (36,2% dos votos), era necessária a ratificação do resultado pelo Congresso Nacional. Em todos os casos anteriores da história chilena, o vencedor tinha sido confirmado automaticamente pelos parlamentares. Neste caso, o resultado das eleições também foi ratificado pelo Congresso, mas antes ocorreram duas tentativas de impedir a posse do candidato eleito. Primeiramente através de

¹⁵ Idem, p.35.

¹⁶ AGGIO, *Op.Cit.*

¹⁷ ALLENDE, Salvador. La Gran Tarea. IN: MODAK, Frida (org.) *Salvador Allende: Pensamiento y Acción*. Buenos Aires: Lumen/FLACSO-Brasil/CLACSO, 2008, p.34. Traduzido por Vanessa Paola Rojas Fernandez.

um golpe constitucional: políticos do Partido Nacional fizeram uma proposta à Democracia Cristã, a força política predominante, de que o Congresso ratificasse a 2ª maioria dos votos, ou seja, o candidato Jorge Alessandri, o qual posteriormente renunciaria e que, num novo pleito, o candidato democrata-cristão seria apoiado pelo Partido Nacional. Essa proposta não foi aceita pela Democracia Cristã, que preferiu negociar com a Unidade Popular e assegurar-se de que as liberdades e o regime democrático seriam preservados pelo novo governo. Ocorreu, então, uma reação mais extremista: alguns integrantes direitistas planejaram o seqüestro do comandante-em-chefe do Exército chileno, René Schneider, que seria atribuído aos grupos de esquerda e que, assim pensavam eles, levaria a nação a opor-se à posse de Allende. A tentativa de seqüestro não deu certo e Schneider acabou assassinado. Descoberto o plano, o fato provocou revolta e escândalo entre os chilenos. Schneider era considerado um constitucionalista e dois dias depois de sua morte, em outubro de 1970, a eleição de Salvador Allende foi confirmada pelo Congresso. Como afirmou Sader,¹⁸ Allende já iniciou seu governo com um prenúncio dos tempos conturbados que o esperavam.

A proposta do governo de Salvador Allende era a instauração do socialismo mediante uma transformação gradual da economia, da sociedade e do Estado chilenos. A economia seria reorganizada em moldes socialistas a partir da criação de uma Área de Propriedade Social (*Area de Propriedad Social* – APS), que deveria englobar os grandes monopólios e que passaria a desempenhar um papel no desenvolvimento econômico. Ela seria acompanhada de uma área de economia mista e outra área de economia privada, complementares à área estatal. O aparelho estatal, por sua vez, iria mudando sua natureza de classe de um Estado burguês para um Estado popular. Um informe do governo de 21 de maio de 1971 explica:

A construção da área de propriedade social é um de nossos grandes objetivos. A incorporação da maior parte de nossas riquezas básicas, do sistema bancário, do latifúndio, da maior parte de nosso comércio exterior, dos monopólios industriais e de distribuição, é uma tarefa já iniciada que devemos aprofundar. (...) O estabelecimento da área de propriedade social não significa criar um capitalismo de Estado, mas o

¹⁸ SADER, Emir. *Chile (1818-1990). Da Independência à Redemocratização*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1991. Coleção Tudo é História, vol.136.

verdadeiro começo de uma estrutura socialista. A área de propriedade social será dirigida conjuntamente pelos trabalhadores e pelos representantes do Estado.¹⁹

O desenrolar do processo, no entanto, revelou que as coisas não seriam tão simples assim. O historiador Osvaldo Coggiola observou:

O compromisso de Allende e da UP, já selado desde a vitória eleitoral de 1970 por meio de um “pacto de garantias”, de não tocar os alicerces do Estado, principalmente as Forças Armadas, e de manter seu programa de reformas dentro dos limites do regime capitalista, não foi suficiente para conter uma direita que, também desde 1970, começou a se organizar para dar uma saída radicalmente reacionária à situação de crise e mobilização popular.²⁰

Para entender melhor este processo, é possível dividir o governo de Allende em três períodos: o primeiro, o segundo e o terceiro ano de seu mandato (4 de novembro de 1970 a 11 de setembro de 1973).²¹

O primeiro ano de governo pode ser considerado relativamente calmo. A Unidade Popular começou a colocar em prática suas propostas. Iniciou um programa de reativação da economia, no qual o governo decretou um congelamento dos preços e um substancial aumento de salários, induzindo o incremento da demanda. Colocou em prática um processo de nacionalização de empresas e da grande mineração, conseguindo convencer o Congresso de que o que deveria ser pago de indenização às grandes empresas mineradoras estrangeiras já havia sido apropriado por elas em seus lucros. Deu continuidade à reforma agrária, já iniciada timidamente no governo anterior de Eduardo Frei, expropriando latifúndios. Bancos foram estatizados. Concomitantemente, mobilizações populares começaram a surgir: no campo, com ocupações de terras, e nas cidades, atuação direta do operariado, que passou a agir diretamente nas expropriações de empresas do setor têxtil, o primeiro setor privado a sofrer expropriações. Sobre este período, Coggiola diz:

¹⁹ ALLENDE, Salvador. Área Social de la Economía. IN: MODAK, *Op. Cit.*, pp.188-190. Traduzido por Vanessa Paola Rojas Fernandez.

²⁰ COGGIOLA, Osvaldo. *Governos Militares na América Latina*. São Paulo: Editora Contexto, 2001, p.32.

²¹ As eleições de 1970 ocorreram no mês de setembro e Allende tomou posse em novembro.

Sob o governo da UP, a partir de 1970, menos por iniciativa governamental do que por iniciativa popular, o Chile conheceria um processo de mobilização sem precedentes na América Latina, com ocupações de terras e reforma agrária, nacionalização dos principais recursos naturais e econômicos (principalmente do complexo mineiro do cobre) e democratização de todas as esferas da vida pública, sobretudo do sistema escolar e universitário.²²

Enquanto a estabilidade de preços funcionou e o aumento de salários encontrou produtos à sua disposição, a classe média apoiou o governo. Nas eleições municipais de 1971, a esquerda obteve uma vitória sem precedentes ao conquistar a maioria do colégio eleitoral, com mais de 50% dos votos.

A burguesia e a oposição reagiram. No final desse primeiro ano de governo da Unidade Popular, iniciaram a estratégia de asfixia econômica: a burguesia deixou de investir e a produção foi deixando de ser canalizada para o mercado formal, sendo dirigida para o “mercado negro”. Produtos faltavam e reapareciam. Com a greve de caminhoneiros, a distribuição do que havia foi prejudicada. O desabastecimento se generalizou. Enquanto a própria burguesia foi responsável por essa situação, também mobilizou as donas de casa a saírem às ruas, batendo panelas vazias contra o desabastecimento, a chamada “marcha das panelas vazias”. Os trabalhadores, percebendo que a burguesia, proprietária dos meios de produção, sabotava a economia, tomavam conta das fábricas por iniciativa própria.

Diante dessas circunstâncias, a Unidade Popular apresentou a proposta das Juntas de Abastecimento e Preços (*Juntas de Abastecimiento y Precios* – JAPs), uma forma de organização popular vinculada ao governo encarregada da distribuição e venda de muitos produtos. Posteriormente, apareceram em inúmeros conflitos derivados do mercado negro.

A Democracia Cristã passou a contestar cada vez mais a legalidade de alguns projetos colocados em prática pelo governo, como o início das APS e a nacionalização do cobre. Até então, este partido atuava de forma pendular entre a esquerda e a direita. Sua postura era de oposição ao governo e também de oposição à direita. Em 1969, a Democracia Cristã já havia passado por uma fratura interna, quando um grupo denominado “rebelde” formou o Movimento de Ação Popular Unificado (*Movimiento de Acción Popular Unificado* - MAPU). Uma reaproximação da Democracia Cristã com a direita para as eleições parlamentares da província de

²² COGGIOLA, *Op.Cit.*, p.32.

Valparaíso, ainda no primeiro ano do governo Allende, provocou uma segunda fratura: o grupo dos chamados “terceiristas” retirou-se do partido e, junto com uma ala do MAPU, formaram a Esquerda Cristã (*Izquierda Cristiana* – IC), que rapidamente incorporou-se à Unidade Popular. Membros da direita também haviam se organizado: em setembro de 1970, logo após a eleição presidencial, formaram o grupo Pátria e Liberdade (*Pátria y Libertad*), que realizava mobilizações violentas contra o governo da Unidade Popular.²³

O segundo ano do governo de Allende prosseguia com dificuldades: intensificação da polarização ideológica, com mobilizações ganhando as ruas a ponto de o governo ter que decretar estado de emergência em Santiago; forte ofensiva da direita e da Democracia Cristã; divisões internas dentro da própria Unidade Popular, com fraturas provenientes de setores esquerdistas que criticavam a via chilena ao socialismo; piora da situação econômica, com escassez, mercado negro e inflação; empecilhos no plano institucional, com confrontos entre o Executivo e o Legislativo.

O governo encontrava-se num impasse. Seu programa estava paralisado, pois, em meio a todas essas agitações sociais, não tinha maioria no Congresso e estava cercado pelo Legislativo e pelo Judiciário. O Partido Nacional já clamava abertamente por um governo militar como única saída. A Democracia Cristã pedia a subordinação do governo ao Congresso ou a realização de um plebiscito. Toda essa articulação contra o governo culminou na chamada “crise de outubro” de 1972, assim descrita pelo historiador Alberto Aggio:

A crise de outubro representou a ofensiva mais incisiva e geral da oposição desde o início do governo Allende. O país viveu uma paralisação quase integral das suas atividades, evidenciando um grau altíssimo de organização, inovação e mobilização das classes patronais e da classe média, em contestação aberta e frontal ao governo. (...) Estas manifestações iniciaram-se por setor e por região no início do mês, com reivindicações pontuais e corporativas, para depois ganharem dimensão nacional.²⁴

Para superar esta crise, o governo constituiu um gabinete com participação militar nos ministérios, pensando-a como um fator legitimador da Unidade Popular. Entre estes militares, destacou-se o general Carlos Prats, comandante-em-chefe do Exército e conhecido “legalista”,

²³ AGGIO, *Op.Cit.*

²⁴ Idem, p.137.

que foi nomeado ministro do Interior. Além dele, o contra-almirante Ismael Huerta foi nomeado ministro das Obras Públicas e o general Cláudio Sepúlveda, ministro de Minas.

Em março de 1973, foram realizadas eleições parlamentares no Chile. Apesar de todos os conflitos, os partidos de esquerda obtiveram 44% dos votos. Embora não tenham conseguido a maioria no Congresso, também não permitiram os 2/3 necessários para a destituição do presidente, que seria feita pela oposição através de um impeachment. Neste mesmo mês, numa reestruturação do ministério, os militares foram afastados.

Em 29 de junho ocorreu uma tentativa de golpe militar conhecida como “*tancazo*”: Um grupo radical de oficiais cercou o palácio presidencial *La Moneda* exigindo a renúncia de Allende. A mobilização popular e o comandante-em-chefe do Exército, Carlos Prats, desarticularam esse movimento.²⁵

As tensões se agravavam. As mobilizações operárias continuavam tentando impulsionar as transformações revolucionárias, mantendo um relativo grau de combatividade. Centenas de fábricas foram ocupadas. Os “cordões industriais”, formas de organização de poder e organização operária por fábricas de uma mesma região, estavam cada vez mais atuantes, como o “*Cordón Industrial Vicuña Mackena*”. Do outro lado, o empresariado e os oposicionistas empenhavam-se com todas as forças para reinstalar o caos econômico e social, com greves patronais, sabotagens e ações militares como o “controle de armas”.²⁶

Alfredo Sirks, jornalista brasileiro que estava no Chile, descreve uma situação caótica dentre as muitas que presenciou em Santiago:

No centro da cidade, manifestações: trabalhadores e militantes de esquerda gritam “*Allende, Allende, el pueblo te defiende*” e um grupo mais exaltado destes entra em choque com membros da *Juventud Nacional* e do *Patria y Libertad*. (...) Gritaria, pedradas, correntes e paus em ação. Apagaram as luzes da cidade, o centro vira um breu entrecortado por faróis de carros. (...) As luzes voltam e Allende pelo rádio tranquiliza o

²⁵ Segundo Coggiola, 200 mil pessoas saíram às ruas, apoiando o presidente e pedindo o fechamento do Congresso. IN: COGGIOLA, *Op.Cit.* Aggio informou que o episódio resultou em 22 mortes, sendo a maioria de civis. IN: AGGIO, *Op.Cit.*

²⁶ O Congresso havia votado uma lei de Controle de Armas que serviu para bloquear qualquer processo de armamento da população civil e das organizações de massa. Valendo-se dessa lei, policiais invadiam fábricas e bairros operários. IN: COGGIOLA, *Op.Cit.*

país: a sabotagem de uma torre de alta tensão não foi acompanhada por nenhuma ação subsequente.²⁷

Diversas organizações pediam a renúncia do presidente e a intervenção das Forças Armadas: a Corte Suprema, a Ordem dos Advogados, a Pontifícia Universidade Católica e a imprensa conservadora. Tendo em vista o golpe militar a ser efetivado, a oficialidade golpista chilena já havia começado um processo de unificação interna, livrando-se dos militares legalistas. Contestaram a postura legalista do general Carlos Prats, que se recusava a participar de qualquer golpe, fazendo-o renunciar em agosto. Neste mesmo mês, um acordo aprovado pela maioria dos deputados e os presidentes do Senado e da Câmara declarou a ilegalidade do governo da Unidade Popular, que seguia sustentado por um significativo, mas impotente apoio de massas:

O governo só contava com sua própria legitimidade: era um governo constitucionalmente eleito, mas isso já não bastava.²⁸

Setores expressivos do movimento popular reagiam ao clima de possível golpe e criticavam os chefes da UP que nada faziam de concreto para preparar um enfrentamento com a oposição e que insistiam em fazer acordos que já não respondiam às suas expectativas. As discussões políticas em torno dessa questão e a diferenciação entre os que não queriam uma guerra civil e os que queriam um enfrentamento armado eram cada vez mais latentes. Essa população saía às ruas e clamava: “*Crear, crear, poder popular!*”.²⁹ Mas a disposição de lideranças, dos militantes e das massas em avançar na luta pelo socialismo não encontrava respaldo no governo, que seguia um curso estratégico legalista. Basicamente, a esquerda estava dividida em duas estratégias:

“*Avanzar sin transar*” (avançar sem negociar), posição do bloco PS (tendência Altamirano e esquerda), MIR, MAPU (facção Garretón), IC e *Juventud Radical Revolucionária*; e “*Consolidar para Avanzar*”: PC, CUT, PS (tendência dos *guatones*), MAPU (facção Gasmurri) e Partido Radical. Esta segunda visão que predominou e optou-se pela defesa estática e pelo diálogo sensato com a DC. Mas a DC também estava

²⁷ SIRKS, Alfredo. *Roleta Chilena*. Rio de Janeiro: Record, 1982, p.120.

²⁸ AGGIO, *Op.Cit.*, 2002, p.151.

²⁹ “Criar, criar, poder popular!”.

dividida entre a tendência “dura” liderada por Frei e outros “falcões” e que suplantava a tendência “moderada” das “pombas” Tomic, Fuentealba e Leighton.³⁰

Sem interlocutores dentro das Forças Armadas, Allende fez uma última tentativa de reestruturação ministerial, trazendo novamente os militares ao gabinete. O presidente nomeou o general Augusto Pinochet Ugarte, que era o comandante-em-chefe do Exército desde a saída de Prats, para ministro militar. Paralelamente, preparava uma manobra política que dividiria a oposição: a convocação de um plebiscito no qual o governo se comprometeria em entregar a presidência a seu substituto legal, o presidente do Senado, que era o democrata-cristão Eduardo Frei. Esta tática não chegou a se concretizar, pois antes dela foi dado o golpe militar: desconhecendo as tendências golpistas de seu ministro Pinochet, Allende havia lhe contado sua intenção de anunciar o plebiscito à população em 11 de setembro de 1973. O golpe, que já vinha sendo planejado há tempos, foi antecipado para este dia, iniciando o período ditatorial.

A ditadura militar

O período que se iniciou com o golpe, a ditadura militar, pode ser considerado o período mais cruel da história chilena. O próprio golpe militar foi extremamente violento. Em 11 de setembro de 1973, o palácio presidencial chileno, o *La Moneda*, no centro de Santiago, amanheceu cercado por tropas do Exército e da Aeronáutica. Tropas da Marinha chilena já haviam se rebelado na cidade de Valparaíso e as rádios informavam que um golpe de fato estava em andamento.

O rádio foi instrumento de destaque no dia do Golpe: através dele, os militares golpistas anunciaram o que estava acontecendo no país, que uma Junta Militar havia sido formada e que um ultimato de rendição incondicional era oferecido ao presidente Salvador Allende. O presidente, por sua vez, fez pronunciamentos à população, anunciou que estava no palácio presidencial preparando-se para entrar em combate contra as forças rebeldes e esperando que tropas leais viessem em seu socorro; a população, a maioria com medo em suas casas, escutava ansiosa as declarações:

³⁰ SIRKS, *Op.Cit.*, p.113.

8:42h duas estações de rádio transmitiram uma mensagem oficial das Forças Armadas comunicando que se constituíra uma Junta Militar formada pelos comandantes em chefe do Exército e da Força Aérea, Pinochet e Leigh, pelo almirante José Toríbio Merino e o general César Mendoza, que tinham assumido o comando da Marinha e dos Carabineiros, respectivamente. Exigiam que o presidente Allende renunciasse imediatamente, as Forças Armadas não estavam divididas, não havia tropa leal ao presidente. Informaram que se o *La Moneda* não fosse evacuado antes das 11h, seria atacado por terra e pelo ar.³¹

9:10h foi o último pronunciamento de Allende pela rádio *Magallanes*, que era a única favorável ao governo ainda no ar. (...) Consciente da derrota, ele não convocou um levante armado, pois sabia que podia resultar num banho de sangue. Ao mesmo tempo, decidiu que não se deixaria pegar vivo, temendo que isso sugerisse a legitimidade da insurreição.³²

Aos poucos as estações simpáticas ao governo foram sendo silenciadas e somente as anti-Allende continuavam no ar, tocando canções e marchas militares e passando as últimas ordens da Junta.

O palácio presidencial estava fortemente cercado e as tropas leais ao presidente não conseguiram chegar: a população não tinha armamento e os que tinham, não puderam se organizar. Depois de negar-se a abandonar o palácio presidencial e seguir o caminho do exílio, Allende resistiu e sofreu o bombardeio, morrendo heroicamente. Ele estava com um capacete de trabalhador mineiro e um fuzil soviético presenteado por Fidel Castro. Sobre a discussão que se seguiu acerca do fato de sua morte, se ele teria sido assassinado ou se suicidado, o escritor Eduardo Galeano poetizou:

A direita mesquinha e a esquerda puritana dedicaram boa parte de seus fervores discutindo se Salvador Allende suicidou-se ou não.

Allende tinha anunciado que não sairia vivo do palácio presidencial. Na América Latina, é tradição: todos dizem a mesma coisa. Depois, na hora do golpe de Estado, correm para o primeiro avião.

³¹ MUÑOZ, Heraldo. *A Sombra do Ditador. Memórias Políticas de Chile sob Pinochet*. Rio de Janeiro: Zahar, 2010, p.21.

³² Idem, pp.23-24.

Tinham-se passado muitas horas de bombas e fogo e Allende continuava combatendo entre os escombros. Então chamou seus colaboradores mais íntimos, que resistiam com ele, e disse:

— Desçam, que eu já vou.

Eles acreditaram e foram embora, e Allende ficou sozinho no palácio em chamas.

Que importa de quem foi o dedo que disparou a bala final?³³

A ofensiva golpista foi arrasadora e assumiu o controle do país em poucos dias. A repressão que se seguiu foi brutal: o Congresso Nacional foi fechado por tempo indeterminado; as fronteiras e os aeroportos foram fechados, ninguém podia entrar nem sair do país; as “forças legais” tinham autorização para fuzilar qualquer pessoa que reagisse às suas ordens ou que fosse encontrada com armas, nas ruas ou dentro de suas próprias residências;³⁴ o toque de recolher no dia seguinte ao Golpe era de 24 horas por 24 horas, ninguém podia sair; milhares de chilenos foram presos no Estádio Nacional de Santiago, depois que as delegacias, presídios e quartéis ficaram cheios de detidos políticos, sendo que muitos deles foram assassinados; nas fábricas ocupadas e nos bairros pobres, as “*poblaciones*”, ocorreram fuzilamentos em massa; as embaixadas estrangeiras rapidamente ficaram lotadas de pessoas em busca de asilo para partirem ao exílio. Sobre a “caravana da morte”, Coggiola escreveu:

No Chile, nas primeiras semanas depois do golpe de Pinochet, a tristemente célebre “caravana da morte” – detenção sistemática de ativistas políticos destinados aos campos de concentração e ao assassinato – impôs torturas indescritíveis e covardes a inúmeros opositores. Sob o regime de Pinochet surgiria a figura do “desaparecido político”, o preso não reconhecido submetido a torturas piores que as da Inquisição, e posteriormente assassinado na clandestinidade.³⁵

Até mesmo no exterior houve perseguição política: o general Carlos Prats e sua esposa foram assassinados na capital da Argentina em 1974, onde estavam exilados, e Orlando Letelier, ex-ministro de Allende, foi assassinado em plena capital dos Estados Unidos em 1976, onde era diplomata. Posteriormente, descobriu-se que esses assassinatos foram promovidos pela DINA,

³³ GALEANO, Eduardo. Celebração da Coragem/4 IN: *O Livro dos Abraços*. Porto Alegre: L&PM Editores, 2006, p. 260.

³⁴ Esse processo invasivo de revista dentro das próprias residências era chamado de “*allanamiento*”.

³⁵ COGGIOLA, *Op.Cit.*, p.52.

Dirección de Inteligencia Nacional, que era a polícia secreta chilena, chefiada pelo coronel Manuel Contreras, o grande aliado de Pinochet.

“Roleta chilena” foi a expressão criada por Alfredo Sirks para referir-se à repressão chilena daqueles dias: massiva e totalmente arbitrária, sem critérios definidos. As pessoas podiam ser fuziladas por terem encontrado em sua casa um livro ou um jornal de esquerda, se esse fosse o “estado de espírito” do chefe da patrulha. A falta de critérios era total e a sobrevivência uma questão de acaso, uma “roleta chilena”.³⁶ Assim também lembrou Ariel Dorfman:

Porque *el jefe máximo* não agiu sozinho. São muitos, inúmeros, os que participaram de seus crimes e os permitiram. A começar, sem dúvida, pelas centenas de militares e funcionários de primeiro ou quarto escalão que executaram as ordens do General, os homens que apertaram o gatilho ou enfiaram o bisturi ou apertaram o torniquete.³⁷

A ditadura militar chilena durou de 1973 a 1990 e é considerada uma das ditaduras mais sangrentas desse período na América Latina, já que vários países dessa porção do continente também vivenciavam o autoritarismo em sua forma de governo.³⁸ A “Operação Condor”, que consistiu num pacto entre as ditaduras do Chile, Argentina, Brasil, Paraguai e Uruguai, é resultado da aliança entre esses governos autoritários. Os prisioneiros políticos dessas ditaduras eram enviados de um país a outro, visando unificar as forças repressivas e as informações policiais, com o fim de exterminar qualquer oposição. A justificativa ideológica dessa aliança repressiva foi a “luta contra a subversão, o terrorismo e o comunismo”.

No Chile, o golpe foi dado em 11 de setembro de 1973 e a partir daí constituiu-se uma Junta Militar a fim de governar o país. Apesar da participação de todos os outros militares – o general Sergio Arellano, o almirante Patricio Carvajal, o comandante-em-chefe da Força Aérea Gustavo Leigh, o coronel Nilo Floody, o comandante José Toríbio Merino no comando da Marinha e o general César Mendoza no comando dos Carabineiros, entre outros – a ditadura militar chilena assumiu a personificação de Pinochet. Este, que foi um dos articuladores do Golpe, que fazia parte da Junta Militar como comandante-em-chefe do Exército e que já se havia feito Presidente da Junta, em 1974 fez-se nomear “chefe supremo da nação”: em março de 74 foi

³⁶ SIRKS, *Op.Cit.*.

³⁷ DORFMAN, *Op.Cit.*, p.130.

³⁸ Argentina, Bolívia, Brasil, Paraguai e Uruguai também eram governados por ditadura militar.

descartada a idéia de uma presidência rotativa da Junta Militar, fazendo com que este órgão não fosse mais um regime de transição, e em junho Pinochet fez o decreto-lei 527, chamado “Estatuto da Junta Militar”, que transformava o presidente da Junta – ele – em “chefe supremo da nação”, reduzindo a Junta a um setor legislativo do governo:

Poucos dias depois, Pinochet promoveu uma cerimônia para legalizar o decreto. Nenhum dos outros membros da Junta soube da cerimônia até o ultimo minuto, sendo que centenas de personalidades e a imprensa foram convocadas. Discussão furiosa aconteceu entre os membros da Junta. (...) Em dezembro de 1974, Pinochet fez-se nomear Presidente da República por outro decreto-lei.³⁹

Em 1978, Pinochet convocou um plebiscito no qual os chilenos deveriam votar pelo regime militar ou pela resolução das Nações Unidas que havia condenado o seu governo um ano antes em sua Comissão de Direitos Humanos.⁴⁰ Além da votação aberta, que inibiu muitas pessoas de votarem contra o regime militar, havia muitas pessoas que apoiavam o ditador e neste plebiscito ele recebeu o apoio que esperava:

Realizado em 4 de janeiro de 1978, sob condições de estado de sítio, sem registro de eleitores, sem observadores, sem debate público nem cobertura crítica da imprensa. A cédula consistia na seguinte afirmação: “Face à agressão internacional lançada contra nossa pátria, apoio o presidente Pinochet em sua defesa da dignidade do Chile e reafirmo a legitimidade de seu governo.” Os eleitores eram instruídos a pôr sua marca ao lado de uma bandeira chilena para o “Sim” e de um quadrado preto para o “Não”.⁴¹

Em março de 1981, Pinochet prestou juramento como presidente segundo as disposições de uma nova Constituição para o Chile. “Esmagadoramente anti-democrática e talhada para acomodar o domínio pessoal de Pinochet”,⁴² a Constituição estabeleceu que no fim de seu mandato, em 1988, haveria um plebiscito no qual a população aprovaria ou desaprovava um candidato único, indicado pelas Forças Armadas, como presidente da República. Algum tempo

³⁹ MUÑOZ, *Op.Cit.*, pp.81 e 85.

⁴⁰ Em março de 1977 uma Comissão de Direitos Humanos da ONU reuniu-se em Genebra e condenou o regime chileno.

⁴¹ MUÑOZ, *Op.Cit.*, p.94.

⁴² Idem.

depois, Pinochet promoveu-se a capitão general do Exército, patente que somente o herói nacional Bernardo O'Higgins merecera.

No início dos anos 80, manifestações de descontentamento com o regime político foram ganhando expressões mais abertas. É importante ressaltar que, mesmo com a forte repressão, movimentos organizados contrários ao governo militar sempre existiram. Os mais conhecidos foram: Movimento de Esquerda Revolucionária (*Movimiento de Izquierda Revolucionária* – MIR) e o Movimento Patriótico Manuel Rodríguez. Deve-se mencionar também a consciência por parte do clero chileno, destacando o Vicariato da Solidariedade (*Vicaría de la Solidaridad*), que refugiou e amparou os perseguidos da ditadura, denunciou torturas e promoveu campanhas pelos desaparecidos.

Em 1988 foi realizado o plebiscito proposto na Constituição vigente. Pinochet havia sido indicado pelas Forças Armadas para concorrer ao novo mandato e o plebiscito determinou se ele deveria “Sim” (“*Sí*”) ou “Não” (“*No*”) concorrer ao cargo, ao qual o povo respondeu negativamente. O governo teve que aceitar o resultado – vigilância internacional sobre o plebiscito e isolamento da ditadura chilena com o fim das outras ditaduras no Cone Sul – e eleições presidenciais foram convocadas pela primeira vez desde 1970. Patricio Alwyn, pelo Partido da Democracia Cristã, foi eleito com 55% dos votos, assumindo a presidência em 1990 e encerrando o período ditatorial chileno.

Após 16 anos e meio no poder, Pinochet ainda fez-se eleger comandante-em-chefe do Exército, até 1998, quando assumiu a cadeira de senador vitalício. Neste mesmo ano, porém, ele foi detido em Londres, onde se encontrava para um tratamento médico, por ordem do juiz espanhol Baltazar Garzón, tendo que responder a um tribunal inglês por acusações de seus crimes cometidos no Chile. Aí ficou em prisão domiciliar durante 17 meses, até o ano 2000, quando retornou ao Chile. Em 2001, o Tribunal de Recursos chileno sobreteve seu julgamento, alegando insanidade mental do réu.⁴³ Em 2006, Augusto Pinochet faleceu aos 91 anos, no Hospital Militar de Santiago, onde já estava internado devido a um enfarto.

A participação internacional

Durante o governo da Unidade Popular (1970-1973), além da oposição no âmbito político-institucional chileno, das organizações empresariais e da grande imprensa, deve-se

⁴³ O livro de Ariel Dorfmann narra detalhadamente este percurso judiciário.

destacar a participação dos Estados Unidos. O governo norte-americano forneceu apoio militar, logístico e financeiro aos conspiradores do Golpe. Posteriormente, forneceu ajuda econômica ao Chile de Pinochet, enquanto para o Chile de Allende esta ajuda foi praticamente inexistente:

Entre 1974 e 1976, a ajuda econômica total dos Estados Unidos alcançou os 183,6 milhões de dólares, em contraste com os 19,8 milhões que Allende recebeu. Os créditos e outros empréstimos do *Export-Import Bank* alcançaram 141,8 milhões de dólares durante aqueles anos, em comparação com os 4,7 milhões do período Allende. O governo Pinochet recebeu 66,5 milhões de dólares em créditos do Banco Mundial durante os 3 primeiros anos e Allende não recebeu crédito algum dessa instituição.⁴⁴

Allende também encontrou pouca receptividade em suas solicitações entre outros países. Com exceção dos governos do México, Peru e Cuba, o governo chileno recebeu negativas tanto da Europa quanto da própria União Soviética.⁴⁵

O Brasil, que estava sob governo militar desde 1964, teve autoridades envolvidas na articulação golpista de 1973 e posteriormente transferiu “tecnologias” a serem usadas nos centros de tortura chilenos. Antes disso, durante o governo de Salvador Allende, brasileiros de origem esquerdista e perseguidos pelos militares brasileiros encontravam-se exilados em território chileno. Alfred Sirks destaca a chegada de 70 brasileiros no Chile em janeiro de 1971, revolucionários que haviam sido trocados pelo embaixador da Suíça e que foram banidos do Brasil:

Tais brasileiros contavam histórias de tortura que horrorizavam os pacatos habitantes daquele país com 40 anos de democracia nas costas.⁴⁶

Em tempos de Guerra Fria, o Chile de Salvador Allende foi o destino de milhares de estrangeiros que simpatizavam com o governo. Tanto que os primeiros comunicados da Junta Militar, logo após o Golpe, ordenavam aos estrangeiros residentes no país que se apresentassem às autoridades chilenas e conclamavam a população a denunciar todos os estrangeiros no país. Mais de 600 estrangeiros foram presos nessa época, sendo que muitos desses foram torturados e

⁴⁴ MUÑOZ, *Op.Cit.*, p.113.

⁴⁵ SADER, *Op.Cit.*

⁴⁶ SIRKS, *Op.Cit.*, p.26.

alguns mortos.⁴⁷ Outros tantos correram para as embaixadas, que rapidamente ficaram lotadas. O embaixador Eldernstrom da Suécia é lembrado em vários livros, pois salvou a vida de muitas pessoas que eram alvo da repressão.

A política econômica do regime militar (1973-1990) foi inspirada e supervisionada por uma equipe de jovens economistas que haviam se formado na Universidade de Chicago, os “*Chicago boys*”. Estes seguiam a escola monetarista de pensamento econômico de Milton Friedman, que pregava o livre-mercado, o controle cuidadoso do estoque de dinheiro e a eliminação de subsídios e tarifas protecionistas. Em 1975, a inflação estava fora de controle e o desemprego tinha atingido níveis recordes. Um “Plano de Recuperação Nacional” foi posto em prática e no ano seguinte a economia chilena dava sinais de melhoras. No início da década de 80, com o aumento das exportações, dos créditos e empréstimos externos, e das importações, o país viveu sua euforia de “milagre econômico”. No entanto, o modelo aparentemente bem-sucedido de Chicago logo começou a ruir e em 1982 o país passou por uma profunda crise econômica. Resultado dessa política econômica neoliberal, a concentração de riqueza entre os mais ricos e a desigualdade social do país aumentaram:

A concentração de riquezas aumentou. O número de pobres durante o regime de Allende era de um milhão, em 1992 era de sete milhões. A porcentagem da população abaixo do nível de pobreza elevou-se de 20% até 44% entre 1970 e 1987. Os que falam em “modernização” e “milagre econômico chileno” referem-se a uma noção puramente estatística, que não leva em conta o empobrecimento da maioria da população chilena, o exílio forçado, quando não a morte, de seus melhores representantes científicos e culturais, nem o retrocesso social e cultural do país em todas as esferas.⁴⁸

Redemocratização

Em 1990 foi criada no Chile, a partir de um decreto do então presidente Patricio Aylwin, a Comissão Nacional de Verdade e Reconciliação (CNVR), cujo objetivo principal foi contribuir para o esclarecimento global da verdade sobre as violações aos direitos humanos cometidas entre 11 de setembro de 1973 e 11 de março de 1990. O relatório desta comissão foi publicado em 1991 – uma publicação de 2 mil páginas em 3 volumes – segundo o qual 3.550 denúncias foram

⁴⁷ MUÑOZ, *Op.Cit.*.

⁴⁸ COGGIOLA, *Op.Cit.*, p.54.

apuradas e destas 2.296 foram consideradas como casos qualificados.⁴⁹ O relatório reconhece que os direitos humanos de 2.279 pessoas foram gravemente violados neste período.

Em 1992 a lei nº 19.123 criou a Corporação Nacional de Reparação e Reconciliação (CNRR) para determinar os casos que a Comissão Verdade e Reconciliação não conseguiu abordar em profundidade, assim como novos casos que se apresentaram. Em 1994 os trabalhos foram terminados e o total de vítimas reconhecidas oficialmente subiu para 3.195. Destas, 2.008 pessoas foram mortas e 1.183 ficaram desaparecidas (e 4 casos nonatos).⁵⁰

O governo chileno reconheceu também 38.574 pessoas qualificadas como exoneradas políticas, segundo a Lei 19.234 que regula o Programa de Reconhecimento ao Exonerado Político.⁵¹

Para além dessas estimativas oficiais, há quem mencione mais de 40 mil mortos, 2 mil desaparecidos e 1 milhão de exilados durante o período ditatorial chileno.⁵²

⁴⁹ O relatório, dividido em 3 volumes, está disponível em formato PDF no site oficial do governo do Chile: http://www.ddhh.gov.cl/ddhh_rettig.html.

⁵⁰ Documentação do Programa de Direitos Humanos, retirado do site oficial do governo chileno: www.ddhh.gov.cl/estadisticas.html

⁵¹ Retirado do site oficial do governo chileno: www.oep.gov.cl.

⁵² Estimativas do cineasta chileno Miguel Littín apud MARQUEZ, Gabriel García. *A Aventura de Miguel Littín Clandestino no Chile*. Rio de Janeiro: Editora Record, 1986.

Capítulo 2

Chilenos no Exterior: Caminhos e Destinos

A presença de chilenos no exterior tornou-se um elemento estrutural desse país a partir da década de 1970. São plurais as razões que explicariam a saída massiva dessas pessoas de seu país de origem, devido à conturbada conjuntura política, econômica e social em que viviam, principalmente após a instauração da ditadura militar em 1973. Exilados, foragidos voluntários ou mesmo insatisfeitos com o contexto de então, no total cerca de 500 mil chilenos se deslocaram, durante as três últimas décadas do século XX, a diversos países. Considerando que em 2002 o Chile possuía cerca de 15 milhões de habitantes, é fácil imaginar o impacto disto naquele ambiente.⁵³

Atualmente, o Chile possui aproximadamente 18 milhões de habitantes e considera-se que 1 milhão de chilenos residam no exterior.⁵⁴ Tais estimativas foram feitas a partir de um registro de chilenos no exterior promovido pelo Instituto Nacional de Estatísticas (INE) do Chile, pelo Ministério das Relações Exteriores e pela *Dirección para la Comunidad de Chilenos en el Exterior* (DICOEX) entre os anos 2003 e 2004.⁵⁵ Ao longo desses dois anos, 256.759 pessoas em 100 países do mundo responderam voluntariamente ao questionário do registro. Foram utilizados também os censos de 41 países, obtendo-se assim uma cifra estimativa da população de chilenos no exterior. Os principais resultados indicaram que:

- 487,1 mil são chilenos nascidos no Chile e 370,6 mil são filhos desses chilenos nascidos no Chile, somando um total de aproximadamente 858 mil chilenos.

⁵³ Segundo os censos do Chile, em 1970 a população era aproximadamente 8,9 milhões; em 1982, aproximadamente 11,4 milhões; em 1992, aproximadamente 13,4 milhões; em 2002, aproximadamente 15,2 milhões e em 2010, aproximadamente 17,8 milhões de habitantes. Fonte: Instituto Nacional de Estatísticas de Chile, disponível em www.ine.cl/canales/chile_estadistico/home.php.

⁵⁴ Esta estimativa de 1 milhão de chilenos considera os chilenos nascidos no Chile e também os filhos desses chilenos que nasceram nos outros países.

⁵⁵ A publicação desse registro deu-se em 2005, intitulada *Chilenos en el Exterior: Donde Viven, Cuantos Son y Qué Hacen los Chilenos en el Exterior*, está disponível em formato PDF na Internet em: www.chilesomostodos.gov.cl/descargas/cat_view/50-registro-de-chilenos.html.

- A maioria dessas pessoas reside na América do Sul, sendo um total de 523,4 mil.
- Os 10 países com maior número de chilenos no mundo são: Argentina, Estados Unidos, Suécia, Canadá, Austrália, Brasil, Venezuela, Espanha, França e Alemanha.

Ainda que o Brasil também estivesse vivendo sob um governo militar (1964-1985), ele configurou-se em pólo de atração de fluxos de emigrantes provenientes de países da América Latina, principalmente de chilenos, argentinos e uruguaios, quando regimes militares foram instaurados em vários países da região, provocando a saída de pessoas por motivos políticos e/ou econômicos.

No caso específico dos chilenos, sua quantidade no Brasil na década de 1960 a 1970 era quase inexistente, não passando de 2 mil pessoas. Este número deu um “salto” no censo de 1980, que registrou quase 18 mil chilenos vivendo aqui. Em 1991, a quantidade deles em relação a 1980 não aumentou muito, subindo para apenas pouco mais de 20 mil, o que indica que a maior quantidade chegou durante a década de 70. Já o censo do ano 2000 teve uma pequena queda em relação ao de 1991, passando de 20.437 para 17.131 chilenos no país, indicando aí um possível retorno de alguns deles ao seu país de origem.⁵⁶ Existem ainda estimativas diferentes dessas oficiais, que registram um número maior de chilenos vivendo no Brasil, já que tais estimativas tentam abarcar também os que se encontram em situação irregular no país segundo a sua política migratória, também chamados de “indocumentados” ou “ilegais”.⁵⁷

Sobre este assunto específico, da questão migratória chilena e sua presença no Brasil, há na produção acadêmica de nosso país, além de alguns artigos, quatro dissertações de mestrado e duas teses de doutorado. Destes trabalhos, apenas dois são inteiramente dedicados ao tema da e/imigração chilena, pois os outros contemplam também outros movimentos migratórios latino-americanos recentes, como se pode observar no quadro abaixo:

⁵⁶ Fontes: IBGE: Censos Demográficos de 1960, 1970, 1980, 1991 e 2000; IMILA/CELADE: disponível em www.ecla.c.org/migracion/imila.

⁵⁷ A Pastoral do Imigrante informa que atualmente existem cerca de 600 mil imigrantes ilegais no Brasil, e que existem em São Paulo 40 mil chilenos; o Memorial do Imigrante informa a estimativa de 150 mil chilenos no Brasil.

AUTOR	TÍTULO	ANO	TIPO	INSTITUIÇÃO
Maria Edith G. O. Bevilaqua	“Estrangeiros: peregrinos da América – os latino-americanos do Cone Sul (chilenos, argentinos e uruguaios) no Brasil de São Paulo (1970-1990)”	1992	Dissertação	Depto. de Antropologia da UNICAMP.
Tito Arturo V. Monardez	“Identidade étnica e aculturação do emigrante chileno residente na “Grae São Paulo”, que emigrou após o golpe militar de 1973”	1994	Dissertação	Depto. de Psicologia da PUC/SP
Margherita Bonassi	“Canta América sem fronteiras: imigrantes latino-americanos no Brasil”	1999	Dissertação	Depto. de Ciências Sociais da PUC/SP
Verônica P. Aravena Cortés	“Chilenos em São Paulo: a trajetória de uma imigração”	2000	Tese	Depto. de Sociologia da USP
Gabriela Adriana Sala	“Características demográficas e sócio-ocupacionais dos migrantes nascidos no Cone Sul residentes no Brasil”	2005	Tese	Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional da UFMG
Berenice Carmen A. Y. Rabines	“A vivência imigratória de um grupo de hispano-americanos do sul, residentes na cidade de São Paulo”	1997	Dissertação	Depto. de Psicologia Social da USP

Há dois livros que também merecem destaque neste assunto: o livro *Exiliado, Emigrados y Retornados*,⁵⁸ que é uma compilação de artigos de diferentes autores sobre a saída de chilenos e seu alcance em diferentes lugares do mundo, e o recém-lançado livro *Memória Social Chilena - Chilena Tu Eres Parte, No Te Quedes Aparte*,⁵⁹ que é resultado de um projeto sobre imigrantes chilenas que vivem há mais de 20 anos em São Paulo.

⁵⁸ ARTIGAS, José del Pozo (coord.). *Exiliados, Emigrados y Retornados. Chilenos en America y Europa, 1973-2004*. Santiago de Chile: RIL Editores, 2006.

⁵⁹ Trata-se de um “livro memória-social projeto” da ONG Presença da América Latina – PAL – cujas autoras são Oriana Jara Maculett e Verônica Aravena Cortés.

Capítulo 3

Conceitualização: Termos Operacionais

Conceitos fundamentais

Para a conceitualização dos termos migratórios, a obra do sociólogo Abdelmalek Sayad foi referencial teórico. Em “A Imigração ou os Paradoxos da Alteridade”,⁶⁰ o autor explica a relação dialética que une a emigração e a imigração como duas dimensões de um mesmo fenômeno, o fenômeno migratório, daí a opção de se utilizar diversas vezes os termos “emigração/imigração” e “emigrantes/imigrantes” nesta pesquisa, visando com isto evidenciar a referida relação dialética.⁶¹ Além desta concepção, considerada orientadora deste trabalho, ressalta-se os seguintes apontamentos de Sayad:

- O estudo da emigração é uma necessidade de ordem cronológica e epistemológica:

O estudo da emigração propriamente dita ou, pelo menos, o estudo das condições sociais que a engendraram (...) Necessidade de ordem cronológica, sem dúvida, pois na origem da imigração encontramos a emigração, ato inicial do processo, mas igualmente necessidade de ordem epistemológica, pois o que chamamos de imigração, e que tratamos como tal em um lugar e em uma sociedade dados, é chamado, em outro lugar, em outra sociedade, de emigração...⁶²

- O espaço dos deslocamentos não é apenas um espaço físico:

Por certo, a imigração é, em primeiro lugar, um deslocamento de pessoas no espaço, e antes de mais nada no espaço físico; (...) Mas o espaço dos deslocamentos não é apenas um espaço físico, ele é também um espaço qualificado em muitos sentidos, socialmente, economicamente, politicamente, culturalmente (...) etc.⁶³

⁶⁰ SAYAD, Abdelmalek. *A Imigração. Ou os Paradoxos da Alteridade*. São Paulo: Edusp, 1998.

⁶¹ Mas também são utilizadas diversas vezes somente as palavras “imigração” e “imigrantes” visando facilitar a leitura e entendendo que os conceitos de emigração e emigrantes encontram-se subentendidos aí.

⁶² Idem, p.14.

⁶³ Idem, p.15.

- Dupla contradição do fenômeno da imigração:

Não se sabe mais se se trata de um estado provisório que se gosta de prolongar indefinidamente ou, ao contrário, se se trata de um estado mais duradouro mas que se gosta de viver com um intenso sentimento de provisoriedade. Oscilando, segundo as circunstâncias, entre o estado provisório que a define de direito e a situação duradoura que a caracteriza de fato (...) Essa contradição fundamental, que parece ser constitutiva da própria condição do imigrante, impõe a todos a manutenção da ilusão coletiva de um estado que não é nem provisório nem permanente, ou, o que dá na mesma, de um estado que só é admitido ora como provisório (de direito), com a condição de que esse “provisório” possa durar indefinidamente, ora como definitivo (de fato), com a condição de que esse “definitivo” jamais seja enunciado como tal. ⁶⁴

Em confluência com Sayad, neste estudo entendeu-se que o movimento migratório chileno em questão deveria ser estudado tendo como princípio os três apontamentos acima ressaltados: (1) a partir dos dois contextos envolvidos, isto é, o contexto chileno, que propiciou a saída de chilenos de seu país de origem – as causas da emigração – e o contexto brasileiro, que propiciou a entrada e o estabelecimento desses chilenos no Brasil – as causas da imigração; (2) considerando que o espaço dos deslocamentos em tal movimento não foi apenas um espaço físico, procurando evidenciar as outras qualificações deste deslocamento; e (3) procurando constatar que a dupla contradição do fenômeno da imigração – um estado provisório de direito e definitivo de fato – se faz presente entre os chilenos residentes no Brasil.

Procurou-se também diferenciar o movimento migratório chileno das três últimas décadas do século XX de outros movimentos migratórios que ocorreram e/ou continuam a ocorrer no Brasil. Sabendo que cada um desses movimentos possui suas características e complexidades particulares, uma das problemáticas levantadas no trabalho foi: qual a especificidade desse processo migratório chileno?

O Brasil e algumas correntes migratórias

Com a leitura de obras da bibliografia do tema migratório em geral, foi possível distinguir três categorias básicas de movimentos migratórios internacionais envolvendo o Brasil ao longo

⁶⁴ Idem, pp.45-46.

de sua história, sendo cada qual delas completamente distinta umas das outras em seus contextos, volumes, fluxos e outras caracterizações: as imigrações em massa de ultramar de fins do século XIX e início do século XX, as imigrações internacionais latino-americanas contemporâneas e a emigração recente de brasileiros a outros países.

Em se tratando do tema “imigração no Brasil” logo se pensa, geralmente, na imigração em massa de europeus ocorrida em fins do século XIX e início do século XX, conhecida também como “grandes imigrações”. Movimentos de grandes proporções, as imigrações portuguesa, italiana, alemã e espanhola deixaram grandes marcas na nossa sociedade, cultura e economia. Motivadas, grosso modo, principalmente pela necessidade de mão de obra para a lavoura cafeeira no Brasil e por motivos sócio-econômicos em seus respectivos países, tais movimentos trouxeram milhares de pessoas de diferentes nacionalidades ao nosso país – mais de 3.600.000 emigrantes oriundos da Europa teriam chegado aqui entre os anos 1880 e 1924⁶⁵ – daí o Brasil ter ficado conhecido como “terra de imigração”. Somam-se a estes os movimentos migratórios de árabes e japoneses, também no início do século XX e também de grandes proporções.⁶⁶

As “grandes imigrações” não constituem, contudo, matéria única quando se trata do tema “imigração no Brasil”: as recentes imigrações internacionais latino-americanas complementam-no, embora sejam épocas e contextos completamente diferentes. A presença de latino-americanos no Brasil não é fenômeno novo, mas intensificou-se a partir da década de 70, quando regimes militares foram instaurados em vários países da região, ainda que o Brasil também estivesse vivendo sob uma ditadura militar (1964-1985). Esta foi, inclusive, outra problemática levantada no trabalho: por que os chilenos saíram de uma ditadura para outra ditadura? Como eles sentiram a ditadura no Brasil?

Atualmente, no contexto da globalização internacional, além de fluxos populacionais que continuam a vir ao país devido a elementos de continuidade da própria natureza dos processos

⁶⁵ MENEZES, Lená Medeiros de. Movimentos e Políticas Migratórias em Perspectiva Histórica: um Balanço do Século XX. IN: CASTRO, Mary Garcia (coord.). *Migrações Internacionais: Contribuições para Políticas*. Brasília: CNPD, 2001.

⁶⁶ Entre os imigrantes árabes no Brasil, a maioria é de libaneses, cujas estimativas variam entre 6 e 7 milhões de pessoas, constituindo a maior comunidade libanesa fora do Líbano. Cf: OSMAN, Samira Adel. *Entre o Líbano e o Brasil: Dinâmica Migratória e História Oral de Vida*. São Paulo: tese, 2006. No caso da imigração japonesa, estes somavam, com seus descendentes, cerca de 1,2 milhões de pessoas na década de 90. Cf: SAKURAI, Célia. Imigração Japonesa para o Brasil: um Exemplo de Imigração Tutelada. IN: FAUSTO, Boris (org.). *Fazer a América*. São Paulo: Edusp, 2000.

migratórios já empreendidos,⁶⁷ o Brasil continua inserido na rota das migrações internacionais latino-americanas, recebendo principalmente pessoas provenientes dos países mais pobres vizinhos. Exemplo disto é o caso dos bolivianos que vêm em busca de melhores condições de vida.⁶⁸

Preocupados com o assunto, é crescente o número de pesquisadores de nosso país engajados no tema das imigrações latino-americanas contemporâneas, que constitui hoje importante questão social. Embora ainda escassos, é possível encontrar importantes trabalhos, distribuídos entre artigos, dissertações, teses e livros. Há também grupos de pesquisa específicos e centros de atuação que foram criados em universidades e instituições do país, como a Pastoral do Migrante e seu Centro de Estudos Migratórios (CEM).⁶⁹ Por serem sobre fenômenos do tempo presente, muitos trabalhos ainda não foram publicados ou estão em andamento, e muita coisa há ainda que se investigar. Tais trabalhos podem ser encontrados em diferentes áreas do saber, como História, Geografia, Demografia, Sociologia e Psicologia.

Através desses estudos pôde-se observar que os movimentos migratórios mais atuais de latino-americanos no Brasil diferenciam-se daqueles recentemente ocorridos, como o dos chilenos deste trabalho, embora possam ser todos aglutinados na expressão “imigrações latino-americanas contemporâneas”. Daí a importância de caracterizar a especificidade do movimento migratório.

Não podemos deixar de notar também que o Brasil atual não é mais somente “terra de imigração”, mas é “terra de emigração”, com aproximadamente três milhões de brasileiros vivendo fora do país.⁷⁰ Estados Unidos, Paraguai e Japão são, respectivamente, os três países com maior número deles.

⁶⁷ As redes de contatos constituídas entre novos imigrantes e imigrantes de uma geração anterior.

⁶⁸ Estima-se entre 1.200 a 1.500 o número de bolivianos que chegam todo mês ao Brasil. IN: PAIVA, Odair da Cruz. *Imigração de latino-americanos para São Paulo (Brasil): dois tempos de uma mesma história*. (artigo disponível na Internet em: www.memorialdoimigrante.org.br/arquivos/artigofranca.pdf, acessado em novembro de 2009)

⁶⁹ A Pastoral do Migrante é instituição eclesial voltada para a acolhida, orientação e inserção sócio-religiosa dos migrantes, sob as Congregações dos Missionários Escalabrianos que atuam no Brasil. O CEM coleta informações capazes de orientar as características dos fenômenos migratórios, pesquisa sobre as condições em que vivem os migrantes e suas práticas de integração, publica trabalhos e presta atendimento a pesquisadores do assunto, entre outras coisas.

⁷⁰ MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Brasil Fora de Si: Experiências de Brasileiros em Nova York*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

PARTE II

Dimensões

Capítulo 1

História Oral como Alternativa

O NEHO e a sua produção sobre a temática migratória contemporânea

Sediado no departamento de História da Universidade de São Paulo, o Núcleo de Estudos em História Oral (NEHO), fundado em 1991, originou-se a partir dos desdobramentos de trabalhos coordenados pelo professor José Carlos Sebe Bom Meihy, atual diretor do Núcleo e orientador desta pesquisa. Ao longo desses anos, o NEHO promoveu numerosas atividades no campo da história oral: defesas de teses e dissertações, participações e realizações de eventos acadêmicos, publicações de artigos e livros, atendimento ao público interessado e, principalmente, a consolidação de uma linha teórica própria de história oral, através de procedimentos específicos de pesquisa. Gradativamente, tornou-se referência nacional e internacional, sendo hoje considerado um dos grandes nomes em se tratando de história oral no Brasil.

Dentro do grande tema “história oral, memória e identidade”, norteador das pesquisas realizadas no NEHO, os movimentos migratórios contemporâneos podem ser aglutinados num sub-tema de estudos feitos aí, já que foram abordados em 8 trabalhos, conforme demonstra a relação a seguir:

(1) Em “Braços da resistência: antifranquistas em São Paulo. História oral da imigração espanhola”, dissertação defendida em 1995, André Castanheira Gattaz entrevistou espanhóis que chegaram nas décadas de 50 e 60 em São Paulo, analisando quais foram as condições sociais, econômicas e políticas que motivaram centenas de espanhóis a deixarem sua terra natal após a Guerra Civil Espanhola. Para tanto, apresentou e analisou 11 histórias de vida. Posteriormente, o autor teve seu trabalho adaptado e publicado em forma de livro.

(2) Em “Caminhos da Imigração Árabe em São Paulo: história oral de vida familiar”, dissertação defendida em 1998, Samira Adel Osman entrevistou uma colônia de imigrantes árabes, sendo esta dividida em quatro redes: imigrantes árabes muçulmanos e seus descendentes e imigrantes árabes cristãos e seus descendentes. No total, foram apresentadas 11 histórias de vida, sendo quatro imigrantes árabes muçulmanos e três descendentes e três imigrantes árabes cristãos e um

descendente. A autora explicou que ela mesma é descendente de imigrante árabe no Brasil, fato motivador da escolha de seu tema, e que esta descendência facilitou o contato com os entrevistados e o andamento de sua pesquisa.

(3) Em “História oral da imigração libanesa para o Brasil – 1888 a 2000”, tese defendida em 2001, André C. Gattaz estudou o movimento migratório libanês no Brasil, entrevistando os seus diversos grupos religiosos, regionais e étnicos. O autor explicou que ele é neto de imigrantes libaneses e que desde cedo se interessou pela cultura e história árabes, o que o levou a este estudo, sendo a tese resultado de um incômodo por ele sentido ao constatar o amplo desconhecimento da história árabe em geral pela sociedade brasileira.

(4) Em “As moedas errantes: narrativas de um clã germano judaico centenário”, tese defendida em 2001, Sônia Novinsky conta que é psicoterapeuta e que foi atraída para um projeto de história oral por uma cliente, filha de imigrantes judeus que vivia em São Paulo. A autora entrevistou quatro núcleos familiares do clã, totalizando 14 histórias de vida que vão da primeira à terceira geração, e percebeu que o que unificou as narrativas singulares de cada um dos seus entrevistados foram as histórias de fraturas, de “desenraizamentos” por migrações e por cortes com as tradições étnicas.

(5) Em “O Brasil no sul da Flórida: subjetividade, identidade e memória”, tese defendida em 2006, Valéria Barbosa de Magalhães estudou a imigração de brasileiros no sul da Flórida, argumentando que esta imigração se justifica por razões subjetivas, ao lado de motivações político-econômicas tradicionalmente elencadas por outros autores. Para tanto, foram coletadas 40 entrevistas durante um ano de trabalho de campo no sul da Flórida.

(6) Em “Entre o Líbano e o Brasil: dinâmica migratória e história oral de vida familiar”, tese defendida em 2007, Samira Adel Osman estudou a questão migratória libanesa, enfatizando o tema do retorno. A autora conta que essa pesquisa de doutorado é continuidade de sua pesquisa de mestrado, onde ela percebeu que se a preservação dos valores culturais foi uma preocupação constante dos imigrantes entrevistados, retornar ao país também foi intenção de muitos deles. Para tanto, apresentou 48 histórias de vida, divididas em quatro redes: libaneses, imigrantes retornados de primeira geração; mulheres descendentes, segunda geração; jovens descendentes, segunda e terceira gerações; e brasileiras não-descendentes, casadas com libaneses.

Todos estes trabalhos foram orientados pelo professor José Carlos Sebe Bom Meihy, sendo ele também autor de trabalhos dentro deste sub-tema, dos quais destacam-se:

(1) Em “Brasil fora de si: experiências de brasileiros em Nova York”, livro publicado em 2004, Meihy estudou a questão migratória brasileira nos Estados Unidos. Para tanto, realizou 700 entrevistas com brasileiros que foram para Nova York, sendo pessoas de diferentes idades e provenientes de diferentes cidades do Brasil, realizando as mais variadas atividades profissionais no exterior, como cozinheiras, garçons, engraxates, comerciantes, empresários, dançarinas de casa noturna, artistas, estudantes etc. O que impressiona neste trabalho é a grande quantidade de entrevistas realizadas e o fato de todas elas terem sido utilizadas na análise: no total, foram apresentadas 15 histórias de vida, sendo todas as outras narrativas utilizadas através de citações ao longo do livro.

(2) Em “O Estado dos emigrantes: 28º Estado Brasileiro, um mercado de US\$ 60 bilhões”, livro publicado em 2008 por autoria conjunta entre Meihy e Ricardo Bellino, historiador e empresário analisaram o que acontece com os brasileiros que deixam o país em busca do chamado “sonho americano”, enfatizando o potencial econômico desses brasileiros que vivem no exterior e a dimensão do dinheiro que remetem para seus familiares e dependentes no Brasil.

Além da presente pesquisa, inserida no conjunto de movimentos migratórios contemporâneos estudados no NEHO, outra pesquisa em breve deve somar-se àquelas, da pesquisadora Vanessa Generoso Paes sobre a imigração boliviana em São Paulo.

Embora todos esses trabalhos sejam de movimentos migratórios distintos – a imigração espanhola no Brasil, a imigração árabe no Brasil, a imigração libanesa no Brasil, a imigração alemã no Brasil, a imigração brasileira nos Estados Unidos, a imigração chilena no Brasil e a imigração boliviana no Brasil – todos possuem em comum a questão migratória e o estudo desta por meio da história oral.

Procedimentos utilizados

O corpus documental desta pesquisa é constituído de entrevistas de história oral de vida de emigrantes/imigrantes chilenos que chegaram ao Brasil entre as décadas de 1970 e 1990 e que residem atualmente na cidade de Campinas/SP.

Por se tratar de um movimento recente, com personagens vivos, pela possibilidade de se explorar aspectos não revelados nos documentos escritos e pela especificidade de se pensar a sociedade contemporânea, optou-se, para este estudo, pela história oral. Para tanto, foram utilizados os procedimentos de história oral do Núcleo de Estudos em História Oral (NEHO) da

USP, tendo como leitura orientadora duas obras principais: o Manual de História Oral⁷¹ e o História Oral: Como Fazer, Como Pensar.⁷²

Nem todo trabalho com fontes orais é história oral. Para sê-lo, é preciso um conjunto de procedimentos que se inicia com a elaboração de um projeto e que continua com o estabelecimento de um grupo de pessoas a serem entrevistadas, com o fim de formular registros através dos quais é possível promover análises de processos sociais do tempo presente. No caso desta pesquisa, o projeto foi elaborado antes de meu ingresso no mestrado e, como muitos outros projetos, teve de ser refeito. O estabelecimento do grupo de pessoas a serem entrevistadas, porém, já constava em sua primeira versão: emigrantes chilenos que vieram ao Brasil nas três últimas décadas do século XX e residentes em Campinas. Estes são, portanto, integrantes da “comunidade de destino”, da “colônia” e das “redes” desta pesquisa:

Comunidade de destino: é um conjunto de pessoas com destinos em comum, com alguma experiência que os qualifica como grupo, dando-lhes princípios que orientam suas atitudes de maneira a configurar uma coletividade com base identitária. A comunidade de destino é formada de por pessoas com dramas comuns, vividos com intensidade e consequência relevantes.

Colônia: é uma coletividade ampla que tem uma comunidade de destino marcada. A finalidade da colônia é facilitar o entendimento do coletivo que se perderia na abrangência do todo, tornando o estudo viável.

Rede: é uma subdivisão da colônia, sendo a menor parcela de uma comunidade de destino. A rede deve ser sempre plural, porque interessam os argumentos que justificam o fenômeno para cada segmento.

Simplificando, as redes são subdivisões da colônia, que por sua vez é uma subdivisão da comunidade de destino. No caso desta pesquisa, os emigrantes/imigrantes chilenos formaram a comunidade de destino, os membros desta comunidade de destino residentes em Campinas

⁷¹ MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Manual de História Oral*. São Paulo: Editora Loyola, 2005.

⁷² MEIHY, José Carlos Sebe Bom & HOLANDA, Fabíola. *História Oral. Como Fazer, Como Pensar*. São Paulo: Contexto, 2007.

formaram a colônia e desta colônia duas redes foram formadas: uma constituída por aqueles que possuíam alguma ação nos grupos organizados dessa colônia no momento da entrevista e a outra formada por aqueles sem esse tipo de ação.

Além de pertencerem à mesma comunidade de destino e colônia e a redes relacionadas entre si, os entrevistados desta pesquisa têm em comum também o fato de terem interagido comigo numa relação de “colaboração”, sendo por isso chamados de “colaboradores”:

Colaboração: é um conceito importante na definição do relacionamento entre o entrevistado e o entrevistador, porque define uma relação de compromisso entre ambas as partes. A colaboração é sempre uma situação acordada, premeditada, discutida, jamais imposta ou improvisada. Quem fala, o entrevistado, diz o que quer; quem trabalha com a transposição do texto oral para o escrito, o entrevistador, atua de maneira a deliberar as melhores soluções.

O autor da pesquisa é também “mediador”, pois para um bom resultado de sua investigação deve fazer a “mediação” nos momentos de encontro com seus colaboradores:

Mediação: é o papel do entrevistador no processo de coleta de entrevistas, pois ele deve estar treinado para ser hábil e dar bom andamento ao projeto. O pesquisador coloca-se como mediador em vista de uma preocupação acadêmica e social, tentando conciliar preocupações, ouvir diferentes versões e conter possíveis tensões.

Após a etapa de aquisição das entrevistas deve-se passar à etapa de transposição do oral para o escrito, que é a confecção do documento escrito. Esta confecção é etapa trabalhosa e demorada, que requer muita cautela e sensibilidade, sendo desenvolvida em quatro fases: “transcrição”, “textualização”, “transcrição” e “validação”.

Transcrição: é o início da confecção do documento escrito a partir da narrativa do entrevistado, é a transcrição absoluta de tudo o que foi gravado, ou seja, a passagem completa, com todos os detalhes sonoros, da entrevista gravada para a escrita.

Textualização: é a transcrição trabalhada, quando as perguntas do entrevistador, os sons e os ruídos são eliminados e os erros gramaticais e palavras sem peso semântico são reparados em favor de um texto mais claro.

Transcrição: é a “tradução” do oral para o escrito, que não se opera com uma simples transcrição, pois muito do que é verbalizado ou integrado à oralidade, como gesto, lágrima, riso, silêncios, pausas, interjeições ou mesmo as expressões faciais (que na maioria não têm registros verbais garantidos em gravações) podem integrar os discursos que devem ser trabalhados para dar dimensão física ao que foi expresso em uma entrevista de história oral. Trata-se de um ato de recriação para comunicar melhor o sentido e a intenção do que foi registrado durante a entrevista.

Validação: com a finalização do texto, o entrevistado deve ler sua entrevista e fazer as devidas correções, se necessário. Quando ele se reconhece na narrativa apresentada pelo entrevistador, autoriza o uso da mesma e ocorre a validação da entrevista.

Antes de iniciar as entrevistas, porém, e ainda no momento de planejamento do projeto, deve-se selecionar o tipo, o estatuto e o gênero de história oral a serem utilizados no desenvolvimento da pesquisa. Segundo a linha teórica do NEHO, há dois tipos – “história oral pura” e “história oral híbrida” –, cinco estatutos – ferramenta, técnica, método, forma de saber e disciplina – e três gêneros – história oral de vida, história oral temática e tradição oral – que qualificam a história oral. Para o desenvolvimento desta pesquisa, foram selecionados o tipo “história oral pura”, o estatuto de “método” e o gênero “história oral de vida”:

História oral pura: em história oral pura, as análises são feitas apenas a partir da leitura das entrevistas, não há diálogo com outras fontes documentais.

História oral como método: mais do que técnica ou ferramenta, a história oral como método é um recurso que indica um procedimento organizado e rígido de investigação. A história oral como método privilegia os depoimentos como ponto central e de partida para as análises, ou seja, as entrevistas feitas são a atenção essencial dos estudos.

História oral de vida: como o próprio nome diz, é a narrativa da experiência de vida de uma pessoa. A principal característica desse gênero é a subjetividade: os narradores narram suas histórias, que são produto de suas experiências pessoais, e transmitem, além de fatos vivenciados, sentimentos e emoções.

As narrativas de história oral de vida contemplam questões que podem ir de antes mesmo do nascimento do próprio narrador, quando este conta as origens de sua família e de seus antepassados, passando pela infância e chegando até a sua atualidade. Nesse sentido, a história oral de vida é cronológica. Para tanto, no entanto, ela não precisa necessariamente ser contada cronologicamente, pois outra característica desse gênero é a liberdade que o narrador tem para narrar: é ele quem escolhe o que vai contar, como contar, por onde começar e quando terminar, através de “entrevistas livres e abertas”. Segundo esse ponto de vista, não há como comportar questionários fechados e estímulos são preferidos no lugar de perguntas. Obviamente, algumas perguntas podem e devem ser feitas pelo pesquisador, mas nunca confrontando o entrevistado, sempre numa forma dialógica e interativa próprias de uma história oral ética.

A partir de todos esses procedimentos pretendeu-se apreender, além de fatos relacionados ao deslocamento físico entre o lugar de origem e o lugar de destino – o porquê da saída do país de origem e o porquê da escolha do Brasil – quais as subjetividades envolvidas no processo migratório do grupo de emigrantes/imigrantes entrevistados nesta pesquisa: que escolhas tiveram e/ou têm que fazer essas pessoas? Que projetos pessoais tinham? Quais foram e/ou são suas renúncias, seus medos, suas expectativas, suas decepções, seus sonhos, suas ilusões e decepções? Como sentem e/ou sentiram as diferenças culturais? Quais as formas de adaptação? Todas estas questões puderam ser respondidas porque as narrativas vão de antes do deslocamento físico em si – a infância e a vida escolar dessas pessoas no Chile, como eram suas relações familiares e sociais – à vida depois do deslocamento – como foi a chegada ao novo país, quais as dificuldades encontradas, como se deu a organização da vida cotidiana no Brasil.

Último de todos os procedimentos, a “devolução” dos resultados da pesquisa aos seus colaboradores e à sociedade em geral é essencial:

Devolução: diz respeito à devolução dos resultados da pesquisa, aos compromissos comunitários requeridos pela história oral, materializados na publicação à sociedade em geral e aos colaboradores em particular. Assim, ao final da pesquisa, um exemplar do trabalho deve ser entregue a cada um dos colaboradores e outros exemplares devem ser doados a faculdades e instituições interessadas no tema. A devolução compreende também uma história pública em termos filosóficos, isto é, visa apontar possibilidades de políticas públicas importantes à comunidade de destino geradora da pesquisa.

Capítulo 2

A Pesquisa e seu Campo

Apresentação

O desenvolvimento da pesquisa “Dilemas da Construção de Identidade Imigrante: História Oral de Vida de Chilenos em Campinas” pode ser dividido nas seguintes etapas: (1) elaboração do projeto; (2) gravação das entrevistas; (3) estabelecimento do documento escrito: transcrição, textualização, transcrição e validação; (4) análise das entrevistas e (5) devolução.

A elaboração do projeto, primeira etapa do processo, deu-se antes de meu ingresso formal na pós-graduação. Nesta primeira etapa, além dos componentes comuns a qualquer projeto de pesquisa, como tema e justificativa, foram selecionados os procedimentos de história oral a serem utilizados e delineadas a comunidade de destino, a colônia e as redes do trabalho.

O início da gravação das entrevistas deu-se em janeiro de 2008 e finalizou-se em outubro de 2010. Ao longo desses anos, foram gravadas entrevistas com sete colaboradores, emigrantes/imigrantes chilenos residentes em Campinas e que aí chegaram entre as três últimas décadas do século XX, sendo três mulheres e quatro homens. Concomitantemente à gravação das entrevistas, fui trabalhando no estabelecimento dos documentos escritos através da transcrição, textualização e transcrição. Leitura bibliográfica, participações em eventos acadêmicos e trabalho de campo nos eventos da colônia chilena também foram atividades realizadas ao longo desse período.

Validadas as entrevistas, iniciei a etapa de análise das mesmas, que se encontra na parte III deste trabalho. Após a defesa da dissertação e feitas as eventuais correções sugeridas pela banca, pretendo entregar um exemplar do trabalho a cada um dos colaboradores, o que corresponde à devolução material da pesquisa, última etapa do processo. Para a devolução em termos filosóficos, não há um tempo definido e não depende só de mim. Esta deve ocorrer a partir da leitura e reflexão que os próprios colaboradores e demais interessados no tema fizerem do trabalho, o qual possibilita o conhecimento de questões relacionadas a problemáticas atuais da comunidade de destino da pesquisa, como, por exemplo, os direitos dos imigrantes.⁷³

⁷³ Uma discussão mais detalhada sobre este assunto encontra-se na análise das entrevistas.

Percurso das entrevistas

Para iniciar a gravação das entrevistas, pensei em algum possível colaborador que pudesse ser meu “ponto-zero”, ou seja, alguém conhecedor da história do grupo e que pudesse ser um guia, uma referência para outras entrevistas. Por sugestão de minha mãe, que é chilena e conhece vários chilenos da colônia, procurei a senhora Berta Rosas Morales, que além de “ponto-zero”, tornou-se minha primeira colaboradora. Estabelecer o contato inicial com Berta não foi difícil, pois já nos conhecíamos superficialmente e ela mostrou-se bastante receptiva à pesquisa. Berta é integrante da Associação de Chilenos Residentes em Campinas e Região Pablo Neruda⁷⁴ e está sempre presente nos eventos da colônia. Gravamos a primeira entrevista em janeiro de 2008 e uma segunda entrevista em maio do mesmo ano, ambas em seu local de trabalho, no Consulado *Ad Honore* do Chile em Campinas. Profundamente consciente da história de seu país e de sua comunidade, Berta foi uma excelente escolha para dar início à parte prática de meu trabalho, pois ela foi muito receptiva e participativa: além de narrar sua história de vida, emprestou-me material, indicou meu nome para uma rede chilena que existe na Internet, tirou dúvidas por e-mail, sugeriu outros colaboradores e forneceu contatos.

Foi por indicação de Berta que cheguei à segunda colaboradora da pesquisa, a senhora Herminda Mercedez Caamaño, que eu não conhecia ainda. Estabelecemos um contato inicial por telefone e marcamos uma entrevista em maio de 2008, que foi realizada em sua casa. Este dia foi muito agradável, pois Herminda foi uma pessoa muito simpática e sorridente, tomamos uma *once*⁷⁵ após a entrevista e ela apresentou-me a um lindo jardim muito bem cultivado em sua casa e onde estavam duas placas com os dizeres “*Plaza Chile*” e “*Estación Arauco*”, o que achei significativo. Tendo em vista a continuidade das redes, solicitei-lhe que me indicasse alguém para entrevistar: o senhor Luís Eleodoro Merino Román, conhecido como “Lucho”, foi lembrado entre outros nomes, a quem procurei posteriormente para participar da pesquisa.

Em outubro de 2008 uma entrevista foi feita com o primeiro colaborador homem da pesquisa, Alejandro Hormazabal. Assim como Berta, eu já o conhecia um pouco, o que facilitou estabelecer um contato para a pesquisa. Alejandro é integrante da Associação de chilenos de

⁷⁴ Daqui em diante, em alguns casos, usarei somente o termo “Associação de Chilenos” ou simplesmente “Associação”, com as iniciais do nome em maiúsculo, a fim de facilitar a leitura.

⁷⁵ No Chile, é uma das principais refeições, servida entre as 4 e as 8 da tarde, inclui chá, pão, manteiga, queijo, presunto, geléia e *palta* (um patê salgado de abacate), entre outros ingredientes. As pessoas de uma mesma família se reúnem para “*tomar la once*” e em algumas vezes costumam convidar outras pessoas para integrarem este saboroso momento.

Campinas e foi num dos eventos promovidos por essa associação que conversamos sobre a pesquisa e combinamos de fazer a entrevista. Gravamos em sua casa, em um momento especial para Alejandro, pois sua esposa Marcela, chilena que havia chegado há pouco tempo no Brasil, estava grávida de 8 meses. Na despedida, e já com o gravador desligado, ambos me convidaram para uma festa latina a ser realizada na sede da Associação em prol da regularização de sua documentação no Brasil. Posteriormente, através da transcrição, e com a autorização do colaborador, pude integrar esta importante informação à sua narrativa.

A próxima entrevista foi feita com o senhor Luís Carlos Eleodoro Merino Román, que havia sido lembrado por Herminda e citado na entrevista de Berta quando ela narrava suas memórias sobre as primeiras festas pátrias chilenas em Campinas. Conhecido como “Lucho”, ele é uma pessoa muito ativa na colônia, pois foi um dos fundadores e é integrante do grupo *Conjunto Folklórico Raíces de Chile*. O contato inicial com ele também foi estabelecido facilmente, por ser um amigo da família e porque minha irmã, Astrid, também é integrante deste grupo. A entrevista foi feita em março de 2009 em sua casa, com a participação de sua esposa Ília em alguns momentos. Posteriormente, Luís leu e corrigiu minuciosamente sua narrativa.

Em agosto de 2009 gravei duas entrevistas com o senhor Osvaldo Oyanedel. Procurei-o para esta pesquisa porque, assim como o senhor Luís Merino, ele também havia sido citado na entrevista de Berta em suas memórias sobre as primeiras festas pátrias em Campinas e também porque sempre escutei falar do “Osvaldo da padaria” entre vários chilenos da cidade. Eu ainda não o conhecia pessoalmente e o contato foi estabelecido através de meu pai, freqüentador assíduo de sua padaria. Foi neste local que gravamos as entrevistas, sentados no caixa entre inúmeras interrupções de clientes, o que não foi nenhum problema. Quando cheguei a esta padaria, pensava encontrar uma padaria decorativamente chilena, com dizeres e as cores da bandeira do país, pois sempre ouvia falar da “padaria do chileno”. Na verdade, trata-se de uma padaria comum, localizada no centro de Campinas, mas que atrai muitos chilenos da cidade por vender comidas que são típicas do Chile, como *empanadas*, *marraquetas*, *allullas* e *chilenitos*.

Em outubro e novembro de 2009 gravei duas entrevistas que foram particularmente muito emocionantes para mim: uma com minha mãe, Marianne Fernandez Hazeldine, e outra com meu pai, Pedro Francisco Rojas Velden. Atualmente separados, a entrevista com minha mãe deu-se em nossa casa e a entrevista com meu pai deu-se em seu local de trabalho, aonde vou freqüentemente. Obviamente que desde o início da pesquisa eu já havia cogitado a possibilidade

de gravar com meus pais, emigrantes/imigrantes chilenos em Campinas, mas, sem nenhuma lógica aparente, quis primeiro gravar com outras pessoas.

A etapa de gravação das entrevistas havia se encerrado com meus pais quando fui solicitada pelo colaborador Alejandro, em setembro de 2010, para darmos continuidade à sua narrativa, pois ele estava prestes a retornar ao Chile e gostaria de contar as mudanças ocorridas em sua vida desde a sua primeira entrevista, feita em 2008. Gravamos em outubro de 2010, em sua casa. Por serem duas entrevistas em dois momentos distintos, decidi apresentá-las em separado, uma logo após a outra e na ordem em que foram feitas. Assim sendo, há duas entrevistas deste colaborador nesta pesquisa.

É preciso ressaltar que o processo de captação das entrevistas recém apresentado não foi tão simples quanto possa parecer. Pode-se dizer que vários colaboradores não indicaram, quando lhes solicitei, outra pessoa para ser entrevistada, pois geralmente citavam várias pessoas da colônia que eles consideravam interessante de serem entrevistadas, mas não faziam uma indicação direta, tal qual a que a colaboradora Berta fez em relação à colaboradora Herminda. Esta indecisão ou incerteza de indicação por parte de meus colaboradores dificultou no processo de formação das redes.

Houve também, como é comum nos trabalhos de história oral, várias pessoas que procurei solicitando uma entrevista e com as quais não consegui entrar em um acordo. Essas pessoas se comprometeram em me retornar a fim de marcarmos uma data para a realização de uma entrevista, mas este retorno não aconteceu, não sei se por impossibilidade de tempo realmente ou por desinteresse. Ficar no aguardo dessas possíveis entrevistas foi elemento prolongador do tempo da pesquisa, avaliação que só posso fazer agora. Não posso deixar de reconhecer que houve pessoas que aceitaram prontamente conceder-me uma entrevista, mas com quem, por impossibilidade de horário realmente, o encontro não se concretizou.

Na Qualificação do mestrado, realizada em maio de 2010 e cuja banca foi composta pelas pesquisadoras Alice Beatriz da Silva Gordo Lang e Samira Adel Osman, ambas me recomendaram entrevistar também membros da comunidade de destino da 2ª geração. Entendendo como 1ª e 2ª geração os imigrantes e seus descendentes respectivamente, e não os imigrantes de épocas distintas, considerei a sugestão interessante e passível de concretizá-la, mas ao final decidi manter o número de sete entrevistas que já constava na pesquisa e o trabalho somente com membros da 1ª geração. Esta opção foi feita porque, embora consciente da riqueza

de questões que poderiam ser levantadas a partir de um debate geracional, quis privilegiar narrativas que tiveram ação direta no processo migratório em si e nas questões envolvidas em torno dele. Além disso, o tempo mostrava-se escasso e percebi que as sete entrevistas realizadas já estavam plenas de temas interessantes a serem abordados.

Quadro de entrevistas⁷⁶

COLABORADORES	DATA DAS ENTREVISTAS	IDADE⁷⁷	ANO DE CHEGADA	ANOS NO BRASIL⁷⁸	TRAJETÓRIA
BERTA ROSAS MORALES	Jan. e Maio de 2008	61 anos	1978	32 anos	Chile/Campinas/ Salvador/Campinas
HERMINDA M. CAAMAÑO	Maio de 2008	62 anos	1975	35 anos	Chile/Paulínia/ Campinas
ALEJANDRO HORMAZABAL	Out. de 2008 e Out. de 2010	37 anos	1997	13 anos	Chile/Rio Grande do Sul/Campinas/Chile
LUÍS E. MERINO ROMÁN	Março de 2009	66 anos	1975	35 anos	Chile/Santos/ Campinas
OSVALDO OYANEDEL	Agosto de 2009	44 anos	1986	24 anos	Chile/Campinas
MARIANNE F. HAZELDINE	Out. de 2009	55 anos	1978	32 anos	Chile/Campinas
PEDRO F. ROJAS VELDEN	Nov. de 2009	65 anos	1977	33 anos	Chile/Campinas

⁷⁶ O quadro está organizado segundo a ordem cronológica em que as entrevistas foram feitas.

⁷⁷ Esta era a idade que o (a) colaborador (a) tinha no momento da entrevista.

⁷⁸ Contagem feita até o ano de 2010.

Capítulo 3

Histórias de Vida

As histórias de vida que compõem esta pesquisa estão apresentadas de acordo com a ordem cronológica em que os entrevistados chegaram ao Brasil e de acordo com as “redes” que foram formadas.

O estabelecimento das redes deu-se após a percepção de que em Campinas há uma “comunidade” chilena que foi constituída ao longo do processo migratório e que esta comunidade está intimamente relacionada à identidade de suas pessoas envolvidas. Ressalta-se que esta “comunidade” é aqui entendida de acordo com o conceito de “comunidade realmente existente” de Bauman: a comunidade realmente existente é uma coletividade que pretende ser a comunidade encarnada, o sonho realizado, a “comunidade imaginada”, mas não é.⁷⁹

Assume-se, assim, uma diferenciação identitária existente entre os colaboradores desta pesquisa, o que serviu de referência para a organização das redes: a rede I foi composta por aqueles colaboradores que envolveram-se na constituição de uma comunidade chilena em Campinas, e a rede II foi composta, portanto, por aqueles que não se envolveram na constituição dessa comunidade, embora sejam todos membros de uma mesma colônia.

⁷⁹ BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade. A Busca por Segurança no Mundo Atual*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

Rede I:

- Luís Carlos Eleodoro Merino Román
- Berta Rosas Morales
- Alejandro Hormazabal

“Talvez se eu nunca tivesse tido a oportunidade de fazer folclore do Chile, hoje eu poderia me considerar mais brasileiro do que chileno. Mas o fato de estar metido no folclore e na cultura chilena todas as semanas, o ano inteiro nesse baile, então nunca deixei o país de origem longe!”

Luís Carlos E. Merino Román

Meu nome é Luis Carlos Eleodoro Merino Román, tenho 66 anos, nasci no dia 27 de outubro de 1942 em uma cidade chamada *Talcahuano*, na província de *Concepción*, Chile. Passei meus primeiros dias de vida na cidade de *Penco*, pois meu pai trabalhava na *Fanaloza*, fábrica nacional de louça, onde ele foi dirigente sindical. Depois nós voltamos para *Talcahuano*, onde viviam meus avós maternos e paternos, e ali ficamos até 1954 mais ou menos, até nos mudarmos para *Lorenzo Arenas*, onde meu pai havia comprado uma casa.

Na minha adolescência eu voltei a *Talcahuano* para estudar, onde meus primeiros passos na parte técnica foram dados na *Escuela Industrial y de Pesca San Vicente*. Minha experiência aí, onde eu queria ser um metalúrgico, Técnico Torneiro Mecânico, dividiu-se em começar a dirigir, a liderar: eu fui eleito secretário-geral do movimento estudantil dessa escola quando estava no segundo ano do curso técnico. Porém não concluí o meu curso, porque fui convocado pro serviço militar e logo depois comecei a trabalhar, deixando meus estudos de lado.

Eu trabalhava na *Compañía Siderúrgica Huachipato*, uma usina que é líder no mercado nacional chileno de aço, na cidade de *Talcahuano*, e foi nessa época que eu conheci a Ília, minha esposa. A gente foi se conhecendo melhor e começou uma linda história de amor, que se mantém até hoje. Depois de dois anos de trabalho em *Huachipato*, e de namoro com Ília, nos casamos e compramos uma casa.

Com minhas inquietudes de dirigente, eu trabalhava por um partido político chamado Democracia Cristã, do qual fui indicado para fazer vários cursos de sindicalista. Eu nunca quis me filiar formalmente a esse partido porque não tinha a certeza de que ele era o que mais me satisfazia com suas propostas, mas houve uma ocasião que mais tarde me levou a isso: havia um senhor no meu trabalho em *Huachipato* que desafiava os democrata-cristãos, apostando que Salvador Allende iria ganhar nas eleições de 1964 para presidente do Chile. Eu estava recém casado, com muitas dívidas, mas de tanto escutar ele aí gritar e gritar, levantei da cadeira e lhe disse que eu apostava meu salário em Eduardo Frei, candidato da Democracia Cristã, contra Salvador Allende! Ele na hora cambaleou um pouco, mas seus companheiros o animaram e fechamos a aposta por escrito, com testemunhas e com o envelope do pagamento fechado. E ficou assim, que íamos apostar nosso salário. Quando chegou o

dia da eleição eu fui trabalhar e depois fui votar, ele tinha trabalhado de noite, nos encontramos na troca de turno, desejamos boa sorte um ao outro, e à noite soubemos que Frei tinha ganhado! Eu estava na Praça de *Concepción* celebrando com meu pai e com meus irmãos, tocando violão e acordeão, quando meu pai me disse: “já que você ganhou essa aposta, deveria entrar no partido definitivamente”. Mas eu fiquei calado. Então meu salário dobrou naquele dia! Só que como ele era um profissional mais antigo na empresa, o salário dele era maior que o meu, por isso eu acabei aceitando receber menos do que tinha no envelope dele, eu aceitei o que era correspondente ao meu salário. E depois que eu ganhei aquela aposta, comecei a pensar materialmente em entrar no partido, mas ainda assim com um pé atrás, não me filiei. Continuei com minha atuação política sem estar formalmente dentro de um partido, mas sempre identificado com a Democracia Cristã.

Aí vieram cursos sobre sindicalismo em Colômbia, em Santiago, em *Concepción*. E foram se despertando mais coisas em mim sobre esse tipo de trabalho, de ajudar as outras pessoas através do sindicato. Um dia fui indicado pela Democracia Cristã como candidato a um sindicato pequeno dentro de *Huachipato*: ganhei, fui eleito presidente. Depois vieram outras eleições, algumas perdi, outras ganhei de novo. No ano 72 teve uma grande eleição, onde participaram todos os trabalhadores dos escritórios e todos os operários de *Huachipato*, sendo mais ou menos seis mil pessoas no total, e eu fui eleito para o Comitê de Pessoal, que eram os comitês paritários criados por Salvador Allende em 1970. Em 64 Eduardo Frei havia ganhado as eleições para presidente do Chile, em 70 ganhou Allende, e nesse mesmo ano foram criados esses comitês paritários. E lá pelo início de 73, antes do Golpe Militar, eu decidi ingressar de vez no partido da Democracia Cristã. Foi uma grande experiência para mim. Nesse período a parte sindical era mais atendida por Salvador Allende, a gente sempre estava em reuniões com ele, eu conhecia o presidente da República do Chile assim pessoalmente. Tive a oportunidade de estar com ele em três ocasiões em *La Moneda*, o palácio presidencial chileno. Inclusive eu tive uma recepção diferente da dos outros dirigentes, não sei se era mais por piada, mas o presidente sempre a mim me chamava de “camarada”, sabendo que eu era democrata-cristão. E os comunistas e os trotskystas não gostavam, porque diziam que eles tinham saído a pintar muros, tinham saído a

gritar por Salvador Allende, e a eles o presidente lhes dizia “companheiros” enquanto a mim me tratava de “camarada”, isso os deixava com ciúmes e muita raiva!

Depois veio o Golpe Militar e aí eu comecei a ter problemas. Mesmo sendo democrata-cristão, pelo fato de ser dirigente sindical e militante. Até que um dia, depois de duas ou três tentativas de pessoas que eu nunca tinha visto na minha vida e que queriam que eu fizesse parte da nova Central de Trabalhadores que Pinochet estava formando, eu dizendo que não, que ia pensar, que não, que ia pensar... Até que um dia uma pessoa me disse: “é melhor que você renuncie a *Huachipato*, se retire, já que não quer colaborar com o governo”. Aí eu me retirei.

Meu pai ficou muito triste, não sabia o que eu ia fazer, mas não sabia também o porquê da minha renúncia. Então comecei a formar um criadouro de frangos com um amigo, um compadre, começamos a criar pintinhos. Só que o negócio foi mal e o dinheiro começou a acabar. Aí eu pensava na casa, em vender a casa e sair do país.

Por volta de 1968, eu tinha recebido na minha casa um tio de minha mãe que havia estado 30 anos no estrangeiro sem dar notícias pra ninguém da família! Ele me contava sua história, de como saiu do Chile sem contar nada pra ninguém e de repente se viu na Guerra Civil Espanhola lutando contra o ditador Franco, e depois de alguns anos na Segunda Guerra Mundial contra os alemães, e que depois ele foi pros Estados Unidos, lá se casou, formou uma família. Essa história me impressionou muito, me abriu a mente de começar a pensar em sair do país. Mas até então ficou só nisso, só pensamento...

Eu já tinha tido a oportunidade de sair do Chile no começo dos anos 70 para a Austrália, mas não fui. E também tinha me interessado um pouco pela Venezuela, porque quando eu estive na Colômbia num curso sindical para dirigentes cristãos, com a Venezuela ao lado, tive muito contato com venezuelanos. Depois que descartei a idéia de Venezuela, minha intenção era somente Argentina. Mas na Argentina nós chilenos éramos muito perseguidos, você entrava no país e todos sabiam quem você era, o que você tinha feito, porque estava ali. Em duas entrevistas que eu fiz não gostei, não tive a acolhida que pensava ter e não quis mais. E aqui no Brasil já havia familiares da minha esposa, que viviam em Santos. Além desses familiares, havia também alguns colegas do trabalho de *Huachipato* trabalhando em São José dos Campos. Então com

os amigos que eu andava no Chile, íamos sair em quatro de *Huachipato*, decidimos seguir caminho para o Brasil. Foi assim que um dia me vi no ônibus Pluma, viajando pro Brasil.

Nós viemos em três, porque um deles ficou em Buenos Aires. Chegamos em São Paulo era julho de 1975. No dia seguinte fomos pra São José dos Campos conversar com a pessoa que ia ser nosso chefe, mas ficamos desapontados porque os salários eram bem abaixo do que esperávamos ganhar. Aí fomos pra Santos e no meio do caminho meus colegas decidiram que iam voltar pro Chile. Porque viemos pensando “vamos ganhar muito dinheiro e depois de uns cinco anos voltamos pro Chile”, mas aí vimos que o que íamos ganhar era o mesmo que ganhávamos lá. Como eles não tinham vendido a casa deles, resolveram voltar. Eu que já tinha vendido a minha, resolvi ficar. Então chegamos em Santos, fomos atendidos pelos primos da minha esposa e na mesma tarde fomos pra São Paulo. Eu fui pegar minhas malas e voltei pra Santos. Eles voltaram pro Chile, pra *Talcahuano*.

Comecei a procurar emprego em Santos, só que nada resultava, porque a gente vinha do Chile como turista, sem documentação. Aí para poder trabalhar começavam os contatos com pessoas que vendiam documentos, teve uma vez que eu fui parar na Polícia Federal porque andava com uma carteira falsa. Tinha comprado, pensei que era legal! Na época eu paguei 5 mil cruzeiros por uma carteira e o salário mínimo não chegava a 500 cruzeiros. Aí com essa carteira eu saía para procurar trabalho, meio com medo, sem nenhum currículo. Fiquei um par de meses assim em Santos, São Paulo, Santos, São Paulo, Santos, São Paulo... Até que um amigo chileno que estava trabalhando em Campinas, que também era de *Huachipato*, me ligou e disse que nessa cidade era mais fácil de encontrar trabalho, que aqui tinha mais indústrias do que em Santos.

Então eu vim para Campinas, fiquei numa pensão e comecei a procurar trabalho. Era dezembro de 75. Minha esposa cada vez que me escrevia dizia que estava vindo do Chile, que estava vindo, que não agüentava mais. Tínhamos três filhos nessa época, ficavam um pouco na casa do meu pai, outro pouco na casa da mãe dela. Até que um dia ela me disse que já tinha terminado de receber o pagamento da nossa casa e que estava vindo. E eu ainda estava sem trabalho! Oito meses já haviam passado. Eu

cheguei no Brasil em julho de 1975, em dezembro me mudei para Campinas e no dia 12 de fevereiro de 1976 finalmente encontrei um trabalho! A minha esposa e meus filhos chegaram um mês depois, em março.

O mais difícil pra mim aqui no Brasil era a forma de se apresentar nas entrevistas, porque no Chile as pessoas quando vão procurar trabalho vão com sua melhor roupa, normalmente de terno. Então eu via avisos assim de “precisa-se de ajudantes de produção”, aí eu ia, mas ia de terno e gravata, com pasta de documentos de couro, essas coisas. Aí me olhavam e diziam “não, pra você aqui não tem trabalho, você ajudante de produção?”. Até que um dia eu decidi ir de calça jeans, uma camisa e minha carteira. Era para operador de grua, que aqui se chama operador de ponte rolante. Esse foi meu primeiro emprego no Brasil, pouco antes da minha esposa chegar.

Aí comecei a trabalhar, conheci pessoas, comecei a praticar mais o português. Mas o trabalho em cima na grua é solitário, então em agosto eu mudei de empresa, inventei uma história para que me demitissem e recebi o fundo de garantia. E aí eu comecei a trabalhar em Paulínia, onde havia vários chilenos trabalhando. Mas depois em Paulínia teve um corte, como eu era dos mais novos, fiquei sem trabalho. Pelo menos a carteira estava registrada.

Nesse lapso, Ília engravidou da Denisse, nossa caçula. E eu comecei de novo a procurar trabalho, procurar, procurar... Até que um amigo chileno de Paulínia me falou pra ir pra Bahia, que lá teria um trabalho com uma pessoa que ele conhecia. E eu fui. Fui de carona em cima de um caminhão, de terno e gravata, sem conhecer nada da Bahia. Deixei a Ília com nossos quatro filhos, o bebê tinha um mês de vida. Era abril de 77. Lá descobri que eu já conhecia aquela pessoa com quem fui falar e ele me disse que ia me contratar em São Paulo. Então voltei a São Paulo para fazer um teste, só que respondi tudo em espanhol, não sabia escrever em português! Aí a primeira pessoa que pegou a prova não entendeu nada, isso me deu raiva, piquei a prova e fui embora pra minha casa em Campinas.

Muita gente nos ajudou nesse tempo que eu estive sem trabalho – aproveito para deixar uma lembrança especial ao senhor Osvaldo Pereira e aos familiares de Ília

– mais ou menos três meses, com quatro crianças. Graças a Deus nunca nos faltou. O aluguel se atrasou, o que podíamos fazer?

Um dia eu estava conversando com um amigo em casa, que também trabalhava em Paulínia e também tinha sido demitido, eu contando minha história, meu compadre contando a dele, quando de repente tocaram a campainha. Fui ver e era uma pessoa que estava uniformizada, perguntou se eu era o senhor Luís Carlos Eleodoro Merino Román. Eu já pensei que fosse um cobrador, mas era um funcionário da Eletrometal de Sumaré avisando que eu deveria estar lá no dia seguinte. Eu já tinha ido nessa empresa fazer uma entrevista pra trabalhar na produção, de terno e gravata, tinha deixado meu currículo. Então eu fui novamente, cheguei lá oito horas da manhã e me informaram que eu tinha que voltar às duas da tarde, só que eu não tinha dinheiro pra voltar pra minha casa e depois voltar de novo pra lá, por isso resolvi esperar, fiquei na sombra de uma árvore e não comi nada até a hora que me chamaram. Fui entrevistado para um cargo de supervisor, que era Encarregado de Produção. Mesmo eu não conhecendo nada sobre fornos, a área do cargo, o que chamou a atenção da pessoa que me entrevistou é que eu queria trabalhar de noite, de dia, de tarde, o horário que fosse. Quando me disseram pra levar os papéis que iam me contratar, havia um problema: eu ainda não tinha a documentação brasileira. No departamento pessoal me deram um prazo de quinze dias pra entregar toda a papelada. Eu sabia que isso nunca ia chegar! Eu e minha esposa já tínhamos tentado várias vezes arrumar a documentação, inclusive depois com a certidão de nascimento da Denisse, minha filha que nasceu no Brasil, não conseguíamos. Meus papéis sempre voltavam, três vezes voltaram indeferidos, outras tantas me informavam que minha pasta com os documentos estava perdida... E aí eu tinha que fazer tudo de novo, eu pedia licença do trabalho e ia até São Paulo na polícia federal.

Então no trabalho iam me demitir, iam passar os três meses de experiência e não iam me contratar se não chegassem os documentos. Nesse tempo, eu já tinha feito amizade com o engenheiro chefe do setor, o Dr. Edson Mendes Vieira, de vez em quando lhe levava um presente, um vinho chileno, ele sempre falava no departamento pessoal pra esperar mais um pouco. Nesse vai e vem, vai e vem, passou de 1977 a 1982. Em 82, um dia que eu estava trabalhando, me ligaram de São Paulo avisando

que a minha documentação tinha chegado. Dei um pulo dessa altura! No dia seguinte eu fui buscar o meu RNE, Registro Nacional de Estrangeiro, e depois fui até a casa do engenheiro para lhe contar e lhe agradecer, ele ficou mais contente do que eu!

Nas minhas idas atrás da documentação em São Paulo, um dia eu vi que na minha pasta estava escrito “dirigente sindical”. Ainda existia ditadura aqui no Brasil, quando nós chegamos era o governo do general Ernesto Geisel, e tinha o Romeu Tuma que era chefe da polícia federal. Nesse tempo a ditadura era brava ainda. Então eu também tinha medo de conversar de política, por exemplo, quando eu passava num bar era só por alguns minutos, não conversava com ninguém daí, a amizade que eu tinha era com pessoas que iam em casa. No trabalho eu conversava sobre qualquer assunto, menos de política, de sindicato, que a primeira coisa que me perguntavam era isso: o que eu fazia no Chile, por que eu estava aqui. Como eu não sabia com quem eu estava conversando, melhor não falar muito. Uma vez eu passei um aperto dentro do trabalho: a fábrica que eu trabalhava era muito ligada ao exército porque aí se faziam canhões, e numa ocasião eu tive que receber o presidente da república, João Batista Figueiredo, para explicar-lhe o funcionamento de um forno. Enquanto eu estava mostrando o funcionamento de um forno, a sua excelência estava olhando com uns óculos escuros especiais que a gente tinha para as visitas, os quais permitiam observar o aço quente derretendo dentro da lingoteira, eu estava entusiasmado explicando quando de repente alguém cutucou o meu ombro: olhei pra trás e vi um negro de terno preto e camisa branca muito grande, parecia que tinha uns três metros de altura, ele me perguntou qual era a minha nacionalidade. Nesse momento eu não tinha os documentos ainda, estava clandestino. Então em um segundo eu me vi transportado pro Paraguai, pra Argentina, sei lá! Mas não aconteceu nada, eu respondi “sou chileno” e ele mandou continuar. Ufa! Este foi um susto! O Figueiredo era um general mais civil, que havia sido reformado, acho que ele que começou a anistia para todos os brasileiros que até então estavam exilados em outros países, mas nesse tempo expulsavam as pessoas ainda, por isso que eu sofri naquele segundo. Na televisão a gente via alguns casos, por exemplo uma família de argentinos que lhes deram de prazo oito dias pra saírem do país, mesmo tendo filhos brasileiros. Lembro que vários chilenos se imaginavam assim...

Eu trabalhei nesse lugar até 1984, quando saí e comprei um bar-restaurant, que foi o Recanto Chileno. Daí começamos a mostrar a nossa cultura para os brasileiros, os chilenos de Campinas se reuniam aí. Ajudamos muitos chilenos também: talvez quinze, vinte, vinte e cinco pessoas que passaram por aí trabalhando. Aprendiam o idioma e saíam a procurar trabalho em outra parte, porque eu também não tinha condições de oferecer um bom salário. Mas quem passou aí encontrou o apoio que necessitou. Não tinham onde dormir às vezes, não tinham o que comer, chegavam com a passagem somente. Da rodoviária eram mandados pro Recanto. Muita gente chegou lá com a polícia também, conversavam com os policiais e eles diziam “ah, lá atrás do 8º Batalhão tem um restaurante chileno”. E geralmente ficavam trabalhando, ainda que fosse por um prato de comida. Quinze anos durou. Durante todos esses anos a gente fez a festa de Independência do Chile aí, comemorávamos o *Dieciocho de Septiembre*. Em 1999 tivemos que fechar o Recanto Chileno, mas eu e minha esposa continuamos trabalhando aqui na nossa casa fazendo comidas típicas chilenas por encomenda. Fazemos *empanadas, chilenitos, arrollados, pastel de choclo...*

Em 1995, com um grupo de famílias chilenas de Campinas, fundamos o *Conjunto Folklórico Raíces de Chile*. Éramos sete famílias e nossa primeira apresentação foi na Escola de Cadetes de Campinas. Depois da apresentação fizemos um chá no Recanto Chileno, eu ainda tinha o restaurante, e a partir daí começamos a apresentar em vários outros lugares. Foram feitas muitas apresentações, em Campinas, fora de Campinas, muita gente já fez parte desse conjunto: chilenos, brasileiros, uma paraguaia, colombianos. Quando começamos, meus netos eram pequeninhos, tinham entre 5 e 7 anos de idade, e se iniciaram aí dançando *cueca*, a dança típica do Chile. Minha bisneta também já esteve no palco, bebezinha ainda, dentro de um carrinho de bebê! Foi numa apresentação que fizemos no Memorial da América Latina em São Paulo, nesse dia eu acho que foi a primeira vez que subiram ao palco quatro gerações para apresentar o baile chileno no Brasil: estava a bisneta Hermione, a neta Natasha, Luís Antonio que é meu filho e pai da Natasha, e eu! Já existem muitos chilenos de quatro gerações em São Paulo, mas não que dancem em um grupo folclórico. Eu também acho que o *Raíces* foi o primeiro grupo que se apresentou com alegoria, sem ser somente dança. Em uma apresentação que fizemos da Ilha de Chiloé, do sul do

Chile, construímos uma casa e representamos *La Minga*. *La Minga* é uma das tradições mais representativas do trabalho solidário nessa região do Chile, consiste no pedido de ajuda de um vizinho a sua comunidade para a mudança de uma casa de lugar, através de troncos que se colocam embaixo da casa para que ela possa rolar e ser puxada pelas várias juntas de bois. Ficou linda a apresentação! E agora estamos na luta em busca de homens para integrar nosso grupo como dançarinos, que é o que mais falta no conjunto. Porque é muito difícil, pode parecer fácil, mas não é, imagine que os integrantes têm que dispor de tempo para ensaiar todos os sábados, e as apresentações também são aos finais de semana. E este ano fizemos uma reunião com o conjunto da Associação de Chilenos Pablo Neruda, enviamos cartas à prefeitura de Campinas solicitando o teatro do Centro de Convivência para uma apresentação conjunta, estamos esperando a resposta.

Talvez se eu nunca tivesse tido a oportunidade de fazer folclore do Chile, hoje eu poderia me considerar mais brasileiro do que chileno. Mas o fato de estar metido no folclore e na cultura chilena todas as semanas, o ano inteiro nesse baile, então nunca deixei o país de origem longe. Ta longe fisicamente, mas chega o fim de semana estamos aí lembrando da *cueca*, do *baile mapuche*, do *baile de páscoa*, do *sur*, do *norte*...

E hoje estamos aqui! Todos os filhos estão crescidos e casados. Chegamos aqui no Brasil éramos cinco: minha esposa, nossos três filhos Luís Antonio, Patrício Alcides, Marialexi de Pilar, e eu. Cinco. Primeiro vim eu sozinho, depois minha esposa com nossos três filhos. Aqui tivemos mais uma filha, a Denisse Soledad, que é brasileira. Depois vieram os netos e uma bisneta: Natasha Karolyna, Patrícia Alejandra, Beatriz Soledad, Luís Eduardo, Pedro Henrique e Hermione. Então temos quatro filhos, cinco netos e uma bisneta. E os novos integrantes brasileiros: André, Ricardo, Luzia, Bruna e Alexi. Não posso deixar de homenagear minha eterna enamorada que me acompanha já há 45 anos, Ília del Carmen. Esta é minha história, parte de minha história...

“Eu acho que a minha vida de emigrante me ensinou muita coisa, muita coisa nova, e que de repente até agradeço a Deus por isso também!”

Berta Rosas Morales

Meu nome é Berta Rosas Morales. Tenho 61 anos e nasci em *Viña del Mar*, uma linda cidade turística do Chile. Venho de uma família de nove irmãos: quatro por parte de meu pai, três por parte de minha mãe e mais dois por parte de ambos, somos nove. Mas aqui no Brasil estou sozinha, sem eles.

Meus pais se separaram quando eu tinha cinco anos de idade e minha mãe foi para outra cidade, longe de onde eu estava. Só que eu não fiquei nem com ela e nem com meu pai, porque eu fiquei morando com umas tias de meu pai, mas eu via muito mais meu pai que minha mãe, ele sempre estava mais perto, convivi mais com ele. Essa emigração fez inclusive com que eu me aproximasse mais de minha mãe, pois dois anos depois que eu vim para o Brasil ela veio me visitar, aí começamos a conhecer-nos um pouco mais... E é bom, o tempo me fez amadurecer, me fez abrir melhor os olhos, entender as razões, os motivos e viver mais tranqüila, com mais alegria, porque quando a gente é jovem questiona muita coisa. Agora eu estou, graças a Deus, em paz com minha mãe, com minha vida...

Fiz o primário em um colégio de freiras e depois estudei Secretariado no Instituto Comercial. Com 15 anos comecei a dar aula para crianças do pré e a partir disso comecei a fazer cursos técnicos de professora. Lá no Chile nós chamamos o pré de *párvulo*, e tem uma carreira universitária de *Parvulária*, que é uma carreira profissional muito procurada, dedicada somente às crianças pequenininhas de zero à seis anos. Se um dia eu voltasse para o Chile eu gostaria de fazer esse curso.

Eu sempre fui muito engajada com a política lá no Chile durante a minha juventude, eu fui até *presidenta* da ala juvenil do partido da Democracia Cristã. Posteriormente entrei em uma fase de descrença política, saí do partido e nunca mais militei. Mas minhas tendências sempre foram de justiça social.

Aos 22 anos eu casei. O meu casamento foi muito engraçado, foi um casamento escondido! A gente antigamente tinha aquela coisa fixa, eu sempre falo que se tivesse sido uns cinco anos mais pra frente teria tido outra cabeça, mas eu estava numa idade muito difícil de resistir às tentações... Aí eu falei para o meu marido, Patrício, que eu não faria nada a não ser que casasse, e ele aceitou. Mas não queríamos que ninguém soubesse porque meu marido estava estudando na faculdade ainda e também porque éramos muito jovens. Eu acho que ele foi mais corajoso do que

eu, porque no fundo no fundo eu era mais sozinha, a tia que me criou havia falecido, minha avó também, e como eu nunca morei com meus pais, pode-se dizer que eu estava sozinha. Ele não, ele tinha família bem estruturada, o problema era ele, se o pai dele ficasse sabendo. Então a gente casou escondido da família, mas casamos pelo civil, pela igreja, por tudo! Na igreja só tinham duas ou três pessoas, os padrinhos. A costureira que fez meu vestido emprestou a casa dela, quando eu voltei pra trocar de roupa ela tinha feito um bolinho e tinha uma garrafa de champanhe, pra tirar a foto! Foi loucura, só que esse segredo não durou muito tempo!

Antes de sair do Chile eu trabalhava como professora e em escritórios de contabilidade, cheguei a trabalhar meio período em uma escola e meio período em um escritório. Até que um belo dia foi o Golpe Militar e o destino da gente começou a mudar, porque meu marido sim era muito engajado na política partidária e por conta disso ele foi demitido de seu emprego, foi um exonerado político mesmo. Enquanto eu continuei no Chile, ele viajou para outros países, Equador, Peru, procurando um lugar onde pudesse trabalhar. Voltou pro Chile e ficou dois anos em uma empresa que o pai dele tinha certa influência, até a idéia da irmã dele, que já estava morando no Brasil, ir um dia passar férias no Chile e convencê-lo a vir pra cá. Ela falou que aqui no Brasil tinha boas oportunidades de trabalho, que engenharia civil era muito aceita, e ele topou. Foi aí que começou a história do exílio econômico. Em fevereiro de 1978 ele veio para o Brasil sozinho, em maio ele já estava trabalhando em uma grande empresa de Campinas e em junho mandou buscar a gente, eu e nossos dois filhos.

Muita coisa me passava pela cabeça antes de vir pra cá, eu sonhava, tinha pesadelo. Tinha um pesadelo que eu chegava num lugar onde tudo era cimento, cimento, cimento, uma ou outra janela e tudo fechado! As ruas desocupadas, uma solidão tão grande... Era pensamento que se tem durante o dia, porque quando você viaja pro exterior não sabe o que vai encontrar.

Então eu já tinha tido meus filhos lá no Chile quando eu vim para o Brasil, Andréa tinha cinco anos e Alejandro sete, não eram pequeninhos assim que não lembrem de nada. Ficamos na casa de um casal de chilenos que já conhecíamos, Mário Sabathier e Margarita, que era inclusive onde também estava vivendo aquela minha cunhada que nos convidou pro Brasil. Ela que já entendia português me acompanhou

atrás de imobiliárias para alugar casa e me acompanhou a fazer compras. O que eu achei o máximo foi que nós chegamos aqui sem ter ainda a documentação completa e eu comprei tudo: cama, geladeira, fogão, tudo o que precisávamos, parcelado no crediário, com minha carteira de identidade chilena!

E aí vem todo aquele acúmulo de lembranças... Meus primeiros seis meses aqui no Brasil nunca vou esquecer, porque cheguei sem saber uma palavra em português e minha saudade, minha dor de estar longe... Uh! Mais de 30 anos e ainda é tão difícil falar disso, ainda me emociono e choro... Esses primeiros seis meses de exílio forçado foram assim de passar o dia inteiro escrevendo cartas: eu escrevia cartas para toda a família, até para os jornaleiros que vendiam jornal pra mim lá no Chile eu mandava cartões. Era tanta saudade, tanta vontade de estar lá na minha terra, que fazia com que eu fosse uma escritora de primeira linha! Eu mandava cartas de seis, sete páginas, a minha família lá morria de rir de tudo que eu contava nos mínimos detalhes! Mas tudo bem, aos poucos a gente foi se acostumando à nova vida.

No ano que chegamos, em 78, ainda havia ditadura disfarçada aqui no Brasil, pois foi o ano em que Figueiredo foi nomeado presidente e Maluf governador de São Paulo. Para mim pessoalmente chegar a uma ditadura foi indiferente, porque eu repetia pra mim mesma que não era meu país, e eu tinha saído de uma ditadura no Chile que era cada dia mais cruel, coisa que como recém-chegada pude sentir uma certa diferença, imagino que porque eram os últimos anos de um sistema que já tinha usado e abusado demais de seu poder. Lembro de ter participado das missas que o cardeal Dom Evaristo Arns fazia na Catedral da Sé pelos mortos e desaparecidos dos ditadores latino-americanos. Com meu sangue político, que não é difícil de esquecer, vivi e segui com a alma e com o coração a época das Diretas Já, e me dava muita emoção ver que esse povo estava finalmente reagindo e pedindo que acabasse a ditadura. Eu me senti participante desses momentos tão importantes para o país, e quando vi milhares de pessoas unidas pelo mesmo ideal, foi contagiante a alegria e o sentimento de pensar que um dia o meu próprio país pudesse fazer algo assim, o que me enchia de esperanças...

Depois de dois anos morando em Campinas, meu marido foi transferido pra Bahia. Moramos quatro anos em Salvador e foi lá pela primeira vez que encontrei um

Consulado Honorário do Chile, no qual a cônsul era uma mulher muito movimentada, uma mulher que conseguiu fazer com que os chilenos que estávamos lá nos reuníssemos, inicialmente para o *Dieciocho de Septiembre*, e depois fazia chazinho com as senhoras, sempre conversando temas importantes, debatendo nossos conhecimentos para não perdermos nossa identidade. Uma vez por mês, também somente as mulheres, saíamos a jantar em um restaurante de Salvador, os maridos lá fora esperando... Foi uma época bonita, pois somente aí assenti de que poderíamos também em Campinas, porque depois eu tive que voltar pra cá, ter uma comunidade organizada.

Na época que eu voltei pra Campinas, ano 84, já havia aqui grupos de chilenos que faziam jogos de futebol, que organizavam “*Dieciocho Chico*”, “*Dieciocho de Septiembre*”, tudo assim pela vontade das pessoas de estar comemorando nossas tradições. Acho que participei da festa de independência num restaurante que tinha um chileno chamado Luís Merino. Participei também de uma festa em uma chácara organizada por outro chileno, o Osvaldo “da padaria”.

Em 1992, já depois de uma longa experiência, eu fui convidada por uma amiga chilena a participar da primeira reunião para formar uma associação de chilenos em Campinas, hoje chamada Associação de Chilenos Residentes em Campinas e Região Pablo Neruda. A partir dessa data eu nunca mais tirei meu pé de lá, que tem já 15 anos de existência, e acho que nesse tempo eu aprendi tanta coisa sobre o Chile que se estivesse estado lá não teria aprendido! Acho que isso é uma das riquezas do exilado econômico, do emigrante, daquele que sai da sua terra, que começa a valorizar e a ver quanta coisa importante existe dentro da sua pátria.

Então eu pertenço a essa *agrupação* desde que começou, ou seja, sou uma das sócias fundadoras. Nossas primeiras reuniões foram feitas em uma lanchonete de um chileno que ficava no bairro do Castelo, mas que durou pouco tempo porque ele vendeu o local. Aí a gente transferiu para a minha casa, que por sorte naquela época tinha um porão, um espaço bom que deu pra fazer as reuniões pros ensaios do grupo folclórico. Depois de um tempo a gente já conseguiu alugar o primeiro local pra Associação, em frente à linha férrea de Campinas, uma casinha velha que começamos até a fazer reformas para adaptá-la um pouco mais às nossas necessidades. Também

a prefeitura de Campinas nessa época cedeu-nos um lugar na avenida Campos Salles, acho que chamava Casa de Cultura, um prédio velhinho mas que tinha um espaço bom pros ensaios. Depois a gente se mudou para uma casa perto do Bosque dos Jetiquibás, que alugávamos por um preço muito alto, só que conseguíamos pagar porque também montávamos um bazar em que vendíamos roupas usadas baratinhas em frente ao bosque nos domingos. Com o tempo, o aluguel lá nas nuvens, apareceu um chileno com um terreno no caminho para Sousas, distrito de Campinas, que é onde estamos atualmente. E a nossa idéia era comprar esse terreno, mas a comunidade não tem muita consciência de ajudar com a Associação, de pagar uma mensalidade pra colaborar com as despesas fixas: o aluguel, conta de água, luz, telefone. Mês a mês tem que pagar tudo isso e se as pessoas não colaboram, fica difícil.

Quando é a festa da pátria em setembro, de Independência do Chile, aparece muita gente. Eles gostam muito da nossa festa, a gente trabalha como doidos muito tempo antes e no dia nem se vê as caras de tanta correria. Todo mundo vai à festa, “é muito boa, é gostoso vir aqui”, só que durante o resto do ano ninguém se lembra da Associação! Mesmo assim ela se mantém, com altos e baixos, continua em pé. Graças ao esforço de poucos, não são tantos assim. Em Campinas têm muitos chilenos, mas são poucos os que gostam de participar. Durante todo esse tempo, em mais de 15 anos de existência, a Associação sempre tem sido um ponto de encontro assim em que as pessoas chegam e saem, aparecem e se vão, ou voltam pro Chile, ou simplesmente param de ir aí. Mas sempre tem essa rotatividade de gente que vai e volta, de outros que vão em definitivo, de alguns que ficam. Se fizermos uma listagem do pessoal que começou e do pessoal que está agora, teremos apenas uns seis, sete dos que começaram, o resto já não está mais, já cansou, já quer fazer outra coisa em sua vida. O tempo todo tem sido assim, essa rotatividade de pessoas, que acho legal até, acho bom que cheguem pessoas novas, que desfrutem, participem, e que quando cansaram foram embora. Fazer o quê? É o que a gente sempre fala: “Estamos aqui porque queremos. Queremos estar aqui reunidos num domingo de almoço, de confraternização, queremos estar aqui participando para o Dia das Mães, queremos estar aqui fazendo um churrasquinho...”. Agora estamos em plena campanha de ensaios do grupo folclórico, todos os domingos estamos lá, às 10 horas da manhã

começam os ensaios e logo estamos todos reunidos almoçando, sentados numa imensa mesa com gente de todas as idades, onde conversamos, cantamos e rimos, como uma família!

Nosso maior evento na Associação é a festa de comemoração da Independência do Chile, também chamada “*Dieciocho de Septiembre*”. Essa é a maior festa porque tem muita gente que aparece só pra ela. Nós fazemos às vezes uma ceia por mês de sábado e aparecem umas cinqüenta, sessenta pessoas, mas na festa da Independência aparece todo mundo, todos sentem essa necessidade! Lá no Chile são praticamente três dias de festa, igual que o carnaval daqui, porque a independência do Chile foi ganha com uma guerra, o povo chileno lutou muito pra ser independente, acho que por causa desse orgulho da luta que houve é que a Independência é muito, muito comemorada pelos chilenos. Então onde tem chilenos essa festa não pode passar por alto!

No primeiro ano que morei no Brasil, tinha um hotel em Campinas chamado *Holiday Inn* naquela época, *The Royal Palm Plaza* hoje, que tinha como gerente um chileno. E esse chileno fazia um almoço da festa de independência aí no hotel. Lembro que eu e meu marido compramos os convites pra ir, mas não esperávamos a surpresa que tivemos: logo na entrada do hotel estava a banda militar para interpretar os hinos nacionais do Chile e do Brasil! Imagine, eu recém-chegada de lá... Nós choramos, né! Era só começar a cantar o hino e já “pára, não dá pra cantar o hino”! Era muita emoção de estar em outro país e escutar o teu hino nacional, ver tua bandeira subindo pelo mastro. Depois disso, lá em Salvador tinha aquela consulesa que fazia a festa da independência numa chácara, tipo um piquenique, cada um levava o seu prato e ninguém vendia nada, comemorávamos entre as pessoas que participavam. E quando eu voltei pra Campinas, já havia alguns chilenos que organizavam essa festa. Depois, quando a Associação surgiu no ano 92, nós fizemos nossa primeira festa num clube e convidamos o conjunto folclórico Chile Lindo de São Paulo pra vir dançar. Daí pro ano seguinte a nossa agrupação já estava em plena ebulição, com o seu conjunto folclórico nascendo e crescendo, aprendendo as danças, Jorge Pérez foi nosso primeiro professor de dança, um homem muito bom. A festa seguinte foi numa chácara em

Hortolândia, já com o conjunto grande, bem estruturado, com bastante gente tocando e bastante gente dançando. Daí partiu!

Nossas festas pátrias sempre têm sido muito boas, o pessoal que vai à festa vai pra se divertir, assistir uma apresentação do nosso conjunto folclórico, dançar, comer *empanadas*, *humitas*, *pastel de choclo*, tomar vinho, tomar *borgoña*, *ponche*, *cola de mono*, que são comidas e bebidas típicas preparadas para essa data. Em 2007 nós tivemos quase quatrocentas pessoas na nossa sede. E depois que cada agrupação de chilenos faz a sua festa pátria, há uma festa maior em São Paulo, onde se juntam todas as agrupações do Estado, que se chama *Dieciocho Chico*. Nós chamamos de *Dieciocho Chico*, apesar de que deveria ser *Dieciocho Grande*, já que é quando se juntam todas as agrupações que existem no Estado de São Paulo. Essa festa tem sido feita em grandes ginásios, porque conseguem passar durante o dia de seis a sete mil pessoas aproximadamente, claro que aí já têm muitos brasileiros que também se identificam, gostam, já conhecem, e também participam.

Então na Associação de Chilenos de Campinas fazemos tudo isso: ponto de encontro dos chilenos, almoços, festas típicas, a festa pátria em setembro, os ensaios do conjunto folclórico, aulas de espanhol, de português, enfim, todas essas atividades que fazemos em comunidade. E também é pra fazer a exposição da vida e da obra de Pablo Neruda, que é o nosso patrono. Nosso conjunto folclórico se chama Pablo Neruda, no qual eu participo cantando, desde que se iniciou. E este é o terceiro ano que participamos de um Festival Folclórico Chileno no Memorial da América Latina em São Paulo, onde cada grupo folclórico apresenta uma região ou algum quadro alusivo ao Chile. É um teatro maravilhoso, onde conseguimos encher uma parte para novecentas pessoas! Estivemos presentes também nas reuniões no Consulado do Chile em São Paulo, na luta para organizar o *Dieciocho Chico* e outras atividades. Como o espaço que nos cedia o consulado era muito pequeno e o horário limitado, nós fomos percebendo que não dava pra continuar fazendo as reuniões lá, então se formou a Une-Chile. A Une-Chile foi chamada assim, União dos Emigrantes Chilenos no Brasil, porque pretende crescer como entidade. Aí então conseguimos um salão pras reuniões na Pastoral do Imigrante em São Paulo. E neste ano de 2008, nosso Primeiro Encontro de Chilenos no Brasil, com o qual esperamos que surjam muitas coisas concretas para

trabalhar, pois existem muitos projetos importantes, por exemplo, o projeto de uma casa de cultura chilena, o projeto para tratar do tema da terceira idade, o projeto do tema da problemática da previdência social. Nos primeiros congressos, uma de nossas lutas era que muitos dos meninos que nasciam na Europa ficavam apátridas, não eram considerados nem chilenos nem alemães, por exemplo. Essa era uma de nossas bandeiras, e a outra, de direito à voto, porque chileno no exterior não tem direito à voto e eu quero ter esse direito, porque senão você não se sente cidadã de nenhum lugar: não sou cidadã do Brasil porque não voto, tenho minha carteira de imigrante, mas não sou naturalizada brasileira. Não posso votar no Chile porque não moro lá. Já foram apresentados no Senado chileno não sei quantos projetos pelo direito à voto de chilenos residentes no exterior, mas eles não aprovam porque falam que como não moramos lá não vamos saber das coisas de lá. Uma vez até escrevi pra um desses senadores que votou contra, dizendo que na era da globalização, televisão, jornais, internet, existem meios de comunicação que informam as pessoas. Então é para lutar. E nós temos que tentar abarcar tudo: no folclore, na cultura, na literatura, organizar campeonatos de *cueca*, organizar eventos esportivos, somar nossas forças para fazer o melhor! Há também um departamento no Chile que se chama *Dicoex*, dedicado a atender aos chilenos no exterior. E eu acredito que é por aí, unindo forças, mostrando trabalhos concretos, que pode vir algum tipo de ajuda da *Dicoex* para as *agrupações* dos chilenos no Brasil. Algumas coisas estamos conseguindo...

Então a minha exposição em frente de tanta coisa tem sido por isso, porque já tive e tenho a oportunidade de trabalhar pela comunidade chilena. Eu até fui convidada para ir na posse do Ricardo Lagos quando ele foi eleito presidente do Chile. Já viajei duas vezes pra Argentina para congressos de chilenos no exterior, e a última coisa que fiz foi ano passado, quando fui a um congresso sobre imigração em Santiago.

Em 2002 foi criado o Consulado *Ad Honore* do Chile em Campinas. Em São Paulo já existia o Consulado Geral e o Consulado Adjunto, e este de Campinas é uma conexão com o de lá. Quando abriu o Consulado do Chile em Campinas, o senhor cônsul dom Luís Fernando Del Valle, que eu conheço há muito tempo, me convidou para trabalhar na divisão cultural. E nosso trabalho tem sido bom, já fizemos vários eventos relacionados com a cultura chilena. Para a inauguração do Consulado

trouxemos Roberto Bravo, um pianista excepcional que tem no Chile, que se apresentou no Centro de Convivência Cultural de Campinas. A primeira exposição que fizemos também foi nesse local, sobre a vida e a obra de Pablo Neruda. Fizemos uma exposição dos 30 anos da morte de Salvador Allende, no Lago do Café. Além de outras exposições que temos feito na Unicamp, na Pucc, em algumas universidades da região.

Eventualmente, temos alguns casos que não existem dentro de nenhum consulado, que é a parte social. Uma experiência interessante foi quando eu fui no Carandiru com o cônsul adjunto de São Paulo e outras pessoas da Associação fazer uma visita aos presos chilenos. Por um lado foi uma experiência triste, de ver compatriotas presos, por outro lado, rica de conhecimento. Lembro de um rapaz que queria ensinar espanhol pros colegas brasileiros, ele nos pediu pra lhe mandar um método de ensino, e eu mandei para ele um pacote enorme de livros, pra ele ensinar espanhol pros presos no Carandiru. Outro que me chamou muito a atenção, um senhor já de certa idade, que me chamou de lado e falou: “A senhora poderia ligar pra minha mãe no Chile? Falar pra ela que não se preocupe que eu estou bem”. Lembro também de um senhor velhinho que foi transferido do Carandiru para a penitenciária de Hortolândia, na região de Campinas, e que não tinha carteira de identidade. Aí eu e o cônsul fomos até lá tirar fotografias e as digitais dele, pra poder fazer uma carteira de identidade chilena. No natal, íamos aí deixar panetones, deixar coisinhas assim pros presos chilenos. Quando falece algum chileno e chega a notícia até o consulado, mesmo que não seja conhecido, a gente tenta acompanhar. Uma vez eu fui no enterro de um chileno que só estava a esposa, a filha, o filho, e eu. Quatro pessoas. E como eu sempre mando fazer uma coroa de flores com os pêsames do consulado, lembro que o filho pegou a coroa, colocou em cima do caixão e falou: “assim ele fica com um pedacinho do Chile”, porque tinha as faixas com as cores da nossa bandeira nacional. São muitas histórias diferentes... Então no fundo no fundo a gente acaba sendo um pouco aquele labor de assistência social, que às vezes chegam pessoas pra conversar, têm um probleminha aqui, um probleminha lá, e assim é gostoso poder ajudar. Acho que em mim sempre foi de meu feitio tentar ajudar no que eu puder.

Eu também trabalho como professora de espanhol, tenho um espaço para aulas particulares aqui no consulado, já que o meu trabalho na parte cultural é

voluntário. E hoje sou formada em Letras, em 2003 prestei vestibular na Pontifícia Universidade Católica de Campinas e em 2007 me formei! Estou me sentindo super realizada, porque no Chile não tive a oportunidade de fazer faculdade. Graças a Deus também já estou aposentada e nunca sonhei com riquezas e coisas. Um desejo que tenho, se eu ganhasse na loteria, seria montar uma casa de repouso para velhinhos. Levaria todas as senhorinhas chilenas para lá!

Às vezes eu penso que um dia eu quero voltar pro Chile, mas acredito que só quando eu esteja muito velhinha, quando já não possa fazer mais nada. O fato de meus filhos estarem aqui, os netos, são laços que são difíceis de cortar. Mas que eu tenho pensado que um dia vou voltar pro Chile, quando eu estiver muito velhinha, eu tenho pensado. Apesar de que não é por morrer lá, porque de qualquer jeito quero ser cremada, mas até há pouco tempo eu conversava com uma irmã que está nos Estados Unidos e que falou que ela pensa muito em que a gente um dia se junte para tomar chazinho, ir a um cinema, nos visitar em nossas casas, nossos filhos terem mais contato... São essas coisas que me levam a pensar: “será que um dia eu vou voltar mesmo?” Não sei, quem sabe? Nada está decidido. Eu quando que pensei que ia vir morar no Brasil? Jamais passou pela minha cabeça de que um dia eu sairia do Chile pra morar fora, nunca, menos ainda pra um lugar onde eu não sabia uma palavra do idioma. Aliás, a questão do idioma foi uma das minhas preocupações antes de vir pra cá, eu ficava pensando “em que que eu vou trabalhar quando não falo o português?”. Foi uma grande barreira para mim, mas nunca desisti. No ano 85 eu comecei a trabalhar na parte de faturamento no Diário do Povo, antigo jornal de Campinas, até que soube que precisavam de alguém que falasse espanhol na Mercedes Benz, onde trabalhei como secretária de exportação durante 14 anos. Então não estou arrependida, de jeito nenhum. Eu sei muito mais do Chile hoje, estando fora, do que poderia saber estando lá dentro. Sei muito mais sobre tudo o que você perguntar, quanto a lugar, quanto a clima, quanto aos seus prêmios Nobel de literatura... No ano passado foi feito um concurso de *cueca* em São Paulo e o casal vencedor viajou pro Chile para competir com mais 10 países, e o casal daqui do Brasil ganhou o 1º lugar! Os dois nasceram aqui, mas são filhos de chilenos, e foram lá e ganharam o campeonato da dança nacional chilena, isso é um orgulho pra gente, de ver as crianças que nascem fora do

Chile e que conseguem pegar o que os pais estão passando. E inclusive esse que é também nosso intuito na Associação, de poder transferir aos filhos nossas experiências, nossas idiossincrasias, nossas raízes. Temos conseguido com alguns, não com todos, mas sempre há uma sementinha, temos que estar sempre plantando uma sementinha...

A minha vida de emigrante tem sido muito boa nesse sentido, muito rica, mas também até hoje eu penso que tirei dos meus filhos algo que não tem como substituir, que é o carinho da família. Os avós, os tios, os primos... Acho que é uma coisa que todo emigrante tem dentro do coração, de ter privado os filhos dessa convivência familiar. Uma das coisas que dói mesmo é isso de você chegar num país estranho onde não tem ninguém, nenhum familiar sangüíneo, e acredito que foi por isso mesmo que conseguimos formar uma associação de chilenos, uma comunidade, porque aí esses novos amigos passam a ser os tios dos meus filhos e eu passo a ser a tia dos filhos dos outros. Não somos de sangue, mas o fato de sermos chilenos, o fato de convivermos juntos, é como se essa comunidade viesse substituir em parte um pouco a família que a gente deixou. Essa é uma das coisas mais dolorosas pra mim, pensar que eu tirei a convivência de meus filhos com seus avós, quando sempre os avós são tão amorosos e dão o melhor para os netos, eu acho que isso fez falta pros meus filhos. Poderia ser um dos arrependimentos de ser emigrante.

Na realidade, a emigração só me fez bem para crescer como pessoa. Muitas experiências de vida, muita coisa que tive que sobrelevar, que passar por cima. E quando eu viajo pro Chile, eu mato toda a minha saudade, como tudo o que aqui não tem, danço cueca com meus sobrinhos, canto... Na vida tudo é um aprendizado. Eu acho que a minha vida de emigrante me ensinou muita coisa, muita coisa nova, e que de repente até agradeço a Deus por isso também!

“Eu vim pra cá de férias, pra conhecer o povo, ver como é que era o Brasil, e eu me apaixonei!”

Alejandro Hormazabal

Eu me chamo Alejandro Hormazabal, nasci em *Santiago* em outubro de 1972, um ano antes do Golpe Militar. Venho de uma família que são músicos, por parte de mãe, e que por parte de pai todo mundo trabalhava no aeroporto. Eu morei em *Santiago* com meus pais até eles se separarem, daí meu pai ficou em *Santiago* e eu fui morar com minha mãe em *Chillán*, uma cidade no sul do Chile. Eu tinha mais ou menos cinco anos de idade e para mim era uma situação muito estranha porque eu sabia que eles eram separados, mas eu sentia meu pai muito presente, ele viajava todo final de semana pra me visitar, então o final de semana era nosso praticamente, e eu com minha mãe tínhamos uma certa birra entre nós, a gente brigava bastante... Na verdade, o que acontecia é que eu sempre fui meio revoltado, questionador, então pela idade que eu tinha eu questionava muita coisa e minha mãe de repente não sabia lidar com isso. Eu fiquei morando com ela até uns dez anos de idade mais ou menos, até o dia que eu falei pro meu pai "olha, quero ir com você", peguei minhas coisas e fui morar com ele.

Aí eu comecei a estudar em *Santiago*. A primeira escola que eu estudei em *Santiago*, que era pertinho da minha casa, era uma escola enorme! Mas enorme mesmo, mais de dois quarteirões, tinha até um bosque lá dentro. Não tinha luxo, mas tinha estrutura, era como se fossem três escolas dentro de uma, dividida em três locais: pra criançada, pro pessoal da 5ª a 8ª série e pros mais velhos. Dentro da escola você podia andar pela escola inteira, mas por fora cada parte tinha uma porta de entrada diferente. Uma das coisas que eu lembro até os dias de hoje é que era uma escola muito boa e do governo. Depois eu quis mudar dessa escola pra outra que era melhor ainda, o *Colégio Chile*, que era uma escola particular e era outro tipo de ensino, tinha um monte de coisas que a outra não tinha, por exemplo, se naquela primeira escola tinha um computador velho, no *Colégio Chile* tinha uma máquina nova. A especialidade dessa escola era preparar o pessoal pra faculdade, então ela era exigência pura, se você reprovasse ou bagunçasse você tinha muitos problemas, você era expulso da escola, não tinha conversa! E lembro que eu sabia que eu não tinha condições no sentido da preparação para entrar nessa escola, porque não era chegar e se matricular, tinha que passar numa prova, então eu comentei com um professor de Matemática e ele falou para mim "tudo bem, você vai vir todo sábado de

manhã e eu vou te dar aula particular de graça”. Ele era casado com uma professora de Castelhana e esses dois professores iam lá de sábado de manhã na escola e me davam aula pra me ensinar, pra me preparar pra aquela prova. Essa foi a escola onde eu estudei praticamente minha vida inteira e ela era assim: uma escola boa, que eu adorava, uma escola bem gostosa!

Quando eu fui morar com meu pai em *Santiago*, a minha irmã mais nova ficou com a minha mãe em *Chillán*, então ela tem a criação do lado da mãe e eu tenho a criação do lado do pai. Do lado da família do meu pai é uma família meio que italiana, todo mundo junto, todo mundo se ajuda, se alguém precisar de alguma coisa todo mundo faz um mutirão, mesmo que não tenha dinheiro todo mundo dá um pouquinho, e você se abraça, você dá beijo, aquela coisa de toque. Do lado da minha mãe é diferente, é cada um por si e são pessoas que não são de contato. Então eu nunca fui muito próximo da minha irmã, só agora há alguns meses que ela entrou em contato comigo por Internet... Um dia ela falou que estava chateada comigo porque eu não dava muita bola pros meus sobrinhos. O problema é que eu nem conheço os meus sobrinhos, eu sei que tenho sobrinhos, mas ela nunca me mandou uma foto deles, como que eu vou ter alguma coisa? Como eu posso ter sentimento por alguém que eu não conheço, que eu nunca vi? Então ela reclamou, mas ela nunca tinha feito o mínimo que era mandar uma foto dos meninos pra mim. Aí eles falam que eu não tô nem aí com a família, não é que eu não tô nem aí, simplesmente é que eu não tive a oportunidade de conhecer o resto da família. Na verdade, o conflito maior que eu senti foi esse, quando eu chegava lá em *Chillán* eu sentia um choque muito forte por falta de carinho, de interesse, e chegou uma época que eu falei "não vou mais, porque eu me sinto mal", e parei de visitá-los. Por isso que há mais de 18 anos que eu não vou pra lá, há mais de 18 anos que não vejo a minha mãe.

Hoje em dia a gente entra em contato por Internet, usa câmera, mas é aquela coisa, eu não sinto falta porque eu saí muito pequeno do lado da minha mãe. Naquela época sim eu sentia falta, eu queria que ela fizesse a mesma coisa que meu pai fazia quando eu morava em *Chillán*, de ir visitar no final de semana, só que ela não fazia. Então eu senti essa diferença, essa falta de interesse, e era assim, só um cartão uma vez por ano, de natal ou de aniversário. Então eu perdi o contato com minha mãe há

muito tempo e com meu pai eu tenho um contato que é completamente diferente. Completamente diferente! Ele é uma pessoa que foi minha mãe e meu pai ao mesmo tempo, então tem aquela coisa assim de pai mesmo, por exemplo, se eu tô mal não preciso nem ligar pra ele, ele liga à noite e pergunta o que que tá acontecendo, ele fala "eu te conheço, você é meu filho", tem esse contato forte. Existe isso porque eu fui criado com ele, ele que me deu os valores, ele que me ensinou a ser o que eu sou hoje em dia, o que é certo, o que é errado, e ele que me acompanhou a vida inteira praticamente, então é outra coisa, não tenho nem palavras pra falar. Isso tudo apesar da gente estar longe, porque eu não o vejo faz uns 8 anos... Mas agora que vai nascer uma neta dele, minha filha, ele prometeu que vem para o Brasil, não vai poder ficar muito tempo aqui, mas vem!

Uma discussão que eu tinha com a minha mãe era o lado político dela, porque minha mãe casou com um militar. Eu nunca fui assim de freqüentar partido político, mas as minhas idéias eram mais de esquerda e as idéias dela eram de direita. Então, por exemplo, eu chegava lá em *Chillán* de férias e queria colocar uma música de um cantor que era proibido no Chile na época, e eu colocava! O cara chegava em casa, ele tinha um troço, imagina, ele militar e escutando esse tipo de música! Então algumas brigas eram por isso, política entre aspas, não era nada assim tão grave. Mas para se ter uma idéia, minha mãe tinha uma foto do Pinochet na sala!

Essas são algumas lembranças que eu tenho desse período de ditadura no Chile. Lembro da época do *Sí* ou do *No*, que foi a época que o Pinochet fez aquele plebiscito, colocou que *Sí* era para ele ficar ou *No* para ele sair. E era protesto direto, era violento o negócio, aquele cheiro de pneu queimado, o cheiro daquela bomba, você saía pra rua e sentia aquela pimenta ardida, o pessoal desligava a força e você via o helicóptero do exército em cima com um foco de luz procurando alguém fazendo alguma coisa... Lembro das pessoas com aquele medo do exército entrar na sua casa procurando algo, que isso era muito comum, eles entravam na sua casa de madrugada procurando alguma coisa, pegavam os homens e iam embora e nunca mais você via, entendeu? Esse era o maior medo, mas como minha família nunca foi nem sequer de ter leituras desse tipo, livros contra o governo, nada, então a gente não tinha medo de nada porque não tinha nada que temer também.

No ano de 1991 eu vim pela primeira vez ao Brasil. Eu já tinha família em Campinas, um tio e uma tia que moram aqui há mais de trinta anos. Eles vieram na década de 70, mas não foi por questão política, na verdade eles vieram por uma questão de oportunidade, porque naquela época o Brasil tinha um déficit muito alto de engenheiros e meu tio que é engenheiro ele veio, entrou aqui no Brasil e foi muito bem-vindo. Aí eu vim pra cá de férias, pra conhecer o povo, ver como é que era o Brasil, e eu me apaixonei! Adorei o clima, a comida, o povo, aquela mistura de raças, a língua... O idioma é uma coisa que eu já gostava muito, pra se ter uma idéia, eu aprendi português bem antes de vir pra cá, eu escutava uma rádio que era do Rio Grande do Sul só com a intenção de poder entender o português e eu também lia Jorge Amado, que o meu pai tinha a coleção completa do Jorge Amado. Pelo fato de ter família aqui, a gente começou a ter contato com o português. Para mim era um desafio poder falar outra língua, porque eu também sempre gostei muito de estudar idiomas e o português é uma língua que eu gostava muito, e gosto ainda. Então eu fui atrás, aos poucos eu comecei a ler, peguei dicionário, lia Jorge Amado, comprei um "dicionário baianês" pra poder entender o que esse autor escrevia.

Quando eu vim pra cá eu tava na escola ainda, acho que eu não tinha nem 18 anos porque tive que vir com a autorização dos meus pais. E era aquela coisa, primeira vez que eu saía do meu país, eu cheguei aqui no Brasil praticamente sem contar pra ninguém, peguei um ônibus do Chile e desci em São Paulo na rodoviária do Tietê, uma cidade totalmente diferente. Era 23 de dezembro às 8 horas da noite, imagine o que era aquilo, véspera de natal! O Tietê lotado, eu não sabia onde que eu estava parado, eu não entendia ninguém, peguei um ônibus e vim pra Campinas, da rodoviária de Campinas peguei um táxi e cheguei na casa da minha tia, ninguém acreditava que eu tinha feito isso! Com medo, mas eu gostava, então era aquilo que eu queria!

Eu fiquei quase 6 meses em Campinas com a minha tia. Daí eu voltei para o Chile pra terminar a escola, que faltava mais um ano. Quando eu cheguei lá, fui chamado pro exército. O exército foi uma brincadeira de mau gosto! Eu fiquei dois anos servindo, na cidade de *Iquique*, que fica no extremo norte do Chile. Quer dizer: eu cheguei em *Santiago*, me pegaram e me levaram pro norte do país. Eu me

apresentei, fizeram os exames, tava tudo certo, tudo apto, já mandaram comprar uma lista de porcarias e no outro dia eu tava viajando. Foi muito rápido, não deu nem tempo de fazer nada. E na verdade eu não queria ir, mas fui obrigado. Ainda a sorte minha, sorte entre aspas, foi que eu entrei numa época de transição, o Pinochet tava mexendo num negócio, e em vez de ficar um ano só, acabei ficando dois. Mas foi uma experiência boa, eu fui misturado com pessoas que eu não estava acostumado a ver, por exemplo, você perguntava pro pessoal o que que eles faziam antes de entrar no exército e eles respondiam coisas do tipo "ah, eu roubava bolsas na cidade". Eu olhava aquilo e pensava "onde que eu estou?", eu me sentia como se tivesse numa prisão, porque cada um que eu ficava bobo! Tanto assim que no começo eu tive meio que problemas com o pessoal, porque eu tinha os meus costumes, eu gosto de leituras, de teatro, eu gosto de certas coisas que o povo em geral não gosta, isso incomodou um pouco. Então o que que eu fiz: tinha um rapaz lá que era enorme, um gigante, e eu como não sou grande tamanho pensei "aqui vou apanhar". A gente recebia um salário do exército, bem baixinho, e eu recebia também um dinheiro que o meu pai enviava pra mim todo mês, então eu sempre tinha um dinheiro disponível, enquanto eu saía pra almoçar num restaurante o povo ia comer pão na padaria. Como eu me senti meio acuado, eu chamei aquele cara enorme, que era pobre, e ofereci o meu salário do exército pra ele cuidar de mim, não deixar ninguém encostar em mim nem mexer nas minhas coisas... O roubo que eu mais senti lá foi uma fita do grupo Engenheiros do Havaí, "O Papa é Pop", eu acho. Na época era fita, imagina! E eu levei pro exército porque eu gostava, eu queria ter contato com o português e os caras me roubaram, mas o pior é que eles não roubaram a fita por causa da música, eles roubaram simplesmente pra gravar em cima outra música! Então depois que eu fiz aquele acordo, os caras não mexiam mais comigo. Depois você também vai fazendo amizades com o pessoal, vai conhecendo aos poucos, acho que eu também discriminava muito eles no começo, mas lógico que cada um tem seu grupo, sempre tinha os mais bagunceiros, os que aprontavam, e eu não participava dessa turma.

Esses dois anos de exército foram dois anos assim bem difíceis pra mim, porque eu tava longe de Santiago, não podia viajar todo final de semana. O bom que eu fiz foi o seguinte: como eu não queria ficar o dia inteiro fazendo guarda, eu não

queria ficar parado 24 horas por dia cuidando de uma coisa que eu não me sentia à vontade, porque eu era contra o governo, eu fui pedir autorização pra estudar. Falei com o comandante e ele autorizou, ficou sendo meu apoderado. O apoderado é uma pessoa que vai na escola pra ver se o aluno realmente está comparecendo nas aulas, pra ver as notas, pra saber como que funciona. E pra mim era vantajoso estudar porque além de terminar a escola, eu não poderia mais trabalhar de madrugada, que era ficar de guarda. Então durante a semana eu trabalhava no exército de dia, estudava à noite, e no final de semana que todo mundo saía eu tinha que ficar de plantão 24 horas direto. Foi o preço que eu tive que pagar. Mas foi bom, porque eu estudei realmente, era o último ano de escola que faltava para mim e eu terminei, tirei as melhores notas pra ninguém colocar defeito e ainda convidei o diretor do exército pra minha formatura! Isso foi bom porque no segundo ano eu fui trabalhar direto com ele. Quer dizer: eu não usava mais uniforme do exército, eu trabalhava o dia inteiro na rua fazendo tudo o que é papelada, como se fosse um *office-boy*, e eu ficava sabendo das coisas primeiro que ninguém, porque tudo que é papel que tava escrito "secreto" tava na minha mão, secreto pra eles, porque eu lia! O bom mesmo é que eu não tinha que vestir mais aquela roupa e os finais de semana eram livres para mim. Só que durante esse tempo todo eu voltei só uma vez pra minha casa, porque *Iquique* é muito longe de *Santiago*, são quase dois mil quilômetros. Mas a cidade é uma cidade maravilhosa, uma cidade muito boa de praia no norte do Chile, então clima bom, não tem chuva, praia direto, era o lado legal! Depois de tudo isso até que foi bacana porque se aprende a ficar mais tempo longe da família, mas eu acho que foi muito tempo também, acredito que é tempo perdido pra quem está estudando, pra quem já tem coisas na cabeça...

Depois que eu terminei o exército prestei vestibular e fui fazer Comércio Exterior, que a minha intenção era trabalhar com línguas, idiomas. Só que eu descobri que não era aquilo que eu queria, desisti e fui fazer Música. Como eu tinha ingressado por um sistema diferenciado, eu não ia pagar nada, mas também teria que estudar dez anos pra me formar. Só que isso eu só fiquei sabendo no meio do caminho, quando eu já tinha estudado quase três anos de Música, daí eu parei! Meu pai, que já não tinha gostado da minha idéia de desistir de Comércio Exterior, falou:

"agora você vai fazer o que eu mandar", e mandou eu estudar um curso técnico de Ar Condicionado e Câmaras de Frio, porque ele tinha uma empresa nesse ramo. Aí eu estudei o que o meu pai falou!

No dia que eu me graduei, eu fui conhecer o Chile inteiro. Peguei uma mochila, um violão e fui de norte a sul, conheci o país inteiro! Foram seis meses viajando, sem nada no bolso, só tocando em barzinhos pra ganhar o suficiente pra continuar a viagem. Foi uma viagem maravilhosa, porque eu conheci o Chile inteiro! No norte do país foi mais rápido porque é uma região mais complicada, pelo fato de ser fronteira com Peru e Bolívia o povo é muito desconfiado, então ninguém dá carona pra ninguém, é mais difícil. Agora o sul é outra coisa, você esticou o dedo e todo mundo pára, você pode dormir em qualquer lugar. Por exemplo, se eu não tinha onde dormir, eu pedia pra dormir no quintal de alguém com a minha barraca, dormia uma noite, levantava e ia embora. E o povo é diferente, eles te dão café da manhã, é outra mordomia! Conheci muita gente lá no meio do caminho: chilenos, argentinos, brasileiros... E já nessa época eu falava um pouquinho de português, então eu achava o máximo encontrar com brasileiro. Eu fiquei uns seis meses assim, viajando pelo Chile, que é um país lindo. Depois eu voltei pra *Santiago* e comecei a trabalhar com meu pai na empresa dele.

Em 1997 eu vim pro Brasil de novo, pra uma festa de 15 anos que eu tinha sido convidado, no Rio Grande do Sul. Eu acabei ficando uns quatro meses aí, porque eu comecei a acompanhar o pai dessa menina no trabalho, que ele tinha uma casa noturna. Quando eu resolvi que ia voltar pro Chile, liguei pra minha tia de Campinas para me despedir e ela falou "não acredito que você tá aqui no Brasil e não vai vir pra cá", eu falei "mas eu tô sem dinheiro, eu tô voltando porque eu tenho a passagem, mas acabou meu dinheiro", aí ela me enviou o dinheiro pra passagem pra Campinas.

Cheguei em Campinas e já no segundo ou terceiro dia eu fui visitar uma amiga chilena, justamente quando tocou o telefone dela e era uma pessoa de uma escola de línguas da cidade de Capivari, essa pessoa estava procurando urgentemente um professor de espanhol. Aí eu pedi pra ela me indicar, ela me indicou e eu fui lá fazer uma aula-teste. Eu nunca tinha dado aula, peguei um livro, preparei uma coisa, peguei um ônibus sem saber muito, que eu não conhecia a cidade, e fui. Cheguei lá,

conheci a dona, fiz a entrevista com ela e fui contratado. Eu viajava todo dia de Campinas pra Capivari, tinha pelo menos umas duas aulas por dia. Aí eu comecei a investir nesse serviço, estudei pra poder me preparar pra dar aulas, meu pai mandou uns livros do Chile pra mim, e eu descobri que era isso que eu gostava, que eu gostava de dar aulas, entendeu? Eu me sentia à vontade! Foi a partir daí que eu fiquei no Brasil. Eu comecei por aí, fui indo, fui indo, trabalhei uns sete anos nessa escola. Como aquelas aulas não eram muita coisa e eu precisava de mais, eu comecei a trabalhar numa escola de Campinas, no bairro do Cambuí, e o dono gostou do meu trabalho, tanto assim que eu trabalho com ele há mais de dez anos. Depois que eu saí daquela primeira escola, eu tive uma proposta de trabalhar em outra escola de Capivari, uma escola grande e renomada, onde eu estou há uns seis anos. Ou seja, eu estou lecionando espanhol numa mesma escola há mais de dez anos e na outra há seis.

Então em 1991 eu vim pela primeira vez ao Brasil, passar as férias na casa daqueles meus tios chilenos que já moravam aqui. Voltei em 1997 e fiquei. Há 12, 10 anos atrás eu me considerava um imigrante, hoje não. Hoje eu sou mais um, eu sou mais um... É por isso que às vezes eu até fico revoltado com o povo daqui, porque eu que sou de fora faço coisas que o povo deveria fazer e não faz, por uma questão de cultura, por uma questão de costume. Por exemplo, eu já vi muito cara pulando roleta de ônibus pra ir num pagode, mas eu nunca vi pulando roleta pra ir na biblioteca. Então não vem falar pra mim que o governo tem a culpa não, grande parte é nossa também! Por isso que às vezes eu brigo por essas coisas, apesar de que eu tenho plena consciência de que eu não nasci aqui. Quando alguém me discrimina nesse sentido eu tento nem dar muita bola, não esquentar muito. Eu já escutei papos como "você não tem nada que falar, você não é daqui", ou sei lá, "o que que você tá fazendo aqui? Vai pra sua terra", mas são poucos, eu não posso generalizar todo mundo por causa de uns ignorantes. Então eu não dou bola, eu vou pra frente e pronto, não tô nem aí! Eu tô cumprindo o meu sonho. Assim como o brasileiro tem o sonho americano, de morar nos Estados Unidos. Qual que é a diferença: ele vai atrás de dinheiro. Eu não vim atrás de dinheiro, eu vim atrás do povo, eu vim atrás da língua, não queria dinheiro. Então não é uma questão de trabalho, não é uma questão

de dinheiro, que se fosse por dinheiro, sinceramente, o negócio caiu muito. Hoje o negócio tá difícil, cada vez mais difícil, e ninguém te ajuda. Então se fosse por dinheiro eu não estaria aqui sinceramente. O pessoal fala pra mim "Alejandro, por que não Europa, por que não Estados Unidos? Por que veio pra um país tão difícil como o Brasil?", eu falo "porque eu me apaixonei pelo país". É um país que eu acredito, que eu acho que se não fosse por toda essa porcaria política que existe aqui, se realmente fosse sério, esse país teria tudo pra ser Primeiro Mundo. O problema é o que tem por trás disso... Por exemplo, o nível de corrupção do Chile em comparação com o do Brasil é absurdo de diferente! Lá existe corrupção, mas é mínimo. Então aqui é absurdo! Lamentavelmente é assim, mas eu gosto, pelo clima, pelos costumes, pelo povo, pela mistura de raças... O povo brasileiro em geral é um povo muito legal, eu nunca tive nenhum problema com brasileiro, pelo contrário, eu me senti muito bem recebido. O clima é uma coisa que eu gosto muito, porque eu não gosto daquele frio que faz no inverno chileno. A língua eu adoro, que apesar de dar aula de Espanhol, eu fico escutando português o dia inteiro. E o país em geral é um país maravilhoso. Então essa é uma paixão que eu tive desde pequeno e eu falei "é lá que eu quero morar", aí eu vim pra cá e eu acabei ficando aqui, entendeu? Por causa disso que eu vim pro Brasil, porque eu tive contato e me apaixonei pelo país.

Até mesmo a minha intenção sempre foi casar com brasileira, lógico! Eu namorei com brasileiras, morei com brasileira, tava separado da minha última ex-namorada quando comecei a freqüentar o clube dos chilenos, a Associação. Eu comecei a participar e comecei a conhecer o povo de lá, namorei também várias meninas de lá. E depois de um bom tempo eu conheci a Marcela, que é chilena! E foi assim: eu a vi uma vez, acho que foi no aniversário de casamento de um tio dela, ela estava aqui no Brasil para este casamento, e aquela menina me chamou a atenção. Só que eu só tive a oportunidade de conhecê-la só depois de uns dois anos, quando ela veio de novo pro Brasil. Aí a gente foi se conhecendo mais e a gente acabou ficando na praia, numa viagem de final de ano. Depois disso, ela voltou pro Chile e eu fiquei ligando pra ela durante três meses todos os dias, até convencê-la a vir pro Brasil de novo. E agora faz mais ou menos quatro anos que moramos juntos e vamos casar, ela está grávida de uma menina, minha filha!

Agora sim ficar no Brasil vai começar a ser uma questão de dinheiro, porque agora eu vou ter um filho, eu preciso priorizar certas coisas. Hoje a situação mudou, mas ainda é aquela coisa, eu não vim com aquele interesse de ganhar dinheiro e voltar, tanto assim que eu moro aqui há mais de dez anos e eu não tenho nada, eu não tenho casa própria, eu não tenho carro. Pode ser que eu tenha que voltar pra minha terra ou ir embora pra outro lugar onde eu possa pagar as contas e viver em paz. Por enquanto eu não penso em voltar pro Chile ainda, mas a Marcela pensa. Ela sente muita falta de lá, porque ela é muito apegada à família, e a família dela tá toda lá. Eles estão chegando agora para o nascimento do nosso filho, mas todo mundo mora lá. Eu por não ser muito apegado à família, não sinto tanto. Então resolvemos fazer um trato: depois que nascer a nossa filha, vamos ficar mais dois anos no Brasil e daí vamos pro Chile, aí a gente vai decidir se fica de vez no Brasil ou se fica de vez no Chile. Se daqui dois anos o negócio aqui melhorar de um jeito que eu ache que realmente vale a pena, ficamos. Se daqui dois anos eu vou pro Chile e vejo que lá eu consigo ganhar mais, simplesmente ficaremos lá. E como eu gosto tanto do Brasil, posso vir de férias uma vez por ano pra cá. Não vai ser a mesma coisa, mas hoje em dia tem a Internet, tem televisão, pagando você pode assistir a Globo 24 horas por dia, pode ver o jornal... Se Deus quiser vamos ficar aqui, se não vamos onde estiver melhor. É um trato que a gente fez, mas vontade de voltar pro Chile eu não tenho. A não ser que acontecesse alguma coisa muito grave, mas em geral eu não sinto falta, nem da comida, de nada. Eu acho que nasci brasileiro e não sabia! A gente se acostuma tanto aqui no país, que a última vez que eu fui pro Chile eu era gringo na minha terra. Eu era um gringo na minha terra! Eu era chileno, mas pra mim tudo era novidade, por exemplo, o pouco que falava na TV de política, eu não entendia. O povo contava uma piada, eu não entendia. Mas se eu escutasse uma piada do Maluf, eu já ria. Então eu acostumei com o Brasil, com tudo.

Mas eu tenho um lado bem chileno também, que é a minha participação ativa na Associação de Chilenos Residentes em Campinas Pablo Neruda. Por gostar de música, eu sempre participei aí na parte musical, eu toco vários instrumentos e hoje eu sou o diretor musical. Como funciona: durante um ano inteiro, praticamente todo domingo tem ensaio. Todo domingo é sagrado, não tem conversa! Tem que gostar

muito porque é um sacrifício, o povo não entende às vezes, por exemplo, ele vai numa festa e vê uma apresentação de 20 minutos, "nossa, que lindo!", mas ele não sabe quanto esforço e dedicação tem atrás disso. Então a gente se prepara o ano inteiro pra montar quadras de músicas do Chile, pras apresentações, pra poder mostrar pro povo brasileiro o que a gente tem de cultura, de folclore. É uma coisa que eu amo fazer e quando a gente vê que a apresentação deixou o público deslumbrado, isso pra nós já valeu a pena! Na verdade nossa *agrupação* vira uma família, você acostuma a ir todo final de semana pra lá, você sente falta do outro, a gente faz churrasco, brinca, briga, todo mundo gosta! É o único local onde a gente fala a nossa língua, apesar de que tem muitos brasileiros que participam também, então a gente mistura português e espanhol, vira meio que bagunça, mas é o único local onde a gente faz aquilo e faz com vontade mesmo, de mostrar a cultura do nosso país.

Este mês estamos organizando uma festa latina na Associação que é pra arrecadar fundos pra minha documentação, que eu não consegui regularizá-la ainda. Então a gente participa disso, a Marcela que não dançava agora dança, e amanhã a minha filha vai entrar e vai dançar também, vai ser por aí...

“É estranho, depois de 15 anos morando aqui no Brasil, eu vou chegar na minha terra e vai ser tudo novo pra mim: trabalho novo, vida nova, hábitos novos...”

Alejandro Hormazabal

A minha filha, Bruna, nasceu em dezembro de 2008 e foi uma dor de cabeça pra fazer a documentação dela, porque quando ela nasceu eu ainda estava sem meus documentos e o pessoal do cartório não queria registrar minha filha sem que eu apresentasse o meu passaporte. Eles foram um pouco chatos nisso, que por lei ela tem o direito a ter a documentação, mas o cara do cartório queria o meu passaporte e eu só tinha a *identidad*, então eu tive que ligar pra várias pessoas pra me ajudarem, liguei pra Pily, que é uma amiga chilena, e ela foi a única pessoa que conseguiu resolver o pepino. Ela se fez passar por representante público e falou dos direitos humanos, aí o cara liberou, mas mesmo assim eles não queriam registrar a minha filha...

Depois eu também registrei a minha filha no consulado chileno pra ela poder ter a dupla nacionalidade e de fato agora ela já tem as duas carteiras de identidade, a do Chile e a do Brasil, então ela entra no Chile como chilena e no Brasil como brasileira.

Logo que a Bruna nasceu veio a anistia e aí eu fui me recolher, eu e minha esposa, a Marcela, mas tiramos a documentação de “provisório”, porque a anistia não concede a “permanente”. Eu até poderia ter tirado a documentação “permanente” depois que a minha filha nasceu aqui no Brasil, mas como teria que pagar uma multa, eu tirei pela anistia mesmo.

Em dezembro de 2009, a gente foi pro Chile passar o Natal e o Ano novo lá. Fazia 10 anos que eu não ia pro Chile! 10 anos! E as coisas mudaram um pouco... As coisas mudaram um pouco porque de fato, até essa data, o contato com minha mãe era zero, e eu acabei indo pra casa dela, acabei revendo tios e tias que eu não via há mais de 25 anos praticamente, acabei conhecendo todos os meus sobrinhos que eu não conhecia... Olha como que é, a Bruna fez uma coisa muito legal, porque agora o foco é ela, então a relação que eu tinha com a minha família lá do Chile mudou completamente, agora eles estão todos preocupados de como estão as coisas aqui, como que tá indo, como que tá a Bruna, eles mandam e-mail toda semana, mandam fotos... Mudou completamente daquilo que era, de não ter nenhum tipo de contato

passou a ter um contato que é praticamente diário! A minha mãe toda semana pergunta pela Bruna, manda e-mail, pede fotos, então foi um reencontro interessante, até me surpreendeu...

Bom, foi tudo lindo e maravilhoso nossas férias no Chile, mas aí voltamos pro Brasil, voltamos pro trabalho, e o negócio começou a cair, cair, cair, cair... Tanto que na data de hoje nós estamos praticamente voltando pro Chile, pra refazer a vida. É uma coisa que me deixa um tanto preocupado, porque eu moro há 15 anos aqui no Brasil, e eu como turista no Chile é lindo, maravilhoso, mas morar lá, não sei se vai dar certo. Na verdade, eu to indo por uma questão muito simples, não só pelo fato do trabalho, que trabalho eu tenho aqui, o que eu não tenho ainda é a segurança de poder ter um registro em carteira, de poder ter um décimo-terceiro salário, de poder ter umas férias remuneradas, de poder ter esses direitos básicos, porque na área que eu trabalho aqui no Brasil, que é professor de Espanhol em escolas de idiomas, não tem isso, e aí o que acontece: todo ano eu me programo, faço um planejamento, mas chega no final do ano, todo dinheiro que eu juntei, eu tenho que usar nos três meses que eu fico parado, que são os meses de férias escolares. Então eu não tenho como comprar um carro ou uma casa, e isso até que não me incomodava tanto há um tempo atrás, só que agora eu tenho que pensar na minha família, na minha esposa e na minha filha, eu preciso ver o futuro dela. Esse é o motivo da gente estar indo embora pro Chile, é simplesmente por causa dessa insegurança e porque lá eu sei que eu consigo comprar uma casa ou comprar um carro, alguma coisa assim, pelas facilidades que eu tenho lá. No começo a gente vai morar com o meu pai, em Santiago, não vamos ter que pagar aluguel, e acho que vai ser muito bom pra ele também, porque ele lá mora sozinho, então ele vai ficar mais feliz de ter a Bruna do lado dele, de poder ver a neta crescendo. Eu também vou poder trabalhar com ele se precisar, na empresa que ele tem, mas já to mandando currículo pra tudo que é lado, quero fazer outras coisas. O ruim é que eu não sei nem com quanto dinheiro a gente pode viver lá, não tenho nem idéia de quanto que eu preciso ganhar. O pessoal fala “ah, eu vou te pagar X”, eu não sei se isso é bom ou se é ruim, eu to bem por fora. A sorte minha é que eu não vou ter que pagar aluguel, não vou ter que pagar muitas outras coisas, que logo de cara o meu pai vai me dar uma força pra eu poder comprar as coisas rápido, acho que uns 5 anos no máximo já dá.

Nesse intervalo eu tenho que ver se eu vou me acostumar lá, se a Marcela vai se acostumar, se a Bruna vai se acostumar. E senão, a gente vem de volta, não vai ter jeito. Mas aí a gente volta com uma casa na mão, volta com um carro na mão, volta com alguma coisa! Na verdade, eu não queria voltar pro Chile, mas vamos testar, e como a minha esposa, desde que ela veio parar aqui no Brasil, sempre jurou que queria voltar pra lá, então a gente vai.

Uma coisa que eu penso é que no ano da Copa no Brasil eu volto de qualquer jeito! Apesar de que eu odeio futebol, mas eu pretendo voltar só pra ver a farra que vai ser aqui! Então é uma coisa que eu pretendo fazer.

Mas é aquilo, eu to voltando pro Chile com um sentimento assim de pena que eu queria mais, mas eu sei que eu preciso mudar as coisas, então eu vou atrás de tudo que eu preciso e se não der certo eu volto pra cá. Eu volto! O bom é que agora tem uma brasileira no meio, então documento pra mim já não é mais problema, apesar que eu to com o documento de “provisório”, se eu for embora agora eu vou perder o documento, mas se eu quiser voltar, eu posso voltar e pegar o documento.

Vamos ver o que vai dar. Eu não sei, estou com medo! Eu to estressado até demais por causa da viagem, porque eu tenho que entregar esse apartamento, tenho que ir atrás das passagens, não consegui vender todas as minhas coisas ainda... Tem um computador, a televisão, o som, o rack, as coisas da Bruna que são um carrinho de bebê, o berço, um trocador de fralda... São as coisas que eu não vendi até agora, e se não conseguir vender vou ter que doar pra alguém, não sei. Eu to preocupado com a viagem também, vamos ter que ir de ônibus, são três dias de viagem, não vamos poder ir de avião porque tem muita coisa pra levar pra lá.

O pessoal da Associação Pablo Neruda fez uma despedida pra mim no dia da festa do *Dieciocho*, foi bem emocionante, eu chorei até. Eu também pretendo fazer uma festa antes de ir embora lá com a turma, eu não marquei nada ainda, como eu to na correria, eu preciso ver as minhas coisas primeiro, tem que ser antes de novembro, que eu pretendo viajar em novembro, mas se eu vejo que eu dá pra agüentar mais um mês, eu fico mais um mês e viajo em dezembro, só pra levar um pouco mais de dinheiro. Mas senão, eu vou embora rapidinho. A minha tia também voltou pro Chile, mais de 30 anos aqui no Brasil e ela acabou voltando, é assim. Só que é difícil, principalmente pra

quem tá aqui há mais tempo, porque se você tem filhos e se seus filhos casam aqui, se tem netos, daí você não quer largar. Eu acho que na idade que a Bruna tá hoje, com dois aninhos, é uma boa época pra eu poder brincar com esse vai e volta pro Chile, que depois de uma certa época você não pode fazer mais isso. A maioria do pessoal que não vai embora é porque eles já tem tudo aqui, porque abandonar os filhos e os netos não é fácil, então já é um processo mais complicado.

Se você tá bem num local, você não tem porque se mexer, mas quando a coisa não tá tão boa, você tem que tomar uma atitude e fazer as coisas acontecerem, você tem que ir atrás mesmo, lutar. As pessoas são animais de costume. Então não vai ser fácil, mas a gente tenta. É estranho, depois de 15 anos morando aqui no Brasil, eu vou chegar na minha terra e vai ser tudo novo pra mim: trabalho novo, vida nova, hábitos novos... O bom é que a gente tá jovem ainda, dá pra fazer muita coisa, o problema é quanto já se tem 50 ou 60 anos...

Fazer uma mudança dessas não é fácil, porque não tem trabalho, a não ser que você volte com muito dinheiro e monte uma empresa sua, aí já é um patamar. A maioria do pessoal que voltou do exílio, vê se alguém voltou com um carro vagabundo? Todo mundo voltou com BMW, com Mercedez, ninguém voltou com carro popular! Que esse povo sofreu muitos anos lá fora, mas voltaram com dinheiro no bolso, os filhos falam duas, três línguas...

Isso é uma coisa que me preocupa em relação à minha filha, dela perder a língua, o português. Que aqui em casa a minha esposa fala espanhol e eu falo português, e a nossa filha puxa mais pro português! Por quê? Porque ela assiste TV em português, tudo em português. Então ela não fala “*mamá*”, ela fala “mãe”. Ela não fala “*papá*”, ela fala “pai”. Mas se você falar com ela em espanhol, ela entende, ela sabe o que você tá falando. O que eu não queria é que ela perdesse a língua, então eu tô pensando em instalar alguma tv à cabo lá no Chile com algum canal do Brasil pra ela continuar assistindo. E eu vou continuar falando português com ela a vida inteira!

A única coisa que eu queria é que minha filha nascesse aqui no Brasil pela possibilidade dela no dia de amanhã estudar aqui, fazer uma Unicamp, alguma coisa assim. Mas também, chegando uma certa idade, se eu vejo que ela tem condições de estudar lá, eu prefiro que ela fique lá. Eu não vou esconder nunca pra ela o fato dela

ser brasileira, agora minha mulher eu não sei, ela tem medo, acho que ela esconderia um pouco, pelo fato da Bruna algum dia falar assim “vou embora pro Brasil” e largar dela, é por isso, não é pelo fato dela ser brasileira, é pelo fato de um dia ela chegar e falar assim “pai, eu sou brasileira e vou lá”...

Rede II:

- Herminda Mercedes Caamaño
- Pedro Francisco Rojas Velden
- Marianne Fernandez Hazeldine
- Osvaldo Oyanedel

“Como não necessitei sair a trabalhar, mantenho uma vida como se sempre tivesse vivido no Chile!”

Herminda Mercedes Caamaño

Meu nome é Herminda Mercedes Caamaño, tenho 62 anos, dos quais faz 33 que estou vivendo no Brasil. Eu nasci em *Concepción*, cidade que fica ao sul de Santiago do Chile, no dia 2 de dezembro de 1946. Fui criada em um lugar muito bonito de *Concepción*, chamado *Parque Ecuador*. Tive uma infância muito bonita e uma adolescência bonita também, só que devido a mudanças de governo meu pai ficou sem trabalho e por isso a situação foi um pouco mais difícil na época da minha adolescência. Mas somado a tudo isso, já tínhamos um terreno, para onde nos mudamos e construímos uma casa, e assim seguimos vivendo em outro bairro.

Meus estudos foram feitos no Instituto Comercial, mas eles foram interrompidos quando eu me casei, aos 18 anos. Tive meu primeiro filho quando eu ia fazer 19 anos, o segundo aos 20 e a terceira aos 22. Os três nasceram no Chile, em *Concepción*. Meu marido, Raul, também é dessa cidade.

Com o tempo, novas mudanças bruscas de governo aconteceram e a situação foi ficando difícil no Chile, o que influenciou no trabalho de meu marido. No começo dos anos 70 já começamos a pensar em migrar, e ele entrou em um plano de emigração para a Austrália. Quando já estava tudo certo para irmos, saiu eleito presidente no Chile o candidato de meu marido, Salvador Allende, e decidimos ficar, imaginando que haveria uma melhora na situação laboral do país, acreditando que seria “*la solución para el trabajador*”. Mas não deu certo, não aconteceu o que esperávamos. Ao contrário, foi piorando...

Então perdemos a oportunidade de ir para a Austrália e começamos a pensar em algum país latino-americano. Pensamos no Equador e na Venezuela, que na época estavam bem. Só que estes dois países não nos davam segurança de permanência, primeiro teríamos que migrar como turistas e só depois saberíamos se a nossa situação se estabilizaria. Tentando encontramos o Brasil, que tinha bastante fonte de trabalho disponível nessa época e por isso estava recebendo migrantes.

Meu marido foi um dos primeiros que ficou desempregado no Chile depois do Golpe Militar. Ele era soldador, trabalhava no pólo petroquímico de *Concepción*, e esta era uma das profissões que apareciam nas listas dos consulados e embaixadas do Brasil. Como ele tinha um curso técnico, saímos com visto de permanência do Chile para cá, e isto foi o que nos deu segurança. Meu marido tinha essa preocupação, ele

não queria sair do Chile com sua família e chegar a um país desconhecido sem essa tranquilidade, principalmente no Brasil que o idioma era diferente.

Ele veio pro Brasil antes de mim, com três colegas, foram pro Rio Grande do Sul, onde havia uma proposta de trabalho. Ficou três meses trabalhando lá e não gostou, então ele voltou pro Chile. Ele veio no ano 74 e voltou em janeiro de 75 pensando que as coisas poderiam ter melhorado em nosso país, mas não.

Então ele voltou pro Brasil. Neste retorno, ele tinha a intenção de ir trabalhar na Bahia, mas ele encontrou em São Paulo alguns colegas de seu antigo trabalho do Chile, houve um êxodo de trabalhadores do pólo petroquímico de *Concepción*. Estes colegas o convidaram para trabalhar em Paulínia, cidade ao lado de Campinas, em uma empresa norte-americana. E foi aí que ele conseguiu um emprego, onde trabalhou 23 anos de sua vida. Por esse motivo estamos vivendo aqui em Campinas, porque nos estabilizamos, deu certo realmente. Acho que se tivéssemos ficado no Chile, não teríamos conseguido o que temos hoje.

Para mim não é difícil estar em outro país, porque nós já decidimos ficar aqui no Brasil, e na realidade este foi o segundo país que nos recebeu, nos acolheu bem, e onde realizamos muitas coisas que é provável que no Chile não teríamos realizado. Realmente acho que lá não teria dado certo, não havia trabalho na área de meu marido, coisa que ele conseguiu aqui. Eu lamento que perdemos a Austrália, pois acreditávamos que o novo governo, da Unidade Popular, ia conseguir independizar o Chile, uma idéia um pouco ilusória, coisa de jovens que éramos na época. Acreditávamos que a mudança de ideal e de política poderia melhorar a situação do nosso país, mas não sabíamos os bastidores, o que estava por acontecer. E quando veio o Golpe Militar de 73 não ficou nada, as pessoas todas migraram, pelo menos da área que trabalhava o meu marido, então ficou tudo desorientado, cada um saiu pra um lado! Lembro que muita gente foi pro Canadá, a outra opção na época, e nós viemos pro Brasil. Não foi escolhido, mas uma opção que tivemos, e foi onde deu certo nas condições que meu marido pretendia, sair com o visto e vir trabalhar tranquilamente, sem problemas de documentação.

Meus filhos chegaram pequenos aqui, o Ivan, que é o mais velho, tinha 10 anos, o Michell tinha 8 e a Milarka, 6. Para meu gosto, eles se adaptaram bem! Lembro que

chegamos numa quinta ou sexta-feira, não sei direito, e na terça-feira eles já estavam na escola. Eu não sabia falar nada em português e fui atrás, perguntei onde tinha uma escola próxima e fiz a matrícula deles, numa escola estadual. Meus filhos contam que na hora do recreio era a metade do tempo eles falando em espanhol e a outra metade do tempo os outros alunos tentando entender-lhes, e que voltavam para a sala de aula sem conseguir entender o que diziam um ao outro! Hoje eu dou risada, mas na época não pensei que eles pudessem ter esses problemas, como se simplesmente mudar de um país para outro fosse uma mudança natural. Eles devem ter sentido a mudança, mas não se notou. Não se notou e já no segundo semestre que estavam aqui tinham um grupo de seguidores, porque como eram os únicos estrangeiros que chegaram nessa escola, bonitos e *habladores* que eram, chamavam a atenção!

Dentro de minha casa eu sempre mantive o idioma espanhol, aqui somente se *habla*. Meus filhos *hablan* e falam perfeitamente, enquanto eu fiquei nesse impasse: entender em português eu entendo, mas sempre preferi *hablar* do que falar, porque o falar fica como um castellano mal *hablado*. Há também a idiossincrasia das pessoas, que nos leva a isso, a questionar sempre, porque a idéia em geral dos chilenos é que somos os melhores, e a realidade não é essa, só que eu achava que era importante manter as raízes. Durante todo esse tempo eu mantive também as comidas que tínhamos lá: sempre faço *cazuela*, *carbonada*, *pastel de choclo*, *picarones*... e todos em casa adoram! Nesse aspecto minha cabeça é mais chilena ainda... Eu praticamente sempre estou pensando em comida chilena, nos hábitos chilenos, até a forma que eu criei os meus filhos foi da maneira que se costumava fazer lá!

Geralmente eu penso ainda nos anos 70. Não que eu vivo nos anos 70, mas que eu mudei de casa somente. Como não necessitei sair a trabalhar, mantenho uma vida como se sempre tivesse vivido no Chile! E sempre gira em torno disso, se dirão que eu só faço as comidas que gostamos os chilenos, não é verdade, eu também faço comida brasileira, sempre tem o arroz e o feijão para os meus filhos, afinal eles sim entraram no ritmo brasileiro: meus filhos cresceram, saíram a trabalhar, se casaram com brasileiros, então alguns hábitos também mudaram.

Sou eu quem tento manter na minha casa a forma de ser do Chile, como meu marido também é chileno, sempre foi a nostalgia! E é uma coisa consciente, não é algo

porque tem que ser assim, mas é porque gostamos. Inclusive pode ser que às vezes eu tenha sido um pouco intransigente em algumas ocasiões, como com minha nora e com meu genro, que são brasileiros, mas eu lhes disse: “você que escolheu meus filhos, então você terá que entender-me!”. Eu não prestei atenção que estava impondo certas coisas a eles, à minha nora principalmente, por exemplo quando ela tomava *té* comigo em dias super calorentos! Mas também eu acho que é interessante para eles conhecerem uma cultura diferente, para meus netos principalmente, e se eles não *hablan*, entendem, porque eu em minha casa realmente não falo, eu só *hablo*.

Eu voltei a estudar aqui no Brasil, fiz tudo de novo o que eu já tinha feito no Chile, cursei o supletivo do primário ao secundário e com boas notas! Também gostaria de ter feito uma faculdade, eu cheguei a prestar no Chile a prova de aptidão acadêmica no ano anterior à vinda ao Brasil, ia fazer o curso de Oceanografia na *Universidad de Concepción*. Sempre fui inquieta em aprender, sempre fiz cursos disso e daquilo, sou até instrumentadora cirúrgica!

Assim é como foram andando as coisas, conseguimos comprar uma casa, criamos os filhos, vieram os netos... Já vivemos em outras cidades, mas Campinas sempre foi acolhedora e foi onde fomos ficando. Acho que tivemos sorte também, meu marido sempre foi um bom homem, trabalhador, responsável, isso ajudou. E falando em termos econômicos, eu tenho quase certeza que não teríamos conseguido no Chile o que conseguimos aqui. Nesse aspecto o Brasil tem sido um país generoso conosco, as pessoas são muito receptivas, acolhedoras, eu acho que os brasileiros são muito abertos e por isso eu considero muito o povo brasileiro em geral.

Hoje eu não penso em voltar a morar no Chile. Eu sempre dizia que se eu voltasse, iria para o norte, por causa do tempo frio do sul, de onde eu vim, que sempre fez mal para minha saúde. Estamos sempre viajando pro Chile e às vezes no inverno, mas acho que não me adaptaria novamente ao frio. O clima do Brasil me conquistou, entre viver aqui ou no Chile, eu diria mais aqui.

No fundo eu me sinto um pouco dividida, é tão natural, ou seja, eu sou chilena mas sou um pouco brasileira. Não sei se posso dizer brasileira, mas eu não me considero uma imigrante. No dia que saímos do Chile sim, pela situação, foi uma migração que tivemos. Só que eu nunca me senti fora de casa, viemos para cá e

seguimos vivendo normalmente. Como meu marido já chegou empregado, eu simplesmente ficava em minha casa, não tinha aquela obrigação de ter que dar-me a entender a outras pessoas, eu seguia a vida naturalmente dentro da minha casa. A vida social era restritiva também, no começo não tínhamos outros conhecidos na cidade que não fossem alguns chilenos, e todos sempre *hablando* somente! Inicialmente eu saía com o meu marido, que já tinha estado aqui três meses sozinho primeiro, que já conhecia o supermercado e várias coisas. Depois aos poucos eu fui saindo à cidade, conhecendo, ia sozinha ao supermercado, fazia as compras e sabia que tinha que pagar tanto, não foi difícil desenvolver-me. Hoje estou completamente adaptada.

Para mim foi bonito vir pra cá, uma experiência, nunca nos arrependemos. E assim se foi passando o tempo, faz já 33 anos que vivemos aqui. A idéia quando viemos pro Brasil era ficar uns 5 anos e voltar. Não foi o que aconteceu, fomos ficando e nos adaptando, então realmente nossas raízes vão ficar aqui...

“Metade de minha vida está em Campinas, estou com 65 anos e cheguei aqui com 30, acho que sou um pouco mais campinense que santiaguino, meu coração tá dividido!”

Pedro Francisco Rojas Velden

Eu sou Pedro Francisco Rojas Velden, tenho 65 anos, vou relatar um pouco de minha história de vida aqui no Brasil.

Eu nasci em novembro de 1944, nasci em *Santiago* do Chile. Na realidade eu nasci em *Las Condes*, um povoado que ficava perto da cidade de *Santiago*. Hoje em dia isso tudo já se juntou, *Las Condes* agora é um bairro, *una comuna*, mas naquela época era um povoado pequeno, não tinha ônibus nem locomoção pra esse lugar. Minha infância foi muito boa, porque minha família vivia num lugar muito agradável, numa casa muito grande, como se fosse uma chácara, que o meu pai era caseiro. Não era bem uma chácara, no Chile nós chamamos de “*parcelas*”, era um lugar com muitas árvores frutíferas e muito jardim. Então eu tive uma infância muito tranqüila, fui muito bem alimentado com frutas e comidas naturais, mas também tinha poucos amigos porque as casas aí eram muito distantes umas das outras.

Meus estudos foram feitos em escola pública e eu morei nesse povoado até meus 14 anos de idade, depois eu tive que sair desse lugar porque não havia aí escola secundária, então tive que ir morar com uma tia em Santiago, a tia Maria, que é muito recordada porque me hospedou em sua casa. E aí fiz meus estudos secundários.

Aos 17 anos eu me apresentei no serviço militar do Chile, me apresentei voluntariamente e gostei muito de ter feito serviço militar. Este serviço durou quase um ano e saí de lá com um grau muito bom, de cabo reserva. Eu poderia ter seguido carreira, ter seguido o curso da Escola de Cadetes, porque prestei uns exames de conhecimentos gerais e ocupei o primeiro lugar nesses exames, mas meu pai não tinha situação financeira para custear o curso. Foi muito boa também essa época, muito bom o serviço militar no Chile.

Antes de entrar no exército eu já trabalhava como operário em uma fábrica de pisos de madeira, depois eu prestei o serviço militar e depois voltei a trabalhar, eu trabalhava de dia e estudava à noite, fazia faculdade. Eu cursei a faculdade de Engenheiro Projetista, estudava na *Universidad Técnica del Estado*, que era uma universidade estatal e que hoje é a *Pontificia Universidad Católica de Chile*. Só que eu não terminei a faculdade, faltaram dois anos para eu terminar e por causa do Golpe de Estado que houve em 1973 eu perdi toda a minha documentação, as faculdades foram

incendiadas pelos estudantes e pessoas de esquerda, que eram contrários ao Golpe. Os estudantes de esquerda queimaram muitas universidades naquela época no Chile.

Mesmo sem terminar a faculdade, vim para o Brasil trabalhar nessa área, que aqui no Brasil o que mais valia nessa época era a experiência e o conhecimento que as pessoas tinham, sem comprovação de papel. Lá no Chile eu era especialista em transformadores de força e eu sempre trabalhei numa mesma empresa, onde eu sempre me mantive na liderança, no top da área que eu trabalhava. Eu tinha tanto conhecimento nessa área que eu nunca fui mandado embora, independente do meu pensamento político, tanto com o pessoal de esquerda, que começou a comandar a firma, quanto depois com o pessoal de direita, porque na época depois do Golpe era muita mudança de diretoria, de engenheiros, durava um tempo cada um, mas eu era encarregado da área de projetos e dessa empresa eu não era demitido porque ninguém tinha o conhecimento que eu tinha. Chegavam os engenheiros novos na firma, era eu que ensinava eles! Aí um amigo meu, que já trabalhava no Brasil, me indicou. Por meus conhecimentos e experiência que eu tinha, a firma me trouxe, era uma firma de Jundiaí que se chamava Tusa.

Então eu já vim empregado de lá do Chile, com a documentação feita e a passagem de avião e estadia tudo pago pela empresa que me contratou no Brasil. Os caras aqui não tinham conhecimento, eu sabia mais que todo mundo, o meu salário era muito alto! E no Chile eu não estava desempregado nessa época, eu trabalhava numa grande empresa que era concorrente dessa daqui do Brasil, e eu estava bem lá, era encarregado de projetos da área de transformadores, já tinha meu apartamento e um carro zero, já tinha uma condição de vida razoável.

Não vim pro Brasil por necessidade ou por novas perspectivas, vim mais por aventura, um desafio pessoal. Não enriqueci, acho que se tivesse ficado no Chile eu estaria hoje da mesma maneira que estou aqui no Brasil, ou seja, na mesma condição econômica e social.

Eu trabalhei um tempo nessa firma de Jundiaí e depois eu recebi uma proposta de uma firma daqui da cidade de Campinas que dobrou o meu salário, daí eu vim para Campinas. Trabalhei três meses aqui e consegui um mês de férias pra ir para o Chile

pegar a minha esposa, com quem na época eu não era casado ainda e com quem eu casei e tive três filhas depois: a Astrid, a Karina e a Vanessa, todas nasceram no Brasil.

Então eu vim para Campinas por oportunidade de trabalho e gostei muito, me acostumei muito aqui e não trocaria Campinas por São Paulo nem por outra cidade. Metade de minha vida está em Campinas, estou com 65 anos e cheguei aqui com 30, acho que sou um pouco mais campinense que santiaguino, meu coração tá dividido!

Em Campinas tem uma colônia chilena que se reúne bastante, mas eu só participo de vez em quando, gosto de ir em grandes eventos como as *fiestas pátrias* ou os jogos da Copa, que o pessoal se encontra num lugar pra torcer pela seleção chilena quando tem jogo!

Quando vim para o Brasil eu comecei tudo do zero, vendi o que eu tinha lá no Chile e cheguei aqui com duas malas debaixo do braço. Fui para Jundiaí e numa semana fiquei num hotel que valia x, na outra num hotel que valia x-2 e depois num que era x-3! Depois a firma me ajudou muito pra conseguir uma casa e comprei a casa onde hoje moram as minhas filhas e minha ex-mulher.

Assim que eu vim pra cá, achei a acolhida no Brasil muito boa com o pessoal de fora e por isso não senti nenhuma diferença muito especial entre os dois países, eu me senti em casa e até hoje estou acostumado. Se alguém me fizesse uma proposta pra voltar para o Chile, eu pensaria cinco vezes.

Eu tenho dois irmãos: a Emília, que mora no Chile, em *Santiago*, e o Eduardo, que até bem pouco tempo atrás morava na Austrália, ele morou muitos anos na Austrália e recentemente voltou para o Chile. Esse meu irmão também saiu bem jovem do país, mas ele saiu antes de mim, na verdade eu fui o último a sair de casa, porque eu não queria deixar a minha mãe sozinha. Eu já tinha tido vários convites de trabalho para outros lugares, nos Estados Unidos, por exemplo, mas eu ia postergando minha decisão por causa de minha mãe que iria ficar sozinha, só consegui sair depois que ela começou um novo romance e conseguiu uma nova companhia. Uma dor muito grande que eu tive e sinto até hoje foi quando minha mãe faleceu, eu estava no Brasil e tive que fazer uma viagem repentina para o seu enterro no Chile...

Com a crise econômica entre 1982 e 1983 no Brasil, fui demitido e comecei a trabalhar como autônomo em negócios diversos. Depois de um tempo voltei a trabalhar

em empresas, trabalhei na GE em Campinas, que fabrica locomotivas. Também passei a trabalhar em São Paulo, numa fábrica de transformadores, até 1987 mais ou menos... E a partir daí só trabalhei como autônomo, atualmente trabalho no mercado de compra e venda de materiais para indústrias e comércios, e estou esperando a minha aposentadoria. Acho que tenho direito à aposentadoria no Chile e no Brasil, pois trabalhei nos dois países, é um pouco complicado, mas estou fazendo os trâmites para tanto.

No Brasil me separei do meu primeiro casamento e conheci minha atual mulher, a Tânia, que é uma pessoa muito boa e com quem tive um filho, o Caio, que já tem 15 anos de idade. Os dois são brasileiros!

Não me considero um imigrante, apesar de que teoricamente seria um, mas não me considero... É que com os anos, vai perdendo essa imigração... Eu me considero ainda chileno assim como me considero um pouco brasileiro. Não tenho a nacionalidade brasileira, mas estou com a documentação toda em dia, então não tem nenhum problema...

“Para mim foi um alívio sair do Chile, não estava nada fácil a vida lá, e o Brasil era uma maravilha!”

Marianne Fernandez Hazeldine

Raices de Chile 2010 - 15 anos - Eu faco parte!!!

Meu nome é Marianne Fernandez Hazeldine, tenho 56 anos, eu nasci no sul do Chile, em uma cidade chamada *Gorbea*, perto de *Temuco*. Eu vivi nesse lugar com meus pais e meus irmãos até os meus 14 anos de idade mais ou menos, quando meus pais se separaram e nos mudamos para outra cidade, para *Linares*, na casa de meus avós maternos.

O meu avô era uma pessoa muito inteligente, ele tinha uma plantação maravilhosa de frutas e verduras, criava ovelhas, criava de tudo, ele era europeu. Antes dele se mudar para *Linares* com minha avó eles também viviam no sul, perto de onde morávamos. Lembro quando a gente ia pra casa deles visitá-los, éramos pequeninhos eu e meus irmãos e íamos andando com minha mãe... Andando, andando, andando... Subíamos umas montanhas, descíamos essas montanhas, levávamos pães para comer pelo caminho, andávamos umas oito horas até chegarmos lá, nem sei como que a gente agüentava!

Eu tive uma infância muito dura, uma infância muito pobre, terrível... A gente vivia num sítio e nunca soubemos o que era tomar um remédio industrial, minha mãe sempre preparava remédios caseiros e não havia outro tipo de remédio, mas também nunca passamos nenhuma necessidade, porque tínhamos frutas, leite e queijos em abundância, essas coisas nunca nos faltaram. Minha mãe era dona de casa e cuidava da gente, éramos cinco irmãos no total, e meu pai era bem ausente. O meu pai havia recebido uma fazenda de herança do pai dele, uma propriedade grande, tínhamos empregados, plantações, máquinas, barracões enormes, só que meu pai acabou com tudo, ele foi vendendo a propriedade aos poucos pros fazendeiros vizinhos até ficarmos com um pedaço só, uma chácara onde estava a nossa casa e as árvores com frutas. Meu pai bebia muito e não parava em casa, lembro que às vezes ele chegava lá com um caminhão e enchia de vacas, de gado, levava tudo embora pra vender e minha mãe não via um peso do dinheiro que ele recebia!

Uma coisa boa é que, apesar de todas as dificuldades, a gente nunca deixou de ir à escola. Isso era uma coisa que meu pai fazia, porque ele era uma pessoa instruída, ele sempre levava muitos livros pra gente ler, nem sei de onde que meu pai arrumava esses livros, mas em casa nós os tínhamos aos montes, e a gente não tinha rádio nem televisão, então nós líamos muito. Eu sei muita coisa que aprendi nessa época com

esses livros, livros de Gabriela Mistral, de Federico García Lorca, de poetas espanhóis... Acho que meu pai não era uma pessoa ignorante, era uma pessoa viciada, mas ignorante não, só que ele acabou com tudo que a gente tinha, vendeu até a casa que morávamos! Nessa época meus pais já estavam quase separados, aí se separaram de vez.

Foi quando nos mudamos pra *Linares*, na casa de meus avós, que já tinham se mudado há uns cinco anos pra essa cidadezinha, era um sítio num lugarzinho chamado *Paso Rari*. A partir dessa época nossa família se desintegrou um pouco, porque esse sítio ficava longe da cidade e por isso eu e minha irmã mais nova ficávamos durante a semana na casa de uma tia, para podermos ir à escola, e aos finais de semana íamos pro sítio.

Quando eu estava com 17 anos, inventaram que eu tinha que trabalhar... Como a gente tava morando com meu avô, e meu avô era aposentado, não dava pra ele manter todo mundo, não tinha condições, então eu que era a segunda mais velha entre meus irmãos tive que ir, mas eu não queria... Até hoje eu fico muito triste quando me lembro disso, que me mandaram trabalhar, acho que meu irmão mais velho é que deveria ter ido, por ser homem e mais velho, mas ele era o protegido da família, o queridinho de meu avô, então tive que ir eu... Tive que me mudar pra *Santiago*, a capital do Chile, fui morar na casa de uma prima de minha mãe e no verão ia visitar a minha família em *Linares*, mas eu não gostei nenhum pouco... Ainda tenho muito ressentimento disso...

Então eu trabalhava em *Santiago*, trabalhei em vários lugares. Depois aquele meu irmão mais velho se casou e também foi morar em *Santiago*, daí eu fui morar com ele. Não lembro a data exatamente, mas sei que era antes de 1973, porque lembro que no dia do Golpe eu já morava com ele, mas no comecinho da década de 70 eu morava com aquela tia ainda, prima da minha mãe, porque também lembro quando a gente ia de madrugada nas filas para comprar as coisas, na época de Salvador Allende. Nessa época era assim, por exemplo, diziam “em tal lugar vai chegar Omo”, aí a gente ia de madrugada nesse lugar fazer as filas pra comprar Omo, ou “em tal lugar vai chegar carne”, aí íamos. A gente também ia muito no rio *Mapocho*, nos camelôs, comprar as coisas no mercado negro mesmo, o mais necessário tinha que comprar, um sabonete,

um creme dental, e os caras vendiam caro pra caramba! Como eles tinham as coisas pra vender? No mercado negro havia tudo, nos supermercados não havia nada, os supermercados nem abriam! O *Mapocho* era um lugar bom de ir comprar, as pessoas fumantes iam comprar cigarro lá, e todo mundo falava assim “*voy a ir a comprar en el mercado negro*”...

Virou uma bagunça tão grande, tão grande, tão grande... Eu saía pra trabalhar e tinha que voltar pra casa sem trabalhar, porque estava toda a bagunça no centro de políticos, de pedrarias, de bombas lacrimogêneas... Tinha uns pregos com várias pontas e que jogavam nas ruas, os “*miguelitos*”, enchiam as ruas de *miguelitos* pra furar os pneus de tudo quanto é caminhão, explodiam as pontes com dinamite, estouravam os reservatórios de água... Aí nunca se sabia se eram as pessoas da *Unidad Popular*, que era o partido do governo, ou se eram as pessoas do Partido Nacional querendo criar caos, só sei que quem pagava as conseqüências era a população, que ficava vários dias sem água, sem luz, sem trabalhar... Acho que era um complô, uma coisa assim muito grande que fizeram, acho que as pessoas do Partido Nacional, as pessoas ricas, se sentiram muito feridas de ter um partido no governo do lado dos pobres. Ficaram loucos que eles não se importavam mais com o que eles faziam. As mulheres saíam nas ruas para protestar tocando panelas vazias, quem eram essas mulheres? Eram as mulheres dos ricos, não era a mulherada pobre. E os Estados Unidos fez tudo tão bem feito, interferiu tanto em tudo que virou uma bagunça muito grande, o país ficou num caos terrível que não tinha mais jeito, alguém tinha que fazer alguma coisa... Ou seja, eles levaram o país a esse ponto que realmente alguém tinha que fazer alguma coisa, só que não essa matança que os militares depois fizeram...

Quando aconteceu o 11 de setembro eu estava indo trabalhar. Meu trabalho era próximo ao centro de *Santiago*, eu desci do ônibus bem lá no centro, era bem cedo, quando de repente vi que os ônibus estavam tudo voltando! Você fica que nem um pássaro na rua, não sabia pra onde que eu ia, eu só via os tanques passando e os militares, nossa! Todo mundo chorando e gritando, que desespero... Aí eu encontrei uma amiga minha, que era colega de trabalho, a Vicky, e falamos “pra onde vamos?”, como que íamos voltar a pé pra nossas casas? Não dava mais pra voltar! Sorte que passou correndo um amigo dela que tinha um escritório aí no centro, na esquina da

Mackiver com a alameda *Bernardo O'Higgins*, ele conhecia ela há muito tempo, então ele entregou a chave desse escritório pra ela, pra gente entrar lá e se esconder. Mas nós estávamos longe dali ainda, muito longe, então nós corremos, corremos pra lá que em algum lugar a gente tinha que entrar, tínhamos que sair da rua ou então íamos morrer metralhadas! E era tanques, era bombas, era sirene... Tudo fechado, ninguém saía na rua, os carros sumiram, e os militares mandando todo mundo desaparecer: “corre, corre, corre”... Chegamos lá, entramos que nos jogamos pra dentro! Era um escritório num prédio comercial, subimos no escritório e não tinha nada, não tinha ninguém, aí ficamos lá, havia um fogãozinho e um pouco de arroz, nós cozinhamos arroz com água e isso comemos durante uns três dias, arroz puro cozido com água, nada mais. Nós não sabíamos mais nada do que estava acontecendo, as janelas do escritório davam pra parede de um outro prédio, então não víamos a rua, e tinha uma televisão velha lá, só que a gente ligava e era só chiado... Numa dessas a gente ligou e estava passando numa rede nacional que às três horas da tarde seria permitido sair por 30 minutos às ruas, ou 40 minutos, alguma coisa assim, então saímos, mas não podíamos voltar pra nossas casas ainda porque estávamos muito longe, compramos um pacote de biscoito e depois voltamos pro escritório. Antes a gente correu lá pro palácio presidencial, que estávamos perto de lá, a umas quatro ou cinco quadras, fomos correndo pra ver o *La Moneda*, chegamos lá e vimos os destroços, vimos as águas caindo das galerias, tudo destruído, tudo detonado, soldados apontando assim com as armas pra ninguém chegar perto... Mas eu lembro bem que nós vimos esses destroços e que chorávamos, a Vicky chorava e gritava desesperada “mataram meu presidente”, foi terrível...

Eu passei um susto tão grande porque eu tinha o meu nome inscrito no partido da Juventude Socialista, eu achava que eu ia morrer, que iam me buscar em casa por eu ter o meu nome ali! Um medo que eu não queria contar pra ninguém, eu morava com o meu irmão ainda e eu achava que se eu contasse pra ele, ele poderia me expulsar dali, lógico, colocando em perigo a vida de todo mundo da família...

Não foi brincadeira o negócio não! Tinha o toque de recolher que eles não deixavam gente na rua, não havia desculpa, depois de alguns meses a pessoa que era pega na rua porque passou do horário ia presa, mas no começo era morte mesmo, era

morte na certa! E se você precisasse, por exemplo, ir à noite levar alguém num pronto socorro, você tinha que sair com uma bandeira branca avisando que era uma emergência. Os militares entravam nas vilas de madrugada, invadiam as casas, os *allanamientos*, e se achavam que tinham que levar alguém, eles levavam! Fizeram uma peneira tão grande que as pessoas andavam que não sabiam aonde se enfiar, todo mundo assustado, todo mundo apavorado... Você não podia falar uma palavra disso com ninguém, que você não sabia com quem você estava conversando, se você fosse no mercado comprar alguma coisa e alguém chegasse e te falasse “e esses militares, o que estão fazendo...”, você não podia nem responder, porque poderia ser uma pessoa deles só pra saber se você era contra ou a favor. Lembro um dia que eu estava no ônibus, já tinham passado par de anos, e o motorista começou a xingar os militares, “*esos militares hijos de puta...*”, e de repente se levantaram dois caras que estavam de passageiros, um já desceu com o motorista pra baixo e o outro pegou o comando do ônibus e continuou... Nossa, nós ficamos paralisados!

Isso não foi assim só em *Santiago* não, só porque era a capital do Chile, a minha mãe, que morava lá em *Linares*, num sítio de uma cidadezinha pequena, ela me dizia “*hijita, tu no sabes lo que fue eso!*”... Quem morava assim no sítio que nem minha mãe, os militares passavam por aqueles caminhos de terra dia e noite, minha mãe dizia que ela não colocava nem o nariz pra fora! Os militares dominaram cem por cento o país e você não tinha nem onde reclamar, o negócio era ficar quietinha. As pessoas que estavam desaparecidas, a família ia atrás e ninguém sabia de nada, ia nas delegacias, ia no Estádio Nacional, passava horas esperando a boa vontade de algum militar mais consciente e que desse alguma explicação.

Os militares chilenos foram muito fiéis ao Pinochet. Até meu irmão mais novo, que não era militar e era contra isso, depois que ele virou militar se tornou favorável ao Pinochet, ele sempre dizia “*mi general Pinochet*”... E no Chile tinha muita gente com esse respeito ao Pinochet, as pessoas tinham até um quadro dele na sala de suas casas!

Depois do 11 de setembro eu fiquei sem trabalho, todo mundo ficou sem trabalho na casa de meu irmão, era super difícil... Não tinha nem como procurar trabalho nessa época, porque muita coisa fechou, os comércios todos fechados, o que funcionava à

noite antes já não podia funcionar mais, muita gente sem trabalho, uma pobreza muito grande no país, tudo muito limitado...

Fiquei morando mais um tempo com meu irmão e depois fui morar com uma tia minha, a tia Romy, porque a casa de meu irmão que já era pequena ficou menor ainda quando nasceu a minha terceira sobrinha, achei melhor ir morar com essa tia. E foi quando eu conheci o Pedro, meu atual ex-marido, com quem vim para o Brasil.

Nós namoramos três meses apenas antes de nos casar. Na verdade, eu já o conhecia há um ano antes do casamento, é que namoramos esses três meses e ele veio para o Brasil, ficou aqui um tempo e depois voltou pro Chile com um contrato de trabalho daqui, aí nos casamos e viemos pra cá. Eu tinha 22 anos quando me casei, praticamente 23, porque o casamento foi no dia 03 de janeiro e eu faria 23 anos no dia 10. Era 1978 e as coisas continuavam muito mal no Chile, menos para as pessoas de muito dinheiro, claro, mas para as outras pessoas continuava muito mal.

Para mim foi um alívio sair do Chile, não estava nada fácil a vida lá, e o Brasil era uma maravilha! Aqui era maravilhoso em 1978, tudo em abundância, tudo fácil de comprar, nós chegamos aqui e ficamos assim fascinados! Nesse tempo se escreviam cartas pra Chile, os chilenos contando nas cartas que aqui estava tudo muito bom, e assim foi vindo gente e mais gente de lá pra cá. Quantas pessoas vieram? Quantas pessoas que não entraram aqui ilegais e estão aí até hoje? Porque apesar de hoje em dia se dizer que o Chile é maravilhoso, que a economia está muito boa e etc., essas pessoas que estão aqui não conseguiriam trabalhar lá com o que trabalham aqui. Tem chileno no Brasil que trabalha com comércio, que trabalha com artesanato, que trabalha como autônomo, um tipo de trabalho que lá não daria certo. O Chile é um país muito limitado e lá não existe esse consumismo do Brasil. Por exemplo, um jogo de sofá lá dura pelo menos uns 20 anos para uma família, enquanto aqui nesse mesmo tempo uma família troca duas ou três vezes o jogo de sofá de sua casa. As mulheres lá usam um par de sandálias por três, quatro verões, não existe essa questão de modismo que existe aqui. A Xuxa, apresentadora do Brasil, quando teve um programa de 15 minutos lá, tentou vender roupa infantil da marca dela, essas coisas, as crianças nem ligaram! Então as pessoas lá no Chile não são consumistas como no Brasil.

Quando meu marido veio pro Brasil ele não estava desempregado no Chile, ele até tinha um bom emprego lá, mas ele quis vir porque tinha vários amigos dele que já trabalhavam aqui e ele estava preocupado que pudesse vir a ficar desempregado no Chile. E realmente, a fábrica que ele trabalhava logo depois fechou. Então o Chile só foi começar a melhorar depois de uns 10, 12 anos que o Pinochet já estava no governo, por isso também que fomos ficando no Brasil, porque na verdade viemos com a intenção de voltar, nunca viemos pra ficar, mas a situação lá no país não melhorava... Depois também minhas filhas nasceram, foram crescendo, indo à escola, fui me acostumando, me habituando, gostando das coisas daqui. No começo era horrível, eu só pensava em ir embora, até o pão eu achava horrível, as frutas, tudo ruim! Tem muito chileno que voltou pra lá depois, mas também conheço muitos que voltaram pro Chile, ficaram um par de anos lá e depois voltaram de novo pro Brasil... Será que não se acostumaram?

Quando vim para o Brasil eu já vim direto pra Campinas e vim com a documentação feita de lá do Chile, vim com visto permanente obtido com o contrato de trabalho do Pedro. As empresas nessa época faziam uns contratos maravilhosos, a própria empresa se encarregava de comprar as passagens, alugar o apartamento, comprar móveis e um carro pro funcionário. Elas precisavam muito de mão de obra estrangeira nessa época, pois no Brasil não havia muitos profissionais, só que acabaram vindo tantos estrangeiros pra cá que depois saiu uma lei que as empresas deveriam cortar o número de estrangeiros entre seus funcionários. Foi uma época muito boa que o Brasil teve e nós íamos todos os anos para o Chile, no verão.

Apesar de morar há mais de 30 anos aqui no Brasil, eu me considero uma imigrante, sempre vou me sentir uma imigrante porque aqui nunca vai ser meu país. Eu nunca vou me sentir brasileira, posso torcer pelas coisas do Brasil, pra que o Brasil seja bom, pra que o Brasil tenha um bom governo, até porque vai ser bom pras minhas filhas e pra mim também, que moro aqui, mas eu ser brasileira? Nunca! E também todo mundo me considera uma imigrante, aonde eu vou, quando falo alguma coisa, já na hora me perguntam de que país eu sou, por causa do meu sotaque...

“Minha vida é padaria, sempre foi padaria, desde o dia que eu nasci!”

Oswaldo Oyanedel

Minha vida é bem simples... Meu nome é Osvaldo Oyanedel, tenho 58 anos, nasci em *Santiago* de Chile. Enquanto vivi no Chile, sempre morei em *Santiago*. Graças a Deus, tive uma boa educação, meus pais sempre que puderam me deram do melhor. Enquanto eu vivi com eles, estudei em escola particular, num colégio católico, e estudei música, acordeão. Na verdade eles me criaram bem e me criaram mal também, porque quando há capacidade te criam bem e te criam mal... Isso até o dia que eles se separaram, que aí começou outra etapa na minha vida, porque quando se separam os pais, dependendo da capacidade econômica que se tem, a vida fica um pouco diferente.

Eu estranhei muito na época, mas não é aquela coisa “meus pais se separaram e eu comecei a trabalhar”, não, de pequeno eu já trabalhava em padaria com meus pais! Quando você nasce num negócio como padaria ou um tipo de comércio similar, você trabalha desde cedo com sua família, desde que tenha uso da razão, e meus pais me fizeram trabalhar para que eu aprendesse e para que eu tivesse responsabilidade. No meu caso, eu estudava em escola particular, só que todos os dias antes de sair da padaria para ir à escola eu tinha a minha função: varrer tal lugar, ordenar os cestos de pães, deixar as coisas em ordem... E eu era recompensado por isso, para a idade que eu tinha era super bem recompensado, então eu gostava.

Meus pais se separaram quando eu tinha 12, 13 anos, aí eu fiquei com meu pai e minha irmã ficou com minha mãe. Depois eu e o meu pai fomos morar um tempo com um tio, irmão dele, uns dez meses aproximadamente. Esse tio tinha uma família grande, eram umas doze pessoas, e eu não estava acostumado com tanta gente, eu que antes disso morava sozinho com meu pai, éramos duas pessoas, e depois com aquele monte de gente, dava problemas! Não problemas assim de brigas, mas de costumes, de maneira de pensar, que quando você está numa família grande, tem que se adequar e é difícil acostumar-se a outro ambiente.

Eu nunca deixei de trabalhar. Inicialmente com meus pais, auxiliando-os nas padarias que eles trabalhavam, e depois, quando já saí do lado do meu pai, comecei a trabalhar no que viesse. Então eu era o que saiu dos cuidados do pai, o que saiu com terno, gravata e tudo para depois ir passar vassoura num laboratório, que foi meu primeiro emprego sem ser em padaria. E nós, os chilenos, temos uma coisa: nós

gostamos de escolher no que trabalhar no Chile, ainda que você não seja capacitado para nenhuma função específica, temos vergonha de pegar uma vassoura e que nos vejam nossos amigos. É uma questão de idiossincrasia nossa, o chileno quando quer começar a trabalhar, sai para procurar emprego e a mãe lhe pergunta “encontrou alguma coisa?”, “sim, mas é para fazer limpeza, varrer...”, “e você vai trabalhar nisso?”! Ou seja, vem de gerações. Mas no meu caso não, porque como eu já passava a vassoura todos os dias na padaria pro meu pai, eu já estava acostumado.

Então eu comecei a trabalhar num laboratório, era um laboratório de cópias heliográficas, fotóptáticas, mimeográficas, de um monte de coisas. E aos poucos eu fui caindo na simpatia do dono desse laboratório, porque eu trabalhava de dia e às vezes eu trabalhava de noite também, trabalhava a hora que precisasse, de sábado à tarde eu encerava o laboratório, passava uma esponja de chão para madeira, e tinha um negócio que a gente chamava de “*chancho*”, era um negócio que tinha uma escova retangular onde se colocava o pano para poder dar brilho nas tábuas... Era duro, 13 anos eu tinha!

Um dia um casal de gringos entrou no laboratório, que ficava no centro de *Santiago*, perguntando se era uma loja de calçados e eu respondi que não, expliquei tudo pra eles em inglês, porque eu estava com o meu inglês vivo ainda dos bons estudos que eu tinha feito no colégio católico. Aí o dono do laboratório escutou e isso o impressionou. Ele perguntou se eu não queria estudar inglês com ele. Lembro quando ele me chamou, ele disse “*jovencito...*”, ele tinha o costume de dizer “*jovencito*” porque realmente éramos jovens os que trabalhávamos aí, parece que o estou escutando agora! E quando o patrão te chama geralmente você pensa que é para te demitir, te dispensar, mas ele disse “*jovencito*, onde aprendeu a falar inglês?”, e me contou que estava fazendo um curso de inglês à distância, perguntou se eu não tinha interesse em estudar com ele. Claro que eu aceitei, pensando que isso não ia me trazer nenhuma consequência, mas as coisas no laboratório nunca mais foram iguais: meus colegas de trabalho passaram a me dar as costas, me chamavam de “puxa-saco”, ficaram com inveja. Isto porque estávamos todos lá trabalhando e de repente o dono do laboratório me dizia “*jovencito*, estamos na hora”, depois todo o resto me perguntando o que eu estava fazendo, “estou estudando inglês com Dom Luís”, então viam um moleque

entrando no escritório do patrão pra estudar com o patrão, para eles era meio difícil... Esse meu patrão tinha muito carinho por mim, me convidava para ir na sua casa, para tomar *once* depois do trabalho, me ofereceu uns cursos de fotografia do laboratório, só que tudo o que era bom para mim era mal pros meus colegas... Hoje em dia eu me transporto e digo que eu nunca teria feito isso com um *muchacho* de 13 anos, ter inveja porque conversou mais ou conversou menos com o patrão. Até que chegou uma época que não dava mais, que eu vi que as coisas estavam complicadas, então eu saí do laboratório, depois de quase dois anos trabalhando lá.

Eu trabalhava de dia e estudava à noite. Para estudar à noite, era exigido que o aluno tivesse mais de 16 anos ou um apoderado, que é uma pessoa que cuida da vida escolar desse aluno, então eu tive que procurar um apoderado. Lá no Chile não é a graça daqui do Brasil, inclusive tinha uma caderneta de comunicações que, por exemplo, se dizia “seu pupilo saiu hoje às três horas da tarde”, tinha que chegar assinada pelo apoderado no dia seguinte. Aqui cada um vai como pode pra escola, até de short e de chileno, pode ser pelo clima, lá é aquele uniforme, os rapazes de gravata e sapatos engraxados. Se você fosse pra escola com o cabelo comprido: “comunicamos ao apoderado que seu pupilo está com o cabelo comprido”.

Depois que eu saí do laboratório, me deu uma de cantor e de tocador de acordeão, formei uma banda e vivi uns três anos de música! Nesse tempo, ir tocar numa rádio no Chile era como hoje em dia ir tocar num programa famoso, não era qualquer um que tocava numa rádio. E o meu pai, desde que eu era pequeno me levava pra tocar numa rádio de programa infantil. O meu acordeão eu o tenho até hoje!

Depois trabalhei num escritório de contabilidade e depois como vendedor de calçados. E eu sempre alternei todos esses trabalhos com padaria, até que um dia eu decidi: é padaria e nada mais. Então minha vida é padaria, sempre foi padaria, desde o dia que eu nasci. Meu pai e minha mãe trabalhavam em padaria e eu de criança os acompanhava e os auxiliava. Depois, enquanto eu trabalhava no laboratório, eu alternava trabalhando na mesma padaria que meu pai, ficava um tempo na padaria, outro tempo no laboratório. Trabalhava como vendedor de calçados, alternava com a padaria. E conforme foram passando os anos, comecei a trabalhar como administrador de padaria. Aí eu comecei a me dedicar mais ainda a padarias, sempre padaria, nunca

me desliguei de padaria. Criei um pouco de fama no meu ramo e assim me mantive por muitos anos, e me mantenho até hoje. Honestamente, desde que eu comecei a trabalhar, nunca tive problemas econômicos. Somente um ano, no primeiro ano que eu fiquei sozinho com minha mãe e minha irmã, logo depois da separação de meus pais, não tínhamos nada em casa, só tínhamos uma garrafa de Coca-cola, aí nos abraçamos e eu lhes disse: “última vez, isto aqui não passará nunca mais”. Graças a Deus foi dessa maneira.

A gente sempre lutou para ter a nossa padaria. Meu pai não era dono de padaria, ele era administrador, depois que a gente conseguiu uma. Mas o Chile é um país meio esquisito para os negócios, mais que esquisito, é um país difícil. A gente sempre querendo independizar-nos, mas até chegar a isso no Chile o caminho é um suplício. Porque nós chilenos somos pessoas difíceis. E sabe quando você vem se dar conta de que somos tão difíceis? Quando você chega aqui no Brasil! Quando eu cheguei aqui, me perguntavam se eu estava bravo, perguntavam pra atendente da padaria “o chileno tá bravo?”. Claro que não! Eu tive que começar a mudar meu jeito para adaptar-me aqui, porque todo mundo achava que eu estava bravo. E eu nunca fui assim, muito pelo contrário, sempre fui comunicativo, nunca tive problemas com ninguém nesse sentido, mas as pessoas achavam que eu estava bravo, mal-humorado, porque aqui no Brasil as pessoas são diferentes, os clientes chegam e me cumprimentam, perguntam como eu estou, como está a família, mandam saudações à minha neta...

Outra coisa que eu tive que mudar é que lá no Chile as pessoas estão sempre colocando uma etiqueta nas outras, para todas as pessoas tem sempre uma etiqueta, te olham e te dizem: “*este es creído*”, “*este es hueón*”, “*este es pesado*”, “*este es cachetón*”, “*este es guatón*”, “*este es pelado*”... O chileno é assim, te olha e te rotula sem nunca ter falado com você, isso acontece desde pequeno. E nós temos a imaginação péssima lá no Chile. Eu sempre converso disso com um chileno que vem aqui na minha padaria, sempre falamos das coisas que passamos no Chile, como nos comportamos quando estamos lá, então a gente brinca como diríamos em Chile certas frases, por exemplo, em vez de dizer: “você conhece a senhora da esquina?”, diríamos “você conhece aquela velha *hueona*, *guatona* da esquina?”! E nós dois morremos de rir disso! Nós chilenos somos um pouco ordinários pra falar, falamos de qualquer maneira!

Somos assim! Há coisas que você só vem se dar conta quando está aqui. Quando estamos no Chile, dizemos que somos tão alegres, e eu acho que de alegres não temos nada. Dizemos que somos tão cômicos e que adoramos rir, mas rir dos outros, porque nosso humor é meio negro, nós nos burlamos de todo mundo. Então, claro, quando você está lá acha isso chistoso, cômico, morre de rir, mas depois quando você está adulto e chega aqui, percebe que nós só rimos do resto, das outras pessoas. Sempre tem algo ou alguém do que rir. Quando você se dá conta? Aqui. E aqui no Brasil é fora de foco praticar um humor desse, ninguém vai te achar graça. O brasileiro também põe apelidos nas pessoas, mas é mais limitado. Lá no Chile não! Lá é assim: “ei, aonde você vai?”, “vou no manco”; “onde você vai comprar?”, “vou no careca”. Te gritam de um lado ao outro, de uma rua a outra. O que é gordo lá, tal como eu, gritam “*guatón!*”, sem nem te conhecer.

Eu tenho irmãos no Chile, que são do segundo casamento de minha mãe, que também têm padaria lá, e quando um deles veio no Brasil me visitar, ele estranhava, me dizia que eu estava diplomático para falar com os clientes e com meus fornecedores, que eu tinha mudado a maneira de falar! Eu lhe respondia: “quer que eu feche a padaria aqui se falar igual que vocês lá no Chile?”!

Eu conto essas coisas não porque eu seja anti-chileno, não que eu tenha alguma coisa contra o Chile, não é nada disso, eu conto essas coisas porque aqui que você vem se conhecer como pessoa.

Então Chile é um país bom e difícil para se morar, e no que eu trabalho, ou seja, montar seu próprio negócio e ser autônomo, é um país difícil. Eu tinha uma padaria em sociedade com meu pai em *Curacaví*, um povoado depois de *Santiago* e *Valparaíso*. Houve um terremoto e a padaria caiu, não ficou nada, ficou somente a fachada. É seguro? Caiu tudo! Pinochet disse que ia ajudar com crédito via Banco do Estado, saí do Chile e nunca me ajudaram em nada.

Eu vim pro Brasil em 1986, tinha 33 anos de idade. Estava cansado do Chile. Minha irmã já estava morando aqui, em Campinas, então eu vim por causa dela também. Esta é a parte mais triste, porque depois minha irmã foi morta com uma bala perdida enquanto caminhava num bairro de Campinas, há doze anos. Um tiroteio entre bandidos e uma bala lhe acertou o coração. Imagine, eu tive que esperar meu pai no

aeroporto, nessa época ele tinha 73 anos, veio do Chile só para enterrar sua filha no Brasil, morta por uma bala perdida. Durante muito tempo meu pai dizia “esses brasileiros assassinos mataram a minha filha”... Depois o tempo vai fazendo, não esquecer, mas amenizar as coisas. Quando aconteceu essa tragédia, a única coisa que eu queria era voltar na mesma hora pro Chile, mas eu recém tinha comprado minha padaria, o que fazer se você está cheio de compromissos? Não tinha como sair correndo...

Eu já tinha vindo pro Brasil no ano 79, passar um tempo com minha irmã e meu cunhado. Depois eu vim outra vez, a passeio, e gostei. E como eu sempre estive junto da minha irmã, como eu já não agüentava mais a situação no Chile, decidi vir para morar. E aí eu vim, em 1986. Ainda era ditadura no Chile e eu estava cansado daquela situação. Eu não queria mais viver obrigado a fazer as coisas, não gosto que ninguém me imponha regras, por exemplo, o toque de recolher que havia. O homem é um animal de costumes, então você se acostuma a essas coisas, mas você sabe que estão sancionando os seus direitos, que isso não é o que corresponde legalmente e o cidadão é quem mantém o seu país, não são os militares, não são os *carabineros*, então tem que ter respeito, eles estão para cuidar da soberania, dos direitos cívicos, não para governar. E no Chile eu sempre fui político. Quando cheguei aqui no Brasil esqueci de tudo de lá, fiz uma lavagem cerebral em mim mesmo, não quis mais saber, eu pensava “*país de mierda*, que não serve para ninguém”. Servia para quem? Para militares e ricos.

Eu sempre fui de esquerda. Nas eleições de 1970, votei por Salvador Allende. E o governo de Allende foi péssimo. Foi péssimo porque fora de não deixarem-no governar, ele como presidente foi um horror. Ele foi contra tudo o que ao chileno lhe gosta e ele não tinha o apoio completo dos chilenos. Pode parecer paradoxal dizer que sou de esquerda e que não gostei do governo de Allende, mas eu sou dono de escolher o que eu gosto. Votei pelos partidos de esquerda que havia, pela *Unidad Popular*, não pela pessoa dele, certo? Porque ele era mais burguês que todos os que estavam aí, esse negócio de “companheiro”, como dizem aqui, é conversa pra boi dormir! O Allende levou o país à desordem, à escassez, tomou medidas que na minha opinião não deveria. Isto é um pouco relativo entre chilenos, cada um tem seu pensamento. Nesse

tempo eu trabalhava como administrador de uma padaria, lembro que as pessoas para conseguir comprar pão tinham que estar numa fila enorme às quatro horas da tarde de um dia para receber o pão na manhã do dia seguinte. Muitas vezes aconteciam coisas um pouco divertidas nessas filas, as pessoas começaram a levar baralho, dominó, bola, e jogavam no meio da noite, enquanto esperavam, porque era uma fila de um quarteirão e meio. E essas pessoas que estavam na fila provavelmente tinham outras pessoas da mesma família em outra fila! No meu caso, dependendo da quantidade de farinha que eu tinha, era o pão que eu fazia. Para comprar farinha, tinha que ir a lugar que se chamava ECA, Empresa de Comércio Agrícola, onde você ia e pedia cem sacos de farinha, eles viam o que você fazia e te davam cinqüenta, aí você tinha que pagar antecipado esses cinqüenta sacos e esperar. Era o maior problema, porque a farinha não chegava, não havia caminhões, quem transportava farinha eram os estudantes da *Universidad Técnica del Estado*. Então era um problema sério. E era uma situação insustentável, porque no tempo da *Unidad Popular* de Allende tinha o mercado negro, tudo o que você conseguia para poder ter em sua casa era via mercado negro.

Depois teve o Golpe e aí foi uma tragédia. Eu tinha problemas para entregar pão nos bairros, de repente para entrar em uma *población* estavam aí os milicos e queriam te carimbar as mãos... Eu nunca permiti! Nunca permiti porque sabia bem claro os meus direitos. E era dos dois lados: eu tinha uma padaria que ficava perto do aeroporto e lá tinha um funcionário que às vezes me ligava dizendo: “Osvaldo, já passaram a avisar que se amanhã a gente abrir a padaria, queimam a padaria”. Aí passavam dois dias que não se podia abrir a padaria, que não se podia sair para entregar o pão. Muitas vezes eu chegava até certa parte e não podia continuar, às vezes eu estava a dez quadras da padaria e não podia passar: pedras de todos os lados, tudo o que se puder imaginar. Ou então eu com a caminhonete cheia de pães para fazer entregas e sem poder entrar nos bairros, aí eu tinha que andar passeando com os pães, procurando uma brecha, até que os nossos próprios clientes, com amigos do bairro, nos entravam, e depois para sair? Então você começava a criar dívidas e a ter problemas, o banco não quer nem saber se houve concentração disso ou daquilo, no banco chegou o cheque, tem que estar o dinheiro. E aí começam seus problemas.

Tinha um regimento que ficava perto da padaria chamado *Regimiento El Huin*, lembro que os oficiais daí chegavam de madrugada na padaria para contar o saldo de farinha e ver se os padeiros estavam trabalhando. Com as armas na mão, faziam eles ficarem em fila, diziam que quem se mexesse seria morto. Para mim diziam: “você tem que me dizer se aqui tem algum comunista”, aí eu lhes respondia: “o que eu tenho aqui é trabalhador, a vida particular deles eu não sei, se são comunistas lá fora vocês têm que perguntar a eles”. Porque a mim, os militares nunca me intimidaram, não que eu seja valente, é que eu vou atrás do meu, sempre fui igual, muitas vezes bati a cabeça por causa disso... Aí me diziam “sua obrigação, de cada um desses que está aqui...”, e outras coisinhas mais, “quem não vier trabalhar, a sua obrigação é ligar para *Carabineros de Chile*, Exército de Chile, e ter o endereço de todos, porque quem lhes vai ir buscar em sua casa para que venham trabalhar somos nós, o Exército de Chile que lhes vai ir buscar”. E te faziam falar “*Ejército de Chile*”, “*Carabineros de Chile*” e tudo com Chile... Se às quatro e meia da tarde ia ter protesto na grande avenida, já às duas e meia passavam os militares ameaçando com suas armas e munições, só de olhar... Depois já não havia ônibus, de repente não tinha água... Foi um desastre! Se eu tinha que ir pra padaria de madrugada, me paravam dez vezes os militares no percurso! Tinha que andar com a luz do carro acesa, à 30, 40 quilômetros por hora, senão eles atiravam e pronto. Mataram o sobrinho do ex-presidente Eduardo Frei nessa época porque ele estava dirigindo em alta velocidade na avenida principal da alameda.

E não podia falar nada, imagine, hoje você diz: “sou de esquerda”, “ah, não, sou de direita”, naquela época se você falasse, já era perseguido. Não podia falar absolutamente nada, não podia falar nem no ônibus porque não se sabia quem estava ao seu lado. Então, me diga, que vida é essa? E quem me disser que não foi assim, que eu estou mentindo, podem fazer fila aqui na porta de minha padaria que eu deixo claro a todos! Porque aqui no Brasil tem alguns chilenos que dizem que não foi assim. Foi assim sim! Eu vivi isso. Vivi porque eu trabalho, e trabalhei minha vida inteira, com uma coisa que chega a todo mundo, que é o pão. O pão que o chileno gosta de ter todos os dias, todas as horas. Pra se ter uma idéia, os maiores consumistas de pão da América Latina e de várias partes do mundo são o chileno e o argentino. Nesse momento, deve-se ter um consumo per capita de 90 quilos por ano de pão no Chile,

enquanto o brasileiro tem uma média de 19 quilos. Lá no Chile é tudo com pão: na salada, no café da manhã, na *once*, na comida, nada se come sem pão. Então eu trabalhava com gente, trabalhava nas *poblaciones* em Chile, em lugares de baixa renda, via o sofrimento das pessoas. E eu me cansei disso. Quem não viveu pensa que estou contando uma história, ou como já aconteceu aqui, já conheci muitos chilenos que querem passar um pouco menos... Mas não, a gente sofreu! No rio *Mapocho*, em *Santiago*, você via todos os mortos no rio: cinco, seis pessoas, do outro lado dez, cinco, dez pessoas... Assim era: dez quadras de rio, as dez quadras cheias de mortos. Para quê? Para intimidar as pessoas! Para que tivessem consciência de que quem mandava eram eles, os militares, não eram os cidadãos.

Quando se tem uma ditadura como a que tivemos em Chile, que foi muito dura, foi uma das mais duras da América Latina, é difícil de escapar, pois veja o nosso país: comprido e estreito, o que mais falta para quem ataca? Nesse caso, para os militares? Por um lado temos a cordilheira dos Andes, pelo outro temos o oceano Pacífico. No norte temos o deserto do Atacama e no sul temos ilha e frio. Por onde você foge? É totalmente diferente aqui no Brasil, que você passa a ponte para lá e já está do outro lado, passa para a Argentina... É diferente, as possibilidades de fuga são diferentes.

Hoje falam do governo de Pinochet, dizem: “mas Chile melhorou muito”. Claro, depois que matam umas quinze mil pessoas, tem que melhorar! Óbvio! Havia um acampamento em Santiago chamado Violeta Parra. Violeta Parra foi uma folclorista chilena, comunista, todos seus irmãos comunistas... Havia duas pessoas que sempre iam na padaria, eu era empregado ainda nesse tempo, estava jovem, recém tinha sido o Golpe, um deles era de fora de *Santiago* e o outro do acampamento. E nas *poblaciones* se sabiam as coisas. Um dia eles foram à padaria e eles sabiam que ia ter um *allanamiento*... *Allanar* significa entrar nas *poblaciones* e tirar as pessoas pra fora de suas casas, *allanavan* as casas, revistavam tudo. Um *allanamiento*, essa era uma palavra assim normal na cabeça do pobre lá. E as pessoas viviam do mercado negro, certo? Porque cada um vendia o que podia no mercado negro. Essas duas pessoas compravam pão na padaria que eu trabalhava e revendiam. Aquele que era do acampamento Violeta Parra me disse: “Osvaldo, venho despedir-me, a partir de amanhã já não venho”. E disse: “venho me despedir e acho que vai ser para sempre,

porque parece que amanhã tem *allanamiento* em tal lugar e vai ser difícil que nos salvemos”. E o mataram mesmo... Então as pessoas, não digo que sabiam que iam matá-los, mas sabiam que havia um certo movimento militar, que poderiam chegar no meio da noite... Era terrível!

Por isso que eu digo, a ditadura no Chile foi uma ditadura brutal. Quem me diz que não, é porque não tem idéia, estava vivendo em outro lugar. Ou ficou dentro de sua casa tranquilo, vendo na televisão como sofria o resto da população. Essa pessoa se importou pelo resto? De saber o que acontecia? Nunca viajou a uma *población*, eu porque andava nas *poblaciones*, porque eu tinha a padaria e tinha que ir ver meus clientes, entregar, cobrar, ver os funcionários que vendiam nas ruas, todo esse tipo de coisa, eu sei. Por isso que não se pode esquecer até os dias de hoje, porque isso no Chile foi uma coisa asquerosa.

O chileno nunca foi assim de ficar submetido, guardado em sua casa. Por anos, o chileno não pôde andar até às dez horas da noite na rua! Nos primeiros meses era até às oito horas! Quando você tinha que sair para trabalhar nessa hora, te davam um salvo-conduto, você saía com seu salvo-conduto e atrás de cada árvore tinha um *carabinero*, um militar, uma patrulha... Para sair pra dançar à noite em alguma danceteria, nesse tempo eu estava com 23 anos, era jovem, já uma hora antes te diziam que iam encerrar por causa do toque de recolher e que todos se fossem. E tínhamos que ir, tchau! Porque senão, levavam todo mundo preso. Todo mundo pra cima do caminhão passeando pela noite por aí, e os militares, os cabos, como lá tudo é chacota, te molestando em cima do caminhão: “deitem-se, se levantem, fiquem em pé...” Então seus direitos de cidadão se foram.

Essa foi uma das razões que fez eu sair do Chile, eu estava cansado e quis vir pra cá, para ficar com minha irmã, não foi questão política nem nada. Estava cansado de tanta coisa que se passava. Eu passei tudo isso numa idade entre 23 e 25 anos durante o Golpe, super jovem, e cortaram tudo o que eu queria, cortaram meu futuro... Aí vem um chileno e diz: “se você não estudou é porque você não quis”! Não! É porque também me expulsaram, a mim me expulsaram dos estudos, porque eu estudava no noturno nessa época, eu não podia estudar em outro horário por causa de meu trabalho. Eu cheguei a terminar a escola, mas não pude prosseguir, trabalhar com

padaria é um problema pelos horários e com o toque de recolher, onde que eu ia estudar à noite? Então me expulsaram, fui impedido de seguir estudando. Eu tinha idéia de fazer faculdade, queria seguir com o inglês, mas depois seus sonhos se vão com a água.

Quando vim para o Brasil eu já estava casado, minha filha Paola tinha 11 anos de idade. Primeiramente vim sozinho, fiquei um ano sozinho, não conseguiria sair me arrumando com todo mundo. Quando aqui cheguei, fiz sociedade de uma padaria com dois chilenos, a Gladys e o Manuel, que foram pessoas muito boas. Apesar dos problemas que possam ter ocorrido, problemas comerciais, eu tenho as melhores recordações deles, são os únicos chilenos que eu posso tirar o chapéu de quando cheguei no Brasil.

A parte mais dura é que quando você vem do Chile, juvenzinho, quer ver se há algum lugar onde se juntam os chilenos e depois você leva a maior decepção. A maior decepção! Os chilenos de Campinas são totalmente classistas, somos classistas lá em Chile e aqui vieram igual, não mudaram absolutamente nada, cada um quer ser melhor que o outro. Quem vê de fora pensa que existe uma comunidade... Eu digo, os chilenos são os mais brigadores do mundo. O chileno confunde ser chileno com amizade e com ser educado. Não digo educado de cerimonioso, mas de ter respeito pelo outro. Se você não sabe falar o português, o chileno em vez de perguntar se você quer alguma ajuda, ele caçoa de você. E um bom chileno somos *patuos*, certo? *Patuo* é que a gente gosta de falar mal dos outros. Várias vezes eu cheguei lá na associação de chilenos de Campinas e percebi que falavam de mim... Por isso parei de freqüentar a Associação, porque percebi que falavam de mim. Eu vou gostar disso? Prefiro ficar longe, estou tranqüilinho aqui. As diferenças são grandes...

Quem organizou a primeira festa pátria chilena em Campinas fui eu. A primeira vez que fiz deve ter sido lá pelo ano 88, foi numa chácara com uma piscina para as crianças e um lugar para dançar, cada um levava sua churrasqueira e suas coisas para comer e beber, não se vendia nada. Juntaram-se mais de quatrocentas pessoas para essa comemoração.

E hoje estou com 58 anos, vivo há 25 anos no Brasil. O Brasil é um país grande e tem possibilidades, mas ao mesmo tempo a parte comercial aqui é uma coisa louca:

de repente não vende nada, depois vende um pouco, e sempre tem alguma coisa, algum empecilho, ou é a chuva, ou é o brasileiro que não gosta do frio, ou é o fim de semana prolongado... Sempre tem um porém e isso cansa. Eu gosto do Brasil, os brasileiros não te incomodam como estrangeiros, com coisas desse tipo, eu me dou bem com as pessoas em minha padaria, as pessoas chegam aqui como se estivessem em sua casa. Essa é a minha idéia, tratar bem aos clientes, às vezes vêm pessoas idosas aqui e gostam de conversar um pouco, assim eu fui acostumando meus clientes e os fui ganhando. Eu não posso me queixar daqui, o que sim aconteceram foram coisas más, como a morte de minha irmã, coisas que te dão vontade de pegar as coisas e ir embora. Eu acho que você passa coisas aqui que nunca teria passado no Chile, e não estou falando em termos financeiros, mas aqui acontecem coisas absurdas! Um dia veio um chileno em minha padaria comprar *empanadas* e ele me mostrou as passagens de avião dele e de sua família, estavam voltando pro Chile depois de um susto que passaram aqui: ele trabalhava com posto de gasolina e os ladrões souberam que ele havia vendido o posto e que estava vivendo numa chácara em Valinhos, foram até lá e pegaram o filho dele, ele pagou o que tinha que pagar e nessa mesma semana decidiu voltar para o Chile.

Eu gostaria de voltar para o Chile. Quero ir morrer lá, não quero morrer aqui. Aqui no Brasil estou cansado. Eu gosto, mas estou cansado de estar aqui, quero estar um pouco lá. Se puder subsistir, irei. Primeiro tenho que fazer uma viagemzinha para ver se vale a pena voltar, se perceber que não poderei me manter lá, tenho que ficar aqui...

PARTE III

Análise

Capítulo 1

Memórias do Chile

O corpus documental deste trabalho de história oral é constituído das histórias de vida de emigrantes/imigrantes chilenos residentes em Campinas, cuja constituição se deu através das entrevistas livres e abertas que fiz com os meus colaboradores ao longo da pesquisa. Trata-se, portanto, de uma documentação especialmente elaborada para este trabalho e que era, até então, inexistente.

As histórias de vida apresentadas são resultado da transcrição que fiz em cima das narrativas que me foram feitas pelos colaboradores no processo de captação das entrevistas. Isto porque, conforme a metodologia do NEHO, é preciso apresentar um texto mais claro ao leitor, suprimindo-se as falas do entrevistador e incluindo os elementos não-verbais da entrevista, aqueles que não foram ditos mas cujas idéias são tão importantes quanto as que foram ditas.

Ao narrarem suas vidas e os acontecimentos relacionados a ela, com suas impressões e opiniões dos fatos, os narradores o fizeram a partir de suas memórias pessoais. Deste modo, toda narrativa é sempre e inevitavelmente construção, elaboração, seleção de fatos e impressões,⁸⁰ um produto da memória.

A memória, por ser utilizada por várias disciplinas em seus estudos, possui diferentes conceitos em seus diferentes campos. A pesquisadora Suzana Lopes Salgado Ribeiro fez uma contextualização do conceito em sua tese de doutorado, apresentando as primeiras reflexões sobre a memória nas ciências humanas, na qual os sociólogos, etnólogos e antropólogos procederam aos historiadores, e abordando a discussão existente nos dias atuais:

Propõe-se, então, um breve balanço do caminho percorrido para a construção desse conceito. A intenção é conhecer um pouco da produção em torno do conceito de memória, pontuando alguns autores de diferentes áreas do conhecimento que se detiveram a estudá-lo.⁸¹

⁸⁰ MEIHY, *Op.Cit.*, 2005.

⁸¹ RIBEIRO, Suzana Lopes Salgado. *Tramas e Traumas: Identidades em Marcha*. Tese de Doutorado. FFLCH-USP, 2007, pp.183.

Entre os autores pontuados por Suzana, os sociólogos Maurice Halbwachs e Michael Pollak e os historiadores Jacques Le Goff e Pierre Nora foram selecionados para explicar o conceito de memória deste trabalho, relacionados à prática de história oral proposta.

História oral e memória estão intimamente ligadas, afinal, as narrativas produzidas nas entrevistas são baseadas nas memórias de seus narradores. Ainda que as entrevistas tenham sido realizadas individualmente com cada colaborador e que as memórias evocadas nessas narrativas sejam, portanto, memórias pessoais de cada indivíduo, essas memórias são coletivas. Este conceito de “memória coletiva” advém do sociólogo Maurice Halbwachs, que não vê como separar a memória dos indivíduos de sua sociedade, de seu tempo e de seu espaço, sendo a memória do indivíduo constituída por estruturas sociais mais amplas. Para ele, toda memória pessoal é sempre um produto social:

É porque, em realidade, nunca estamos sós.⁸²

Os entrevistados desta pesquisa são membros de uma comunidade de destino, isto é, membros de um conjunto de pessoas com um destino em comum, com alguma experiência que os qualifica como grupo, dando-lhes princípios que orientam suas atitudes de maneira a configurar uma coletividade com base identitária.⁸³ A experiência que os qualifica como grupo é a emigração/imigração que empreenderam. Suas memórias coletivas, portanto, remetem a esta experiência comum, versando sobre a vida que tiveram no Chile antes de virem para o Brasil e à vida que tiveram no Brasil após terem saído do Chile. O sociólogo Michael Pollak explica como a memória está relacionada ao processo de identificação de um grupo, o que ele chamou de “enquadramento da memória”:

A memória, essa operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado que se quer salvar, se integra, como vimos, em tentativas mais ou menos conscientes de definir e de reforçar sentimentos de pertencimento e fronteiras sociais entre coletividades de tamanhos diferentes: partidos, sindicatos, igrejas, aldeias, regiões, clãs, famílias, nações etc. A referência ao passado serve para manter a coesão dos grupos

⁸² HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006, p.26.

⁸³ MEIHY, *Op.Cit.*, 2005.

e das instituições que compõem uma sociedade, para definir seu lugar respectivo, sua complementariedade, mas também as oposições irredutíveis.⁸⁴

Sendo construções, elaborações, seleções e impressões pessoais, as memórias não são capazes de evocar os fatos em si, mas uma versão dos fatos. Mesmo sendo narrativas construídas sobre o passado, não são capazes de dar conta do que aconteceu realmente, o que gerou um debate historiográfico a respeito da validade da memória como fonte histórica. A pesquisadora Suzana fez uma avaliação desse debate:

Com isso podemos dizer que nos últimos 40 anos, pesquisadores passaram a questionar a forma, de certo modo arbitrária, pela qual a história trabalha e ordena os fatos e eventos passados. Representações ou memórias coletivas tornam-se parte do conjunto histórico, como uma nova alternativa para compreender o passado. Com isso os fatos passados são examinados de outra forma, analisando e avaliando os envolvidos daquele contexto.⁸⁵

O historiador Jacques Le Goff teve atuação importante neste debate, incluindo o estudo da memória social como um dos meios de abordar os problemas do tempo e da história e da identidade:

O estudo da memória social é um dos meios fundamentais de abordar os problemas do tempo e da história, relativamente aos quais a memória está ora em retraimento, ora em transbordamento. (...) A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia.⁸⁶

O historiador Pierre Nora, também inserido naquele debate historiográfico, diferenciou a história da memória, apresentando os “lugares de memória” como uma consequência do sentimento de que não há mais memória espontânea, daí a necessidade humana de uma vontade geral de registro, de uma “materialização da memória”:

A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente

⁸⁴ POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol.2, n.3, 1989.

⁸⁵ SUZANA, *Op.Cit*, p.191.

⁸⁶ LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas: Editora da Unicamp, 1996, pp.426, 477.

de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, suscetível de longas latências e de repentinas revitalizações. A história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história, uma representação do passado. (...) Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento de que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não são naturais.⁸⁷

Nos trabalhos de história oral de vida não há como objetivo a veracidade dos acontecimentos de que tratam, mas sim saber como as pessoas que participaram de tais acontecimentos os qualificam e quais os pressupostos articuladores de construção de suas identidades, que são decorrentes de suas memórias expressadas em termos comunitários:

O que mais vale em história oral de vida são as versões individuais dos fatos da vida. (...) As histórias de vida são construções narrativas baseadas em fatos, mas que vão além, admitindo fantasias, delírios, silêncios, omissões e distorções. As histórias de vida são decorrentes de narrativas e estas dependem da memória, dos ajeites, dos contornos, derivações, imprecisões, isso talha sua essência subjetiva.⁸⁸

Um fato constantemente evocado entre os chilenos, por exemplo, é o Golpe de Estado que ocorreu em 11 de setembro de 1973. Ao narrarem sobre este fato, ao fazerem uma descrição do acontecimento, não significa que tal descrição seja inequívoca e exatamente do modo como ocorreu, mas sim a versão deste fato para este narrador. Esta versão pode conter em si diversos fatos menores, por exemplo, o bombardeio do palácio presidencial, os militares nas ruas, as pessoas assustadas. Mas novamente não significa que a descrição destes fatos menores seja exatamente do modo como ocorreu. Além disso, esta mesma versão pode conter também fantasias, momentos que não foram vividos pelo narrador, mas que foram por ele adquiridos. Halbwachs explicou como a impressão pessoal de algo pode apoiar-se na lembrança pessoal desse algo e na imagem que outras pessoas, através de suas lembranças pessoais, nos passam desse algo:

⁸⁷ NORA, Pierre. Entre Memória e História. A Problemática dos Lugares. *Projeto História*, São Paulo, dez.1993, pp.9,13.

⁸⁸ MEIHY & HOLANDA, *Op.Cit.*, 2007, pp.34- 35

Para algumas lembranças reais junta-se assim uma massa compacta de lembranças fictícias. Inversamente, pode acontecer que os depoimentos de outros sejam os únicos exatos, e que eles corrijam e reorientem nossa lembrança, ao mesmo tempo que incorporem-se a ela.⁸⁹

Neste trabalho de história oral, portanto, cujas narrativas foram construídas por nossos colaboradores a partir de suas memórias pessoais que são, em realidade, memórias coletivas, pretendeu-se analisar e tornar públicas as versões e visões sobre os fatos que envolveram – e que envolvem ainda – o movimento emigratório/imigratório chileno realizado nas três últimas décadas do século XX e as conseqüências deste processo em suas vidas, evidenciando os dilemas de construção de identidade imigrante.

Antes disso, uma versão coletiva da história recente do Chile pôde ser assim construída com as narrativas de nossos colaboradores:

Participação das mulheres no mercado de trabalho chileno

Das três mulheres entrevistadas, duas falaram sobre sua participação no mercado de trabalho chileno já nas décadas de 1960 e 1970:

A colaboradora Berta começou a trabalhar aos 15 anos de idade, ou seja, já no início da década de 60, quando começou a dar aulas para crianças do pré e, a partir disso, começou a fazer cursos técnicos nessa área. Cursou também Secretariado e chegou a trabalhar em dois empregos antes de emigrar: meio-período em uma escola e meio-período em um escritório.

A colaboradora Marianne também começou a trabalhar jovem, quando estava com 17 anos de idade, no início da década de 70. Como morava em uma cidade pequena, em que as oportunidades de trabalho eram escassas, mudou-se para a capital do país e lá trabalhou em vários lugares, os quais não foram especificados.

Participação dos chilenos na vida política do país

Pudemos notar nas entrevistas que a participação dos chilenos na vida política de seu país era fato comum, sendo a filiação em partidos políticos e a militância partes integrantes da juventude. Os chilenos eram politizados, sabiam da história e das tendências políticas de seu país

⁸⁹ HALBWACHS, *Op.Cit.*, p.28.

e a participação nesta vida política não estava restrita somente a uma parcela da sociedade ou à intelectualidade, mas alcançava a todos praticamente.

Berta contou que foi presidente da ala juvenil de um partido:

“Eu sempre fui muito engajada com a política lá no Chile durante a minha juventude, eu fui até *presidenta* da ala juvenil do partido da Democracia Cristã. Posteriormente entrei em uma fase de descrença política, saí do partido e nunca mais militei. Mas minhas tendências sempre foram de justiça social.”

Alejandro se lembrou de discussões políticas polarizadas entre a esquerda e a direita:

“Uma discussão que eu tinha com a minha mãe era o lado político dela (...) Eu nunca fui assim de freqüentar partido político, mas as minhas idéias eram mais de esquerda e as idéias dela eram de direita.”

Luís contou que foi secretário-geral do movimento estudantil da escola em que estudava durante a sua adolescência e, posteriormente, chegou a ser líder sindical:

“Na minha adolescência eu voltei a *Talcahuano* para estudar (...) eu fui eleito secretário-geral do movimento estudantil dessa escola quando estava no segundo ano do curso técnico.”

“Com minhas inquietudes de dirigente, eu trabalhava por um partido político chamado Democracia Cristã, do qual fui indicado para fazer vários cursos de sindicalista.”

Contou também a aposta que fez com um colega de trabalho sobre o resultado das eleições presidenciais de 1964 e é visível a influencia de seu pai em sua vida política, aconselhando-o e se desapontando quando Luís teve que abandonar a atividade de sindicalista, afinal ele mesmo já havia sido dirigente sindical:

“Havia um senhor no meu trabalho em *Huachipato* que desafiava os democrata-cristãos, apostando que Salvador Allende iria ganhar nas eleições de 1964 para presidente do Chile. Eu estava recém casado, com muitas dívidas, mas de tanto

escutar ele aí gritar e gritar, levantei da cadeira e lhe disse que eu apostava meu salário em Eduardo Frei, candidato da Democracia Cristã, contra Salvador Allende!”

“Eu estava na Praça de *Concepción* celebrando com meu pai e com meus irmãos, tocando violão e acordeão, quando meu pai me disse: ‘já que você ganhou essa aposta, deveria entrar no partido definitivamente.’”

“Meu pai ficou muito triste, não sabia o que eu ia fazer, mas não sabia também o porquê da minha renúncia.”

Herminda falou sobre as suas crenças políticas e as de seu marido durante a juventude, o que fez, inclusive, que eles desistissem de emigrar para a Austrália em 1970:

“Eu lamento que perdemos a Austrália, pois acreditávamos que o novo governo, da Unidade Popular, ia conseguir independizar o Chile, uma idéia um pouco ilusória, coisa de jovens que éramos na época. Acreditávamos que a mudança de ideal e de política poderia melhorar a situação do nosso país, mas não sabíamos os bastidores, o que estava por acontecer.”

Sobre a sua orientação política, Osvaldo se pronunciou e criticou:

“Eu sempre fui de esquerda. Nas eleições de 1970, votei por Salvador Allende. E o governo de Allende foi péssimo. Foi péssimo porque fora de não deixarem-no governar, ele como presidente foi um horror. Ele foi contra tudo o que ao chileno lhe gosta e ele não tinha o apoio completo dos chilenos. Pode parecer paradoxal dizer que sou de esquerda e que não gostei do governo de Allende, mas eu sou dono de escolher o que eu gosto. Votei pelos partidos de esquerda que havia, pela *Unidad Popular*, não pela pessoa dele, certo?”

Marianne contou que era filiada a um partido político antes do Golpe e por isso ficou com medo quando foi instaurada a ditadura:

“Eu passei um susto tão grande porque eu tinha o meu nome inscrito no partido da Juventude Socialista, eu achava que eu ia morrer, que iam me buscar em casa por eu ter o meu nome ali!”

Pedro não se pronunciou explicitamente, mas deixa claro que tinha um pensamento político. De sua fala podemos notar também que da orientação política que as pessoas tinham dependiam, em geral, algumas relações interpessoais:

“Eu tinha tanto conhecimento nessa área que eu nunca fui mandado embora, independente do meu pensamento político, tanto com o pessoal de esquerda, que começou a comandar a firma, quanto depois com o pessoal de direita...”

Contexto chileno antes do governo da Unidade Popular (1970-1973)

Acreditando que a história recente do Chile possui dois marcos – o governo da Unidade Popular (1970-1973), liderado por Salvador Allende, e a ditadura militar (1973-1990), liderada pelo general Augusto Pinochet – os pronunciamentos de nossos colaboradores sobre estes assuntos foram separados de acordo com eles. Mas como era a situação do país antes desses marcos?

É senso comum entre os chilenos utilizar o governo de Allende para justificar a intervenção dos militares no Chile. No entanto, ao observar o contexto que nos foi relatado nas histórias de vida antes desses marcos, é possível perceber que os chilenos, em geral, já passavam por algumas dificuldades econômicas e sociais anteriores a 1970:

Os pais de Berta se separaram quando ela tinha 5 anos de idade e ela teve, então, que ir morar com umas tias de seu pai, provavelmente porque tais tias possuíam melhor condição financeira para criar e educar a criança. Além disso, como já vimos anteriormente, Berta começou a trabalhar muito jovem, aos 15 anos de idade.

O pai de Herminda, “devido a mudanças de governo”, ficou sem trabalho durante a sua adolescência e isto influenciou em sua vida nessa época. A família, que antes vivia num “lugar muito bonito”, teve que se mudar para um bairro inferior, onde tinham um terreno e construíram uma casa. Herminda não especificou como eram as condições de habitação da família anteriormente, mas podemos levantar as seguintes hipóteses: ou a família vivia em outra casa que lhes pertencia e foi vendida porque precisavam de dinheiro, ou a família pagava aluguel e tiveram

que se mudar porque o pai ficou desempregado, ou o pai de Herminda era caseiro/cuidador do lugar em que viviam e tiveram que se mudar. De qualquer forma, a colaboradora avaliou que teve uma infância e adolescência muito bonitas, mas fica claro que houve uma queda no nível econômico da família:

“Fui criada em um lugar muito bonito de *Concepción*, chamado *Parque Ecuador*. Tive uma infância muito bonita e uma adolescência bonita também, só que devido a mudanças de governo meu pai ficou sem trabalho e por isso a situação foi um pouco mais difícil na época da minha adolescência. Mas somado a tudo isso, já tínhamos um terreno, para onde nos mudamos e construímos uma casa, e assim seguimos vivendo em outro bairro.”

Osvaldo separou a sua vida em duas etapas: antes e depois da separação de seus pais. Isto porque, enquanto seus pais eram casados, ele vivia numa condição econômica muito boa, seus pais lhe davam “do melhor”, estudou em escola particular e estudou música. Depois da separação, porém, quando tinha entre 12 e 13 anos de idade, enfrentou algumas dificuldades: primeiramente ficou residindo com a sua mãe e sua irmã e passaram algumas necessidades:

“Somente um ano, no primeiro ano que eu fiquei sozinho com minha mãe e minha irmã, logo depois da separação de meus pais, não tínhamos nada em casa, só tínhamos uma garrafa de Coca-cola, aí nos abraçamos e eu lhes disse: ‘última vez, isto aqui não passará nunca mais’. Graças a Deus foi dessa maneira.”

Depois de um tempo, foi separado de sua irmã, pois esta ficou vivendo com a mãe e ele com o pai; junto a seu pai, foram morar com um tio, que tinha uma família grande e onde ele sentiu bastante estranhamento; e começou a trabalhar arduamente, porque embora ele sempre tenha trabalhado, pois desde que era criança auxiliava aos seus pais, percebe-se que o trabalho ficou mais intenso nesta segunda etapa de sua vida:

“Porque eu trabalhava de dia e às vezes eu trabalhava de noite também, trabalhava a hora que precisasse, de sábado à tarde eu encerava o laboratório, passava uma esponja de chão para madeira, e tinha um negócio que a gente

chamava de “*chancho*”, era um negócio que tinha uma escova retangular onde se colocava o pano para poder dar brilho nas tábuas... Era duro, 13 anos eu tinha!”

Marianne contou que teve uma infância difícil, “uma infância muito dura, muito pobre, terrível”. Vivia com sua família numa região rural do Chile e por isso não teve o que as crianças da área urbana tinham, mas também não passou nenhuma necessidade, pois tinham em abundância o que a natureza lhes fornecia: “frutas, leite e queijos”. Sua infância deve ter sido mais difícil por conta de seu pai, que “bebia muito” e devido a isto se tornou uma pessoa ausente e foi acabando com tudo o que a família tinha, vendeu até a casa em que eles moravam. A mãe de Marianne decidiu, então, ir morar com seus pais que viviam em outra cidade e a partir daí a família se desintegrou um pouco. Ao final, quando Marianne tinha 17 anos, foi a escolhida entre os filhos para ir trabalhar na capital do país, o que não lhe agradou nada:

“Tive que me mudar pra *Santiago*, a capital do Chile, fui morar na casa de uma prima de minha mãe e no verão ia visitar a minha família em *Linares*, mas eu não gostei nenhum pouco... Ainda tenho muito ressentimento disso...”

Pedro também teve uma origem humilde, seu pai era caseiro. Durante a sua juventude, prestou serviço militar e poderia ter feito o curso da Escola de Cadetes se seu pai tivesse condições de custeá-lo. Também começou a trabalhar jovem, antes dos 17 anos de idade, como operário em uma fábrica de pisos de madeira. Para fazer faculdade, trabalhava de dia e estudava à noite.

Contexto chileno durante o governo da Unidade Popular (1970-1973)

O governo de Salvador Allende foi lembrado em quase todos os relatos. A colaboradora Herminda falou sobre a esperança que ela e seu marido tiveram com a vitória de Allende e o início de seu governo. O colaborador Luís, que era sindicalista, contou que teve contato pessoal com o presidente e que a parte sindical era muito bem atendida por ele. Osvaldo mostrou-se totalmente descontente com este governo e, como era administrador de uma padaria, narrou as dificuldades que os chilenos tinham neste período para adquirir produtos alimentícios básicos,

tomando o pão como exemplo. Marianne, assim como Osvaldo, lembrou-se das enormes filas que faziam e do “mercado negro”:

“Saiu eleito presidente no Chile o candidato de meu marido, Salvador Allende, e decidimos ficar, imaginando que haveria uma melhora na situação laboral do país, acreditando que seria ‘*la solución para el trabajador*’. Mas não deu certo, não aconteceu o que esperávamos. Ao contrário, foi piorando...” (Herminda)

“Nesse período a parte sindical era mais atendida por Salvador Allende, a gente sempre estava em reuniões com ele, eu conhecia o presidente da República do Chile assim pessoalmente. Tive a oportunidade de estar com ele em três ocasiões em *La Moneda*, o palácio presidencial chileno.” (Luís)

“O Allende levou o país à desordem, à escassez, tomou medidas que na minha opinião não deveria. Isto é um pouco relativo entre chilenos, cada um tem seu pensamento.” (Osvaldo)

“Lembro que as pessoas para conseguir comprar pão tinham que estar numa fila enorme às quatro horas da tarde de um dia para receber o pão na manhã do dia seguinte. Muitas vezes aconteciam coisas um pouco divertidas nessas filas, as pessoas começaram a levar baralho, dominó, bola, e jogavam no meio da noite, enquanto esperavam, porque era uma fila de um quarteirão e meio. E essas pessoas que estavam na fila provavelmente tinham outras pessoas da mesma família em outra fila!” (Osvaldo)

“No meu caso, dependendo da quantidade de farinha que eu tinha, era o pão que eu fazia. Para comprar farinha, tinha que ir a lugar que se chamava ECA, Empresa de Comércio Agrícola, onde você ia e pedia cem sacos de farinha, eles viam o que você fazia e te davam cinqüenta, aí você tinha que pagar antecipado esses cinqüenta sacos e esperar. Era o maior problema, porque a farinha não chegava, não havia caminhões, quem transportava farinha eram os estudantes da *Universidad Técnica del Estado*. Então era um problema sério.” (Osvaldo)

“No comecinho da década de 70 eu morava com aquela tia ainda, prima da minha mãe, porque também lembro quando a gente ia de madrugada nas filas

pra comprar as coisas, na época de Salvador Allende. Nessa época era assim, por exemplo, diziam 'em tal lugar vai chegar Omo', aí a gente ia de madrugada nesse lugar fazer as filas pra comprar Omo, ou 'em tal lugar vai chegar carne', aí íamos." (Marianne)

"E era uma situação insustentável, porque no tempo da *Unidad Popular* de Allende tinha o mercado negro, tudo o que você conseguia para poder ter em sua casa era via mercado negro." (Osvaldo)

"A gente também ia muito no rio Mapocho, nos camelôs, comprar as coisas no mercado negro mesmo, o mais necessário tinha que comprar, um sabonete, um creme dental, e os caras vendiam caro pra caramba! Como eles tinham as coisas pra vender? No mercado negro havia tudo, nos supermercados não havia nada, os supermercados nem abriam!" (Marianne)

A colaboradora Marianne, ainda falando sobre a “bagunça” pela qual passava o Chile durante o governo de Salvador Allende, narrou a luta de classes geradora dessa “bagunça” e considerou necessária uma intervenção para melhorar a situação do país, ainda que tenha demonstrado compreensão da articulação direitista que houve para desestabilizar o governo.

"Virou uma bagunça tão grande, tão grande, tão grande... Eu saía pra trabalhar e tinha que voltar pra casa sem trabalhar, porque estava toda a bagunça no centro de políticos, de pedrarias, de bombas lacrimogêneas... Tinha uns pregos com várias pontas e que jogavam nas ruas, os “*miguelitos*”, enchiam as ruas de *miguelitos* pra furar os pneus de tudo quanto é caminhão, explodiam as pontes com dinamite, estouravam os reservatórios de água... Aí nunca se sabia se eram as pessoas da *Unidad Popular*, que era o partido do governo, ou se eram as pessoas do Partido Nacional querendo criar caos, só sei que quem pagava as conseqüências era a população, que ficava vários dias sem água, sem luz, sem trabalhar..."

"Acho que era um complô, uma coisa assim muito grande que fizeram, acho que as pessoas do Partido Nacional, as pessoas ricas, se sentiram muito feridas de ter um partido no governo do lado dos pobres. Ficaram loucos que eles não se importavam mais com o que eles faziam. As mulheres saíam nas

ruas para protestar tocando panelas vazias, quem eram essas mulheres? Eram as mulheres dos ricos, não era a mulherada pobre. E os Estados Unidos fez tudo tão bem feito, interferiu tanto em tudo que virou uma bagunça muito grande, o país ficou num caos terrível que não tinha mais jeito, alguém tinha que fazer alguma coisa... Ou seja, eles levaram o país a esse ponto que realmente alguém tinha que fazer alguma coisa, só que não essa matança que os militares depois fizeram...”

Assim como esta colaboradora, milhares de chilenos não agüentavam mais a situação pela qual passavam no país durante o governo da Unidade Popular, mesmo aqueles que entenderam o processo que levou a esta situação. Chegou um momento em que não somente os setores conservadores da população clamavam por uma intervenção no país, mas até mesmo os chilenos mais neutros politicamente ou que haviam votado por Allende. A memória coletiva dos chilenos nos conta, contudo, os percalços pelos quais passaram após tal intervenção, que foi a ditadura militar chilena.

Contexto chileno durante a ditadura militar (1973-1990)

A respeito da ditadura militar instaurada em 1973, quase todos os colaboradores, além de mencionarem que ficaram desempregados após o início da mesma, relataram algum episódio ocorrido nesta época. Aqueles que se posicionaram a respeito da ditadura, afirmaram serem contrários a ela. Qual será o posicionamento dos outros colaboradores? Não se sabe ao certo, pois o posicionamento que houve entre aqueles colaboradores foi voluntário, não houve uma pergunta formulada sobre este assunto a todos os entrevistados.

Ainda assim, tal questionamento se mostra interessante por ser parte integrante da memória coletiva dos chilenos, nos quais, em geral – e aqui relato observações do trabalho de campo – são visíveis 3 posicionamentos sobre a ditadura: (1) aqueles que são totalmente contra ela, (2) aqueles que são contra as atrocidades que foram por ela cometidas, mas entenderam-na como necessária e inevitável devido ao contexto anterior do país, e (3) aqueles que são favoráveis a ela, independente das atrocidades que foram cometidas.

A respeito desse debate que existe entre os chilenos, o colaborador Osvaldo, após mostrar-se totalmente contra a ditadura e narrar diversos episódios para justificar o seu posicionamento, defendeu-se:

“E quem me disser que não foi assim, que eu estou mentindo, podem fazer fila aqui na porta de minha padaria que eu deixo claro a todos! Porque aqui no Brasil tem alguns chilenos que dizem que não foi assim. Foi assim sim! Eu vivi isso. (...) Quem não viveu pensa que estou contando uma história, ou como já aconteceu aqui, já conheci muitos chilenos que querem passar um pouco menos... Mas não, a gente sofreu!”

Este colaborador foi quem mais se posicionou contrário à ditadura que teve em seu país, afinal, como ele disse, “estava cansado” do autoritarismo e da repressão que era obrigado a suportar e por isso decidiu sair do Chile. Sua narrativa é plena de justificativas para sua emigração: dono de uma padaria, apontou as dificuldades em seus negócios, contou que era constantemente intimidado e ameaçado pelos militares em seu local de trabalho por estar situado próximo a um regimento, sentiu-se incomodado com a falta de liberdade de expressão, referiu-se aos cadáveres expostos no rio Mapocho e utilizou o pão, produto de seu trabalho, para explicar porque conheceu esta atroz realidade:

“Eu vivi isso. Vivi porque eu trabalho, e trabalhei minha vida inteira, com uma coisa que chega a todo mundo, que é o pão. O pão que o chileno gosta de ter todos os dias, todas as horas. Pra se ter uma idéia, os maiores consumistas de pão da América Latina e de várias partes do mundo são o chileno e o argentino. Nesse momento, deve-se ter um consumo per capita de 90 quilos por ano de pão no Chile, enquanto o brasileiro tem uma média de 19 quilos. Lá no Chile é tudo com pão: na salada, no café da manhã, na *once*, na comida, nada se come sem pão. Então eu trabalhava com gente, trabalhava nas *poblaciones* em Chile, em lugares de baixa renda, via o sofrimento das pessoas.”

Oswaldo ressaltou também sua condição de juventude submetida a um governo autoritário: por ser jovem, “entre 23 e 25 anos durante o Golpe”, sentiu falta de poder sair tranquilamente à noite para dançar e se divertir, o que era impossível devido ao toque de recolher. Também devido a esta limitação de horário, não pôde prosseguir seus estudos, afinal, trabalhava durante o dia e teria que estudar durante a noite:

“Eu passei tudo isso numa idade entre 23 e 25 anos durante o Golpe, super jovem, e cortaram tudo o que eu queria, cortaram meu futuro... Aí vem um chileno e diz: ‘se você não estudou é porque você não quis!’ Não! É porque também me expulsaram, a mim me expulsaram dos estudos, porque eu estudava no noturno nessa época, eu não podia estudar em outro horário por causa de meu trabalho. (...) Eu tinha idéia de fazer faculdade, queria seguir com o inglês, mas depois seus sonhos se vão com a água.”

A colaboradora Marianne também se posicionou contra a ditadura, embora achasse, na época, necessária uma intervenção no país:

“Realmente alguém tinha que fazer alguma coisa, só que não essa matança que os militares depois fizeram...”

Marianne falou também da repressão, do toque de recolher, da falta de liberdade de expressão. Contou detalhadamente sobre o seu 11 de setembro de 1973, dia do Golpe, por estar próxima do palácio presidencial chileno, o *La Moneda*, alvo principal do ataque:

“Todo mundo chorando e gritando, que desespero... Aí eu encontrei uma amiga minha, que era colega de trabalho, a Vicky, e falamos ‘pra onde vamos?’, como que íamos voltar a pé pra nossas casas? (...) Sorte que passou correndo um amigo dela que tinha um escritório aí no centro, na esquina da *Mackiver* com a alameda *Bernardo O’Higgins*, ele conhecia ela há muito tempo, então ele entregou a chave desse escritório pra ela, pra gente entrar lá e se esconder. (...) E era tanques, era bombas, era sirene... Tudo fechado, ninguém saía na rua, os carros sumiram, e os militares mandando todo mundo desaparecer: ‘corre, corre, corre’... Chegamos lá, entramos que nos jogamos pra dentro!”

Das narrativas dos colaboradores Osvaldo e Marianne encontra-se de comum a explicação sobre o *allanamiento*, prática constante naquela época:

“*Allanar* significa entrar nas *poblaciones* e tirar as pessoas pra fora de suas casas, *allanavan* as casas, revistavam tudo. Um *allanamiento*, essa era uma palavra assim normal na cabeça do pobre lá.” (Osvaldo)

Os militares entravam nas vilas de madrugada, invadiam as casas, os *allanamientos*, e se achavam que tinham que levar alguém, eles levavam! Fizeram uma peneira tão grande que as pessoas andavam que não sabiam aonde se enfiar, todo mundo assustado, todo mundo apavorado... (Marianne)

Alejandro, cujas lembranças evocadas sobre este período devem ser de a partir do final de década de 70, pois ele nasceu em 1972, também falou sobre essa invasão domiciliar feita pelos militares e que era conhecida como *allanamiento*, e deixou exposta a marca da repressão do governo sobre as atividades culturais do país, como a restrição a leituras de acordo com seus autores:

“Lembro das pessoas com aquele medo do exército entrar na sua casa procurando algo, que isso era muito comum, eles entravam na sua casa de madrugada procurando alguma coisa, pegavam os homens e iam embora e nunca mais você via, entendeu? Esse era o maior medo, mas como minha família nunca foi nem sequer de ter leituras desse tipo, livros contra o governo, nada, então a gente não tinha medo de nada porque não tinha nada que temer também.”

Dos outros colaboradores, que foram mais neutros em criticar a ditadura, destacam-se os seguintes argumentos: a colaboradora Herminda falou sobre a desorientação geral das pessoas que se seguiu após o Golpe; o colaborador Luís contou como a sua atividade sindical foi reprimida por ser de um partido que não era do governo militar; já o colaborador Pedro não atribuiu o impedimento de prosseguir seus estudos universitários após o Golpe aos militares; a colaboradora Berta comparou a ditadura brasileira com a ditadura chilena, considerando a primeira mais branda quando comparada à segunda; e o colaborador Alejandro lembrou-se do plebiscito convocado por Pinochet em 1988:

“E quando veio o Golpe Militar de 73 não ficou nada, as pessoas todas migraram, pelo menos da área que trabalhava o meu marido, então ficou tudo desorientado, cada um saiu pra um lado!” (Herminda)

“Até que um dia, depois de duas ou três tentativas de pessoas que eu nunca tinha visto na minha vida e que queriam que eu fizesse parte da nova Central de Trabalhadores que Pinochet estava formando, eu dizendo que não, que ia pensar, que não, que ia pensar... Até que um dia uma pessoa me disse: ‘é melhor que você renuncie a *Huachipato*, se retire, já que não quer colaborar com o governo’. Aí eu me retirei.” (Luís)

“Só que eu não terminei a faculdade, faltaram dois anos para eu terminar e por causa do Golpe de Estado que houve em 1973 eu perdi toda a minha documentação, as faculdades foram incendiadas pelos estudantes e pessoas de esquerda, que eram contrários ao Golpe.” (Pedro)

“No ano que chegamos, em 78, ainda havia ditadura disfarçada aqui no Brasil, pois foi o ano em que Figueiredo foi nomeado presidente e Maluf governador de São Paulo. (...) E eu tinha saído de uma ditadura no Chile que era cada dia mais cruel, coisa que como recém-chegada pude sentir uma certa diferença, imagino que porque eram os últimos anos de um sistema que já tinha usado e abusado demais de seu poder.” (Berta)

“Essas são algumas lembranças que eu tenho desse período de ditadura no Chile. Lembro da época do *Sí* ou do *No*, que foi a época que o Pinochet fez aquele plebiscito, colocou que *Sí* era para ele ficar ou *No* para ele sair. E era protesto direto, era violento o negócio, aquele cheiro de pneu queimado, o cheiro daquela bomba, você saía pra rua e sentia aquela pimenta ardida, o pessoal desligava a força e você via o helicóptero do exército em cima com um foco de luz procurando alguém fazendo alguma coisa...” (Alejandro)

Uma imagem que é coletiva ao povo chileno foi evocada pelos colaboradores Marianne e Alejandro: lembraram-se que era comum naquela época, entre as pessoas que gostavam do governo militar, encontrar nas casas chilenas um quadro do ditador pendurado na sala. Esta imagem nos liga ao debate inicial deste tópico, que é o posicionamento do povo chileno a respeito da ditadura militar que houve no país, sendo ressaltado, neste caso, aquele em que as pessoas foram favoráveis à ditadura:

“E no Chile tinha muita gente com esse respeito ao Pinochet, as pessoas tinham até um quadro dele na sala de suas casas!” (Marianne)

“Mas para se ter uma idéia, minha mãe tinha uma foto do Pinochet na sala!”
(Alejandro)

Sem pretender confrontar as opiniões dos colaboradores, não se pode deixar de considerar que numa entrevista de história oral, um momento formal e para um trabalho a ser publicado, a cautela dos entrevistados quanto às suas opiniões a respeito de determinado assunto é maior. A respeito da ditadura militar chilena, sendo uma das ditaduras mais brutais que houve na América Latina, admitir formalmente um posicionamento em seu favor não deve ser fácil, assim como posicionar-se contra e admitir os sofrimentos que passaram devido a ela.

O sociólogo M. Pollak⁹⁰ apontou como o “silêncio” pode ter razões bastante complexas em determinados assuntos, destacam-se aqui algumas que podem ser pensadas no caso desta pesquisa em história oral: em face de uma lembrança traumatizante, o silêncio pode se impor a todos aqueles que querem evitar culpar as vítimas, assim como as vítimas podem preferir guardar o silêncio por ser a lembrança traumatizante comprometedora para elas; abster-se de falar pode ser melhor do que se arriscar a um mal-entendido sobre uma questão grave; razões pessoais também podem explicar o silêncio, por exemplo, pessoas que querem poupar os seus filhos de suas feridas; uma situação ambígua e passível de gerar mal-entendidos pode levar ao silêncio antes de produzir ressentimento e contestações inesperadas; o silêncio também pode ser provocado pela angústia de não se ter encontrado uma escuta no momento em que se quis falar ou pelo medo de ser punido.

Apontamentos conclusivos

A participação das mulheres no mercado de trabalho chileno, a participação dos chilenos na vida política de seu país e a contextualização histórica do Chile antes da emigração de nossos colaboradores foram as memórias coletivas selecionadas das narrativas para a construção de uma história coletiva recente do Chile.

⁹⁰ POLLAK, M. *Op.Cit.*

As narrativas, apresentadas na íntegra na parte II desta pesquisa, contém muitas outras memórias sobre as experiências e sentimentos que envolveram as experiências de nosso colaboradores. A leitura dessas memórias é significativa não só porque permite a construção de uma história coletiva sobre determinado tempo e espaço e porque permite conhecer a comunidade de destino da qual fazem parte, mas também porque são memórias que emocionam e que nos fazem refletir. Essas memórias poderiam se perder sem este trabalho, o que por si só justifica a sua execução: encontra-se aí outra importância da história oral, que está em verter para o estado escrito as memórias que são relatadas oralmente, tornando-as estáveis e repassáveis a um número maior de pessoas. Além disso, por meio de suas análises, problemáticas importantes do tempo presente podem ser debatidas.

Capítulo 2

O Movimento Emigratório/Imigratório

Segundo os Protagonistas

Luís Carlos Eleodoro Merino Román veio em 1975 para o Brasil, quando tinha 33 anos. Ele nasceu em *Talcahuano*, “na província de *Concepción*”, localizada na região de *Bío Bío*. Com uma população de aproximadamente 164 mil habitantes, destacam-se nesta cidade a *Escuela de Pesca de San Vicente*, um centro educacional que existiu entre 1935 e 1970 e que teve vários nomes ao longo desse período, entre eles o “*Escuela Industrial y de Pesca de San Vicente*”, citado por nosso colaborador em referência a onde ele estudou, e também a *Compañía Siderúrgica Huachipato*, onde ele trabalhou, “uma usina que é líder no mercado nacional chileno de aço”. Fizemos a entrevista em 2008, aos seus 66 anos de idade e 33 anos de Brasil.

Herminda Mercedes Caamaño veio em 1975, quando tinha 29 anos. Ela nasceu em *Concepción*, “cidade que fica ao sul de *Santiago*”, capital da região de *Bío Bío*. Com aproximadamente 216 mil habitantes, destaca-se aí a *Universidad de Concepción*, onde nossa colaboradora iria cursar o curso de Oceanografia, se não tivesse vindo para o Brasil. Fizemos a entrevista em 2008, aos seus 63 anos de idade e 33 anos de Brasil.

Pedro Francisco Rojas Velden veio em 1977, quando tinha 33 anos. Ele nasceu em *Santiago*, mais especificamente em *Las Condes*, naquela época “um povoado que ficava perto da cidade”, atualmente uma das comunas que compõem a cidade de *Santiago* e um dos locais mais nobres do país, com belas casas, shoppings e centros financeiros. Fizemos a entrevista em 2009, aos seus 65 anos de idade e 32 anos de Brasil.

Marianne Fernandez Hazeldine veio em 1978, quando tinha 23 anos. Ela nasceu em *Gorbea*, uma comuna no sul do Chile, “perto de *Temuco*”, na região de *Araucanía*, com uma população de apenas 16 mil habitantes aproximadamente. Posteriormente, mudou-se para *Linares*, “cidadezinha” de aproximadamente 78 mil habitantes e localizada na região de *Maule*, próxima aos complexos termais *Panimávida* e *Quinamávida*. Fizemos a entrevista em 2009, aos seus 54 anos de idade e 31 anos de Brasil.

Berta Rosas Morales veio em 1978 para o Brasil, quando tinha 31 anos. Ela nasceu em *Viña Del Mar*, “uma linda cidade turística do Chile”, famosa por suas belas praias, casas e hotéis, localizada na região de *Valparaíso*. Com aproximadamente 287 mil habitantes, esta cidade é famosa também porque aí acontece todos os anos o Festival Internacional da Canção de *Viña Del Mar*, ou simplesmente “*Festival de Viña*”, um dos mais importantes eventos musicais da América Latina. Fizemos a entrevista em 2008, aos seus 61 anos de idade e 30 anos de Brasil.

Osvaldo Oyanedel veio em 1986, quando tinha 33 anos. Ele nasceu em *Santiago*, capital e maior cidade do país, é o centro cultural, administrativo, industrial e financeiro do Chile, localizada na região metropolitana de *Santiago*. Com uma população de aproximadamente 6 milhões de habitantes, é também uma cidade turística, pois há aí vida noturna agitada, museus, conjuntos arquitetônicos, teleféricos e centros de esqui próximos. Fizemos a entrevista em 2009, aos seus 56 anos de idade e 23 anos de Brasil.

Alejandro Hormazabal veio em 1997, quando tinha 25 anos. Ele nasceu em *Santiago*, que é a capital chilena, mas passou parte de sua infância em *Chillán*, “uma cidade no sul do Chile”, localizada na região de *Bío Bío*. Com aproximadamente 162 mil habitantes, a cidade é mundialmente conhecida porque aí encontra-se o complexo turístico e centro de esqui *Termas de Chillán*. Fizemos a entrevista em 2008, aos seus 36 anos de idade e 11 anos de Brasil.

Um mapa do Chile com as cidades e localidades de onde são provenientes os chilenos que foram entrevistados, ficou assim:

Fonte: Mapas elaborados pela autora a partir de mapas retirados da Internet.

A emigração

Afinal, o que levou esses chilenos e chilenas a saírem de seu país de origem e por que escolheram o Brasil para viver? Para responder a este e aos outros questionamentos que envolvem o processo migratório chileno empreendido entre as décadas de 1970 ao final de 1990, foram analisadas as histórias de vida dos colaboradores desta pesquisa.

O Chile passava por um difícil momento político, econômico e social, o que afetava diretamente a vida de seus cidadãos, conforme exposto no capítulo 1 da primeira parte deste trabalho e conforme a memória coletiva dos entrevistados. Durante o período ditatorial chileno, que vigorou entre 1973 e 1990, muitas pessoas foram obrigadas pelo Estado a abandonarem o país, pois estavam sendo duramente perseguidas e corriam risco de vida, os chamados “exilados políticos”. Diferentes destes, que foram obrigados, muitos chilenos saíram voluntariamente de seu país neste período em busca de melhores condições de vida em outros países, tornando-se assim emigrantes/imigrantes.⁹¹ Embora não tenham sido obrigados a efetuarem tal deslocamento, foram levados a ele pelas circunstâncias desfavoráveis em que se encontravam dentro de seu próprio país. Não há, assim, como atenuar o peso do Estado sobre o movimento emigratório chileno em direção a outros países durante as três últimas décadas do século XX, ainda que seja necessário fazer esta diferenciação entre o “exilado político” e o “emigrante/imigrante”.

Conscientes da história de seu país, cujo período ditatorial produziu milhares de perseguidos políticos, são os próprios colaboradores que fazem essa diferenciação entre exilados políticos e emigrantes/imigrantes – sem necessariamente utilizarem esta nomenclatura – atribuindo razões econômicas e sociais às causas geradoras da emigração e razões políticas às causas geradoras do exílio. Diversas vezes durante o desenvolvimento da pesquisa, ao procurar chilenos para serem entrevistados, fui logo avisada: “mas eu não saí por motivo político”, e assim podemos notar nas falas do colaborador Alejandro, referindo-se aos seus tios, e nas falas dos colaboradores Osvaldo e Herminda sobre eles mesmos:

“Eles vieram na década de 70, mas não foi por questão política, na verdade eles vieram por uma questão de oportunidade, porque naquela época o Brasil tinha um déficit muito alto de engenheiros e meu tio que é engenheiro ele veio...” (Alejandro)

⁹¹ SAYAD, *Op.Cit.*

“Essa foi uma das razões que fez eu sair do Chile, eu estava cansado e quis vir pra cá (...) não foi questão política nem nada.” (Osvaldo)

“Lembro que muita gente foi pro Canadá, a outra opção na época, e nós viemos pro Brasil. Não foi escolhido, mas uma opção que tivemos...” (Herminda)

Segundo este ponto de vista, não há entre os colaboradores desta pesquisa nenhum exilado político, são todos emigrantes/imigrantes.

É por esta diferenciação também e por atribuírem sempre o fator político aos exilados políticos que alguns de nossos colaboradores não colocaram a ditadura militar como a causa principal da emigração que fizeram. No entanto, ao lermos as histórias de vida que integram esta pesquisa, podemos considerar que o novo regime instaurado a partir de 11 de setembro de 1973 foi a causa principal da saída do Chile de cinco das sete pessoas que foram entrevistadas, assim como deve ter sido para tantas outras, pois é visível o impacto e as consequências que o Golpe inaugurou na vida dessas pessoas:

“Até que um belo dia foi o Golpe Militar e o destino da gente começou a mudar, porque meu marido sim era muito engajado na política partidária e por conta disso ele foi demitido de seu emprego, foi um exonerado político mesmo. Enquanto eu continuei no Chile, ele viajou para outros países, Equador, Peru, procurando um lugar onde pudesse trabalhar.” (Berta)

“Depois veio o Golpe Militar e aí eu comecei a ter problemas. Mesmo sendo democrata-cristão, pelo fato de ser dirigente sindical e militante. Até que um dia, depois de duas ou três tentativas de pessoas que eu nunca tinha visto na minha vida e que queriam que eu fizesse parte da nova Central de Trabalhadores que Pinochet estava formando, eu dizendo que não, que ia pensar, que não, que ia pensar... Até que um dia uma pessoa me disse: ‘é melhor que você renuncie a *Huachipato*, se retire, já que não quer colaborar com o governo’. Aí eu me retirei.” (Luís)

“Meu marido foi um dos primeiros que ficou desempregado no Chile depois do Golpe Militar.” (Herminda)

“Depois do Golpe eu fiquei sem trabalho, todo mundo ficou sem trabalho na casa de meu irmão, era super difícil... Não tinha nem como procurar trabalho nessa época, porque muita coisa fechou, os comércios todos fechados, o que funcionava à noite antes já não podia funcionar mais, muita gente sem trabalho, uma pobreza muito grande no país, tudo muito limitado...” (Marianne)

“Ainda era ditadura no Chile e eu estava cansado daquela situação. Eu não queria mais viver obrigado a fazer as coisas, não gosto que ninguém me imponha regras, por exemplo, o toque de recolher que havia. (...) Estava cansado de tanta coisa que se passava. Eu passei tudo isso numa idade entre 23 e 25 anos durante o Golpe, super jovem, e cortaram tudo o que eu queria, cortaram meu futuro...” (Osvaldo)

Percebe-se nestas histórias de vida um “corte”, uma guinada, entre o antes e o depois da instauração do regime militar no Chile: os maridos das colaboradoras Berta e Herminda ficaram desempregados; o colaborador Luís, que era sindicalista, foi obrigado a abandonar sua atividade por não ter aderido ao governo e também ficou sem trabalho; a colaboradora Marianne, que vivia com a família de seu irmão, viu todos aí ficarem desempregados; e o colaborador Osvaldo, que não ficou desempregado após o Golpe, não suportou o autoritarismo do regime militar, embora o tenha tentado, pois decidiu pela emigração 13 anos após o início da ditadura.

Assim, mesmo que muitos dos chilenos não atribuam diretamente ao Golpe e ao regime com ele instaurado a causa de sua emigração, por não terem sido perseguidos políticos e, portanto, não serem exilados, a leitura desses relatos nos leva a discordar dessa postura. Podemos, então, atribuir à emigração empreendida por tais pessoas não somente as questões econômicas e sociais, mas também as políticas, embora a questão econômica tenha maior ênfase em suas explicações. Para tanto, a colaboradora Berta apresentou uma definição interessante:

“Foi aí que começou a história do exílio econômico...”

O colaborador Pedro não se encaixa nesta definição. Sua história difere das outras porque ele não ficou desempregado no Chile e, diferente da maioria dos chilenos da época, não teve problemas econômicos. Justificou sua emigração na busca de “aventura” e “desafio pessoal”, e não por necessidade financeira:

“E no Chile eu não estava desempregado nessa época, eu trabalhava numa grande empresa que era concorrente dessa daqui do Brasil, e eu estava bem lá, era encarregado de projetos da área de transformadores, já tinha meu apartamento e um carro zero, já tinha uma condição de vida razoável.”

Não ficando desempregado, presenciou vários trabalhadores serem demitidos:

“Porque na época depois do Golpe era muita mudança de diretoria, de engenheiros, durava um tempo cada um.”

E mesmo não tendo grandes problemas devido à crise econômica pela qual passava o país, Pedro não ficou imune às consequências da luta entre o sistema imposto e sua oposição:

“Só que eu não terminei a faculdade, faltaram dois anos para eu terminar e por causa do Golpe de Estado que houve em 1973 eu perdi toda a minha documentação, as faculdades foram incendiadas pelos estudantes e pessoas de esquerda, que eram contrários ao Golpe.”

O colaborador Osvaldo, que não ficou desempregado porque era dono de uma padaria, viu seus negócios declinarem também como consequência dessa luta: diversas vezes não pôde abrir o seu estabelecimento, outras tantas não conseguiu entregar as encomendas aos seus clientes ou sequer chegar ao seu local de trabalho:

“E era dos dois lados: eu tinha uma padaria que ficava perto do aeroporto e lá tinha um funcionário que às vezes me ligava dizendo: ‘Osvaldo, já passaram a avisar que se amanhã a gente abrir a padaria, queimam a padaria’. Aí passavam dois dias que não se podia abrir a padaria, que não se podia sair para entregar o pão. Muitas vezes eu chegava até certa parte e não podia continuar, às vezes eu estava a dez quadras da padaria e não podia passar: pedras de todos os lados, tudo o que se puder imaginar. Ou então eu com a caminhonete cheia de pães para fazer entregas e sem poder entrar nos bairros... (...) Então você começava a criar dívidas e a ter problemas, o banco não quer nem saber se houve concentração disso ou daquilo, no banco chegou o cheque, tem que estar o dinheiro. E aí começam seus problemas.”

O colaborador Alejandro foi o único dos entrevistados que não contou ter sofrido alguma grande mudança em sua vida logo após o Golpe, pois tinha apenas um ano de idade em 1973. Ainda assim, usou-o como referencia cronológica para narrar sua história de vida:

“Eu me chamo Alejandro Hormazabal, nasci em *Santiago* em outubro de 1972, um ano antes do Golpe Militar.”

A emigração de Alejandro difere essencialmente das outras porque foi ocasional, resultado de um ato apaixonado e aventureiro, após vir ao Brasil em viagem e decidir-se por permanecer aqui. Já a emigração dos outros colaboradores foi ato pensado e premeditado, consequência direta da ditadura militar – exceto o colaborador Pedro – que deixou milhares de chilenos sem emprego em seu país – como o marido de Berta, o marido de Herminda, o senhor Luís e a senhora Marianne – ou insatisfeitos aqueles que, mesmo com dificuldades, tentaram resistir – como o senhor Osvaldo.

É possível ainda, em casos como os dos colaboradores Pedro e Alejandro, nos quais o Golpe de 1973 e seu governo não trouxeram grandes agravantes às suas vidas, enxergarmos uma hipótese de razão política indireta entre as causas da emigração que empreenderam, se pensarmos que não teriam saído do Chile se em outros países não estivessem residindo outros chilenos com os quais tinham contato e que podem ter emigrado como consequência do Golpe e da ditadura instaurada.

Não se trata de dizer, contudo, que o Chile estivesse em uma situação favorável antes de 1973 e que tudo mudou a partir desta data, provocando uma fuga em massa. As próprias narrativas dos colaboradores nos contam, em alguns casos, as dificuldades econômicas e sociais que já passavam muito tempo antes. Vimos em suas memórias coletivas que muitos chilenos tiveram uma infância e adolescência marcadas pelo baixo nível econômico da família, num período que não foi possível datar precisamente, mas entre as décadas de 1950 e 1960, portanto anterior ao governo da Unidade Popular (1970-1973). Vimos também que no contexto deste governo o país passava por sérios problemas - gerados pela reação organizada da oposição e pelos confrontos entre a esquerda e a direita⁹² – todos eles ocasionando transtornos na vida dos habitantes em geral. Mesmo assim, enquanto tiveram emprego e confiança, os chilenos não

⁹² Este assunto foi tratado no capítulo 1 da primeira parte desta pesquisa.

emigraram, é o que dizem as estatísticas e as narrativas desta pesquisa. Alguns até chegaram a cogitar a possibilidade da mudança de país antes de 1973, mas não a efetuaram:

“Por volta de 1968, eu tinha recebido na minha casa um tio de minha mãe que havia estado 30 anos no estrangeiro sem dar notícias pra ninguém da família! (...) Essa história me impressionou muito, me abriu a mente de começar a pensar em sair do país. Mas até então ficou só nisso, só pensamento... (...) Eu já tinha tido a oportunidade de sair do Chile no começo dos anos 70 para a Austrália, mas não fui.” (Luís)

“Com o tempo, novas mudanças bruscas de governo aconteceram e a situação foi ficando difícil no Chile, o que influenciou no trabalho de meu marido. No começo dos anos 70 já começamos a pensar em migrar, e ele entrou em um plano de emigração para a Austrália. Quando já estava tudo certo para irmos, saiu eleito presidente no Chile o candidato de meu marido, Salvador Allende, e decidimos ficar.” (Herminda)

Pode-se afirmar, então, que a emigração em massa entre os chilenos se deu após o Golpe, quando ficaram sem emprego e sem perspectivas de recolocação no mercado de trabalho nacional. Ao ficarem sem emprego, provavelmente esses chilenos procuraram por outro trabalho dentro de seu próprio país antes de apostarem na emigração como solução, mas não conseguiram, e por isto não saíram imediatamente após o Golpe. O colaborador Luís chegou a montar um negócio próprio:

“Então comecei a formar um criadouro de frangos com um amigo, um compadre, começamos a criar pintinhos. Só que o negócio foi mal e o dinheiro começou a acabar.”

O colaborador Pedro deixou claro como a recolocação no mercado de trabalho do país nesta época era conflituosa e por vezes impossível, dependendo da orientação política que tinham os trabalhadores e seus respectivos empregadores:

“Eu tinha tanto conhecimento nessa área que eu nunca fui mandado embora, independente do meu pensamento político, tanto com o pessoal de esquerda, que começou a comandar a firma, quanto depois com o pessoal de direita,

porque na época depois do Golpe era muita mudança de diretoria, de engenheiros, durava um tempo cada um...”

O marido de Berta é um exemplo daqueles que não conseguiam recolocação empregatícia no Chile devido ao posicionamento político, época em que as influências tornaram-se fundamentais:

“Porque meu marido sim era muito engajado na política partidária e por conta disso ele foi demitido de seu emprego, foi um exonerado político mesmo. (...) Ficou dois anos em uma empresa que o pai dele tinha certa influência...”

Ainda que quisessem, os chilenos não poderiam simplesmente esconder a opinião política que tinham antes do Golpe na tentativa de alguma oportunidade, pois, conforme vimos na análise de suas memórias, eram engajados e participativos na vida política do país, o que quer dizer que praticamente todos sabiam a opinião de todos. A emigração surgiu, assim, como possível solução.

A imigração

Antes de optarem pelo Brasil como lugar de destino, outros países foram cogitados para tanto por nossos colaboradores: Austrália, Equador, Peru, Venezuela, Argentina, Canadá e Estados Unidos foram citados. Para explicar o porquê dessa opção, três motivos principais foram apontados, em alguns casos articulados entre si, em outros individualmente: a oferta de trabalhos que o Brasil oferecia em determinada área naquela época, os contatos estabelecidos com familiares e/ou conhecidos chilenos que já estavam aqui e a questão da documentação:

“E também tinha me interessado um pouco pela Venezuela, porque quando eu estive na Colômbia num curso sindical para dirigentes cristãos, com a Venezuela ao lado, tive muito contato com venezuelanos. Depois que descartei a idéia de Venezuela, minha intenção era somente Argentina. Mas na Argentina nós chilenos éramos muito perseguidos, você entrava no país e todos sabiam quem você era, o que você tinha feito, porque estava ali. Em duas entrevistas que eu fiz não gostei, não tive a acolhida que pensava ter e não quis mais. E aqui no Brasil já havia familiares da minha esposa, que viviam em Santos. Além desses familiares, havia também alguns colegas do trabalho de *Huachipato* trabalhando em São José dos Campos.” (Luís)

“Então perdemos a oportunidade de ir para a Austrália e começamos a pensar em algum país latino-americano. Pensamos no Equador e na Venezuela, que na época estavam bem. Só que estes dois países não nos davam segurança de permanência, primeiro teríamos que migrar como turistas e só depois saberíamos se a nossa situação se estabilizaria. Tentando encontramos o Brasil, que tinha bastante fonte de trabalho disponível nessa época e por isso estava recebendo migrantes. (...) Saímos com visto de permanência do Chile para cá, e isto foi o que nos deu segurança. (...) Lembro que muita gente foi pro Canadá, a outra opção na época.” (Herminda)

“Eu já tinha tido vários convites de trabalho para outros lugares, nos Estados Unidos, por exemplo, mas eu ia postergando minha decisão por causa de minha mãe que iria ficar sozinha, só consegui sair depois que ela começou um novo romance e conseguiu uma nova companhia. (...) Aí um amigo meu, que já trabalhava no Brasil, me indicou. (...) Então eu já vim empregado de lá do Chile, com a documentação feita e a passagem de avião e estadia tudo pago pela empresa que me contratou no Brasil.” (Pedro)

“Nesse tempo se escreviam cartas pra Chile, os chilenos contando nas cartas que aqui estava tudo muito bom, e assim foi vindo gente e mais gente de lá pra cá. (...) Quando meu marido veio pro Brasil ele não estava desempregado no Chile, ele até tinha um bom emprego lá, mas ele quis vir porque tinha vários amigos dele que já trabalhavam aqui e ele estava preocupado que pudesse vir a ficar desempregado no Chile.” (Marianne)

“Enquanto eu continuei no Chile, ele viajou para outros países, Equador, Peru, procurando um lugar onde pudesse trabalhar. Voltou pro Chile e ficou dois anos em uma empresa que o pai dele tinha certa influência, até a idéia da irmã dele, que já estava morando no Brasil, ir um dia passar férias no Chile e convencê-lo a vir pra cá. Ela falou que aqui no Brasil tinha boas oportunidades de trabalho, que engenharia civil era muito aceita, e ele topou.” (Berta)

“Eu já tinha vindo pro Brasil no ano 79, passar um tempo com minha irmã e meu cunhado. Depois eu vim outra vez, a passeio, e gostei. E como eu sempre estive junto da minha irmã, como eu já não agüentava mais a situação no Chile, decidi vir para morar.” (Osvaldo)

“No ano de 1991 eu vim pela primeira vez ao Brasil. Eu já tinha família em Campinas, um tio e uma tia que moram aqui há mais de trinta anos. (...) Então em 1991 eu vim pela primeira vez ao Brasil, passar as férias na casa daqueles meus tios chilenos que já moravam aqui. Voltei em 1997 e fiquei.” (Alejandro)

Estão presentes em quase todos estes trechos as chamadas “redes de imigrantes”, que são redes de contatos estabelecidas entre novos imigrantes e imigrantes de um período anterior e que constituem uma continuidade nos processos migratórios. O estabelecimento dessas redes se dá aleatoriamente e é comum a todos os movimentos migratórios, com os chilenos não foi diferente.

Ainda nestes trechos, nota-se que o planejamento e a decisão do ato de emigrar partiram predominantemente do lado masculino, sendo os homens os principais articuladores do processo migratório que, se não solteiros, envolveu toda a família – neste caso, o que podemos chamar de “família nuclear” ou “família conjugal”, isto é, o casal e seus filhos. A pesquisadora Samira Adel Osman notou em seu trabalho sobre imigrantes árabes em São Paulo⁹³ a importância da família, pois entrevistou a 1ª e a 2ª geração de imigrantes e as vozes envolvidas se entrecruzaram num relato comum, partindo de um projeto familiar único. No caso da presente pesquisa, em que foram feitas entrevistas somente com membros da 1ª geração de imigrantes, também foi possível notar a importância da família nos relatos, embora não seja possível tomá-la como atenção essencial deste estudo. Ainda assim podemos perceber que, mais do que chilenos emigrantes/imigrantes, são também famílias emigrantes/imigrantes: os homens primeiro vieram sozinhos para o Brasil, se estabilizaram e só depois vieram os outros integrantes da família. É interessante observar em alguns trechos das narrativas como os homens narraram em primeira pessoa do singular e as mulheres, em terceira pessoa:

“Ele veio pro Brasil antes de mim, com três colegas, foram pro Rio Grande do Sul, onde havia uma proposta de trabalho. Ficou três meses trabalhando lá e não gostou, então ele voltou pro Chile. Ele veio no ano 74 e voltou em janeiro de 75 pensando que as coisas poderiam ter melhorado em nosso país, mas não. Então ele voltou pro Brasil.” (Herminda)

⁹³ OSMAN, Samira Adel. *Caminhos da Imigração Árabe em São Paulo: História Oral de Vida Familiar*. São Paulo: dissertação de mestrado, Universidade de São Paulo, 1998.

“Eu cheguei no Brasil em julho de 1975, em dezembro me mudei para Campinas e no dia 12 de fevereiro de 1976 finalmente encontrei um trabalho! A minha esposa e meus filhos chegaram um mês depois, em março.” (Luís)

“Eu trabalhei um tempo nessa firma de Jundiaí e depois eu recebi uma proposta de uma firma daqui da cidade de Campinas que dobrou o meu salário, daí eu vim para Campinas. Trabalhei três meses aqui e consegui um mês de férias pra ir para o Chile pegar a minha esposa, com quem na época eu não era casado ainda e com quem eu casei e tive três filhas depois: a Astrid, a Karina e a Vanessa, todas nasceram no Brasil.” (Pedro)

“Nós namoramos três meses apenas antes de nos casar. Na verdade, eu já o conhecia há um ano antes do casamento, é que namoramos esses três meses e ele veio para o Brasil, ficou aqui um tempo e depois voltou pro Chile com um contrato de trabalho daqui, aí nos casamos e viemos pra cá.” (Marianne)

“Em fevereiro de 1978 ele veio para o Brasil sozinho, em maio ele já estava trabalhando em uma grande empresa de Campinas e em junho mandou buscar a gente, eu e nossos dois filhos.” (Berta)

“Quando vim para o Brasil eu já estava casado, minha filha Paola tinha 11 anos de idade. Primeiramente vim sozinho, fiquei um ano sozinho, não conseguiria sair me arrumando com todo mundo.” (Osvaldo)

A cidade de Campinas, elemento comum aos chilenos emigrantes/imigrantes desta pesquisa como lugar de estabilização e estabelecimento no Brasil, não foi um lócus de atração direta a todos os colaboradores. Pode-se identificar um processo de deslocamento interno no Brasil entre alguns dos entrevistados antes de se estabelecerem nesta cidade: Luís passou por São José dos Campos, Santos, São Paulo e Bahia; o marido da colaboradora Herminda passou pelo Rio Grande do Sul, foi para o Chile, voltou para o Brasil e foi para Paulínia, cidade da região metropolitana de Campinas; Pedro passou por Jundiaí; Berta chegou em Campinas, foi para Salvador e lá morou durante 4 anos, e voltou para Campinas. Os colaboradores Herminda, Marianne, Osvaldo e Alejandro chegaram diretamente à cidade. Pode-se considerar, assim, que

Campinas foi um pólo de atração de chilenos no Brasil devido às oportunidades de emprego e aos contatos que tinham os chilenos recém-chegados com outros chilenos que já estavam aí.

Experiências de adaptação

O trabalho no novo país no início do processo migratório também é tema que emerge predominantemente do lado masculino, mesmo entre as colaboradoras que já trabalhavam no Chile antes de virem para cá, como Berta e Marianne. Enquanto os homens narraram suas próprias experiências neste campo, as mulheres narraram as experiências de seus maridos. Percebe-se nessas experiências uma diferença entre aqueles que já vieram empregados de lá do Chile, caso do colaborador Pedro, aqueles que vieram com várias possibilidades de trabalho porque possuíam a formação tecnológica de que o Brasil tanto necessitava naquela época, caso do marido da Berta e do marido da Herminda, e aqueles que vieram sem essa colocação, caso dos colaboradores Luís e Osvaldo. A trajetória destes últimos, nestes termos, se comparada à daqueles, pode ser considerada mais complicada em seu início.

O caso de Luís é ilustrativo: decidiu vir tentar algo no Brasil com mais três amigos, colegas de seu antigo trabalho, e chegaram a São Paulo em julho de 1975. No dia seguinte foram à cidade de São José dos Campos, onde havia uma possibilidade de trabalho, mas cujo salário não lhes agradou. Decidiram então ir para Santos, onde já residiam familiares da esposa de Luís. Enquanto os colegas de Luís decidiram voltar para o Chile, pois ficaram desapontados no Brasil, Luís decidiu ficar, afinal já tinha até vendido a sua casa lá no Chile. Ficou e longos 7 meses se passaram até que ele conseguisse encontrar um trabalho. Ao longo desses 7 meses, sua jornada de sobrevivência foi complicada: inicialmente ficou hospedado na casa de seus parentes em Santos – a casa de amigos revela os elos de articulação entre os que chegam e os que já estão⁹⁴ – e aí começou a procurar trabalho, “só que nada resultava”, então estendeu sua procura à cidade de São Paulo e ficou “um par de meses assim em Santos, São Paulo, Santos, São Paulo, Santos, São Paulo...”. Mudou-se para a cidade de Campinas, onde lhe disseram que havia mais possibilidades de trabalho do que em Santos, hospedou-se numa pensão e recomeçou sua busca. Encontrou seu primeiro emprego em fevereiro de 1976 e, aliviado, no mês seguinte pôde receber sua família – esposa e filhos – do Chile, os quais aguardavam ansiosamente a autorização para virem. A

⁹⁴ MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Brasil fora de si. Experiências de Brasileiros em Nova York*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004, p.47.

saudade e a dificuldade de terem ficado distantes neste tempo são percebidas nesse trecho de sua narrativa:

“Minha esposa cada vez que me escrevia dizia que estava vindo do Chile, que estava vindo, que não agüentava mais. Tínhamos três filhos nessa época, ficavam um pouco na casa do meu pai, outro pouco na casa da mãe dela. Até que um dia ela me disse que já tinha terminado de receber o pagamento da nossa casa e que estava vindo.”

Logo depois tiveram uma filha no Brasil, mas Luís ficou novamente sem trabalho, o que lhe gerou outros percalços. Chegou a ir para a Bahia, “de carona em cima de um caminhão”, em busca de uma oportunidade. Em São Paulo, num teste empregatício, não soube responder em português, o que lhe impossibilitou a vaga de trabalho desejada:

“Então voltei a São Paulo para fazer um teste, só que respondi tudo em espanhol, não sabia escrever em português! Aí a primeira pessoa que pegou a prova não entendeu nada, isso me deu raiva, piquei a prova e fui embora pra minha casa em Campinas.”

Meihy considera que os métodos de sobrevivência em outra cultura exigem três fatores combinados: (1) negociação das tradições originais, (2) adaptação ao contexto e (3) persistência na edificação de novo padrão de vida.⁹⁵ Vimos estes fatores na trajetória de Luís, os quais estiveram presentes também em todas as histórias de vida desta pesquisa. A seguir, alguns desses fatores foram destacados:

(1) Negociação das tradições originais⁹⁶

O colaborador Luís forneceu-nos um exemplo belíssimo dessa negociação em sua busca por trabalho:

“O mais difícil pra mim aqui no Brasil era a forma de se apresentar nas entrevistas, porque no Chile as pessoas quando vão procurar trabalho vão com sua melhor roupa, normalmente de terno. Então eu via avisos assim de ‘precisa-se de ajudantes de produção’, aí eu ia, mas ia de terno e gravata, com pasta de

⁹⁵ MEIHY, *Op.Cit.*, 2004, p.123.

⁹⁶ Entende-se, neste caso, tradição como sinônimo de hábitos e costumes nacionais.

documentos de couro, essas coisas. Aí me olhavam e diziam ‘não, pra você aqui não tem trabalho, você ajudante de produção?’. Até que um dia eu decidi ir de calça jeans, uma camisa e minha carteira. Era para operador de grua, que aqui se chama operador de ponte rolante. Esse foi meu primeiro emprego no Brasil. “

A colaboradora Herminda reconheceu que estava impondo uma tradição chilena à sua nora – o hábito de tomar chá, mesmo em dias de calor – o que já pode ser considerado uma negociação:

“Eu não prestei atenção que estava impondo certas coisas a eles, à minha nora principalmente, por exemplo quando ela tomava *té* comigo em dias super calorentos!”

O colaborador Osvaldo conta como mudou seu modo de se expressar no novo país. Segundo ele, é um costume chileno apelidar as outras pessoas, principalmente de modo pejorativo, coisa que ele não pode fazer com os brasileiros, pois provocaria desentendimentos, mas que continua fazendo com seus amigos chilenos residentes no Brasil:

“Outra coisa que eu tive que mudar é que lá no Chile as pessoas estão sempre colocando uma etiqueta nas outras, para todas as pessoas tem sempre uma etiqueta, te olham e te dizem: ‘*este es creído*’, ‘*este es hueón*’, ‘*este es pesado*’, ‘*este es cachetón*’, ‘*este es guatón*’, ‘*este es pelado*’... O chileno é assim, te olha e te rotula sem nunca ter falado com você, isso acontece desde pequeno. E nós temos a imaginação péssima lá no Chile. Eu sempre converso disso com um chileno que vem aqui na minha padaria, sempre falamos das coisas que passamos no Chile, como nos comportamos quando estamos lá, então a gente brinca como diríamos em Chile certas frases, por exemplo, em vez de dizer: ‘você conhece a senhora da esquina?’, diríamos ‘você conhece aquela velha *hueona*, *guatona* da esquina?’! E nós dois morremos de rir disso!”

(2) Adaptação ao contexto

A questão do idioma esteve presente em quase todas as narrativas e relaciona-se ao contexto que os imigrantes tiveram que se adaptar. Falantes do idioma espanhol, os chilenos no Brasil precisaram aprender o idioma português. Esta aprendizagem deu-se em diferentes tempos e

níveis para cada um, mas o que importa para esta pesquisa é observar quais as dificuldades que tiveram esses chilenos no novo país devido à diferença das línguas e como se adaptaram.

A colaboradora Herminda contou que a questão do idioma já era uma preocupação antes mesmo de emigrarem/imigrarem:

“Meu marido tinha essa preocupação, ele não queria sair do Chile com sua família e chegar a um país desconhecido sem essa tranquilidade, principalmente no Brasil que o idioma era diferente.”

A colaboradora Berta também tinha essa preocupação:

“Aliás, a questão do idioma foi uma das minhas preocupações antes de vir pra cá, eu ficava pensando ‘em que que eu vou trabalhar quando não falo o português?’.”

Berta lembrou-se também da dificuldade de comunicação em seus primeiros meses no Brasil, a qual foi contornada com a ajuda de sua cunhada, chilena que estava há mais tempo aqui. Em outro momento, alinhou o idioma com sentimentos como a “saúde” e a “dor de estar longe” para explicar a solidão sentida assim que mudou de país:

“Ela que já entendia português me acompanhou atrás de imobiliárias para alugar casa e me acompanhou a fazer compras.”

“Meus primeiros seis meses aqui no Brasil nunca vou esquecer, porque cheguei sem saber uma palavra em português e minha saudade, minha dor de estar longe...”

Ao final de sua narrativa, provou a sua completa adaptação ao idioma informando que se formou na faculdade de Letras/Português. Antes disso, trabalhou como secretária bilíngüe durante anos em uma grande empresa:

“Foi uma grande barreira para mim, mas nunca desisti. No ano 85 eu comecei a trabalhar na parte de faturamento no Diário do Povo, antigo jornal de Campinas,

até que soube que precisavam de alguém que falasse espanhol na Mercedes Benz, onde trabalhei como secretária de exportação durante 14 anos.”

O colaborador Luís também contou da dificuldade que teve com o idioma em seus primeiros meses de Brasil, relatando que não conseguiu realizar um teste empregatício por não saber responder em português. Luís também se referiu a como os chilenos iam aprendendo o idioma em seus locais de trabalho, quando contou ter empregado vários chilenos em um restaurante do qual ele era proprietário:

“Ajudamos muitos chilenos também: talvez quinze, vinte, vinte e cinco pessoas que passaram por aí trabalhando. Aprendiam o idioma e saíam a procurar trabalho em outra parte, porque eu também não tinha condições de oferecer um bom salário.”

A colaboradora Herminda também relacionou a aprendizagem do idioma ao mundo do trabalho e assim justificou o fato de utilizar somente o idioma espanhol em seu dia a dia: como não precisou trabalhar, em sua casa sempre manteve o idioma de origem, onde “somente se *habla*”. Neste caso, Herminda não fez questão nenhuma de se adaptar ao idioma do país em que vive, pois estendeu a regra de só se comunicar em espanhol a todos que freqüentam a sua casa: seus filhos, seus netos e até seu genro e nora é que tiveram que adaptar-se ao seu idioma, o que ela considerou “interessante” para eles, por terem a oportunidade de “conhecerem uma cultura diferente”. Informou que seus filhos, chilenos que vieram ainda crianças para o Brasil, falam perfeitamente o português, mas que ela ficou num “impasse”: entende perfeitamente, mas prefere seguir falando o espanhol porque não gosta de expressar-se num português não fluente. Fora da privacidade de seu lar, porém, é visível um processo de adaptação ao idioma, pois seguramente teve que utilizar o português para fazer aqui no Brasil algo admirável: voltou a estudar, cursou novamente o que já tinha cursado nos colégios do Chile, “do primário ao secundário e com boas notas!”, e fez diversos cursos mais, por exemplo, o de instrumentadora cirúrgica.

Sobre a questão do idioma para os seus filhos em seus primeiros dias de Brasil, ela contou:

“Eu não sabia falar nada em português e fui atrás, perguntei onde tinha uma escola próxima e fiz a matrícula deles, numa escola estadual. Meus filhos

contam que na hora do recreio era a metade do tempo eles falando em espanhol e a outra metade do tempo os outros alunos tentando entender-lhes, e que voltavam para a sala de aula sem conseguir entender o que diziam um ao outro!”

A colaboradora Marianne não falou sobre o seu processo de adaptação à língua, mas referiu-se ao seu atual sotaque que é percebido por todas as pessoas, mesmo estando há mais de 30 anos no Brasil, o que faz com que a identifiquem como uma não-nacional:

“Aonde eu vou, quando falo alguma coisa, já na hora me perguntam de que país eu sou, por causa do meu sotaque...”

Já o caso do colaborador Alejandro é singular: não teve nenhum problema com a questão do idioma, pelo contrário, como gosta de estudar “línguas”, interessou-se pelo português de quando ainda morava no Chile e colocou o idioma do Brasil ao lado da comida, do clima, do povo e da mistura de raças do país para explicar por que se apaixonou por ele:

“O idioma é uma coisa que eu já gostava muito, pra se ter uma idéia, eu aprendi português bem antes de vir pra cá, eu escutava uma rádio que era do Rio Grande do Sul só com a intenção de poder entender o português e eu também lia Jorge Amado, que o meu pai tinha a coleção completa do Jorge Amado. Pelo fato de ter família aqui, a gente começou a ter contato com o português.”

“Aí eu vim pra cá de férias, pra conhecer o povo, ver como é que era o Brasil, e eu me apaixonei! Adorei o clima, a comida, o povo, aquela mistura de raças, a língua...”

Alejandro conciliou sua facilidade em aprender línguas, seu gosto pessoal pelo português e seu idioma de origem para começar a dar aulas de espanhol no Brasil, atividade profissional a que ele se dedicou durante todos os anos que residiu aqui, ou seja, de 1997 a 2010.

Esta atividade profissional, lecionar espanhol no país de idioma português, tornou-se comum a vários chilenos residentes no Brasil, cujo trabalho pode ser, para alguns, um reforço ou

complemento ao orçamento mensal já existente – caso de Berta, que é aposentada e dá aulas particulares de espanhol – ou, para outros, o próprio sustento – caso de Alejandro.

Pode-se concluir, assim, que a questão do idioma foi uma problemática inicial para os nossos colaboradores, presente no início da adaptação ao novo país, e embora a diferença entre as duas línguas tenha ocasionado dificuldades para a maioria dos chilenos, nunca foi um empecilho para permanecerem no Brasil. Atualmente, não é nada que os preocupem.

É interessante acrescentar ainda que a questão do idioma nesta pesquisa não esteve presente somente ao ser citada nas narrativas, mas também nas fases de aquisição das entrevistas e de confecção do documento escrito.

No processo de aquisição das entrevistas, não era algo que me preocupasse. Sabia que meus colaboradores poderiam narrar em espanhol, em português ou em “portunhol”, de acordo com a maneira que simplesmente comessem a narrar, e isto não me preocupava por ser eu falante do português e entendedora do espanhol. Logo nas primeiras entrevistas já fui questionada sobre qual idioma deveriam narrar suas histórias de vida, se eu queria que “falassem” ou “*hablasen*”. A todos expliquei que deveriam narrar da maneira que ficassem mais à vontade, o que ficou assim: Berta narrou em português e utilizou muitas palavras e expressões do espanhol, Herminda narrou em espanhol, Alejandro narrou em português, Luís narrou em espanhol e com algumas palavras e expressões do português, Osvaldo narrou em espanhol, Marianne narrou em espanhol e Pedro narrou em português com muitas palavras e expressões do espanhol.

Esta mistura de idiomas influenciou no processo de confecção do documento escrito: finalizadas as transcrições e textualizações, fiquei em dúvida se na transcrição deveria traduzir tudo o que foi dito em espanhol para o português, afinal, trata-se de um trabalho feito no Brasil e em uma universidade brasileira. Por sugestão de meu orientador, li o texto “*Me llamo Rigoberta Menchú y así me nació la conciencia*”,⁹⁷ no qual a autora, Elisabeth Burgos, optou por deixar na narrativa de sua entrevistada, Rigoberta Menchú, algumas das expressões indígenas por ela empregadas, a fim de tornar a narrativa escrita mais próxima da narrativa oral. O pesquisador André Gattaz, em sua pesquisa sobre a imigração espanhola em São Paulo,⁹⁸ também deparou-se com essa problemática e ponderou que não pretendia deixar todos os espanholismos da fala de certos depoentes, o que as tornaria mais próximas do espanhol do que do português, e também

⁹⁷ BURGOS, Elisabeth. *Me llamo Rigoberta Menchú y así me nació la conciencia*. México: Siglo Veintinuno, 1991.

⁹⁸ GATTAZ, André. *Braços da Resistência: Anti-franquistas em São Paulo. História Oral da Imigração Espanhola*. São Paulo: Dissertação de mestrado, Universidade de São Paulo, 1995.

não era sua intenção eliminar todas as palavras ditas em espanhol, já que eram um indicador importante.

Refletindo sobre isto, optei por deixar as entrevistas em português e com algumas palavras e expressões do espanhol, a fim de deixar exposta a marca do idioma natal dessas pessoas presente em suas falas, principalmente os nomes de lugares, de instituições, de tradições, de comidas e bebidas típicas, de danças, dos grupos folclóricos da colônia e de termos ou expressões próprias do Chile. Essas palavras e expressões são facilmente identificáveis no texto e aparecem no formato itálico, por exemplo, “*Dieciocho Chico*”. Além disso, por considerá-las compreensíveis, quando não explicadas na própria narrativa e pelo próprio narrador, não foram feitas traduções para elas em nota de rodapé da página.

(3) Persistência na edificação de novo padrão de vida

Ao efetuarem a mudança de um país para outro, os chilenos não fizeram somente uma mera mudança de espaço físico, mas também mudanças sociais, econômicas, políticas e culturais. Relembrando o apontamento de Sayad:

Por certo, a imigração é, em primeiro lugar, um deslocamento de pessoas no espaço, e antes de mais nada no espaço físico; (...) Mas o espaço dos deslocamentos não é apenas um espaço físico, ele é também um espaço qualificado em muitos sentidos, socialmente, economicamente, politicamente, culturalmente etc.⁹⁹

Ao vivenciarem todas essas mudanças, assumiram o compromisso pessoal de edificar um novo padrão de vida no novo país, afinal, não foram mudanças fáceis. Este novo padrão é, assim, resultado da compensação de que necessitaram para tudo o que abdicaram. No caso dos chilenos emigrantes/imigrantes desta pesquisa, não necessariamente a edificação de um novo padrão de vida esteve relacionada ao mundo do trabalho e do dinheiro, devido à especificidade de seu processo migratório. Quais foram, então, os padrões de vida pessoais projetados por nossos colaboradores no Brasil e como se deu a persistência na edificação desses padrões?

Esta não foi uma questão sobre a qual os colaboradores falaram especificamente, mas foi-lhe possível contemplar uma solução a partir da leitura de suas narrativas:

⁹⁹ SAYAD, *Op.Cit.*, p.15.

Herminda edificou como novo padrão de vida acompanhar o seu marido na mudança de um país para outro e seguir vivendo, no espaço de seu lar, como se vivesse ainda no Chile:

“Nesse aspecto minha cabeça é mais chilena ainda... Eu praticamente sempre estou pensando em comida chilena, nos hábitos chilenos, até a forma que eu criei os meus filhos foi da maneira que se costumava fazer lá! Geralmente eu penso ainda nos anos 70. Não que eu vivo nos anos 70, mas que eu mudei de casa somente. Como não necessitei sair a trabalhar, mantenho uma vida como se sempre tivesse vivido no Chile!”

Luís edificou como novo padrão de vida fornecer uma melhor condição econômica e social para sua família e mantê-la unida no Brasil, adotando como meio para isto o sustento familiar através de seu trabalho. Diferente de Alejandro, que não veio “atrás de dinheiro”, Luís sim veio com este objetivo, pelo menos no início de seu processo migratório, quando aqui chegou em 1975 com alguns de seus colegas de seu antigo trabalho no Chile:

“Porque viemos pensando ‘vamos ganhar muito dinheiro e depois de uns cinco anos voltamos pro Chile’, mas aí vimos que o que íamos ganhar era o mesmo que ganhávamos lá. Como eles não tinham vendido a casa deles, resolveram voltar. Eu que já tinha vendido a minha, resolvi ficar.”

Luís não conseguiu, porém, inserir-se tão facilmente no mercado de trabalho brasileiro, o que lhe trouxe várias dificuldades econômicas em seus primeiros tempos de Brasil. Ainda assim, apesar de todos os percalços pelos quais passou, persistiu em seu novo padrão de vida, pois sentia-se responsável para tanto, afinal, vendeu a casa que habitavam no Chile, trouxe sua esposa e filhos de lá e aqui tiveram mais uma filha. Ao término de sua narrativa, Luís prova que sua persistência triunfou ao citar minuciosamente os nomes de todos os membros de sua família no Brasil:

“E hoje estamos aqui! Todos os filhos estão crescidos e casados. Chegamos aqui no Brasil éramos cinco: minha esposa, nossos três filhos Luís Antonio, Patrício Alcides, Maríalexi de Pilar, e eu. Cinco. Primeiro vim eu sozinho, depois minha esposa com nossos três filhos. Aqui tivemos mais uma filha, a Denisse

Soledad, que é brasileira. Depois vieram os netos e uma bisneta: Natasha Karolyna, Patrícia Alejandra, Beatriz Soledad, Luís Eduardo, Pedro Henrique e Hermione. Então temos quatro filhos, cinco netos e uma bisneta. E os novos integrantes brasileiros: André, Ricardo, Luzia, Bruna e Alexi. Não posso deixar de homenagear minha eterna enamorada que me acompanha já há 45 anos, Ília del Carmen. Esta é minha história, parte de minha história...”

Pedro formulou como novo padrão de vida trabalhar no Brasil e ser muito bem remunerado para isto, afinal, se já estava empregado em seu país de origem e mesmo assim decidiu pela emigração, o retorno financeiro tinha que ser compensador. Exaltou em sua narrativa os conhecimentos que tinha na área em que trabalhava, mesmo sem ter concluído a faculdade, e o fato de ser disputado pelas empresas devido a este conhecimento. Veio para o Brasil de lá do Chile já contratado por uma “firma” e não relutou em trocá-la por outra que lhe ofereceu melhores salários:

“Eu trabalhei um tempo nessa firma de Jundiaí e depois eu recebi uma proposta de uma firma daqui da cidade de Campinas que dobrou o meu salário, daí eu vim para Campinas.”

Exaltou também os esforços que fez em sua vida, como a dedicação ao trabalho desde sua juventude, a conciliação de seus estudos no período noturno com seu trabalho durante o dia e a mudança para o Brasil, esforços estes justificadores para a edificação de seu novo padrão de vida:

“Antes de entrar no exército eu já trabalhava como operário em uma fábrica de pisos de madeira, depois eu prestei o serviço militar e depois voltei a trabalhar, eu trabalhava de dia e estudava à noite.”

“Quando vim para o Brasil eu comecei tudo do zero, vendi o que eu tinha lá no Chile e cheguei aqui com duas malas debaixo do braço. Fui para Jundiaí e numa semana fiquei num hotel que valia x, na outra num hotel que valia x-2 e depois num que era x-3! Depois a firma me ajudou muito pra conseguir uma casa e comprei a casa onde hoje moram as minhas filhas e minha ex-mulher.”

Marianne formulou como novo padrão de vida prosseguir na melhora da qualidade econômica e social que passou a ter a partir do processo migratório. Em sua narrativa, percebe-se

uma rotatividade em sua vida em termos de residência: durante a infância, morava na cidade de *Gorbea*, com sua mãe, seu pai “ausente” e seus irmãos. Com a separação de seus pais, mudou-se com sua mãe e seus irmãos para outra cidade, na casa de seus avós, pais de sua mãe. Nesta época, residia durante a semana na casa de uma tia com sua irmã, para poderem ir à escola, e aos finais de semana e férias com sua família, na casa de seus avós. Aos 17 anos, mudou-se para Santiago contra a sua vontade, para poder trabalhar, e aí ficou residindo na casa de uma prima de sua mãe. Algum tempo depois, ainda em Santiago, foi morar com a família de seu irmão mais velho e, posteriormente, fez mais uma mudança antes de vir para o Brasil, quando foi morar com uma tia. Assim, a mudança de país significou para Marianne também uma ascensão social, pois pela primeira vez foi dona de sua casa e, além disso, deslumbrou-se com a oferta de produtos no mercado brasileiro, coisa a que ela não tinha acesso no Chile:

“Aqui era maravilhoso em 1978, tudo em abundância, tudo fácil de comprar, nós chegamos aqui e ficamos assim fascinados!”

A melhora da qualidade econômica e social que passou a ter não esteve somente vinculada à emigração/imigração, mas também ao casamento, pois ela não teria vindo para o Brasil se não fosse por seu marido na época, o colaborador Pedro. Por outro lado, talvez ambos não teriam se casado se não fossem vir para o Brasil. O fato é que Marianne melhorou sua qualidade de vida, pelo menos em termos econômicos e sociais, e pode-se aferir que a persistência na edificação de seu novo padrão de vida não estava necessariamente vinculada ao Brasil, pois disse:

“Então o Chile só foi começar a melhorar depois de uns 10, 12 anos que o Pinochet já estava no governo, por isso também que fomos ficando no Brasil, porque na verdade viemos com a intenção de voltar, nunca viemos pra ficar, mas a situação lá no país não melhorava... Depois também minhas filhas nasceram, foram crescendo, indo à escola, fui me acostumando, me habituando, gostando das coisas daqui. No começo era horrível, eu só pensava em ir embora, até o pão eu achava horrível, as frutas, tudo ruim!”

Berta edificou como novo padrão de vida cooperar na elaboração, manutenção e ampliação de atividades relacionadas aos chilenos residentes no Brasil, particularmente aos chilenos residentes em Campinas. Em sua narrativa, ela falou sobre a dor e a saudade que sentiu ao deixar o país de origem, principalmente em seus primeiros meses, durante os quais escrevia cartas imensas para toda sua família lá no Chile. Essa dor sentida por Berta ao “chegar num país estranho” e onde não tinha “nenhum familiar sanguíneo” fez com que ela se empenhasse na formação e manutenção de uma associação de chilenos em Campinas, a Associação de Chilenos Residentes em Campinas e Região Pablo Neruda, da qual é uma das “sócias fundadoras”. Para ela, esta associação substitui em parte a família que os chilenos deixaram lá no Chile:

“Não somos de sangue, mas o fato de sermos chilenos, o fato de convivermos juntos, é como se essa comunidade viesse substituir em parte um pouco a família que a gente deixou.”

Além de sua participação nesta associação, Berta contou trabalhar voluntariamente na parte cultural do consulado chileno de Campinas e demonstrou amplo conhecimento e engajamento sobre os temas relacionados à emigração/imigração chilena: na Associação, mais do que ter sido uma das sócias fundadoras, luta pela sua existência e auxilia na organização de seus eventos, participando também das apresentações do conjunto folclórico; na parte cultural do consulado, organizou exposições e auxiliou diversos chilenos de uma maneira informal e por vontade própria, o que ela chamou de “parte social”; e entre os seus conhecimentos, destacam-se suas explicações sobre as festas típicas da colônia, sobre o que é *Une-Chile* e *Dicoex* e sua opinião a respeito da luta pelo direito a voto dos chilenos no exterior.

Osvaldo edificou como novo padrão de vida seguir trabalhando no Brasil no mesmo ramo que já trabalhava lá no Chile, que é o ramo de padaria, e viver à sua maneira, com liberdade e sem ter que viver “obrigado a fazer as coisas”. Para seguir com tranquilidade, elaborou uma estratégia mental:

“Quando cheguei aqui no Brasil esqueci de tudo de lá, fiz uma lavagem cerebral em mim mesmo, não quis mais saber, eu pensava ‘país de mierda, que não serve para ninguém’. Servia para quem? Para militares e ricos.”

Mas Osvaldo passou por uma grande tragédia no Brasil, quando perdeu a sua irmã devido à violência urbana de Campinas, na qual ela foi atingida por uma “bala perdida”. Osvaldo contou que neste momento tudo o que ele queria era voltar para o Chile, onde provavelmente se sentiria mais confortado, mas não pôde fazê-lo, pois já havia assumido compromissos na edificação de seu novo padrão de vida no Brasil:

“Quando aconteceu essa tragédia, a única coisa que eu queria era voltar na mesma hora pro Chile, mas eu recém tinha comprado minha padaria, o que fazer se você está cheio de compromissos? Não tinha como sair correndo...”

Alejandro edificou como novo padrão de vida residir no Brasil e aí trabalhar como professor do idioma espanhol. Em sua narrativa, ele deixou clara a “paixão” que sentiu pelo Brasil e pela nova profissão aqui descoberta, o que fez com que ele se empenhasse em seu projeto de cumprir o seu “sonho”. Ainda que tivesse algumas restrições financeiras, devido à instabilidade de sua atividade profissional, sua persistência durou até o momento em que constituiu uma família e sentiu-se responsável por ela:

“Tô cumprindo o meu sonho. Assim como o brasileiro tem o sonho americano, de morar nos Estados Unidos. Qual que é a diferença: ele vai atrás de dinheiro. Eu não vim atrás de dinheiro, eu vim atrás do povo, eu vim atrás da língua, não queria dinheiro. Então não é uma questão de trabalho, não é uma questão de dinheiro, que se fosse por dinheiro, sinceramente, o negócio caiu muito. (...) Agora sim ficar no Brasil vai começar a ser uma questão de dinheiro, porque agora eu vou ter uma filha, eu preciso priorizar certas coisas.”

A persistência na edificação de um novo padrão de vida entre os emigrantes/imigrantes pode estar relacionada ao seu universo psicológico, pois muitas vezes eles são acusados por seus nacionais que não emigraram de terem abandonado o país, de não terem resistido, de não terem ajudado. Há casos também em que eles mesmos se sentem culpados de terem deixado o amado país de origem e, para ambos os casos, apontam diversas justificativas para sua emigração. Sentem também a necessidade de provar para si mesmos e para a sociedade em geral que o ato efetuado – o processo migratório – foi correto e que foram bem-sucedidos em suas trajetórias. Por vezes, chegam a construir o “mito do herói” para suas vidas: aquela pessoa que, apesar de

todos os obstáculos enfrentados, ao final é vitoriosa. Sobre esta culpa que sentem alguns imigrantes, Sayad disse:

A presença aqui se deve muito à ausência lá; todo imigrante continua sendo um emigrante de algum lugar. Por mais justificada que seja a emigração, ou seja, a ausência, ela permanece sempre suspeita. Ela sempre contém, secretamente, aos olhos de todos (os próprios emigrantes, suas famílias, a sociedade como um todo) a suspeita da “traição”, da “fuga” e, no limite, de ser um “renegado”.¹⁰⁰

A questão da (in)documentação

Os colaboradores Alejandro e Luís apontaram ainda uma problemática, comum a milhares de imigrantes em todo o mundo, relacionada à persistência na edificação de seus novos padrões de vida: a questão da (in)documentação no Brasil. Esta questão esteve presente em quase todas as narrativas da pesquisa, mas somente esses dois colaboradores apresentaram-na como uma problemática pessoal.

Não coincidentemente, aqueles chilenos que já vieram empregados ou que possuíam a referida formação tecnológica que o Brasil necessitava na época e cujas profissões constavam nas listas dos consulados e embaixadas, vinham também com a documentação garantida para toda a sua família, isto é, com o “visto permanente”. As colaboradoras Herminda e Marianne contaram que vieram para o Brasil com este tipo de documentação, graças à formação profissional de seus respectivos maridos:

“Como ele tinha um curso técnico, saímos com visto de permanência do Chile para cá, e isto foi o que nos deu segurança. Meu marido tinha essa preocupação, ele não queria sair do Chile com sua família e chegar a um país desconhecido sem essa tranquilidade, principalmente no Brasil que o idioma era diferente.” (Herminda)

“Quando vim para o Brasil eu já vim direto pra Campinas e vim com a documentação feita de lá do Chile, vim com visto permanente obtido com o contrato de trabalho de meu ex-marido. As empresas nessa época faziam uns contratos maravilhosos, a própria empresa se encarregava de comprar as passagens, alugar o apartamento, comprar móveis e um carro pro funcionário.

¹⁰⁰ SAYAD, *Op.Cit.*, p.100.

Elas precisavam muito de mão de obra estrangeira nessa época, pois no Brasil não havia muitos profissionais...” (Marianne)

Oportunidades diferentes tiveram aqueles que vieram sem essa documentação regularizada, isto é, com o “visto de turista” e para posteriormente serem “legalizados” segundo os preceitos da legislação brasileira. Assim vieram para o Brasil os colaboradores Luís e Alejandro e pode-se perceber a ênfase a esta questão em suas narrativas, ainda que tenham emigrado/imigrado em datas distintas.

Vimos na história de vida de Luís sua difícil trajetória em busca de trabalho quando chegou ao novo país. Contribuiu para tornar essa trajetória mais difícil a ausência da documentação regularizada, pois dificultava o seu acesso ao mercado de trabalho. Os momentos que mencionou em sua narrativa para lidar com esta questão devem ter sido comuns a milhares de chilenos residentes no Brasil.

Inicialmente, Luís começou a procurar emprego e necessitava para tanto uma carteira de trabalho, documento ao qual ele não tinha acesso sem estar regularizado no país. Resolveu, então, tentar contornar a situação de uma maneira usual e fora das regras vigentes:

“Comecei a procurar emprego em Santos, só que nada resultava, porque a gente vinha do Chile como turista, sem documentação. Aí para poder trabalhar começavam os contatos com pessoas que vendiam documentos, teve uma vez que eu fui parar na Polícia Federal porque andava com uma carteira falsa.”

Posteriormente, numa ocasião em que já estava empregado, quase foi impossibilitado de permanecer no emprego, pois a empresa não podia registrá-lo sem seus documentos pessoais e, não fosse uma amizade com um superior de seu setor, teria sido dispensado:

“Então no trabalho iam me demitir, iam passar os três meses de experiência e não iam me contratar se não chegassem os documentos. Nesse tempo, eu já tinha feito amizade com o engenheiro chefe do setor, o Dr. Edson Mendes Vieira, de vez em quando lhe levava um presente, um vinho chileno, ele sempre falava no departamento pessoal pra esperar mais um pouco. Nesse vai e vem, vai e vem, passou de 1977 a 1982. Em 82, um dia que eu estava trabalhando, me ligaram de São Paulo avisando que a minha documentação tinha chegado.

Dei um pulo dessa altura! No dia seguinte eu fui buscar o meu RNE, Registro Nacional de Estrangeiro, e depois fui até a casa do engenheiro para lhe contar e lhe agradecer, ele ficou mais contente do que eu!”

É perceptível neste trecho a alegria de Luís ao finalmente, após 7 anos de luta, conseguir regularizar a sua situação no Brasil, afinal, foram várias tentativas frustradas. Além disso, todas as vezes tinha que se deslocar à cidade de São Paulo, porque não existia naquela época uma sede da Polícia Federal, responsável pelo atendimento a estrangeiros nos estados da Federação, na cidade de Campinas:

“Eu e minha esposa já tínhamos tentado várias vezes arrumar a documentação, inclusive depois com a certidão de nascimento da Denisse, minha filha que nasceu no Brasil, não conseguíamos. Meus papéis sempre voltavam, três vezes voltaram indeferidos, outras tantas me informavam que minha pasta com os documentos estava perdida... E aí eu tinha que fazer tudo de novo, eu pedia licença do trabalho e ia até São Paulo na polícia federal.”

A preocupação que ele tinha com a questão da (in)documentação era algo comum a todos os “imigrantes indocumentados”:

“Na televisão a gente via alguns casos, por exemplo uma família de argentinos que lhes deram de prazo oito dias pra saírem do país, mesmo tendo filhos brasileiros. Lembro que vários chilenos se imaginavam assim...”

Na história de vida de Alejandro, a questão da (in)documentação esteve presente em toda sua trajetória de imigrante e pode ser apontada como um dos motivos que o fez retornar ao seu país de origem: logo que Alejandro chegou ao Brasil, na cidade de Campinas, conseguiu um emprego, aliás, este foi um dos motivos que o fez ficar, pois, conforme já vimos anteriormente, sua emigração/imigração não foi um ato premeditado. Este emprego foi também para ele a descoberta de uma vocação profissional, que era “dar aulas” de espanhol.

Embora empregado, Alejandro nunca pôde obter um emprego formalmente “registrado” e que lhe garantisse direitos básicos dos trabalhadores, como 13º salário e férias remuneradas, devido à sua (in)documentação. Esta informalidade no trabalho impossibilitou-lhe também o acesso a uma casa própria e a um automóvel, pois não podia fazer financiamentos. Este fato não

era algo que preocupasse tanto Alejandro, afinal, ele não estava aqui por “dinheiro”, mas pelo seu “sonho”. A constituição de uma família, esposa e filha, após mais de 10 anos residindo no Brasil, o levou a repensar seus projetos e retornar ao Chile, país onde ele acredita ter mais facilidades de conseguir adquirir um carro e/ou uma casa:

“Na verdade, eu to indo por uma questão muito simples, não só pelo fato do trabalho, que trabalho eu tenho aqui, o que eu não tenho ainda é a segurança de poder ter um registro em carteira, de poder ter um décimo-terceiro salário, de poder ter umas férias remuneradas, de poder ter esses direitos básicos porque na área que eu trabalho aqui no Brasil, que é professor de espanhol em escolas de idiomas, não tem isso... (...) Então eu não tenho como comprar um carro ou uma casa, e isso até que não me incomodava tanto há um tempo atrás, só que agora eu tenho que pensar na minha família, na minha esposa e na minha filha, eu preciso ver o futuro dela.”

É interessante notar neste trecho que Alejandro atribui a sua informalidade empregatícia à área em que atua, embora não possua a formação acadêmica de professor. Ainda assim, se Alejandro quisesse procurar emprego em outra área, não teria a documentação necessária para tanto e continuaria trabalhando sem registro em carteira, o que não lhe traria nenhuma vantagem em relação à atividade na qual já estava inserido e, fator fundamental, pela qual era “apaixonado”.

Antes de decidir definitivamente pelo retorno ao seu país de origem, Alejandro teve outro problema relacionado à (in)documentação, teve “uma dor de cabeça” para registrar a sua filha que nasceu no Brasil em dezembro de 2008:

“Porque quando ela nasceu eu ainda estava sem meus documentos e o pessoal do cartório não queria registrar minha filha sem que eu apresentasse o meu passaporte. Eles foram um pouco chatos nisso, que por lei ela tem o direito a ter a documentação, mas o cara do cartório queria o meu passaporte e eu só tinha a *identidad*, então eu tive que ligar pra várias pessoas pra me ajudarem, liguei pra Pily, que é uma amiga chilena, e ela foi a única pessoa que conseguiu resolver o pepino. Ela se fez passar por representante público e falou dos direitos humanos, aí o cara liberou, mas mesmo assim eles não queriam registrar a minha filha...”

A situação pessoal de Luís e Alejandro referente à problemática da (in)documentação é comum a milhares de imigrantes no Brasil, chilenos e de diferentes nacionalidades, e é um paradoxo: em linhas gerais, para regularizarem a sua situação no país precisam comprovar um emprego formal, e para conseguirem um emprego formal é preciso estar regularizado!

A autorização de trabalhos a estrangeiros é o ato administrativo exigido pelas autoridades consulares brasileiras, em conformidade com a legislação em vigor, para efeito de concessão de visto permanente e/ou temporário a estrangeiros que desejam ingressar e permanecer no Brasil por motivo de trabalho. A concessão de visto de trabalho está condicionada à existência de contrato formal de trabalho com empresa em atividade no território nacional.¹⁰¹

A política migratória brasileira atual é orientada pela lei nº 6.815 de 1980, que é amplamente criticada por ser considerada uma lei ultrapassada, da época da ditadura militar brasileira e que reafirma o princípio da defesa do trabalhador nacional:

Consagração máxima do paradigma da segurança nacional, a lei vigente garante ao Estado a possibilidade de discriminar, punir ou ejetar, de distintas formas, qualquer estrangeiro que o Poder Executivo considerar como uma ameaça. Além de arbitrária, a lei da ditadura é obsoleta. Incompatível com o rol de direitos assegurados pela Constituição Federal de 1988 e com o direito internacional dos direitos humanos, o Estatuto do Estrangeiro também não responde às necessidades econômicas dos imigrantes e do país. Não há controvérsia sobre a urgência de revogá-lo.¹⁰²

O controle da imigração compete a três ministérios: o Ministério da Justiça, o Ministério das Relações Exteriores e o Ministério do Trabalho e Emprego. O controle dos estrangeiros após sua entrada em território nacional e a aplicação da política de imigração, como a concessão de vistos, suas transformações e prorrogações, são atribuições do Ministério da Justiça.¹⁰³

¹⁰¹ SANT'ANNA, Marcílio Ribeiro de. Livre Circulação de Trabalhadores no Mercosul? IN: CASTRO, Mary Garcia (org.). *Migrações Internacionais: Contribuições para Políticas*. Brasília, CNPD, 2001, p.77.

¹⁰² VENTURA, Deisy & ILLES, Paulo. Estatuto do Estrangeiro ou Lei de Imigração? Artigo publicado em *Le Monde Diplomatique Brasil* em agosto de 2010, disponível em: <http://diplomatie.uol.com.br/artigo.php?id=744>.

¹⁰³ PATARRA, Neide Lopes. Migrações Internacionais de e para o Brasil Contemporâneo. Volumes, Fluxos, Significados e Políticas. In: *São Paulo em Perspectiva*, v.19, n.3, jul/set.2005.

A lei de 1980, conhecida como “Estatuto do Estrangeiro”, prevê 7 tipos de vistos:¹⁰⁴

- 1 – Visto de Trânsito: visto concedido para que o estrangeiro consiga chegar ao país de destino, passando pelo território nacional. Possui validade de 10 dias e, atualmente, com o desenvolvimento de rotas aéreas internacionais, este visto não tem sido quase utilizado.
- 2 – Visto de Turista: concedido ao estrangeiro que vem ao Brasil em caráter de visita, sem finalidade imigratória ou intuito de exercer atividade remunerada. Possui validade de até 5 anos, propiciando múltiplas entradas no país, com estadas não excedentes a 90 dias.
- 3 – Visto Temporário: a lei prevê 7 vistos temporários, com prazos variáveis, vinculados à atividade que o estrangeiro exercerá no país: viagem cultural com missão de estudos (estada de até 2 anos, prorrogáveis); viagem de negócios (estada de até 90 dias, prorrogáveis); artista e desportista (estada de até 90 dias, prorrogáveis); cientista, professor, técnico ou profissional de outra categoria (prazo de até 2 anos, prorrogável e podendo ser transformado em permanente); correspondente de jornal, rádio, televisão (prazo de 3 anos, prorrogáveis); ministro de confissão religiosa ou membro de instituição de vida consagrada (visto de até 1 ano, prorrogável e podendo ser permanente).
- 4 – Visto Permanente: concedido quando o estrangeiro pretende fixar-se definitivamente no país. A legislação atual privilegia a vinda de estrangeiros qualificados, dando especial atenção à reunião familiar, permitindo a residência definitiva de estrangeiros que tenham cônjuges ou filhos brasileiros.
- 5 – Visto de Cortesia: visto de controle exclusivo do Ministério de Relações Exteriores, utilizados em geral envolvendo membros do grupo familiar e serviços dos diplomatas estrangeiros.
- 6 – Visto Oficial: concedido para permitir a estada no país de estrangeiros que estejam em missão oficial, a serviços de seus governos.
- 7 – Visto Diplomático: visto aos representantes diplomáticos estrangeiros no Brasil.

Em 1988 o Brasil concedeu anistia, a chamada “Lei da Anistia Migratória”, para regularizar aqueles que se encontravam clandestina ou irregularmente no país, atendendo um total de 39 mil estrangeiros. Em 1998 houve outra anistia, que atendeu 40 mil estrangeiros. E em 2009, nova anistia, da qual Alejandro e sua esposa se beneficiaram:

¹⁰⁴ BARRETO, Luís Paulo Teles Ferreira. Considerações sobre a Imigração no Brasil Contemporâneo. IN: CASTRO, Mary Garcia (org.). *Migrações Internacionais: Contribuições para Políticas*. Brasília, CNPD, 2001.

“Logo que a Bruna nasceu veio a anistia e aí eu fui me recolher, eu e minha esposa, a Marcela, mas tiramos a documentação de “provisório”, porque a anistia não concede a “permanente”. Eu até poderia ter tirado a documentação “permanente” depois que a minha filha nasceu aqui no Brasil, mas como teria que pagar uma multa, eu tirei pela anistia mesmo.”

Com o nascimento de sua filha, Alejandro adquiriu o direito de obter o “visto permanente”, mas não o solicitou, uma vez que havia planejado o seu possível retorno ao Chile e que teria que pagar uma multa por estada irregular. A “multa” apontada por Alejandro figura entre algumas das lutas dos movimentos migrantes em geral, que pedem maior rapidez nos procedimentos de regularização de documentação e a supressão de taxas e multas onerosas.

A preocupação que Alejandro carregou consigo ao longo dos anos de sua residência no Brasil – 1997 a 2010 – acerca dessa questão da (in)documentação foi tal que uma de suas primeiras providencias em relação à sua filha foi a organização da documentação dela:

“Depois eu também registrei a minha filha no consulado chileno pra ela poder ter a dupla nacionalidade e de fato agora ela já tem as duas carteiras de identidade, a do Chile e a do Brasil, então ela entra no Chile como chilena e no Brasil como brasileira.”

A questão da documentação para os imigrantes é crucial. Há aqueles que já emigram com os documentos regularizados desde o seu país de origem e aqueles que emigram para depois regularizarem a sua situação no país de destino. Em comum, todos dependem da política migratória do país receptor. Mas aqueles que não conseguem se regularizar são também os que enfrentam mais restrições e que possuem menos oportunidades no novo país, sendo assim mais uma problemática, entre tantas outras, a ser enfrentada por esses imigrantes, daí a importância do debate e da defesa dos direitos dessas pessoas.

A questão do retorno

A questão do retorno faz parte de todos os movimentos migratórios, uma vez que a emigração é tida por seus emigrantes como uma etapa provisória em suas vidas, pelo menos no início do processo migratório:

Só se aceita abandonar o universo familiar (universo social, econômico, político, cultural ou moral, quando não mental) ao qual se pertence “naturalmente”, só se aceita emigrar e viver em terra estrangeira num país estrangeiro (i.e., imigrar), com a condição de se convencer de que isso não passa de uma provação, passageira por definição, uma provação que comporta em si mesma sua própria resolução.¹⁰⁵

Os chilenos, ao emigrarem, também planejavam retornar ao seu país de origem: tiveram como projeto se estabelecer durante algum tempo no país que escolheram como destino e, finda a ditadura militar no Chile e/ou quando o contexto do país estivesse melhor, voltar para lá. Este tempo não estava pré-determinado, pois não sabiam quanto tempo duraria o governo ditatorial e nem quanto tempo levaria para melhorar o contexto do país de origem, mas idealizavam alguns anos apenas. A ditadura chilena, no entanto, demorou a acabar – foram mais de 16 anos entre o seu início em 1973 e o seu final em 1990 – e o contexto do país também não parecia melhorar, foi o que contou a colaboradora Marianne:

“Então o Chile só foi começar a melhorar depois de uns 10, 12 anos que o Pinochet já estava no governo, por isso também que fomos ficando no Brasil, porque na verdade viemos com a intenção de voltar, nunca viemos pra ficar, mas a situação lá no país não melhorava...”

Os colaboradores Luís e Herminda fizeram o mesmo cálculo de ficarem 5 anos no Brasil:

“A idéia quando viemos pro Brasil era ficar uns 5 anos e voltar.” (Herminda)

“Porque viemos pensando ‘vamos ganhar muito dinheiro e depois de uns cinco anos voltamos pro Chile’...” (Luís)

Duas explicações principais emanam das narrativas de nossos colaboradores para esclarecer porque não retornaram ao seu país de origem: com a passagem dos anos, eles foram ficando no Brasil, foram se adaptando ao país e constituindo uma nova vida e novos

¹⁰⁵ SAYAD, *Op.Cit.*, p.57.

compromissos, como trabalho, filhos e netos; e o Brasil é apresentado como país hospitaleiro e conquistador, assim como os seus habitantes:

“Depois também minhas filhas nasceram, foram crescendo, indo à escola, fui me acostumando, me habituando, gostando das coisas daqui.” (Marianne)

“Para mim foi bonito vir pra cá, uma experiência, nunca nos arrependemos. E assim se foi passando o tempo, faz já 33 anos que vivemos aqui. (...) fomos ficando e nos adaptando, então realmente nossas raízes vão ficar aqui...” (Herminda)

O colaborador Osvaldo foi quem afirmou com mais afinco o desejo de retorno ao Chile, mas considerou que precisa fazer uma avaliação dessa possibilidade em termos econômicos. Como justificativa para retornar, apresentou a parte comercial no Brasil, que é “uma coisa louca”, e, principalmente, a violência existente no país: contou o caso de um chileno que retornou também por este mesmo motivo, cujo filho havia sido seqüestrado, e não podemos nos esquecer que a vida de Osvaldo no Brasil foi marcada por essa violência, quando sua querida irmã foi assassinada:

“Eu gostaria de voltar para o Chile. Quero ir morrer lá, não quero morrer aqui. Aqui no Brasil estou cansado. Eu gosto, mas estou cansado de estar aqui, quero estar um pouco lá. Se puder subsistir, irei. Primeiro tenho que fazer uma viagemzinha para ver se vale a pena voltar, se perceber que não poderei me manter lá, tenho que ficar aqui... (...) Eu não posso me queixar daqui, o que sim aconteceram foram coisas más, como a morte de minha irmã, coisas que te dão vontade de pegar as coisas e ir embora. Eu acho que você passa coisas aqui que nunca teria passado no Chile, e não estou falando em termos financeiros, mas aqui acontecem coisas absurdas! Um dia veio um chileno em minha padaria comprar *empanadas* e ele me mostrou as passagens de avião dele e de sua família, estavam voltando pro Chile depois de um susto que passaram aqui...”

A colaboradora Berta também manifestou o desejo de retornar ao Chile, um pensamento que lhe é ocasional, “às vezes”, ao mesmo tempo em que apresentou fortes motivos para a não-realização desse desejo:

“Às vezes eu penso que um dia eu quero voltar pro Chile, mas acredito que só quando eu esteja muito velhinha, quando já não possa fazer mais nada. O fato de meus filhos estarem aqui, os netos, são laços que são difíceis de cortar. Mas que eu tenho pensado que um dia vou voltar pro Chile, quando eu estiver muito velhinha, eu tenho pensado.”

A posição atual dos outros colaboradores é a de que já não há mais a possibilidade de retornar ao país de origem, embora esta possibilidade tenha sido desejada e cogitada anos atrás. Admitir a permanência definitiva no Brasil exige que se avalie positivamente o processo migratório que empreenderam e o país que lhes foi receptor:

“Assim que eu vim pra cá, achei a acolhida no Brasil muito boa com o pessoal de fora e por isso não senti nenhuma diferença muito especial entre os dois países, eu me senti em casa e até hoje estou acostumado. Se alguém me fizesse uma proposta pra voltar para o Chile, eu penso cinco vezes.” (Pedro)

“Hoje eu não penso em voltar a morar no Chile. (...) Nesse aspecto o Brasil tem sido um país generoso conosco, as pessoas são muito receptivas, acolhedoras, eu acho que os brasileiros são muito abertos e por isso eu considero muito o povo brasileiro em geral.” (Herminda)

Além disso, nestes casos, uma comparação entre os dois países, Chile e Brasil, fornece motivos favoráveis à permanência definitiva no Brasil. A colaboradora Herminda avaliou que o clima do Brasil é melhor que o do Chile, por não gostar muito do frio, e que fizeram conquistas econômicas aqui que não teriam feito lá. A colaboradora Marianne avaliou que a economia do Chile, apesar de ser destaque na América Latina, é muito limitada e que se alguns chilenos retornassem ao seu país, dependendo do que se trabalha no Brasil, lá não teriam sucesso:

“Eu sempre dizia que se eu voltasse, iria para o norte, por causa do tempo frio do sul, de onde eu vim, que sempre fez mal para minha saúde. O clima do Brasil me conquistou, entre viver aqui ou no Chile, eu diria mais aqui. (...) E falando em termos econômicos, eu tenho quase certeza que não teríamos conseguido no Chile o que conseguimos aqui.” (Herminda)

“Porque apesar de hoje em dia se dizer que o Chile é maravilhoso, que a economia está muito boa e etc., essas pessoas que estão aqui não conseguiriam trabalhar lá com o que trabalham aqui. Tem chileno no Brasil que trabalha com comércio, que trabalha com artesanato, um tipo de trabalho que lá não daria certo.” (Marianne)

A narrativa do colaborador Alejandro apresenta um diferencial nessa discussão sobre a possibilidade de retorno por ele tê-la efetuado antes do término desta pesquisa. Justamente ele que era quem mais dizia não pretender e não desejar esse retorno ao seu país de origem, ele que afirmava ser “apaixonado” pelo Brasil e completamente adaptado a este país. Foram feitas duas entrevistas com este colaborador, num período de 2 anos entre elas. Na primeira narrativa, Alejandro já delineou a possibilidade de retorno ao seu país de origem, mas diferente dos outros colaboradores, este retorno não seria efetuado devido a um desejo pessoal e sim por necessidade de reorganização da sua vida econômica. Na segunda narrativa, Alejandro já estava se preparando para retornar ao seu país de origem e, ao mesmo tempo em que justificava sua decisão, demonstrava preocupação e estranhamento:

“Hoje a situação mudou, mas ainda é aquela coisa, eu não vim com aquele interesse de ganhar dinheiro e voltar, tanto assim que eu moro aqui há mais de dez anos e eu não tenho nada, eu não tenho casa própria, eu não tenho carro. Pode ser que eu tenha que voltar pra minha terra ou ir embora pra outro lugar onde eu possa pagar as contas e viver em paz.” (1ª narrativa)

“Tanto que na data de hoje nós estamos praticamente voltando pro Chile, pra refazer a vida. É uma coisa que me deixa um tanto preocupado, porque eu moro há 15 anos aqui no Brasil, e eu como turista no Chile é lindo, maravilhoso, mas morar lá, não sei se vai dar certo. Na verdade, eu to indo por uma questão muito simples, não só pelo fato do trabalho, que trabalho eu tenho aqui, o que

eu não tenho ainda é a segurança de poder ter um registro em carteira, de poder ter um décimo-terceiro salário, de poder ter umas férias remuneradas, de poder ter esses direitos básicos...” (2ª narrativa)

A pesquisadora Samira Adel Osman explicou a existência de dois mitos em torno da questão do retorno:

O mito do retorno sustenta-se na idéia de que a migração é um ato provisório e o retorno propriamente é tido como fato garantido, ainda que esse fato nunca se concretize. (...) Outro mito do qual se nutre o retorno é a concepção de que aquele que volta, volta o mesmo, como se o período transcorrido entre a partida e o retorno tivesse sido cristalizado e tudo tivesse permanecido em suspenso durante todo o processo migratório.¹⁰⁶

Alejandro demonstrou em sua narrativa consciência em relação ao segundo mito do retorno apresentado, não como mito, mas como a realidade do que lhe poderia acontecer neste processo de readaptação e reinserção a ser feito em seu próprio país de origem. Esta readaptação e reinserção são comuns de acontecer entre aqueles imigrantes que decidem retornar, pois, após anos residindo em outro país, eles já não retornam a mesma pessoa e também não encontram a mesma realidade de quando emigraram. Em muitos casos, tornam-se imigrantes em seu próprio país, “gringos” em sua própria terra:

“A gente se acostuma tanto aqui no país, que a última vez que eu fui pro Chile eu era gringo na minha terra. Eu era um gringo na minha terra! Eu era chileno, mas pra mim tudo era novidade, por exemplo, o pouco que falava na TV de política, eu não entendia. O povo contava uma piada, eu não entendia. Mas se eu escutasse uma piada do Maluf, eu já ria. Então eu acostumei com o Brasil, com tudo.” (1ª narrativa)

“É estranho, depois de 15 anos morando aqui no Brasil, eu vou chegar na minha terra e vai ser tudo novo pra mim: trabalho novo, vida nova, hábitos novos...” (2ª narrativa)

¹⁰⁶ OSMAN, Samira Adel. *Entre o Líbano e o Brasil: Dinâmica Migratória e História Oral de Vida*. São Paulo: Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo, 2006, vol.1, p.105.

A preocupação de Alejandro com o seu retorno ao Chile, que pode ser chamado também de re-imigração, levou-o a formular um projeto para sua vida que é interessante de ser destacado aqui, afinal, trata-se de um evento comum de acontecer nos movimentos migratórios:

“Nesse intervalo eu tenho que ver se eu vou me acostumar lá, se a Marcela vai se acostumar, se a Bruna vai se acostumar. E senão, a gente vem de volta, não vai ter jeito.” (2ª narrativa)

Alejandro planejou, então, retornar ao Brasil caso não consiga ficar no Chile, o que seria uma re-emigração, mas mais do que isto, um exemplo de um movimento migratório contínuo, envolvendo os países de origem e de destino, um exemplo de que a imigração não é um fato acabado.

Apontamentos conclusivos: a especificidade da imigração chilena

A partir da análise das narrativas fornecidas pelos colaboradores desta pesquisa, protagonistas do processo migratório chileno ocorrido nas três últimas décadas do século XX, pode-se concluir:

- A emigração de chilenos durante este período é resultado da ditadura militar instaurada no Chile em 1973, mesmo entre aqueles que não eram perseguidos políticos. Isto porque os chilenos emigrantes são pessoas que ficaram desempregadas e sem perspectiva de recolocação profissional no mercado de trabalho nacional após o Golpe e que saíram em busca de oportunidades em outros países.
- Há aqueles chilenos que não ficaram desempregados, mas que não suportaram o autoritarismo da ditadura e a escassez de recursos básicos causada por ela, o que fez com emigrassem em busca de melhores condições de vida.
- Devem ser atribuídas como as causas da emigração chilena, nestes casos, razões de ordem política, econômica e social.
- Houve chilenos que emigraram mesmo sem estarem desempregados ou prejudicados pela ditadura, mas em busca de melhor colocação profissional em outro país proporcionada pelas redes de imigrantes, o que faz possível atribuir uma causa indireta à ditadura em alguns desses casos emigratórios.

- A escolha pelo Brasil como país de destino deu-se por 3 motivos principais: pelas oportunidades de trabalho que o Brasil oferecia em determinadas áreas, pela oportunidade de adentrarem o território brasileiro já com a documentação regularizada e pelas redes de imigrantes que foram sendo constituídas.
- Essas redes de imigrantes provocam a emigração/imigração de chilenos até os dias atuais.
- Os chilenos que possuíam maior formação educacional/profissional tiveram as melhores oportunidades: ou imigraram com uma vaga de emprego já garantida ou logo que chegaram ao país de destino conseguiram um trabalho, e vieram com a documentação regularizada para toda a família. Ao contrário destes, aqueles que não possuíam a formação tecnológica que o Brasil requisitava naquela época, vivenciaram um paradoxo: conseguir uma vaga de emprego era difícil porque não possuíam a documentação regularizada e regularizar a documentação era difícil porque não possuíam um emprego formal.
- O ato emigratório/imigratório chileno foi organizado predominantemente pelo homem, a quem coube a tarefa de, se casado, vir primeiro sem sua família ao Brasil e, posteriormente, quando já instalado residencial e profissionalmente, reunir a família no novo país.
- Provenientes de uma cultura diferente, os chilenos imigrantes tiveram que adotar 3 fatores de sobrevivência: negociação das tradições originais, adaptação ao contexto e edificação de novo padrão de vida. A diferença entre os idiomas espanhol e português foi a principal adaptação ao contexto apontada.
- Pode-se estabelecer três fluxos na corrente emigratória chilena do período em questão: (1) aqueles que emigraram antes de 1970 ou de 1973, em busca de melhores condições de vida, um fluxo pequeno e para o qual não houve nenhum entrevistado nesta pesquisa; (2) aqueles que emigraram após o início da ditadura militar, por razões políticas, econômicas e sociais ou devido às redes de imigrantes, o maior fluxo do período e do qual advém quase todos os colaboradores: Herminda, Luís, Pedro, Marianne, Berta e Osvaldo; e (3) aqueles que emigraram após o fim da ditadura militar, devido às redes de imigração, um fluxo pequeno e do qual advém o colaborador Alejandro, no qual também pode-se levantar a hipótese de causa indireta da ditadura.
- A imigração chilena diferencia-se de outras do mesmo período devido ao fator político que provocou essa emigração. Os chilenos imigrantes, em geral, não são pessoas de origem muito pobre que saíram de seu país em busca de alternativas de sobrevivência no Brasil, mas são pessoas que possuem uma boa formação educacional, sendo muitos qualificados

profissionalmente, e que saíram de seu país em busca de melhores condições de vida, seja em termos políticos, econômicos e/ou sociais, devido ao momento político pelo qual passava o Chile e às suas consequências. Como acontece em praticamente todos os movimentos migratórios, a maioria dos chilenos emigrou com o plano de retornar logo ao país de origem, quando acabasse a ditadura militar e/ou o contexto aí melhorasse, mas não foi o que aconteceu: os anos foram passando e se adaptaram ao Brasil, onde assumiram novos compromissos e uma nova vida. Atualmente, ainda que o retorno seja o desejo de alguns, já não é para muitos, e não é um algo que vá se concretizar para a maioria.

Capítulo 3

Dilemas da Construção de Identidade Imigrante

Uma das problemáticas fundamentais que emana dos trabalhos de história oral de vida e movimentos migratório é o processo de adaptação e negociação identitária que os imigrantes tem de fazer no novo contexto ao qual foram inseridos.

Ao efetuarem a mudança de um país para outro, os emigrantes/imigrantes são portadores de valores de uma cultura original, a cultura do país da emigração, e chegam com esses valores a uma cultura diferente, a cultura do país da imigração. Para uma adaptação ao contexto, alguns de seus valores culturais de origem precisam ser revisados e até abandonados, ao mesmo tempo em que novos valores culturais vão sendo adquiridos, completando aqueles e por vezes provocando conflitos, o que exige uma negociação desses valores.

Esses valores culturais nacionais são os formadores de identidade nacional dos habitantes de uma nação. Assim sendo, os emigrantes/imigrantes, ao negociarem seus valores nacionais culturais, estão, na verdade, negociando sua identidade nacional.

Como referencial teórico para o conceito de identidade desta pesquisa, foram utilizadas duas obras: *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*, de Stuart Hall,¹⁰⁷ e *Identidade*, de Zygmunt Bauman.¹⁰⁸

Stuart Hall escreveu sobre as novas identidades que estão surgindo na época do sujeito pós-moderno, sendo este um sujeito fragmentado, composto não de única, mas de varias identidades, algumas vezes identidades contraditórias ou não-resolvidas. Segundo Hall, o sujeito pós-moderno não tem, assim, uma identidade fixa, essencial ou permanente, mas ele assume diferentes identidades em diferentes momentos, sendo confrontado por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis. Atualmente, as identidades estão inextricavelmente articuladas ou entrelaçadas em identidades diferentes, uma nunca anulando a outra completamente.

¹⁰⁷ HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2005.

¹⁰⁸ BAUMAN, Zygmunt. *Identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

Sobre a identidade nacional, o autor explicou que, desde o mundo moderno, as culturas nacionais em que nascemos constituem-se em uma das principais fontes de identidade cultural. Ainda que as identidades nacionais não estejam literalmente impressas em nossos genes, nós efetivamente pensamos nelas como se fossem parte de nossa natureza essencial e, assim sendo, sem um sentimento de identidade nacional, o sujeito experimenta um sentimento profundo de perda subjetiva.

Consequência da globalização, as identidades nacionais começaram a ser deslocadas no fim do século XX através de 3 maneiras: (1) as identidades nacionais estão se desintegrando, (2) as identidades nacionais e outras identidades locais estão sendo reforçadas pela resistência à globalização e (3) as identidades nacionais estão em declínio, mas novas identidades (híbridas) estão tomando seu lugar.

Hall apresentou ainda o conceito de “tradução”, que descreve as formações de identidade que atravessam as fronteiras naturais, compostas por pessoas que foram dispersadas para sempre de sua terra natal. Pessoas que retêm forte vínculo com seus lugares de origem e suas tradições, mas sem a ilusão de um retorno ao passado. São obrigadas a negociar com as novas culturas em que vivem, sem simplesmente serem assimiladas por elas e sem perderem completamente suas identidades. Elas carregam os traços das culturas, das tradições, das linguagens e das histórias particulares pelas quais foram marcadas.

Zygmunt Bauman explicou que o “pertencimento” e a “identidade” não têm a solidez de uma rocha, pois não são garantidos para toda a vida, sendo bastante negociáveis e revogáveis e dependentes das decisões e dos caminhos que o próprio indivíduo toma. Explicou também que a identidade é construção porque é resultado de um esforço, de uma tarefa a ser realizada, de um objetivo, e que só aparece como tal quando o “pertencimento” não é mais uma condição sem alternativa.

Sobre a idéia de identidade nacional, lembrou que ela não foi naturalmente gestada e incubada na experiência humana, mas cuidadosamente construída pelo nascente Estado moderno e suas forças, sendo a idéia de pertencer a uma nação uma convenção arduamente construída. Na atualidade, entre os vários problemas conhecidos como “minha identidade”, a nacionalidade ganhou uma proeminência particular entre os milhões de refugiados e imigrantes que o mundo atual em rápido processo de globalização produz em escala bastante acelerada. Esses indivíduos se vêem, assim, na emergência de escolherem uma identidade entre as alternativas existentes e

lutarem por ela, embora em muitos casos lhes tenha sido negado o direito de adotar a identidade de sua escolha.

Bauman apresentou ainda o conceito de “época líquido-moderna”, na qual as identidades “estão em movimento”, flutuam no ar, sendo algumas de nossas próprias escolhas e outras “infladas e lançadas” pelas pessoas à nossa volta, o que faz necessário estar em alerta constante para defender as primeiras em relação às últimas. O anseio por identidade é, assim, resultado do desejo de segurança.

Construção de identidade imigrante

A identidade é, assim, “construção” e cada pessoa não tem apenas uma identidade, mas várias. Entre os imigrantes, a identidade nacional, devido à própria natureza do processo migratório, tende a se sobrepor às suas outras identidades, pois o que antes era uma idéia natural entra em conflito com o surgimento de uma nova alternativa de identificação nacional. A identidade imigrante é, portanto, a construção de uma nova identidade, baseada nos dois pólos nacionais relacionados ao processo da emigração/imigração empreendida. Essa construção feita pelos imigrantes não é tão simples quanto parece:

Expostos a uma outra cultura que os atrai, tendem a viver processos duplos de identificação. A adesão a outro meio, no entanto, não é absoluta nem harmoniosa, pois pede um relacionamento com os pressupostos da cultura original, de maneira a proceder a um diálogo que implica renúncias e escolhas, enfim, mudanças. (...) A adesão parcial a esses valores da cultura hospedeira dá condições de trabalho e, às vezes, respeitabilidade econômica, mas implica a “desidentificação” com os valores anteriores. Mais do que a troca ou o uso simultâneo das duas identidades, o que se nota é uma negociação que aos poucos vai se instalando, sugerindo definições que substituam uma pela outra.¹⁰⁹

A problemática apresentada neste trabalho foi verificar entre os colaboradores como se deu o processo de construção de identidade imigrante para cada um deles, analisando a negociação que tiveram que fazer entre os seus valores culturais originais e os valores culturais a que foram expostos.

¹⁰⁹ MEIHY, *Op.Cit.*, 2005, p.87.

Considerando, ainda, que houve a constituição de uma “comunidade”¹¹⁰ chilena em Campinas e que esta comunidade gera uma diferenciação identitária entre os chilenos dessa cidade, o estabelecimento das redes de acordo com a participação ou não nesta comunidade teve por objetivo evidenciar os dilemas da construção de identidade imigrante entre uma diversidade de pessoas com interesses plurais e que tem que se afinar enquanto chilenos imigrantes.

Para tanto, após analisar caso a caso o processo de construção de identidade imigrante em cada um dos colaboradores desta pesquisa, uma comparação entre os seus argumentos foi estabelecida, primeiramente de acordo com as redes em que foram alocados e, depois, no cruzamento dessas redes. Procurou-se destacar também, ao longo dessa análise, memórias que servem de mote para a construção de uma história coletiva da comunidade.

Rede I

Na história de vida do colaborador Luís, nota-se que as negociações culturais que ele teve que fazer em seus momentos iniciais de imigração estiveram relacionadas ao mundo do trabalho: vimos que Luís precisou negociar uma tradição original chilena ao procurar emprego no Brasil e que perdeu uma oportunidade de emprego devido à questão do idioma.

Mas o que mais se destaca em sua trajetória no Brasil, em termos identidade, é o seu engajamento cultural na colônia de Campinas: Luís contou que em 1984 comprou e montou um bar-restaurant tipicamente chileno, o “Recanto Chileno”, que foi um ponto de encontro entre os chilenos imigrantes da cidade de Campinas e um local para mostrar a cultura chilena aos nacionais:

“Daí começamos a mostrar a nossa cultura para os brasileiros, os chilenos de Campinas se reuniam aí.”

Percebe-se em um trecho de sua narrativa que o local tornou-se em algum momento ícone da imagem chilena em Campinas, pois para aí se dirigiam muitos chilenos recém-chegados:

“Ajudamos muitos chilenos também: talvez quinze, vinte, vinte e cinco pessoas que passaram por aí trabalhando. Aprendiam o idioma e saíam a procurar trabalho em outra parte, porque eu também não tinha condições de oferecer um bom salário. Mas quem passou aí encontrou o apoio que necessitou. Não

¹¹⁰ BAUMAN, *Op.Cit.*, 2003.

tinham onde dormir às vezes, não tinham o que comer, chegavam com a passagem somente. Da rodoviária eram mandados pro Recanto. Muita gente chegou lá com a polícia também, conversavam com os policiais e eles diziam ‘ah, lá atrás do 8º Batalhão tem um restaurante chileno’.”

Este espaço chileno em Campinas durou 15 anos e durante esse tempo foram organizadas pelo colaborador Luís e sua família algumas festas comemorativas chilenas, festas de “Independência do Chile”, de *Dieciocho de Septiembre*. O lugar deve integrar, assim, parte da memória coletiva dos chilenos imigrantes relativa a meados da década de 1980 até o fim da década de 1990.

Luís também participou da fundação de um conjunto folclórico chileno na cidade, o “*Conjunto Folclórico Raíces de Chile*” e contou-nos como se deu essa fundação:

“Em 1995, com um grupo de famílias chilenas de Campinas, fundamos o Conjunto Folclórico *Raíces de Chile*. Éramos sete famílias e nossa primeira apresentação foi na Escola de Cadetes de Campinas. Depois da apresentação fizemos um chá no Recanto Chileno, eu ainda tinha o restaurante, e a partir daí começamos a apresentar em vários outros lugares.”

A participação de Luís nesse conjunto não se restringiu a ele, mas abarcou grande parte da sua família no Brasil. Nota-se em um trecho de sua narrativa o alcance identitário do colaborador chileno em seus descendentes, até mesmo naqueles que nasceram no Brasil. Neste caso, a assimilação à pátria chilena, por parte de sua família, pode ter sido tal que a nacionalidade chilena é estendida a todos, inclusive aos membros brasileiros:

“Foi numa apresentação que fizemos no Memorial da América Latina em São Paulo, nesse dia eu acho que foi a primeira vez que subiram ao palco quatro gerações para apresentar o baile chileno no Brasil: estava a bisneta Hermione, a neta Natasha, Luís Antonio que é meu filho e pai da Natasha, e eu! Já existem muitos chilenos de quatro gerações em São Paulo, mas não que dancem em um grupo folclórico.”

Luís contou ainda outras histórias relativas ao grupo *Raíces de Chile*, como a descrição de uma apresentação de dança chilena, *La Minga*, e as dificuldades atuais para encontrar dançarinos homens. Atualmente, além de dedicar-se às atividades deste grupo, Luís trabalha em sua casa com sua esposa, fazendo comidas típicas chilenas por encomenda: “*empanadas, chilenitos, arrollados, pastel de choclo...*”.

Percebe-se na história de vida de Luís a construção de uma identidade imigrante em que ele teve que negociar, principalmente em seus primeiros anos imigratórios, seus valores culturais para adaptar-se ao trabalho no Brasil. O colaborador, que no Chile era sindicalista e engajado na política, no Brasil tornou-se engajado na cultura chilena. Este envolvimento com a cultura de seu país de origem parece ter sido a saída encontrada por Luís para suprir uma necessidade pessoal de engajamento e para não sentir-se desenraizado devido ao movimento emigratório/imigratório empreendido. É o próprio colaborador que, numa avaliação de sua identidade imigrante, atribui ao seu engajamento na cultura chilena a predominância de sua identidade nacional de origem:

“Talvez se eu nunca tivesse tido a oportunidade de fazer folclore do Chile, hoje eu poderia me considerar mais brasileiro do que chileno. Mas o fato de estar metido no folclore e na cultura chilena todas as semanas, o ano inteiro nesse baile, então nunca deixei o país de origem longe. Ta longe fisicamente, mas chega o fim de semana estamos aí lembrando da *cueca*, do *baile mapuche*, do *baile de páscoa*, do *sur*, do *norte...*”

Na história de vida da colaboradora Berta destaca-se todo o seu conhecimento, resultado de sua experiência, sobre a colônia chilena de Campinas. É possível, assim, a partir desse seu conhecimento, esboçarmos uma história coletiva da colônia:

Berta contou que em 1984 já haviam grupos organizados de chilenos em Campinas que se reuniam para jogar futebol e organizarem festas comemorativas do Chile, como o “*Dieciocho Chico*” ou “*Dieciocho de Septiembre*”. Lembrou-se de ter participado nesta época de festas que foram organizadas por dois colaboradores desta pesquisa:

“Acho que participei da festa de independência num restaurante que tinha um chileno chamado Luís Merino. Participei também de uma festa em uma chácara organizada por outro chileno, o Osvaldo ‘da padaria’.”

Em 1992, Berta participou da fundação de uma associação de chilenos em Campinas, a “Associação de Chilenos Residentes em Campinas e Região Pablo Neruda”. Berta contou um pouco da trajetória desta associação:

“Nossas primeiras reuniões foram feitas em uma lanchonete de um chileno que ficava no bairro do Castelo, mas que durou pouco tempo porque ele vendeu o local. Aí a gente transferiu para a minha casa, que por sorte naquela época tinha um porão, um espaço bom que deu pra fazer as reuniões pros ensaios do grupo folclórico. Depois de um tempo a gente já conseguiu alugar o primeiro local pra Associação, em frente à linha férrea de Campinas, uma casinha velha que começamos até a fazer reformas para adaptá-la um pouco mais às nossas necessidades. Também a prefeitura de Campinas nessa época cedeu-nos um lugar na avenida Campos Salles, acho que chamava Casa de Cultura, um prédio velhinho mas que tinha um espaço bom pros ensaios. Depois a gente se mudou para uma casa perto do Bosque dos Jetiquibás, que alugávamos por um preço muito alto, só que conseguíamos pagar porque também montávamos um bazar em que vendíamos roupas usadas baratinhas em frente ao bosque nos domingos. Com o tempo, o aluguel lá nas nuvens, apareceu um chileno com um terreno no caminho para Sousas, distrito de Campinas, que é onde estamos atualmente.”

Falando sobre as dificuldades de se manter uma organização cultural, Berta fez uma crítica aos chilenos residentes em Campinas que, segundo ela, não têm consciência de colaborar com a Associação e de participarem mais da “comunidade”. Contou que muitos chilenos gostam de ir à “festa da pátria em setembro, de Independência do Chile”, mas cuja participação não passa disto:

“Eles gostam muito da nossa festa, a gente trabalha como doidos muito tempo antes e no dia nem se vê as caras de tanta correria. Todo mundo vai à festa, ‘é muito boa, é gostoso vir aqui’, só que durante o resto do ano ninguém se lembra da Associação!”

Outras atividades realizadas pela Associação de chilenos e citadas por Berta foram:

“Ponto de encontro dos chilenos, almoços, festas típicas, a festa pátria em setembro, os ensaios do conjunto folclórico, aulas de espanhol, de português, enfim, todas essas atividades que fazemos em comunidade. E também é pra fazer a exposição da vida e da obra de Pablo Neruda, que é o nosso patrono. Nosso conjunto folclórico se chama Pablo Neruda.”

Ao mencionar o nome do conjunto folclórico do qual faz parte, a colaboradora indicou neste trecho um ícone de referência cultural para os chilenos, que é o famoso poeta Pablo Neruda, o qual já havia sido citado por ela em outro momento, junto à outra poetisa chilena, Gabriela Mistral, que também pode ser considerada ícone de referência cultural para seus conterrâneos.

Berta contou ainda um pouco sobre a trajetória em Campinas da festa de comemoração da Independência do Chile, chamada de “festas pátrias” ou “*Dieciocho de Septiembre*”, que é a maior festa organizada pelos chilenos tanto no Chile, quanto no Brasil:

“Lá no Chile são praticamente três dias de festa, igual que o carnaval daqui, porque a independência do Chile foi ganha com uma guerra, o povo chileno lutou muito pra ser independente, acho que por causa desse orgulho da luta que houve é que a Independência é muito, muito comemorada pelos chilenos. Então onde tem chilenos essa festa não pode passar por alto! (...) Nosso maior evento na Associação é a festa de comemoração da Independência do Chile, também chamada ‘*Dieciocho de Septiembre*’. (...) No primeiro ano que morei no Brasil, tinha um hotel em Campinas chamado *Holiday Inn* naquela época, *The Royal Palm Plaza* hoje, que tinha como gerente um chileno. E esse chileno fazia um almoço da festa de independência aí no hotel. (...) E quando eu voltei pra Campinas, já havia alguns chilenos que organizavam essa festa. (...) Acho que participei da festa de independência num restaurante que tinha um chileno chamado Luís Merino. Participei também de uma festa em uma chácara organizada por outro chileno, o Osvaldo ‘da padaria’. (...) Depois, quando a Associação surgiu no ano 92, nós fizemos nossa primeira festa num clube e convidamos o conjunto folclórico Chile Lindo de São Paulo pra vir dançar. Daí pro ano seguinte a nossa *agrupação* já estava em plena ebulição, com o seu conjunto folclórico nascendo e crescendo, aprendendo as danças, Jorge Pérez foi nosso primeiro professor de dança, um homem muito bom. A festa seguinte

foi numa chácara em Hortolândia, já com o conjunto grande, bem estruturado, com bastante gente tocando e bastante gente dançando. (...) Nossas festas pátrias sempre têm sido muito boas, o pessoal que vai à festa vai pra se divertir, assistir uma apresentação do nosso conjunto folclórico, dançar, comer *empanadas*, *humitas*, *pastel de choclo*, tomar vinho, tomar *borgoña*, *ponche*, *cola de mono*, que são comidas e bebidas típicas preparadas para essa data.”

Berta citou neste trecho as danças, o conjunto folclórico, as comidas e as bebidas chilenas que, indispensáveis nessa comemoração, são os elementos que fazem da festa um *locus* de estabelecimento e fortalecimento de laços identitários e de expressão da memória coletiva de seus participantes.

Berta explicou também o que é o evento “*Dieciocho Chico*” e pode-se ver aí a participação da colônia de Campinas entre os grupos organizados de chilenos do Estado de São Paulo:

“E depois que cada *agrupação* de chilenos faz a sua festa pátria, há uma festa maior em São Paulo, onde se juntam todas as *agrupações* do Estado, que se chama *Dieciocho Chico*.”

Sobre o consulado chileno em Campinas, a colaboradora contou um pouco da sua história e algumas das atividades culturais que são desenvolvidas aí, todas sempre sobre a cultura chilena:

Em 2002 foi criado o Consulado *Ad Honore* do Chile em Campinas. Em São Paulo já existia o Consulado Geral e o Consulado Adjunto, e este de Campinas é uma conexão com o de lá. (...) E nosso trabalho tem sido bom, já fizemos vários eventos relacionados com a cultura chilena. Para a inauguração do Consulado trouxemos Roberto Bravo, um pianista excepcional que tem no Chile, que se apresentou no Centro de Convivência Cultural de Campinas. A primeira exposição que fizemos também foi nesse local, sobre a vida e a obra de Pablo Neruda. Fizemos uma exposição dos 30 anos da morte de Salvador Allende, no Lago do Café. Além de outras exposições que temos feito na Unicamp, na Pucc, em algumas universidades da região.

A narrativa de Berta forneceu, assim, vários elementos para o esboço de uma história coletiva dos chilenos de Campinas. Não se trata de uma história oficial e não se sabe se é

verdadeira – tampouco é este o objetivo aqui proposto – mas seguramente é um ponto de vista sobre a organização da colônia de chilenos em Campinas e que deve ser valorizado. Obviamente, sendo a colaboradora integrante da Associação de chilenos, ela narrou suas memórias relacionadas a este grupo e de acordo com a posição que possui. Além disso, lembrou-se da comemoração organizada pelo colaborador Luís em seu Recanto Chileno, assunto que já foi abordado, e também de uma festa organizada pelo colaborador Osvaldo, assunto a ser abordado na rede II.

A colaboradora Berta, dessa maneira, construiu para si uma identidade imigrante que, baseada em todas as atividades que desenvolveu ao longo dos anos na colônia chilena de Campinas, seja na Associação, onde além de ter participado desde a sua fundação, participa cantando no conjunto folclórico, seja no consulado, onde desenvolve atividades culturais, seja na participação em outros âmbitos, como em congressos e na Une-Chile, em todas essas atividades a preservação dos valores culturais chilenos foi uma preocupação constante. Para ela, a situação de emigrante/imigrante chilena resultou num grande saber sobre o seu país de origem:

“Eu sei muito mais do Chile hoje, estando fora, do que poderia saber estando lá dentro. Sei muito mais sobre tudo o que você perguntar, quanto a lugar, quanto a clima, quanto aos seus prêmios Nobel de literatura...”

Além do aprendizado, Berta achou importante não só manter as “raízes”, mas também repassá-las aos descendentes. Nesse trecho, a colaboradora narra a influencia dos pais imigrantes sobre a geração seguinte, tal como narrou o colaborador Luís:

“No ano passado foi feito um concurso de *cueca* em São Paulo e o casal vencedor viajou pro Chile para competir com mais 10 países, e o casal daqui do Brasil ganhou o 1º lugar! Os dois nasceram aqui, mas são filhos de chilenos, e foram lá e ganharam o campeonato da dança nacional chilena, isso é um orgulho pra gente, de ver as crianças que nascem fora do Chile e que conseguem pegar o que os pais estão passando. E inclusive esse que é também nosso intuito na Associação, de poder transferir aos filhos nossas experiências, nossas idiossincrasias, nossas raízes. Temos conseguido com alguns, não com todos, mas sempre há uma sementinha, temos que estar sempre plantando uma sementinha...”

Em sua avaliação sobre a sua condição de emigrante/imigrante, não desconheceu-se como tal, inclusive ao longo de sua entrevista ao usar diversas vezes o termo “emigrante” para narrar sua trajetória. Ao final, avaliou o seu processo migratório como um aprendizado:

Na realidade, a emigração só me fez bem para crescer como pessoa. Muitas experiências de vida, muita coisa que tive que sobrelevar, que passar por cima. E quando eu viajo pro Chile, eu mato toda a minha saudade, como tudo o que aqui não tem, danço *cueca* com meus sobrinhos, canto... Na vida tudo é um aprendizado. Eu acho que a minha vida de emigrante me ensinou muita coisa, muita coisa nova, e que de repente até agradeço a Deus por isso também!

Na história de vida do colaborador Alejandro nota-se uma negociação identitária em torno do ser chileno e sentir-se brasileiro:

“Eu acho que nasci brasileiro e não sabia!”

Por gostar tanto do Brasil e estar tão adaptado ao país que Alejandro sente-se um brasileiro, o que faz com que ele não se considere um imigrante. Em sua narrativa, no entanto, reconhece sua condição de chileno no Brasil, fazendo uma distinção entre os nacionais e ele, que “é de fora”, que não nasceu aqui. Percebe-se, então, que Alejandro sente-se brasileiro sem esquecer a sua nacionalidade:

“Há 12, 10 anos atrás eu me considerava um imigrante, hoje não. Hoje eu sou mais um, eu sou mais um... É por isso que às vezes eu até fico revoltado com o povo daqui, porque eu que sou de fora faço coisas que o povo deveria fazer e não faz, por uma questão de cultura, por uma questão de costume. Por exemplo, eu já vi muito cara pulando roleta de ônibus pra ir num pagode, mas eu nunca vi pulando roleta pra ir na biblioteca. Então não vem falar pra mim que o governo tem a culpa não, grande parte é nossa também! Por isso que às vezes eu brigo por essas coisas, apesar de que eu tenho plena consciência de que eu não nasci aqui.”

Esta diferenciação lhe é lembrada também pelos outros, pelos nacionais, que não admitem críticas de um “estrangeiro”, o que demonstra questões referentes a preconceito e aceitação:

“Eu já escutei papos como ‘você não tem nada que falar, você não é daqui’, ou sei lá, ‘o que que você tá fazendo aqui? Vai pra sua terra’, mas são poucos, eu não posso generalizar todo mundo por causa de uns ignorantes. Então eu não dou bola, eu vou pra frente e pronto, não tô nem aí!

Como Alejandro não teve que fazer grandes negociações culturais com a emigração/imigração empreendida, porque decidiu ficar no Brasil por vontade própria e não porque outras condições o obrigaram, não teve problemas de adaptação cultural. Teve problemas sim relacionados à imigração, como a questão da documentação, mas este não é um problema de adaptação cultural. De tão identificado com o Brasil, o estranhamento que deveria ter tido aqui no início de seu processo migratório, sentiu em seu país de origem durante uma viagem:

“A gente se acostuma tanto aqui no país, que a última vez que eu fui pro Chile eu era gringo na minha terra. Eu era um gringo na minha terra! Eu era chileno, mas pra mim tudo era novidade, por exemplo, o pouco que falava na TV de política, eu não entendia. O povo contava uma piada, eu não entendia. Mas se eu escutasse uma piada do Maluf, eu já ria. Então eu acostumei com o Brasil, com tudo.”

É este estranhamento que lhe provocou receios quando decidiu retornar ao Chile:

“É uma coisa que me deixa um tanto preocupado, porque eu moro há 15 anos aqui no Brasil, e eu como turista no Chile é lindo, maravilhoso, mas morar lá, não sei se vai dar certo.”

Enquanto estava no Brasil, Alejandro participava da Associação de Chilenos Pablo Neruda, um lugar de manutenção dos valores culturais chilenos e sobre o qual ele demonstrou grande estima. Percebe-se nesse trecho completa identificação dele com o grupo e com a cultura de seu país de origem e é o único momento em sua narrativa que se reconhece como chileno não apenas porque nasceu lá:

“Mas eu tenho um lado bem chileno também, que é a minha participação ativa na Associação de Chilenos Residentes em Campinas Pablo Neruda. Por gostar de música, eu sempre participei aí na parte musical, eu toco vários instrumentos e hoje eu sou o diretor musical. Como funciona: durante um ano inteiro, praticamente todo domingo tem ensaio. Todo domingo é sagrado, não tem conversa! Tem que gostar muito porque é um sacrifício (...) É o único local onde a gente fala a nossa língua, apesar de que tem muitos brasileiros que participam também, então a gente mistura português e espanhol, vira meio que bagunça, mas é o único local onde a gente faz aquilo e faz com vontade mesmo, de mostrar a cultura do nosso país.”

Pode-se concluir, assim, que a identidade imigrante de Alejandro se assenta num processo duplo de identificação entre o Chile e o Brasil. O Chile porque é o país onde ele nasceu, é o país de sua identidade nacional, identidade esta que é reconhecida por ele e por outras pessoas, e o Brasil é o país com o qual ele se identifica e onde se sente bem para morar, é o país também onde gosta de mostrar sua identidade cultural chilena. Completamente adaptado à cultura brasileira, este fato faz com que ele não se sinta um imigrante.

Rede II

Na história de vida da colaboradora Herminda, verifica-se que a manutenção de uma identidade nacional chilena permeou a sua narrativa. Herminda explicou que esta manutenção foi possível porque como não precisou sair do âmbito de seu lar para trabalhar, pôde seguir a sua vida normalmente em sua casa tal qual seguia lá no Chile:

“Geralmente eu penso ainda nos anos 70. Não que eu vivo nos anos 70, mas que eu mudei de casa somente. Como não necessitei sair a trabalhar, mantenho uma vida como se sempre tivesse vivido no Chile!”

Para Herminda, manter praticamente a mesma rotina que tinha no Chile foi um processo natural, pois pôde seguir utilizando em sua casa o idioma espanhol e alguns costumes chilenos, como a maneira de criar os seus filhos e as comidas: “*cazuela, carbonada, pastel de choclo, picarones*”.

Mostrando que se adaptou sem perder suas autenticidades, a colaboradora advertiu:

E sempre gira em torno disso, se dirão que eu só faço as comidas que gostamos os chilenos, não é verdade, eu também faço comida brasileira, sempre tem o arroz e o feijão para os meus filhos, afinal eles sim entraram no ritmo brasileiro: meus filhos cresceram, saíram a trabalhar, se casaram com brasileiros, então alguns hábitos também mudaram.

Sobre a sua condição de imigrante, Herminda disse:

“No fundo eu me sinto um pouco dividida, é tão natural, ou seja, eu sou chilena, mas sou um pouco brasileira. Não sei se posso dizer brasileira, mas eu não me considero uma imigrante. No dia que saímos do Chile sim, pela situação, foi uma migração que tivemos. Só que eu nunca me senti fora de casa, viemos para cá e seguimos vivendo normalmente. Como meu marido já chegou empregado, eu simplesmente ficava em minha casa, não tinha aquela obrigação de ter que dar-me a entender a outras pessoas, eu seguia a vida naturalmente dentro da minha casa. (...) Hoje estou completamente adaptada.”

Herminda construiu, assim, uma identidade imigrante em que manteve naturalmente a sua identidade chilena, porque não precisou renunciar a hábitos e costumes de seu país devido à mudança de local. Novos hábitos e costumes brasileiros também foram assimilados naturalmente, sem nenhuma pressão ou obrigação, mas porque quis. Considera-se completamente adaptada porque não sofreu com a mudança de local e, estabelecendo uma comparação entre os dois países, avaliou que o Brasil foi um “país generoso”, assim como a cidade de Campinas, o que faz com que ela se sinta grata:

“E falando em termos econômicos, eu tenho quase certeza que não teríamos conseguido no Chile o que conseguimos aqui. Nesse aspecto o Brasil tem sido um país generoso conosco, as pessoas são muito receptivas, acolhedoras, eu acho que os brasileiros são muito abertos e por isso eu considero muito o povo brasileiro em geral. (...) Já vivemos em outras cidades, mas Campinas sempre foi acolhedora e foi onde fomos ficando.”

Na história de vida do colaborador Pedro não foram narradas dificuldades de adaptação cultural no Brasil. Pode-se dizer que ele não encontrou essas dificuldades por já ter

emigrado/imigrado de maneira resolvida: veio com o emprego garantido de lá do Chile, um local para ficar e a documentação “em ordem”. Além disso, sentiu a “acolhida” no Brasil muito boa com o “pessoal de fora” e disse que devido a isto não sentiu nenhuma diferença muito especial entre os dois países:

“Assim que eu vim pra cá, achei a acolhida no Brasil muito boa com o pessoal de fora e por isso não senti nenhuma diferença muito especial entre os dois países, eu me senti em casa e até hoje estou acostumado.”

O único momento em que Pedro contou alguma dificuldade relacionada à emigração/imigração foi ao falar do falecimento de sua mãe e a “dor” sentida por não estar presente antes desse fato:

“Uma dor muito grande que eu tive e sinto até hoje foi quando minha mãe faleceu, eu estava no Brasil e tive que fazer uma viagem repentina para o Chile...”

Pedro narrou que não é freqüentador assíduo da “colônia chilena que se reúne bastante” de Campinas, mas que gosta de participar ocasionalmente, em “grandes eventos” como as “*fiestas pátrias*” ou para assistir aos jogos da Copa.

“Em Campinas tem uma colônia chilena que se reúne bastante, mas eu só participo de vez em quando, para grandes eventos como as *fiestas pátrias* ou os jogos da Copa, que o pessoal vai se encontrar num lugar para assistir o jogo da seleção chilena e eu vou!”

Assim como o futebol no Brasil é marcador de identidade nacional para os brasileiros, o colaborador Pedro também demonstrou engajamento com a sua nacionalidade chilena durante os jogos da Copa, ao contar que ia torcer pela seleção chilena.

Sobre a sua condição de imigrante, Pedro reconheceu que teoricamente é um, mas não se considera, porque se identifica com o Brasil. Atribuiu à sua documentação “toda em dia” a justificativa para não ter a nacionalidade brasileira e também não ser um imigrante:

“Não me considero um imigrante, apesar de que teoricamente seria um, mas não me considero... Eu me considero ainda chileno assim como me considero um pouco brasileiro. Não tenho a nacionalidade brasileira, mas estou com a documentação toda em dia, então não tem nenhum problema...”

O colaborador Pedro construiu para si, portanto, uma identidade imigrante formada pelas duas nacionalidades presentes em sua vida: a nacionalidade chilena e a nacionalidade brasileira. O fato de ter sido bem recebido no Brasil e de residir há mais de 30 anos no país, bem como de ter uma esposa e filhos que são brasileiros, faz com que ele se identifique com o país. Ao mesmo tempo, torcer pela seleção chilena na Copa do Mundo é marcador de sua identidade chilena. Para ele, não há nenhum conflito em considerar-se “ainda” chileno assim como considerar-se “um pouco” brasileiro. Ao falar da cidade de Campinas, novamente a relação entre os dois países veio à tona e percebe-se que a junção de ambos em sua identidade imigrante é resultado de uma adaptação harmoniosa e sem grandes preocupações com a questão:

“Então eu vim para Campinas por oportunidade de trabalho e gostei muito, me acostumei muito aqui e não trocaria Campinas por São Paulo nem por outra cidade. Metade de minha vida está em Campinas, estou com 65 anos e cheguei aqui com 30, acho que sou um pouco mais campinense que santiaguino, meu coração tá dividido!”

Na história de vida da colaboradora Marianne, ela mencionou o estranhamento e a sua necessidade de adaptação ao país através das comidas:

“No começo era horrível, eu só pensava em ir embora, até o pão eu achava horrível, as frutas, tudo ruim!”

Ao mesmo tempo, em termos materiais, sentiu-se aliviada com o movimento emigratório/imigratório:

“Para mim foi um alívio sair do Chile, não estava nada fácil a vida lá, e o Brasil era uma maravilha! Aqui era maravilhoso em 1978, tudo em abundância, tudo fácil de comprar, nós chegamos aqui e ficamos assim fascinados!”

Ao fazer uma comparação entre o Chile e o Brasil, explicou que no seu país de origem não existe o consumismo que existe aqui, utilizando como exemplo um ícone brasileiro:

“As mulheres lá usam um par de sandálias por três, quatro verões, não existe essa questão de modismo que existe aqui. A Xuxa, apresentadora do Brasil, quando teve um programa de 15 minutos lá, tentou vender roupa infantil da marca dela, essas coisas, as crianças nem ligaram! Então as pessoas lá no Chile não são consumistas como no Brasil.”

Sobre a sua condição de imigrante, Marianne reconheceu-se como tal com ênfase, argumentando que o Brasil nunca vai ser seu país, mesmo morando há mais de 30 anos nele. Além disso, disse que a sua identidade de imigrante é também reconhecida por outras pessoas, que distinguem nela uma não-nacional devido ao seu sotaque:

“Apesar de morar há mais de 30 anos aqui no Brasil, eu me considero uma imigrante, sempre vou me sentir uma imigrante porque aqui nunca vai ser meu país. Eu nunca vou me sentir brasileira, posso torcer pelas coisas do Brasil, pra que o Brasil seja bom, pra que o Brasil tenha um bom governo, até porque vai ser bom pras minhas filhas e pra mim também, que moro aqui, mas eu ser brasileira? Nunca! E também todo mundo me considera uma imigrante, aonde eu vou, quando falo alguma coisa, já na hora me perguntam de que país eu sou, por causa do meu sotaque...”

A colaboradora Marianne construiu para si, desse modo, uma identidade imigrante que se reconhece como tal e que se considera totalmente chilena, embora não tenha narrado a manutenção de valores culturais chilenos em seu processo de imigração.

Na história de vida do colaborador Osvaldo, ele narrou adaptações que teve que fazer no início de seu processo imigratório, como mudanças no seu jeito pessoal e no modo de falar:

“Quando eu cheguei aqui, me perguntavam se eu estava bravo, perguntavam pra atendente da padaria ‘o chileno tá bravo?’. Claro que não! Eu tive que começar a mudar meu jeito para adaptar-me aqui, porque todo mundo achava

que eu estava bravo. E eu nunca fui assim, muito pelo contrário, sempre fui comunicativo, nunca tive problemas com ninguém nesse sentido, mas as pessoas achavam que eu estava bravo, mal-humorado, porque aqui no Brasil as pessoas são diferentes, os clientes chegam e me cumprimentam, perguntam como eu estou, como está a família, mandam saudações à minha neta...”

“Nós chilenos somos um pouco ordinários pra falar, falamos de qualquer maneira! Somos assim! Há coisas que você só vem se dar conta quando está aqui. (...) Sempre tem algo ou alguém do que rir. Quando você se dá conta? Aqui. E aqui no Brasil é fora de foco praticar um humor desse, ninguém vai te achar graça. O brasileiro também põe apelidos nas pessoas, mas é mais limitado. Lá no Chile não!”

Em suas comparações entre o Chile e o Brasil, nota-se uma diferenciação estabelecida por ele entre os chilenos e os brasileiros e a auto-inclusão que ele faz ao narrar sobre os modos do povo chileno em geral: “nós chilenos somos”, “dizemos que somos”, evidenciando aí a sua identidade nacional.

Outro ponto que merece destaque em sua narrativa é as críticas que fez aos chilenos de Campinas, contando sentir-se decepcionado:

“A parte mais dura é que quando você vem do Chile, jovenzinho, quer ver se há algum lugar onde se juntam os chilenos e depois você leva a maior decepção. A maior decepção! Os chilenos de Campinas são totalmente classistas, somos classistas lá em Chile e aqui vieram igual, não mudaram absolutamente nada, cada um quer ser melhor que o outro. Quem vê de fora pensa que existe uma comunidade...”

Osvaldo narrou que freqüentava a Associação de Chilenos de Campinas e que de repente passou a não freqüentar mais. Para justificar por que se decepcionou com os chilenos de Campinas, ele explicou uma característica tipicamente chilena, o ser “*patuo*”:

“Eu digo, os chilenos são os mais brigadores do mundo. O chileno confunde ser chileno com amizade e com ser educado. Não digo educado de cerimonioso, mas de ter respeito pelo outro. Se você não sabe falar o português, o chileno

em vez de perguntar se você quer alguma ajuda, ele caçoa de você. E um bom chileno somos *patuos*, certo? *Patuo* é que a gente gosta de falar mal dos outros. Várias vezes eu cheguei lá na associação de chilenos e percebi que falavam de mim... Por isso parei de freqüentar a Associação, porque percebi que falavam de mim. Eu vou gostar disso? Prefiro ficar longe, estou tranqüilinho aqui. As diferenças são grandes...”

Vimos que Osvaldo foi citado na entrevista de Berta quando ela contava sobre as primeiras festas pátrias de chilenos em Campinas, festa sobre a qual ele também mencionou:

“Quem organizou a primeira festa pátria chilena em Campinas fui eu. A primeira vez que fiz deve ter sido lá pelo ano 88, foi numa chácara com uma piscina para as crianças e um lugar para dançar, cada um levava sua churrasqueira e suas coisas para comer e beber, não se vendia nada. Juntaram-se mais de quatrocentas pessoas para essa comemoração.”

Percebe-se assim que Osvaldo possui um sentimento de não-pertencimento à “comunidade” de chilenos de Campinas, mas que houve um momento em que ele já se sentiu pertencente, pois freqüentava a Associação e foi ainda o primeiro a organizar uma festa pátria chilena na cidade. Mais importante do que as críticas em si que Osvaldo fez à “comunidade” chilena de Campinas é perceber esse sentimento de “desidentificação”. Deve-se ressaltar que essa “desidentificação” é com a “comunidade”, e não com outros chilenos da colônia:

“Eu sempre converso disso com um chileno que vem aqui na minha padaria, sempre falamos das coisas que passamos no Chile, como nos comportamos quando estamos lá, então a gente brinca como diríamos em Chile certas frases...”

Osvaldo manifestou abertamente o desejo de retornar ao seu país de origem, mas não sabe se há possibilidade financeira para tanto, e mesmo possuindo boas relações no Brasil e com os brasileiros:

“Eu gosto do Brasil, os brasileiros não te incomodam como estrangeiros, com coisas desse tipo, eu me dou bem com as pessoas em minha padaria, as pessoas chegam aqui como se estivessem em sua casa.”

Embora adaptado ao Brasil, isto não significa que se identifique com o país e a com a cidade que reside. Esta falta de identificação pode ser resultado da “decepção” que teve com a “comunidade” e com a cidade de Campinas, pois foi onde ocorreu a fatalidade com sua irmã.

Pode-se concluir, assim, que Osvaldo possui uma identidade imigrante conflituosa entre o país de origem e o país de residência. Seu conflito advém da necessidade de permanecer no Brasil apesar das coisas ruins que lhe aconteceram:

“Quando aconteceu essa tragédia, a única coisa que eu queria era voltar na mesma hora pro Chile, mas eu recém tinha comprado minha padaria, o que fazer se você está cheio de compromissos? Não tinha como sair correndo... (...) Eu acho que você passa coisas aqui que nunca teria passado no Chile, e não estou falando em termos financeiros, mas aqui acontecem coisas absurdas!”

Sua identidade imigrante também é marcada pelo sentimento de não-pertencimento à “comunidade” de chilenos de Campinas. Ainda que outros colaboradores também possam sentir este não-pertencimento em relação aos grupos organizados de chilenos da cidade, o caso de Osvaldo é singular porque ele foi o único que fez questão de ressaltar essa condição.

É importante lembrar ainda que a padaria de Osvaldo é ponto de referência identitário chileno em Campinas, pois encontra-se aí empanadas e outras iguarias da culinária chilena. Em um trecho de sua narrativa, percebe-se que chilenos da cidade costumam ir aí comprar as comidas típicas que gostam:

“Um dia veio um chileno em minha padaria comprar *empanadas* e ele me mostrou as passagens de avião dele e de sua família, estavam voltando pro Chile depois de um susto que passaram aqui...”

Apontamentos conclusivos

Os colaboradores da rede I têm em comum a participação na “comunidade” chilena de Campinas. Suas narrativas, portanto, remeteram em alguns trechos a esta participação. Analisando-as, observou-se que esta participação foi necessária para a manutenção de seus vínculos culturais com o Chile, bem como para mostrar o que chamam de “cultura chilena” à sociedade em que residem.

Para os colaboradores Berta e Luís, a dedicação e o engajamento aos respectivos grupos do qual fazem parte foi vital. Há mais de 30 anos no Brasil, ambos contribuíram com suas memórias para a elaboração de uma história coletiva da comunidade chilena em Campinas. O colaborador Alejandro, por ser mais jovem e estar há menos tempo no Brasil, diferenciou-se deles em suas memórias, que foram mais relativas à sua juventude no Chile e no Brasil. Ainda assim, seu argumento sobre este assunto foi interessante para percebermos que a comunidade pode ser o local de valorização da identidade chilena até mesmo para aqueles que se identificam mais com o Brasil. Seu receio quanto ao retorno ao seu país de origem em termos de identificação/desidentificação é resultado de sua própria experiência migratória que lhe ensinou o que Bauman expõe:

Há uma ampla probabilidade de desentendimento e o resultado da negociação permanece eternamente pendente.¹¹¹

Os colaboradores da rede II têm em comum a não participação na “comunidade” chilena de Campinas. Esta “não participação” quer dizer que não se dedicam a nenhum dos grupos organizados da colônia, mas não se deve esquecer que mesmo esses chilenos que não freqüentam a “comunidade” – porque não querem ou porque não podem – têm sim a sua participação na mesma, afinal muitos deles compõem o público das apresentações dos conjuntos folclóricos e dos eventos comemorativos.

Analisando as suas narrativas, observou-se que mesmo não envolvidos com a comunidade e, portanto, não se dedicando à manutenção explícita de valores culturais do país de origem, também mantiveram valores culturais chilenos, cada qual à sua maneira.

Na comparação entre as duas redes, nota-se que a negociação das duas identidades nacionais a que foram expostos esses emigrantes/imigrantes, a identidade chilena e a identidade brasileira, esteve presente no processo adaptativo de todos os colaboradores, cada qual à sua maneira.

Além disso, todos mantiveram valores culturais do país de origem, de maneiras e intensidades variadas para cada um, assim como a assimilação de valores do país de destino. Pode-se observar essas maneiras e intensidades através das histórias de vida obtidas para esta pesquisa.

¹¹¹ BAUMAN, *Op.Cit.*, 2004, p.19

Os valores culturais chilenos apresentados nas narrativas podem ser diferenciados de acordo com as redes que foram formadas: enquanto na rede I predominaram a narração de valores que podem ser chamados de “tradições”, como a festa pátria, na rede II predominaram a narração de valores que podem ser chamados de “costumes”, como as comidas chilenas, conforme os conceitos do historiador Eric Hobsbawm:

O objetivo e a característica das tradições (inclusive das inventadas) é a invariabilidade. O passado real ou forjado a que elas se referem impõe práticas fixas (normalmente formalizadas), tais como a repetição. O costume (nas sociedades ditas tradicionais) tem a dupla função de motor e volante, ele não impede as inovações e pode mudar até certo ponto, embora evidentemente seja tolhido pela exigência de que deve parecer compatível ou idêntico ao precedente. O costume não pode se dar ao luxo de ser invariável porque a vida não é assim nem mesmo nas sociedades ditas tradicionais.¹¹²

Os argumentos apresentados pelos colaboradores quanto à “comunidade” chilena de Campinas também foram plurais e relacionam-se aos dilemas da construção de identidade imigrante: enquanto os membros da rede I exaltaram os valores dessa comunidade, afinal são os próprios integrantes dela, entre os membros da rede II houve críticas, indiferença e consideração.

Entendeu-se como comunidade chilena de Campinas a junção das duas coletividades existentes na cidade: a Associação de Chilenos Residentes em Campinas e Região Pablo Neruda, da qual são integrantes os colaboradores Berta e Alejandro, e o grupo Conjunto Folclórico *Raíces de Chile*, do qual é integrante o colaborador Luís. Essas duas coletividades possuem em comum o fato de serem grupos organizados de chilenos residentes em Campinas e que se dedicam à manutenção e propagação de valores culturais chilenos no Brasil, mas não devem ser confundidas: possuem sedes, integrantes e atividades diferenciadas. Ainda assim, foram alocados neste trabalho como “uma comunidade”, porque representam os chilenos organizados da colônia.

¹¹² HOBBSAWM, Eric. A Invenção das Tradições. IN: HOBBSAWM, Eric & RANGER, Terence. *A Invenção das Tradições*. São Paulo: Paz e Terra, 2008, p.10.

APONTAMENTOS FINAIS

Quando se trata da história recente, feliz o pesquisador que se pode amparar em testemunhos vivos e reconstituir comportamentos e sensibilidades de uma época!¹¹³

A preocupação central deste trabalho foi evidenciar os dilemas da construção de identidade imigrante entre os chilenos residentes na cidade de Campinas e analisar o processo emigratório/imigratório do qual foram protagonistas entre as três últimas décadas do século XX.

Para isto, quatro chilenos e três chilenas se dispuseram a narrar-me as suas memórias pessoais, contando acontecimentos e sentimentos de suas vidas enquanto moravam no Chile e de suas vidas após chegarem ao Brasil. Essas memórias foram contadas oralmente em agradáveis sessões de entrevistas feitas especialmente para este trabalho de história oral e que depois foram transformadas nas histórias de vida apresentadas nesta pesquisa.

Da análise dessas histórias de vida pudemos observar inúmeras questões que envolveram o movimento emigratório/imigratório chileno em questão – quais as razões apontadas para a saída do país, quais as razões da escolha do Brasil – e que ainda envolvem este movimento – qual a avaliação que fazem do processo e a questão do retorno, por exemplo.

A análise deste movimento migratório deu-se em confluência com três apontamentos de Sayad que foram selecionados e considerados princípios fundamentais no trabalho:

- (1) o estudo da emigração é uma necessidade de ordem cronológica e epistemológica: vimos por meio da memória coletiva dos entrevistados qual era o contexto do Chile e como viviam os chilenos antes de emigrarem e buscou-se saber também quais foram as razões apontadas por eles para justificarem a emigração e como foi a articulação do ato emigratório.
- (2) o espaço dos deslocamentos não é apenas um espaço físico: as narrativas forneceram algumas das formas de adaptação desses chilenos no Brasil, como a negociação das tradições originais e a questão do idioma, além de apontarem quais foram os sentimentos presentes nos momentos iniciais desse deslocamento, como medo, insegurança, solidão e satisfação. Algumas narrativas contemplaram também as dificuldades econômicas e burocráticas enfrentadas por esses chilenos ao efetuarem o deslocamento de um país a outro.

¹¹³ BOSI, Ecléa. *O Tempo Vivo da Memória. Ensaios de Psicologia Social*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003, p.17.

(3) dupla contradição do fenômeno da imigração: assim como em todos os movimentos migratórios, esta dupla contradição também esteve presente nas histórias de vida desta pesquisa e esteve relacionado à construção identitária dos entrevistados. Esta dupla contradição apareceu nas histórias de vida ao não se reconhecerem como imigrantes embora saibam que teoricamente o são – um estado provisório que se gosta de prolongar indefinidamente – ao mesmo tempo em que discorrem sobre problemáticas enfrentadas como a questão da documentação – um estado duradouro que se gosta de viver com um intenso sentimento de provisoriedade.

Os dilemas da construção de identidade imigrante neste movimento migratório foram evidenciados nas narrativas de nossos entrevistados ao apresentarem argumentos plurais em torno de uma identidade que é comum a todos eles, o “ser chileno no Brasil”. Esta identidade ganha relevância ao ser contextualizada no espaço em que estão inseridos esses chilenos, a cidade de Campinas, onde se observou a constituição de uma “comunidade chilena”.

Por ter sido o “ser chileno no Brasil” elemento comum presente em todas as narrativas, bem como durante todo o processo investigador, as imagens por mim selecionadas para a introdução das histórias de vida de cada colaborador na pesquisa são resultado do objetivo de ilustrar aos leitores a marca desta identidade essencial em suas vidas. Assim, além de suas fotografias, algumas tiradas por mim no momento da entrevista e outras concedidas pelos próprios colaboradores, uma imagem relacionada a esta identidade é apresentada:

O colaborador Luís Merino, que é integrante do *Conjunto Folklórico Raíces de Chile*, aparece durante uma apresentação deste grupo. A colaboradora Berta e o colaborador Alejandro, ambos do Conjunto Folclórico Pablo Neruda, também aparecem em uma apresentação do grupo do qual são integrantes.

A colaboradora Herminda, que em sua casa possuía um lindo jardim com as placas “*Estación Arauco*” e “*Plaza Chile*”, aparece ao lado deste jardim. O colaborador Pedro, ao lado de seu cartão de visita “*ChiBras*”, a colaboradora Marianne ao lado de sua filha que é integrante do *Raíces de Chile* e o colaborador Osvaldo com *empanadas* compradas em sua padaria.

Pode-se observar, assim, que todos os chilenos entrevistados mantiveram ao longo do processo migratório valores culturais de seu país de origem, de maneiras e intensidades variadas para cada um, assim como a assimilação de valores do país de destino, mas que, residentes no Brasil, sentem a necessidade de evidenciar a identificação chilena em suas vidas.

BIBLIOGRAFIA

AGGIO, Alberto. *Democracia e Socialismo. A Experiência Chilena*. São Paulo: Annablume, 2002.

ARTIGAS, José del Pozo (coord.). *Exiliados, Emigrados y Retornados. Chilenos en América y Europa, 1973-2004*. Santiago de Chile: RIL Editores, 2006.

BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade: a Busca por Segurança no Mundo Atual*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

_____. *Identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

BENJAMIN, Walter. O Narrador. Considerações sobre a Obra de Nikolai Leskov. IN: *Magia e Técnica, Arte e Política: Ensaios sobre Literatura e História da Cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BEVILAQUA, Maria Edith Guerrero Obando. *Estrangeiros: Peregrinos da América – os Latino-americanos do Cone Sul (Chilenos, Argentinos e Uruguaios) no Brasil de São Paulo (1970-1990)*. Dissertação de Mestrado. Campinas: Dep. de Antropologia Social/Unicamp, 1992.

BOLAÑO, Roberto. *Noturno do Chile*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

_____. *Estrela Distante*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

BONASSI, Margherita. *Canta América sem Fronteiras: Imigrantes Latino-americanos no Brasil*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: Dep. de Ciências Sociais/PUC, 1999.

BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

_____. *O Tempo Vivo da Memória. Ensaios de Psicologia Social*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BURGOS, Elisabeth. *Me llamo Rigoberta Menchú y así me nació la conciencia*. México: Siglo Veintinuno, 1991.

CASTRO, Mary Garcia (coord.). *Migrações Internacionais: Contribuições para Políticas*. Brasília: CNPD, 2001.

COGGIOLA, Osvaldo. *Governos Militares na América Latina*. SP: Editora Contexto, 2001.

CORTÉS, Verônica Aravena. *Chilenos em São Paulo: a Trajetória de uma Imigração*. Tese de Doutorado. São Paulo: Dep.de Sociologia/USP, 2000.

- DORFMAN, Ariel. *O Longo Adeus a Pinochet*. SP: Cia das Letras, 2003.
- FAUSTO, Boris (org.). *Fazer a América*. São Paulo: Edusp, 2000.
- GALEANO, Eduardo. *O Livro dos Abraços*. Porto Alegre: L&PM Editores, 2006.
- GARCÉS, Joan. *Allende e as Armas da Política*. São Paulo: Editora Scritta, 1993
- GATTAZ, André Castanheira. *Braços da Resistência: Antifranquistas em São Paulo. História Oral da Imigração Espanhola*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: Dep. De História/USP, 1995.
- _____. *História Oral da Imigração Libanesa para o Brasil – 1888 a 2000*. Tese de Doutorado. São Paulo: Dep. De História/USP, 2001.
- GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1989.
- HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.
- HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- HOBSBAWM, Eric. Introdução: A Invenção das Tradições. IN: HOBSBAWM, Eric & RANGER, Terence. *A invenção das Tradições*. São Paulo: Paz e Terra, 2008.
- JOUTARD, Philippe. *Esas Voces que nos LLegan del Pasado*. México: Fondo de Cultura Económica, 1986.
- LANG, Alice Beatriz da Silva Gordo. História Oral: Muitas Dúvidas, Poucas Certezas e uma Proposta. IN: MEIHY, J. C. S. B. (org.). *(Re)Introduzindo a História Oral no Brasil*. São Paulo: Xamã, 1996.
- LANG, Alice Beatriz da Silva Gordo. História Oral e Migração. IN: *Oralidades: Revista de História Oral*. São Paulo: NEHO, jul/dez 2007, nº 2.
- LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.
- LESSER, Jeffrey. *A Negociação da Identidade Nacional. Imigrantes, Minorias e a Luta pela Etnicidade no Brasil*. São Paulo: Editora Unesp, 2001.
- LIENHARD, Martín. Os Testemunhos Populares: Leituras. IN: *Oralidades: Revista de História Oral*. São Paulo: NEHO, jul/dez 2008, nº4.
- MAGALHÃES, Valéria Barbosa de. *O Brasil no Sul da Flórida: Subjetividade, Identidade e Memória*. Tese de Doutorado. São Paulo: Dep. De História/USP, 2006.

MÁRQUEZ, Gabriel García. *A Aventura de Miguel Littín Clandestino no Chile*. Rio de Janeiro: Editora Record, 1986.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *A Colônia Brazilianista: História Oral de Vida Acadêmica*. São Paulo: Nova Stella, 1990.

_____. *Canto de Morte Kaiowá: História Oral de Vida*. São Paulo: Edições Loyola, 1991.

_____. (org.) *(Re)Introduzindo a História Oral no Brasil*. São Paulo: Xamã, 1996.

_____. *Brasil Fora de Si: Experiências de Brasileiros em Nova York*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

_____. *Manual de História Oral*. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

_____. *Augusto e Lea: um Caso de (Des)Amor em Tempos Modernos*. São Paulo: Editora Contexto, 2006.

_____ & HOLANDA, Fabíola. *História Oral. Como Fazer, Como Pensar*. São Paulo: Editora Contexto, 2007.

_____ & BELLINO, Ricardo. *O Estado dos Emigrantes: 28º Estado Brasileiro, um Mercado de US\$60 Bilhões*. Rio de Janeiro: Campus, 2008.

MODAK, Frida (org.) *Salvador Allende: Pensamiento y Acción*. Buenos Aires: Lúmen/FLACSO-Brasil/CLACSO, 2008.

MONARDEZ, Tito Arturo Valencia. *Identidade Étnica e Aculturação do Emigrante Chileno Residente na „Grae São Paulo“, que Emigrou após o Golpe Militar de 1973*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: PUC, 1994.

MUÑOZ, Heraldo. *A Sombra do Ditador. Memórias Políticas de Chile sob Pinochet*. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

NERUDA, Pablo. *Canto General*. Argentina: Editora Argentina, 2003.

_____. *Confesso que vivi*. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 2004.

NORA, Pierre. Entre Memória e História: a Problemática dos Lugares. IN: *Projeto História*, nº10, São Paulo, PUC-SP, dez.2003.

NOVINSKY, Sônia. *As Moedas Errantes. Narrativas de um Clã Germano Judaico Centenário*. Tese de Doutorado. São Paulo: Dep. De História, USP, 2001.

OSMAN, Samira Adel. *Caminhos da Imigração Árabe em São Paulo: História Oral de Vida Familiar*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: Dep. De História/USP, 1998.

_____. *Entre o Líbano e o Brasil: Dinâmica Migratória e História Oral de Vida*. Tese de Doutorado. São Paulo: Dep. De História/USP, 2006.

PAIVA, Odair da Cruz (org.). *Migrações Internacionais – Desafios para o Século XXI*. São Paulo: Prol Editora Gráfica, 2007.

PATARRA, Neide Lopes (coord.). *Migrações Internacionais – Herança XX, Agenda XXI*. Campinas: ENUAP, 1996.

_____. (coord.). *Emigração e Imigração Internacionais no Brasil Contemporâneo*. Campinas: ENUAP, 1996.

_____. Migrações Internacionais de e para o Brasil Contemporâneo. Volumes, Fluxos, Significados e Políticas. IN: *São Paulo em Perspectiva*, Vol.19, nº3, jul/set.2005.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. IN: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, 1989, Vol.2, nº3.

PORTELLI, Alessandro. História, Memória e Significado de um Massacre Nazista em Roma. IN: *Oralidades: Revista de História Oral*. São Paulo: NEHO, jan/jun.2008, nº3.

PRADO, Maria Lígia Coelho. *América Latina no Século XIX. Tramas, Telas e Textos*. São Paulo: Edusp, 2004.

_____. Democracia e Autoritarismo na América Latina do Século XIX. IN: OLIVEIRA, C.H.S., PRADO, M.L.C., JANOTTI, M.L.M. (orgs.) *A História na Política, a Política na História*. São Paulo: Alameda, 2006.

RABINES, Berenice Carmen A. Young. *A Vivência Imigratória de um Grupo de Hispano-americanos do Sul, Residentes na Cidade de São Paulo*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: Dep. de Psicologia/USP, 2007.

RIBEIRO, Suzana Lopes Salgado. *Tramas e Traumas: Identidades em Marcha*. Tese de Doutorado. São Paulo: Dep. de História/USP, 2007.

_____. Visões e Perspectivas: Documento em História Oral. IN: *Oralidades: Revista de História Oral*. São Paulo: NEHO, São Paulo, jul/dez. 2007, nº2.

SADER, Emir. *Chile (1818-1990). Da Independência à Redemocratização*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1991. Coleção Tudo é História, vol.136.

_____. *Cuba, Chile, Nicarágua. Socialismo na América Latina*. São Paulo: Atual, 1992.

SAID, Edward. Introdução. IN: *Orientalismo. O Oriente como Invenção do Ocidente*. SP: Cia das Letras, 1990.

SALA, Gabriela Adriana. *Características Demográficas e Sócio-ocupacionais dos Migrantes Nascidos no Cone Sul Residentes no Brasil*. Tese de Doutorado. Minas Gerais: Dep. de Demografia/UFMG, 2005.

SAYAD, Abdelmalek. *A Imigração. Ou os Paradoxos da Alteridade*. SP: Edusp, 1998.

_____. O Retorno: Elemento Constitutivo da Condição de Imigrante. *Travessia: Revista do Imigrante*. CEM, ano XIII, nº especial, jan/200.

SERVIÇO PASTORAL DOS MIGRANTES – SPM. *Migrantes Latino-americanos no Brasil*. São Paulo: Edições Loyola, 1995.

_____ et al. (orgs.). *O Fenômeno Migratório no Limiar do Terceiro Milênio – Desafios Pastorais*. Rio de Janeiro: Ed.Vozes, 1998.

SIRKS, Alfredo. *Roleta Chilena*. Rio de Janeiro: Editora Record, 1982.

THOMPSON, Paul. *A Voz do Passado*. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

THOMSON, Alistair. Histórias (Co)Movedoras: História Oral e Estudos de Migração. IN: *Revista Brasileira de História*. Vol.22, nº 44, SP, 2002.

REVISTAS E SITES:

Oralidades: Revista de História Oral. São Paulo: NEHO, nº 1-8.

Travessia: Revista do Migrante. São Paulo: CEM, nº 1-80.

Centro de Estudos Migratórios (CEM):
www.cemsp.com.br

Centro de Estudios Migratorios Latinoamericanos:
www.cemla.com/home.php

Centro Latinoamericano y Caribeño de Demografía (CELADE):
www.eclac.org/celade

Comissão Nacional de População e Desenvolvimento (CNPd):
<http://www.cnpd.gov.br>

Dirección para la Comunidad de Chilenos en el Exterior (DICOEX):
www.chilesomostodos.gov.cl

Núcleo de Estudos de População (NEPO) - Unicamp
<http://www.nepo.unicamp.br>

Núcleo de Estudos em História Oral (NEHO)– USP
www.fflch.usp.br/dh/neho

Une-Chile
www.unechile.com.br